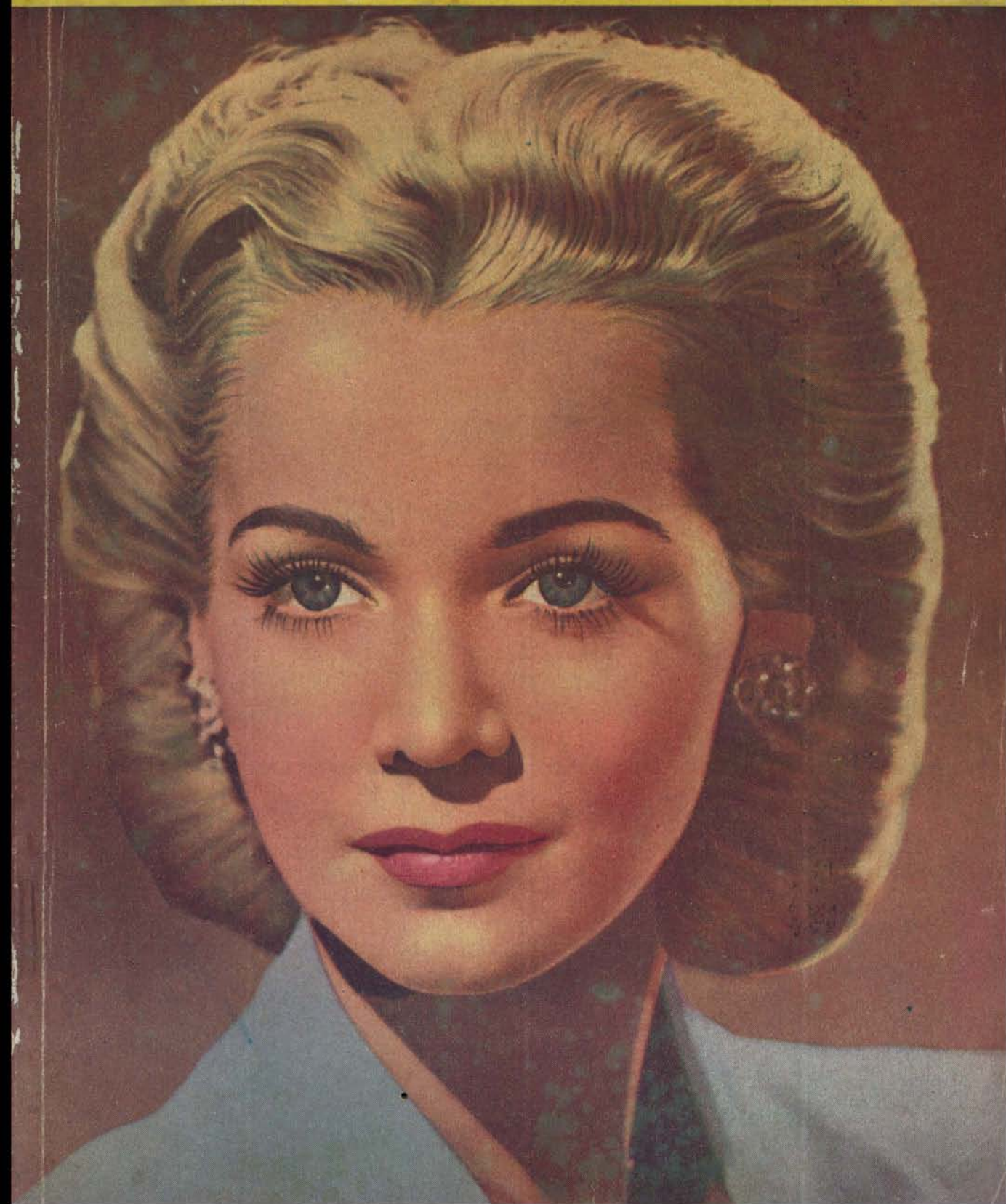


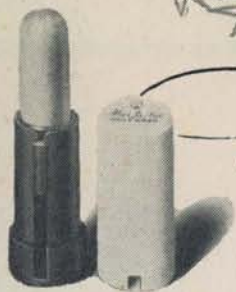
Alterosa



*Vermelhos puros!
Vermelhos lindos!*

MARGUERITE CHAPMAN
estrela Columbia

Cr\$ 10,00
Cr\$ 18,00
Cr\$ 35,00



Para melhor aplicar o
baton use o Pincel para
Lábios retrátil Max
Factor - Hollywood.



BATON TRU-COLOR

As seis tonalidades de vermelho puro do famoso Baton Tru-Color foram criadas para dar, por meio de um colorido real, beleza e atração aos lábios. O Baton Tru-Color é o favorito das estrelas da tela.

Max Factor Hollywood

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

CAPA

Carole Landis, a nova estrela da Fox, numa tricotomia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

O Caso Kipling	
Neyde Joppert	2
O Rival	
José Lara	4
Doce de Leite	
Rodrigo Old	10
D. Paula	
Machado de Assis	14
O Colar de Brilhantes	
Guy de Maupassant	18
A Noiva de Ninguém	
Catarina Coyle	26
"Santa Mônica"	
João Lúcio	118

CRÔNICAS

Sorvete, Iáíá...	
Alberto Olavo	33
O Destino das Palavras	
Oscar Mendes	52

DIVULGAÇÃO

Stephanie Felicité	
Olga Obry	38
Madame Curie...	
Omar Santos	48
Theroigne de Mericourt	
Dionysio Garcia	54
A mãe escandalosa mistifi-	
cação...	
Humphrey Van Loo	62
Recordar é Viver...	
Abílio Barreto	78

REPORTAGEM

Diamantina, relíquia do pas-	
sado	
Jorge Bruce	102

HUMORISMO

De Mês a Mês	
Guilherme Tell	34
Pingas de História	
Joaquim Laranjeira	44

RÁDIO

A partir da página	68
--------------------	----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	81
Beleza, Sonho Eterno da Mu-	
lher	112

CINEMA

De Cinema	96
Música, Divina Música	98

DIVERSOS

Sedas e Plumas	36
Espatros	40
Vitrine Literária	42
Página das Mães	64
Caixa de Segredos	77
O Mês em Revista	108
Arte Culinária	110
Grafologia	124
No Mundo dos Enigmas	132



Meu Pai

Como que o vejo... -O chapelão caído
Sobre a cabeça branca de algodão...
Buscando o campo, — o dia mal nascido,
Voltando à casa, — o dia em escuridão.

Lavrador, fêz da terra o ideal querido:
"Meu filho, a terra é que nos dá o pão".
Dizia-me. E cavava comovido
A várzea aberta para a plantação...

Mas um dia, eu, pequeno, vi, cavando,
Sete palmos de campo, soluçando,
Uns homens rudes... Tempo que já vai!

"Francisco, adeus!" Diziam repetindo.
Meu pai desceu de branco... Ia dormindo...
Fechou-se a terra... E não vi mais meu pai!...

Adelmar Cavares



ALTEROSA é uma publicação mensal da Soc. Editora Alterosa Ltda. Sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Redator-chefe: Mário Matos. Secretário: Jorge Azevedo. Assinaturas, sob registro postal: Cr. \$40,00 para 1 ano; Cr. \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência, assim como cheques, vales postais e outros valores, devem ser enviados à Soc. Editora Alterosa Ltda.

FLORENCE JAMES subiu ao banco dos réus para ouvir a sentença. Ainda voejava na sala repleta do tribunal esse zumzum que precede as grandes expectativas, quando os jurados se enfileiraram em seus lugares e o juiz, insistentemente, pediu que se fizesse silêncio.

Baixou então uma calma absoluta sobre os presentes. O momento culminante daquele escândalo petrificou-os de súbito! Tão grande era o silêncio que qualquer observador menos preso à fascinação geral teria podido ouvir os derradeiros cochichos do juiz com o promotor e o bater acelerado de alguns corações.

A voz do juiz, solene e enfadada como a de um ator que chega ao centenário da mesma representação, soou compassadamente.

— Florence James, acusada de infanticídio, frio e premeditado, contra o menor Thomas Kipling, de cinco anos de idade, julgada por este egrégio tribunal segundo a forma da lei, mediante a ausência de provas que a inocentem das graves acusações que lhe são imputadas, é declarada culpada.

Houve um forte alarido dentro da sala. Eram opiniões, brados, protestos que se chocavam violentamente. O martelo do juiz ecoou várias vezes sobre a mesa antes que a ordem fosse restabelecida.

Por fim concluiu-se a sentença. Falou o juiz:

— Baseado na decisão a que chegaram os excelentíssimos senhores jurados, declaro que a ré é condenada a trinta anos de prisão na Penitenciária de Brodenvill.

Florence James, de pé no banco dos réus, recebeu aparentemente sem emoção aquelas palavras. Era uma jovem alta, esguia, o rosto alvíssimo e aveludado, como as primeiras rosas de setembro. Os olhos muito azuis, os cabelos excessivamente louros.

Um leve rubor subiu-lhe ao rosto quando o juiz concluiu a sentença. Sentou-se, lentamente, enquanto o alarido da assistência aumentava-lhe ainda mais o pavor íntimo.

Súbito, saída de um canto qualquer daquela sala efervescente, atroando por cima de todas as outras vozes que discutiam, uma voz forte e masculina ouviu-se num rasgo de desespero.

— Parem! parem! ela não é culpada! ela não matou Thomas Kipling!

E ao mesmo tempo alguém saiu do meio da massa, acotovelando, aniciando por alcançar a mesa do

juiz. Era um homem alto, de rosto magro e cabelos negros; longos olhos escuros sombreavam-lhe os olhos. Dois minutos depois estava sozinho no meio da sala, os olhos dilatados, as mãos trêmulas, uma estranha convicção em todas as suas palavras.

— Senhor Juiz, ela está inocente! Ela não matou o menino!

Voltou ao recinto aquele silêncio tenebroso. Estupefatos os presentes, pairava em todos os olhos uma ansiedade desmedida.

No banco dos réus Florence Ja-

mes pôs-se de pé. Uma comoção violenta apossou-se dela ao ver John Elliot Kipling no meio da sala, inocentando-a.

O juiz encarou-o severamente, adivinhando naquela atitude uma face nova e ainda desconhecida daquele escândalo.

— Mr. Kipling. Atente para esta sua atitude. O senhor está embargando uma decisão unânime recém-tomada por este tribunal. Inocente a ré; mas lembre-se de que os jurados exigem provas.



Afinal estamos tentando vingar a morte de seu próprio filho.

O homem limitou-se a repetir:

— Ela está inocente!

O juiz careteou, impaciente.

— Mr. Kippling, acalme-se. Compreendo seu nervosismo; mas por favor; estamos tentando ajudá-lo.

— Ela não pode ser condenada! Ela não matou o menino!

O juiz, então, assumiu uma atitude severa.

— Pois Mr. Kippling, seja claro: em que baseia suas afirmações?

Houve um longo silêncio. O homem pareceu serenar um momento; vacilou mesmo. Depois fitou Florence lá no banco dos réus. Encarou o juiz.

— Fui eu quem o matou.

*

Florence James empregara-se na casa de Mr. John Elliot Kippling no inverno de 1935. Industrial dos mais acatados em todo o país, rico e conhecido por sua inteligência, Mr. Kippling era um homem feliz. Casado havia seis anos, possuindo dois filhos tendo tudo que existe de necessário a uma felicidade completa.

ta, Mr. Kippling podia-se julgar o mais afortunado dos homens.

Florence era uma professora pobre. Lutava pela cidade, servindo em colégios particulares, trabalhando em cursos noturnos, sem ter jamais um lugar fixo onde assentasse seu destino.

Um dia leu o anúncio de Mrs. Jessy Kippling, procurando uma preceptora. Candidatou-se e ganhou o emprêgo que, mais tarde, viria a ser a sua ruína.

Como foi dito, Mrs. Kippling possuía dois filhos: uma menina de cinco anos e um garoto de quatro. Florence foi destinada exclu-

sivamente à educação de ambos, distraíndo-os e atendendo-os com a sua excepcional inclinação para crianças.

Os anos foram passando. Em 1940, nasceu outro garoto na casa de Mr. Kippling. Tomou o nome de Thomas e trouxe grandes mudanças ao panorama daquele lar aparentemente feliz.

Florence, desde muito, notara que o casal discutia frequentemente. Lá do quarto ouvia suas vozes alteradas, palavras rudes de parte a parte, verdadeiras cenas de violência abafadas pela discreta intimidade do palacete. Que seria aquilo? — pensava por vezes. Cúme talvez. Mrs. Jessy era tão bonita, tão solicitada pelos amigos de Mr. Kippling.

Foi observando melhor a vida dos dois, e finalmente notou que eles não se entendiam. Noites e noites Mr. Kippling passava enterrado na biblioteca, lendo ou estudando, enquanto Mrs. Jessy deixava-se levar para festas e "nigth-clubs", com amigas e companheiros de seu tempo de solteira.

Durante as tardes, quando lá se ia ela para partidas de golf ou chás de beneficência, Mr. Kippling ia para a sala de brinquedos das duas crianças e aí passava o dia, lendo-lhes histórias, fazendo roda com elas e Florence numa doce intimidade.

Outras vezes Mr. Kippling deixava o palacete e ia para a Flórida; tomava um "yacht" e saía em longas viagens que em muitas ocasiões chegavam a se estender por dois e três meses.

Nos meses que precederam o nascimento de Thomas, o casal Kippling esteve praticamente separado. John partira para as montanhas com Florence e os garotos e lá passaram todo o inverno, esquecido de quantos problemas e dissabores o afligiam na cidade.

E uma cousa fantástica sucedeu: À força de tanto convívio, de tantas afinidades, de tão semelhantes afetos pelas duas crianças, Florence apaixonou-se por Mr. Kippling. Descobriu isto subitamente, numa tarde em que a neve forte prendeu-os no hotel, junto à lareira. John, pela manhã, recebera um telefonema de Nova Iorque, comunicando a ida de Jessy para o hospital. Aquilo pareceu irritá-lo estranhamente, não demonstrou vontade de voltar para casa.

Florence espantou-se. Meu Deus, era seu filho!



© O CASO Kippling

Conto de Neyde Joppert



Lips Pond's

— um novo baton para
tornar os seus lábios
mais belos por mais tempo!

DE MASSA uniforme, perfumada e suave, eis o baton que seus lábios esperavam para ostentar tôda a sua beleza e sua graça.

Apresentado em grande variedade de tons, para se harmonizar com lindos rostinhos louros ou meigas faces morenas, Lips Pond's não racha, não resseca, proporcionando perfeita aderência e duradoura beleza. Dê novo encanto aos seus lábios, adotando desde hoje o baton Lips Pond's. Dura mais, no estôjo e nos lábios!

Seis lindas tonalidades:

HEART-THROB • HONEY • RASCAL RED
• BEAU BAIT • DARK SECRET • NATURAL •



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado ALT

A tristeza do dia irritou-o ainda mais. Não almoçou nem brincou com as crianças. A' tarde Florence não se conteve; procurou-o. Ele estava no apartamento; acendia o cachimbo quando ela entrou.

— Mr. Kipling, com licença.

— Entre. — foi a resposta aborrecida.

Depois de um momento de embargo ela tentou entrar no assunto.

— Mr. Kipling; talvez o senhor deseje que prepare nossas malas.

Ele fitou-a entre colérico e envergonhado.

— Por que?! — perguntou.

O desapontamento dela foi irrefreável.

— Bem... como Mrs. Jessy...

— Nós não vamos voltar hoje! Nem hoje, nem tão cedo. Não há pressa de tornar à casa... nem de ver Mrs. Jessy.

Ela sentiu o coração na garganta. Seria possível tamanho ódio?!

Esteve embaraçosamente presa ao mesmo lugar, sem dizer palavra. John foi até a lareira, tomou uma lasca de lenha com fogo numa das extremidades e reacendeu o cachimbo. Pareceu mais calmo depois de duas baforadas e então encorrou-a.

— Miss Florence, a senhora me julga um homem feliz?

A pergunta pegou-a desprevenida.

— Bem... Mr. Kipling... eu...

— Diga, sinceramente!

— Bem... acho que sim.

— Pois não sou! — bradou êle. Jessy é a mais abominável de todas as mulheres!

Os olhos de Florence dilataram-se.

— Mr. Kipling! ela é a mãe de seus filhos!

Ele fitou-a, furioso.

— Engana-se! Jessy nunca me amou! nunca me foi fiel! Há dois ou três anos que conheceu outro homem; um miserável qualquer que se chama Perc Wallis.

Aproximou-se de Florence, desorientado.

— Sabe onde Mrs. Kipling joga golf? Sabe onde passa os dias de verão? Sabe?! Em casa dele! Num palacete em Beverly Field!

— Mr. Kipling! é impossível.

Ele parecia alucinado.

— Impossível?! Ela mesma me confessou, me pediu divórcio, me ameaçou de traição se eu não lhe desse liberdade para casar-se com o outro!

— E o senhor?

John endireitou o busto, acalmou a voz, sorriu com uma ironia terrível.

— Neguei-lhe o divórcio. Jurei torturá-la ao último ponto; jurei

fizê-la a mais infeliz das mulheres; jurei atrá-la na lama, na deshonra. Quero que sofra tanto quanto ela me fêz sofrer.

Florence não acreditava naquela cena. Subitamente, improvisada na confidência de tão espantoso segredo, a um tempo horrorizava-se e condoia-se com a desdita daquele homem.

— Mr. Kipling, o senhor está nervoso.

Ele tirou outra baforada e sorriu amargamente.

— Não, Miss Florence; quem já suportou as humilhações que Jessy me fez suportar, não tem direito a cultivar nervos.

— E seus filhos?

John foi até a lareira e ficou olhando o fogo.

— Joe e Jane são meus filhos. São tudo que possuo atualmente.

— E o outro menino?

Ele fitou-a com o mesmo ar irônico com que tentava encobrir seu desespero.

— Miss Florence, apesar de tudo que Jessy me fez sofrer, penso que eu estaria indiferente se esse menino fosse meu filho?

— Oh!...

— Estamos separados há quase dois anos. Só continuamos sob o mesmo teto para evitar o escândalo. — E depois de um silêncio esmagou, violentamente, a carteira de fumo que tinha entre os dedos — Não sei como poderei suportar a presença dessa criança.

Florence teve ímpetos de acariaciá-lo, de consolá-lo como fazia com Joe e Jane. John a impressionara desde o princípio; mas durante aqueles cinco anos ele fôra, antes de tudo, o "Mr. Kipling" que morria agora, de repente, porque notara nele uma confiança absoluta em sua pessoa, porque sentia o derrubado daquela superioridade que os separava; a infelicidade nivelava-os.

*

Com a volta da primavera, John Florence e as crianças tornaram a Nova Iorque.

Depois deste regresso Florence percebeu que a desarmonia entre o casal crescera assustadoramente. Discutiam com frequência, violentamente; Florence chegava a temer que John a matasse.

Várias vezes atravessou-se nos pensamentos dele. Partilhava de sua existência desde que lhe fôra dada a liberdade de conhecer sua desgraça. Pouco a pouco ele se foi acostumando àquelas intromissões e foi achando um consolo em sua devoção. O peso do sofrimento era demasiado grande para os ombros de um só.

Florence aconselhou-o a desistir daquela vingança. A retenção de Jessy junto a ele mortificava-o cada vez mais. A presença de Thomas alucinava-o quase. Chegou a consultar psiquiatras sobre sua saúde: tinha medo de enlouquecer.

Numa das tentativas para que John concordasse com o divórcio, Florence soube, afinal, o motivo daquela obsessão. Numa frase de desespero ele afastou suas insinuações.

— Não, nosso, Florence. Amo Jessy, apesar de tudo! Prefiro vê-la morta, a permitir que se case com outro.

Ela experimentou uma dor profunda. Ferida por aquelas palavras compreendeu quanto o amava; quanto seria capaz de fazer para vê-lo feliz.

De repente os acontecimentos de sua vida começaram a se desenrolar vertiginosamente: dois anos depois, Florence resolveu embarcar para o México, disposta a esquecer-se de John, pretendendo ir morar com uma prima que desdê muito a assediava para que fosse visitá-la.

Arrumara suas coisas e comprar a passagem. Mas no dia em que se dispusera a comunicar sua partida a Mrs. Kipling, sucedeu uma coisa terrível! Thomas foi encontrado morto na pequenina cama em que dormia. Do colo alvo e franzino corria um fio de sangue procedente do ferimento que o prostrara. Fôra assassinado com uma punhalada no coração.

O escândalo estourou sobre Florence. Mr. Kipling estava na Flórida, a perto de um mês; os criados do palacete estavam fora à hora do crime. Ficou provado que só uma pessoa conhecedora da casa e portadora de chaves que lhe permitissem a entrada poderia ser responsabilizada. As provas se acumularam contra a pobre Florence. Mrs. Jessy Kipling era a pessoa menos indicada como assassina; além de ser mãe do menino possuía o excelente "alibi" de ter passado fora a noite do crime; em alguma festa, provavelmente.

Tudo correu como num pesadelo até o dia do julgamento. Embora nunca tivesse confessado a culpa que lhe atribuíam, Florence subiu ao banco dos réus sem nenhuma esperança de liberdade. Qualquer coisa em seu íntimo dizia que John matara o menino. O acúmulo de certos fatos dava-lhe esta certeza. Nada da vida íntima

(Continua na página 22)

Aqui e Acolá

NOVEMBRO, mês dos mortos. Tenho um amigo que sempre me diz, com pausada e austera sinceridade: — Velho Guy, você não acha que devia haver, a exemplo do Dia de Finados, o Dia dos Vivos? Uns e outros merecem ser lamentados da mesma forma. Meu pessimismo (será mesmo pessimismo?) não chega a tanto. Permanece mais ou menos de acordo com a dolorosa ironia contida nessas palavras cáusticas. Dia dos Vivos... Em verdade, também os mortos, em seu sossego pelo menos aparente, devem pedir e rezar por nós, perdidos nestas "sepulturas caídas" que são os corpos, mergulhados num mundo de dissensões, clamores, equívocos. O poeta já afirmou que há preces "que os mortos rezam pelos que estão vivos."

Ora, deixemos de lado considerações tão melancólicas. Novembro nem é, propriamente, o mês dos mortos. Não se pode negar que o assinalaram, designando-lhe o dia 2 para servir a essa fúnebre comemoração coletiva. Isso só se justifica pela milenária mania de datas que sempre perseguiu o homem. As datas crescem de dia para dia, com ou sem propósito. Seria naturalíssimo pois que se dedicasse um dia de pensamento aos que se foram. Todavia, não é esse dia que os tornará mais lembrados. Nossos mortos ocupam lugar definitivo em nosso coração e em qualquer hora, num ponto de bonde à espera do milagre que sempre constitui o aparecimento de um elétrico, trabalhando ou simplesmente nos divertindo, em qualquer hora nos lembraremos deles. Há nesse culto dos mortos a constatação melancólica da inserção latina colocada à porta do nosso Cemitério do Bonfim e que quer dizer, com a sua sabedoria que representa a melhor das advertências: "Aos mortos, os que vão morrer."

Pois não é que desde o início desta crônica luto por falar de assunto menos triste? Não consegui, creio que nem conseguirei. Influência de novembro... Embora desejamos, não nos conseguiremos furtar nunca ao que nos sugere cada mês. Até aqui anda a influência das vogais. Abril e maio, por exemplo, são meses claros como as vogais. Novembro, mês sombrio também como suas vogais. Mas daqui a pouco virá o Natal e virá o Ano-Novo. E sempre a vida que recomeça e nos sentimos nada menos nada mais que o primeiro homem na primeira manhã do mundo. Pensemos nos mortos mas nem por isso desprezemos a vida, que, vida e morte, são ambas coisas de Deus.

GUY D'ALVIM FILHO



IMPACIENTE, Homero consultou outra vez o relógio: cinco e quarenta. Seria possível que se houvessem passado apenas dez minutos das cinco e meia? Parecia-lhe já estar ali há horas. Quem sabe se não estaria parado seu relógio? Olhou-o mais uma vez. O ponteiro dos minutos saltitava. Com a regularidade dos ponteiros de todos os relógios.

Em todo caso, encostou ao ouvido, para melhor certificar-se. Não, não estava parado. Ainda num derradeiro e definitivo desejo de conferir, deitou um olhar ao relógio eletrônico da farmácia. Marcando a mesma hora. Tranquilizou-se de todo. Um atraso de dez minutos, é muito natural em uma cidade como o Rio, em que todos os elementos parece apostados em nos retardar o passo. De ordinário, espera-se muito mais por um ônibus, ou um bonde. Dez minutos espera-se por um simples elevador, que tem sua pista rigorosamente limitada, sem os percalços do ônibus. Dez minutos? Ele mesmo já esperara por um muito mais. E inutilmente, porque não subira. Faltara a energia. Sim, como não pensara nisso antes? Irene estaria, com toda certeza, à espera do elevador. No oitavo andar, onde trabalhava, o ascensor, àquela hora, passava lotado. Teria de esperar que os pavimentos superiores se despovoassem. Mas... seria mesmo aquela farmácia onde deveriam encontrar-se? Havia outras. Podia ter-se enganado, podia tanto. Leu outra vez a placa: "Farmácia Confiança". Não, não se enganara, era aquela mesma. Lembra-se muito bem.

Encheu-se de calma, recomeçando seu pas-

seio, pra-lá-pra-cá, na calçada. Quantos metros já teria andado naqueles passinhos curtos, vagarosos? Uns duzentos? Ora, duzentos, muito mais! Quinhentos? Talvez quinhentos. Ou mil, quem sabe? Em dez minutos anda-se muito. E, se juntasse aqueles passos aos que caminhara, durante todo o dia, dentro da loja, somariam quilômetros. Ainda se fosse sómente andar... mas,

não; subir escada, descer escada, ajoelhar-se aos pés do freguês. "Este não me agrada". Toca a subir escada, apanhar outra caixa. "Este me calça bem, mas é muito caro. Cento e noventa e cinco cruzeiros! É muito dinheiro. Não faz uma diferença?" Não podia fazer

nenhuma diferença. Só se seu Abílio concordasse. Mas não concordaria, tinha certeza. Vinha seu Abílio. Só podia tirar cinco cruzeiros, nada mais. O artigo não dava margem. "Então não levo". Outra vez a escalada às cumeadas da prateleira, para repor a caixa no lugar, os sapatos de cento e noventa e cinco dentro. Vida árdua aquela. E ter que suportá-la com um sorriso, fingindo satisfação, para agradar os fregueses. Se seu Abílio lhe percebesse na fisionomia um leve incômodo, que fosse, de impaciência ou enfado, contasse a descompostura: "Abra essa carranca, poeta. Isto aqui não é nenhum cumbento!" Mas, Abílio, quando queria descompor um empregado brasileiro, chamava-lhe poeta, dando à voz uma inflexão desdenhosa. Como se dissesse "vagabundo". Homero tinha que engulir o desafôro, que remédio; precisava do emprego. Se fosse sózinho no mundo, não toleraria, isso não. Mas, tinha a velha, coitada. Viúva e doente.

O RIVAL

CONTO DE JOSE' LARA
ILUSTRAÇÃO DE FÁBIO



E duas irmãs, que ainda nada podiam ajudar. Só contavam era mesmo com êle. Engolia o desaforo. Um dia se vingaria. Estudava para contador, na escola noturna. No dia em que pegasse o diploma, adeus *seu* Abílio. Prestava concurso no Banco do Brasil e estaria com a vida arranjada. Casaria.

Esse pensamento conduziu-o, outra vez para Irene. E ela que não chegava! Quase seis horas. Já era demais. Que teria sucedido? Sempre pontual, devia, por força, ter-lhe acontecido alguma coisa muito séria. Repeliu a idéia. Vá. Elevador. Pueril. pensar em esperar tanto por um elevador. Nem Irene teria paciência. Já teria descido pela escada. E o cansaço que começava a se apoderar d'ê! As pernas pareciam-

Pilherias



O pintor regressou à casa depois de uma ausência de alguns dias.

— Senhor — diz-lhe o criado — os ladrões entraram aqui e roubaram todos os objetos de valor que encontraram na casa...

— Deus meu! E meus quadros?!

— Não. Nos quadros os ladrões nem tocaram...

*

— Pode dar-me vinte centavos, minha senhora?

— Parece mentira que um homem forte e são como o senhor não tenha vergonha de pedir dinheiro!

— Tenho vergonha sim, minha senhora; o que eu não tenho é coragem para arranjá-lo sem pedir...

*

— Quando me casei, obtive uma mulher que nunca se separou de mim um instante!

— Que esposa ideal!

— Não me refiro à minha esposa, não; eu falo da minha sogra...

*

— Estou-lhe agradecidíssimo, sr. Pires! A sua conferência de ontem à noite fez-me passar um tempo delicioso...

— Em que lugar estava? Não o vi.

— Não, eu não fui; mas a minha esposa e a minha sogra foram ouvi-lo...

*

— Eu acho que os seres humanos bem podiam trocar entre si os seus problemas.

— Por que razão?!

— Porque cada um sabe com mais facilidade resolver os problemas do outro!...

*

— Francamente! Não sei como você consegue viver alegre tendo tantas dívidas!

— É fácil...

— Como assim?!

— Banco o flautista... Eu te explico. Tapo um buraco e abro outro...

*

— Patrão, sua sogra passou agorinha mesmo por aqui...

— Não diga!

— Passou, sim, e eu disse a ela que o senhor estava ausente...

— Graças a Deus!

— Foi o que ela disse também...

*

— Foi você que tratou o Malaquias com tifo?

— Foi.

— Disseram-me que o caso esteve feio, heim!

— Esteve e está. Ele ainda não me pagou a conta...

lhe de chumbo. Espiou para o interior da farmácia, e viu um banco bem próximo à entrada. Um banco comprido, largo, grudado à parede. Parecia confortável. Algumas pessoas, sentadas, davam a impressão de dormir. Esperavam que lhes aviassem as receitas. De quando em quando, um moço pálido, de avental branco, com monograma bordado no bolso, saía do interior, as mãos carregadas de vidros de tamanhos diferentes. Chegava ao balcão, desdobrava a receita e chamava por um nome. Do banco largo levantava-se alguém, com um suspiro de alívio. Recebia o embrulho cor-de-rosa e saía quase correndo. Como querendo recuperar o tempo.

Homero teve desejo de sentar-se naquele banco. Seria tão bom se pudesse descansar um pouco. Mas... se Irene chegasse e não o visse no local combinado? Ele a veria, com certeza. Estaria atento. Demais, o banco era tão próximo da porta que ele seria logo percebido. Sentou-se. Gostoso aquele banquinho. Poderia até dormir ali, de tão cômodo. Ao seu lado, uma gorda senhora risonha. Não ouviria o seu nome, quando o caixeiro a chamasse. Homero passou os olhos pelas paredes forradas de cartazes coloridos... Um garoto, em pijama, dirigindo-se para o lavatório, um sorriso puro nos lábios, a escova de dentes na mãozinha gorducha. Um pouco abaixo, o nome do dentifício, em caracteres vistosos. Outro painel apresentava um casal de namorados, mostrando os dentes perfeitos, no prelúdio de um beijo. A cena trouxe-lhe, novamente, a figura de Irene. Redobrou a atenção, reparando nas pessoas que passavam. Umas apressadas, quase correndo, outras lentas, sem pressa nenhuma. Mocinhas humildes, regressando à casa, famintas, depois de um dia de trabalho penoso. Mulheres chiques, envoltas em peles caras, em demanda dos cinemas. Em suma, os costumeiros contrastes que as metrópoles sempre ofereceram. Em pouco, Homero mal podia fixar aquele monótono desfile. Suas pálpebras cerravam-se, entorpecidas pelo sono. Mais alguns minutos, e as imagens foram-se esbatendo, adelgaçando, até que de todo se sumiram. Dormia pesadamente. Como a senhora gorda, ao seu lado. Em dado momento, porém, pôs-se de pé, o rosto crispado por um frémito de indignação. Irene aparecera em sua frente, de inopino, pelo braço de um simpático jovem. E fitavam-se com transporte, os lábios abertos num sorriso feliz. Homero foi tomado de brusca desilusão. Jamais admitira a possibilidade de que Irene lhe fosse infiel. Depressa, porém, esse sentimento cedeu lugar ao despeito e ao ódio. E um incoercível desejo de vingança. Não se conformaria, assim, passivamente, com a perda do seu amor. A fisionomia transtornada, caminhou ao encontro do cético casal, invectivando-o, furioso, fora de si.

*

Homero abriu os olhos. Espantou-o ver-se fortemente seguro por várias mãos e fechado num círculo de curiosos. Uma voz aflita e chorosa procurava acalmá-lo, e duas mãos finas, brancas enxugavam o suor que lhe porejava a testa. Era Irene. Envergonhado, compreendeu tudo. Mas, disfarçadamente, seus olhos procuraram o painel do anúncio. O moço continuava exibindo o seu sorriso, o seu belo sorriso de dentes perfeitos.



— "Poucos degraus...
para mim, eram
uma **DURA ESCALADA!**

Tudo, porém, mudou com a saúde devolvida pelo Vinho Reconstituente Silva Araujo.

Se prova igual sensação, se os menores esforços parecem superiores às suas energias, não se deixe tomar pelo desânimo. Esse cansaço fácil e excessivo pode resultar simplesmente da fraqueza, de empobrecimento do sangue. E para o sangue desnutrido, para o enfraquecimento, há um tônico precioso há anos receitado por grandes figuras da nossa medicina, o Vinho Reconstituente Silva Araujo. Seus resultados têm sido excelentes.

É que o Vinho Reconstituente Silva Araujo é rico em cálcio, quina, fósforo e peptona de carne, elementos valiosos para a sua saúde. Use-o também. E reconquiste, com o Vinho Reconstituente Silva Araujo, a boa disposição, o bem-estar, a vitalidade perdida!



O professor Henrique Roxo testemunha dizendo:

"Atesto que, há já muitos anos, venho receitando o Vinho Reconstituente Silva Araujo. E atualmente continuo a aplicá-lo em doentes meus, colhendo ótimos resultados".

Vinho Reconstituente

SILVA ARAUJO

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

EU não era o sobrinho de tia Clotilde. Não, eu era apenas um pequeno engeitado cujo pai morrera cedo e pobre, cuja mãe findava os dias num manicômio do governo. E tia Clotilde gostava de lembrar estas coisas. Gostava de contar os desmandos de meu pai e as taras de minha mãe a todos os conterrâneos da cidade pequena do sul de Minas. E a voz de tia Clotilde dramatizava os fatos, adotava um tom grave de repreensão ao relembrar as tropelias do cunhado, ou fazia-se confidencial, tristonha, se enumerava a agonia ridícula da irmã.

Eu ouvia tudo. Não me importava muito. Era hábito antigo escutar as mesmas histórias da boca de tia Clotilde e ouvir as mesmas exclamações de surpresa, de pena, de repulsa, daqueles homens caipiras e daquelas mulheres ignorantes. Eu chegara a Minas aos quatro anos e já andava pelos sete...

Tia Clotilde não me tratava bem. Parecia implicar comigo mas eu a julgava uma santa, todos os amigos a diziam tal. Eu passei a não gostar das santas, daquelas mesmas santas tão suaves das histórias de mamãe. Tinha vontade de rever mamãe para ouvir de seus lábios a explicação de tudo. Por que tia Clotilde era uma santa? Por quê? Se ela me obrigava a ficar horas e horas tomando conta de seu filho menor, se ela me acordava às quatro da madrugada para eu atravessar um pasto imenso e nublado em busca de um litro de leite do qual nem uma gota era para mim?! E eu tinha tanta vontade de tomar um copo inteiro de leite como fazia meu primo Alexandre, como fazia a tia Clotilde, como fazia tio Manduca...

Mas, todos no lugar, viam, em minha tia, uma santa.

E eu ficava com raiva das santas. O padre não sabia por quê. Ele era velho e ran-



coroso. Beliscava os braços das moças de mangas curtas e batia nas crianças. Dizia que eu era mau e ingrato, que tia Clotilde era uma santa. Ela precisava me pôr no bom caminho. Mas eu não queria saber de bom caminho. Cada vez que tia Clotilde ia me levar a êle, dava-me uma surra enorme e, depois, berrava: "morre, peste, tu és ruim feito teu pai e louco feito tua mãe. Fica como estás. Ninguém te põe no bom caminho!"

Felizmente, o padre morreu. Foi uma coisa gostosa pensar nos "talus comendo aquêle idiota", como disse o "seu" Machado do Centro Espirita Luz da Bonança Divina.

Depois, veio um padre bom, que dava bala para a gente e dizia que Deus não gosta de mandar ninguém para o inferno. Deus — cismava comigo — devia ser assim como o padre Luis. Com certeza, andava de batina e dava bala para os meninos. E o diabo devia ser igual ao padre velho com as roupas de minha tia...

Tia Clotilde chorava sem parar o padre falecido. Padre Luis deixava as moças se pintarem, padre Luis deixava os meninos no fute-

bol, padre Luiz fundara um Clube de Esportistas...

Mas eu gostava do padre Luis e, um dia, não sei por que, contei-lhe uma porção de pecados que ocultava, havia muito, do vigário antigo. Eu beirava os dez anos. Falei-lhe do meu prazer ao ouvir a notícia da morte de seu antecessor, do meu desejo de assistir ao enterro de tia Clotilde, da minha raiva das santas, da inveja de só o primo Alexandre tomar uma xícara de leite, de só o primo Alexandre estar no colégio... Falamos, falamos muito e padre Luis me disse para rezar, para ter fé e confiança, em Deus, para fazer as pazes com as santas.

Senti minha alma de criança leve e confortada. E passei a rezar muito para tôdas as santas do céu. Procurava saber o maior número de nomes possível, para invocar a tôdas, para implorar e pedir, pedir uma tia Clotilde mais bondosa, mais carinhosa, menos avarenta...

Eu queria falar com as santas! Meus olhos se pregavam nos olhos da imagem de Santa Teresinha, meus joelhos ficavam doridos na pedra do altar e meus lábios murmuravam preces.

Por vêzes, padre Luis me via. Ajoelhava-se junto de mim. Passava-me o braço pelo ombro e também ficava rezando.

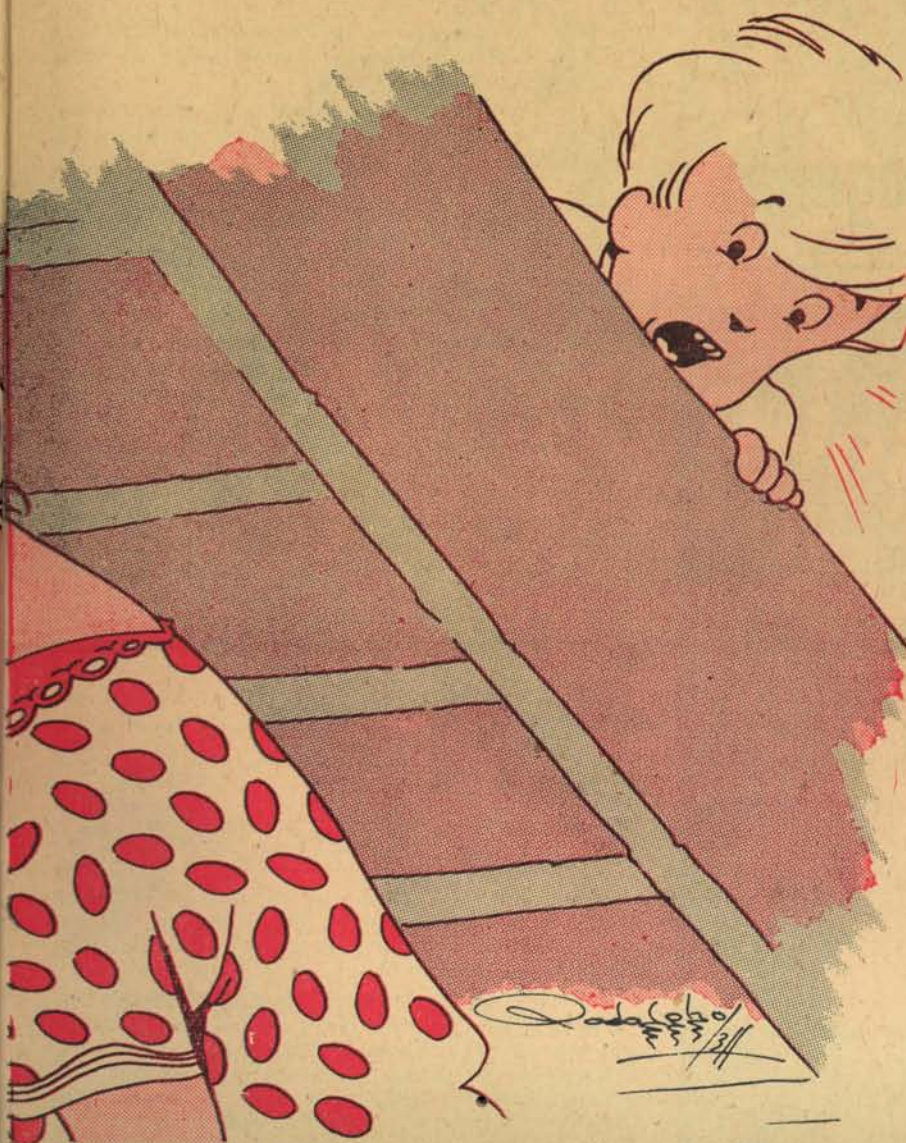
Um mês, dois... Tia Clotilde não mudava!

Quatro meses, cinco, seis... Talvez eu desanimasse da amizade das santas pois tudo permanecia no mesmo!

Foi quando, uma tarde, tia Clotilde me chamou. Deu-me um vidro cheio de doce de leite e exclamou: "toma, peste, para não botares mau olhado nos doces dos meninos!"

Eu fiquei surpreso, alegre e fui abraçar tia Clotilde. Lancei-me ao seu colo, beijei-lhe o rosto. Ela me atirou longe com uma bofetada! Quase quebrei o vidro e ela saiu resmungando para a cozinha.

Eu corri à Igreja. Ajoelhei-me defronte ao altar de Santa Teresinha e comecei a rezar. Padre Luiz chegou. Viu-me. Mostrei-lhe o doce. Ele sorriu um tanto entristecido e disse:





*Seu cabelo
é a moldura
de seu rosto!*

O Shampoo Dagelle, feito à base de óleo vegetal, de espuma abundante e perfumada, restaura o brilho do cabelo, renovando-lhe a vitalidade e tornando mais expressivo seu encanto pessoal.

Para a beleza do cabelo

Shampoo Dagelle

Em tôdas as perfumarias e farmácias

IA-518

Complete o tratamento de seu cabelo, usando Brilhantina Dagelle.



Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ
FINISSIMO E
PERFUMADO**



FORMULA DO
DR. D. ANTONIO ALEXO
DA FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
FELLO HORIZONTE

— Continua a rezar, meu filho, continua. Deus é bom!"

Fiz questão de dividir o doce com o meu confessor. E continuei a rezar com mais confiança, com mais fé.

Agi bem. Dois dias depois, ganhei outro vidro de doce, ouvi o mesmo oferecimento da primeira vez, mas não tentei abraçar tia Clotilde.

Fui contar tudo ao padre Luis.

Continuei a rezar e a ganhar doces.

Da quinta vez, quando eu voltava, alegre, satisfeito e agradecido, para casa, depois de haver orado, ouvi minha tia conversando com uma velha da Irmandade. Parei ao pé da escada e comecei a escutar. Falava a visita:

— Como vai o sobrinho?

— A peste de sempre! — respondeu minha tia.

— A senhora é uma santa em aturá-lo...

E', mas a caridade... A senhora sabe... Ela é minha irmã...

— Sim, não precisa tanto, porém! A senhora trata o garoto como a um filho!

— Eu sou assim...

— Por que não o aperta no trabalho?

— Quem?... Aquêlé malandro?! — Tia Clotilde deu um risinho.

— Por falar em malandro, já sabe que a Julieta, casada com o jogador do Carlito está morfética?

— Sei, sim.

— Ah, ainda bem. Queria avisar porque ela vende doces para a senhora.

— Não faz mal. Eu dou para o meu sobrinho e é de ver como êle lambe os beijos no doce de leite!...

— Também, a senhora não podia deixar de comprar na Julieta... E, comadre, esta gente, filha de bêbados, é tão ruim que não pega nem lepra!...

Não ouvi mais a conversa. Fiquei apavorado. Lembrei-me de como tinha caído os dedos do Francisco da porteira, recordei-me da cara pavorosa do Zé Pepino e fui correndo para a Igreja. Entrei chorando e raivoso. Levantei a mãe para atirar o vidro vazio na cara de Santa Teresinha mas não pude, não tive coragem, não tive forças! Joguei-me ao pé do altar e desatei em soluços altos, longos, desesperados...

O sacristão foi chamar padre Luiz. Ele veio e eu lhe contei tudo. Ele me abraçou com força, beijou-me a testa e disse: "— meu filho, você não volta para casa! Eu vou falar com sua tia."

*

Agora, neste Seminário encantador de Mariana, estudo para ser padre. Mas um padre bom como o saudoso padre Luis, que Deus o tenha em bom lugar.

Evoco, às vezes, com infinita tristeza, tia Clotilde. Ela poderia ter sido tão boa para o sobrinho pobre! Como é fácil a gente ser bom! Lembro-me de Santa Teresinha a cujos pés me ajoelhei tantas vezes implorando perdoasse tia Clotilde. Como era gostoso aquêlé doce de leite!

Quem diria fôsse tia Clotilde acabar morfética...

TISSOT MILITAR

— O Novo Relógio de Pulso



para HOMENS DE PULSO!

Os relógios-pulseira comuns não são feitos para suportar as condições adversas da vida militar. Por isso, TISSOT lançou o seu novo

modelo "MILITAR", criado especialmente para as mais árduas provas. É um relógio de precisão, resistente contra choques, impermeável à poeira e à água, insensível ao calor e ao frio e anti-magnético. E mais ainda: como todo relógio Tissot, é garantido por um ano contra qualquer acidente. Si não puder ser consertado, V. S. receberá um novo relógio. Procure-o nas boas relojoarias.

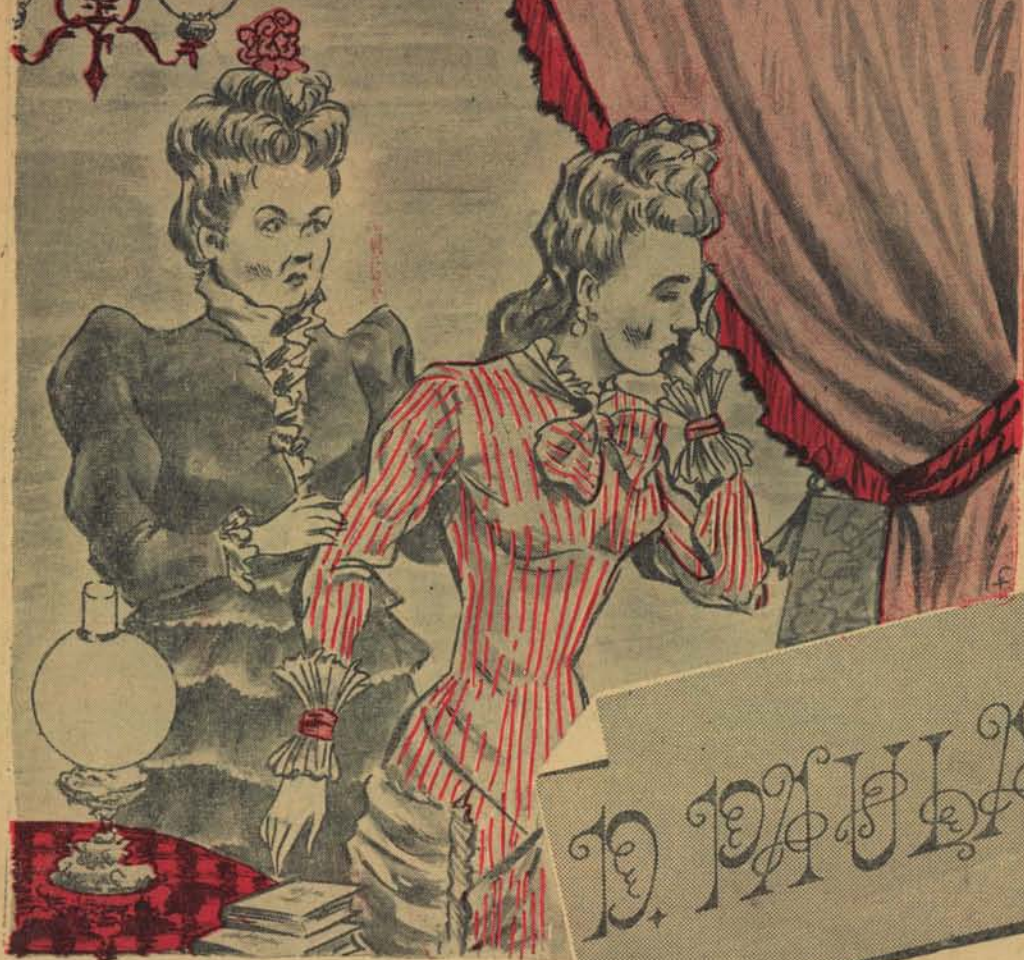


Preço: Cr\$ 800,00
Com ponteiro
central Cr\$ 850,00

TISSOT MILITAR
à prova de:
Choque • Poeira
Água • Calor • Frio •
Eletricidade

Tissot
MILITAR
DEFENDE A SUA PONTUALIDADE

OMEGA PRODOTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE - GENÈVE - SUÍÇA **Tissot**



MACHADO DE ASSIS
ILUSTRAÇÃO DE FÁBIO

NÃO era possível chegar mais a ponto. D. Paula entrou na sala, exatamente quando a sobrinha enxugava os olhos cansados de chorar. Compreende-se o assombro da tia. Entender-se-á, também o da sobrinha, em se sabendo que D. Paula vive no alto da Tijuca, donde raras vezes desce; a última foi pelo Natal passado, e estamos em maio de 1882. Desceu ontem, à tarde, e foi para casa da irmã, rua do Lavradio. Hoje, tão depressa almoçou, vestiu-se e correu a visitar a sobrinha. A primeira escrava que a viu, quis ir avisar a senhora, mas D. Paula ordenou-lhe que não, e

foi pé ante pé, muito devagar, para impedir o rumor das salas, abriu a porta da sala de visitas, e entrou.

— Que é isto? — exclamou.

Venancinha atirou-se-lhe aos braços, as lágrimas vieram-lhe de novo. A tia beijou-a muito, abraçou-a, disse-lhe palavras de conforto, e pediu, e quis que lhe contasse o que era, se alguma doença, ou...

— Antes fôsse uma doença! antes fôsse a morte! — interrompeu a moça.

— Não digas tolices; mas que foi? anda, que foi?

Venancinha enxugou os olhos e começou a falar. Não pôde ir

além de cinco ou seis palavras; as lágrimas tornaram, tão abundantes e impetuosas, que D. Paula achou de bom aviso deixá-las correr primeiro. Entretanto, foi tirando a capa de rendas pretas que a envolvia, e descalçando as luvas. Era uma bonita velha, elegante, dona de um par de olhos grandes, que deviam ter sido infinitos. Enquanto a sobrinha chorava, ela foi cerrar cautelosamente a porta da sala, e voltou ao canapé. No fim de alguns minutos, Venancinha cessou de chorar, e confiou à tia o que era.

Era nada menos que uma briga com o marido, tão violenta, que chegaram a falar de separa-

ção. A causa eram ciúmes. Desde muito que o marido embirrava com um sujeito; mas na véspera à noite, em casa do C..., vendo-a dançar com ele duas vezes e conversar alguns minutos, concluiu que eram namorados. Voltou amuado para casa: de manhã, acabado o almoço, a cólera estourou, e ele disse-lhe cousas duras e amargas, que ela repeliu com outras.

— Onde está teu marido? — perguntou a tia.

— Saiu: parece que foi para o escritório.

D. Paula perguntou-lhe se o escritório era ainda o mesmo e disse-lhe que descansasse, que não era nada: dali a duas horas tudo estaria acabado. Calçava as luvas rapidamente.

— Tia vai lá?

— Vou... Pois então? Vou. Teu marido é bom; são arrufos. 104? Vou lá, espera por mim, que as escravas não te vejam.

Tudo isso era dito com volubilidade, confiança e docura. Calçadas as luvas, pôs o mantelêto, e a sobrinha ajudou-a, falando também, jurando que apesar de tudo, adorava o Conrado. Conrado era o marido, advogado desde 1874. D. Paula saiu, levando muitos beijos da moça. Na verdade, não podia chegar mais a ponto. De caminhar, parece que ela encarou o incidente, não digo desconfiada, mas curiosa, um pouco inquieta da realidade positiva; em todo o caso ia resoluta a reconstruir a paz doméstica.

Chegou, não achou o sobrinho no escritório, mas ele veio logo, e, passado o primeiro espanto, não foi preciso que D. Paula lhe dissesse o objeto da visita; Conrado adivinhou tudo. Confessou que fôra excessivo em algumas cousas, e, por outro lado, não atribuía à mulher nenhuma índole perversa ou viciosa. Só isso; no mais, era uma cabeça de vento, muito amiga de cortêsias, de olhos ternos, de palavrinhas doces, e a levandade também é uma das portas do vício. Em relação à pessoa de que se tratava, não tinha dúvida de que eram namorados. Venancinha contara só o fato da véspera: não referiu outros quatro ou cinco, o penúltimo no teatro, onde chegou a haver tal ou qual escândalo. Não estava disposto a cobrir com a sua responsabilidade os desasos da mulher. Que namorasse, mas por conta própria.

D. Paula ouviu tudo, calada; depois falou também. Concordeava que a sobrinha fôsse leviana; era próprio da idade. Moça bonita não sai à rua sem atrair os olhos, e é natural que a admiração dos outros a lisonjeie. Também é natural que o que ela fi-

MACHADO de Assis prescinde de apresentação. Foi mestre insuperável em todos os gêneros literários e a sua prosa é padrão de vernaculidade e bom gosto. Caracterizou-lhe o estilo o equilíbrio das idéias. Fotografou a vida sem relocar as chapas, deixando-a viva e flagrante, eternizando, na posteridade, o nome do artista incomparável que a retratou com inextinguível perfeição.

Machado de Assis é símbolo estético. Sua obra é eterna como a língua em que a plasmou.

"D. Paula" é um flagrante expressivo do notável fotógrafo de almas.



zer de l'sonjeada pareça aos outros e ao marido um princípio de namoro; a fatuidade de uns e o ciúme do outro explicam tudo. Pela parte dela, acabava de ver a moça chorar lágrimas sinceras; deixou-a consternada, falando de morrer, abatida com o que ele lhe dissera. E se ele próprio só lhe atribuía levandade, por que não proceder com cautela e docura, por meio de conselhos e de observação, poupando-lhe as ocasiões, apontando-lhe o mal que fazem à reputação de uma senhora as aparências de acôrdo, de simpatia, de boa vontade para os homens?

Não gastou menos de vinte minutos a boa senhora em dizer essas cousas mansas, com tão boa sombra que o sobrinho sentiu apaziguar-se-lhe o coração. Resistia, é verdade; duas ou três vezes, para não resvalar na indulgência, declarou à tia que entre eles tudo estava acabado. E, para reanimar-se, evocava mentalmente as razões que tinha contra a mulher. A tia, porém, abaixava a cabeça para deixar passar a onda, e surgia outra vez com os seus grandes olhos sagazes e teimosos. Conrado ia cedendo aos poucos e mal. Foi então que D. Paula propôs um meio termo.

— Você perdoa-lhe, fazem as pazes, ela vai estar comigo, na Tijuca, um ou dois meses; uma espécie de destêrro. Eu, durante êste tempo encarrego-me de lhe pôr ordem no espírito. Valeu?

Conrado aceitou. D. Paula, tão depressa obteve a palavra, despediu-se para levar a boa nova à outra; Conrado acompanhou-a até a escada. Apertaram as mãos; D. Paula não soltou a dêle sem lhe repetir os conselhos de brandura e prudência; depois, fez esta reflexão natural:

— E vão ver que o homem de quem se trata nem merece um minuto dos nossos cuidados...

— E' um tal Vasco Maria Portela...

D. Paula empalideceu. Que Vasco Maria Portela? Um velho, antigo diplomata, que... Não,

êsse estava na Europa desde alguns anos, aposentado, e acabava de receber um título de barão. Era um filho dêle, chegado de pouco, um pelintra... D. Paula apertou-lhe a mão, e desceu rapidamente. No corredor, sem ter necessidade de ajustar a capa, fê-lo durante alguns minutos, com a mão trêmula e um pouco de alvoroço na fisionomia. Chegou mesmo a olhar para o chão, refletindo. Saiu; foi ter com a sobrinha, levando a reconciliação e a cláusula. Venancinha aceitou tudo.

Dois dias depois foram para a Tijuca. Venancinha ia menos alegre do que prometera, provavelmente era o exílio, ou pode ser também que algumas saudades. Em todo o caso, o nome de Vasco subiu a Tijuca, se não em ambas as cabeças, ao menos na da tia, onde era uma espécie de eco, um som remoto e brando, alguma coisa que parecia vir do tempo da Stoltz e do ministério Paraná. Cantora e ministério, cousas frágeis, não o eram menos que a ventura de ser moça, e onde iam essas três eternidades? Já ziam nas ruínas de trinta anos. Era tudo o que D. Paula tinha em si e diante de si.

Já se entende que o outro Vasco, o antigo, também foi moço e amou. Amaram-se, fartaram-se um do outro, à sombra do casamento, durante alguns anos, e, como o vento que passa não guarda a palestra dos homens, não há meio de escrever aqui o que então se disse da aventura. A aventura acabou; foi uma sucessão de horas doces e amargas, de delícias, de lágrimas, de cóleras, de roubos, drogas várias que encheram a esta senhora a toça das paixões. D. Paula esgotou-a inteira e emborcou-a depois para não mais beber. A saciedade trouxe-lhe a abstinência, e com o tempo foi esta última fase que fez a opinião. Morreu-lhe o marido e foram vindo os anos. D. Paula era agora uma pessoa austera e pia, cheia de prestígio e consideração.



O nosso concurso de contos

NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um "Concurso Permanente de Contos", premiando com a importância de Cr\$100,00 o melhor trabalho que receba durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2.º) — Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral, sadio e honesto.



Além do melhor trabalho do mês, premiado, também serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.



Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.



Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

A sobrinha é que lhe levou o pensamento ao passado. Foi a presença de uma situação análoga, de mistura com o nome e o sangue do mesmo homem, que lhe acordou algumas velhas lembranças. Não esqueceram que elas estavam na Tijuca, que iam viver juntas algumas semanas, e que uma obedecia à outra; era tentar e desafiar a memória.

— Mas nós deveras não voltamos à cidade tão cedo? — perguntou Venancia, rindo, no outro dia de manhã.

— Já estás aborrecida?

— Não, não, isso nunca, mas pergunto...

D. Paula, rindo também, fez com o dedo um gesto negativo, depois, perguntou-lhe se tinha saudades cá de baixo. Venancia respondeu que nenhuma, e para dar mais força à resposta, acompanhou-a de um descair dos cantos da boca, a modo de indiferença e desdém. Era pôr de ma's na carta. D. Paula tinha o bom costume de não ler às carreiras, como quem vai salvar o pai da força, mas devagar, enfiando os olhos entre as sílabas e entre as letras, para ver tudo, e achou que o gesto da sobrinha era excessivo.

— Eles amam-se — pensou ela.

A descoberta avivou o espírito do passado. D. Paula forcejou por sacudir fora essas memórias importunas; elas, porém, voltavam, ou de manso ou de assalto, como raparigas que eram, cantando, rindo, fazendo o diabo. D. Paula, tornou aos seus bailes de outro tempo, às suas eternas valsas que faziam pasmar a toda gente, às mazurcas, que ela metia à cara da sobrinha como sendo a mais graciosa coisa do mundo, e aos teatros, e às cartas, e vagamente, aos beijos; mas tudo isso — e esta é a situação — tudo isso era como as frias crônicas, esqueleto da história, sem alma da história. Passava-se tudo na cabeça. D. Paula tentava emparelhar o coração com o cérebro, a ver se sentia alguma coisa além da pura repartição mental, mas, por mais que evocasse as comoções extintas, não lhe voltava nenhuma. Coisas truncadas!

Se ela conseguisse espiar para dentro do coração da sobrinha, pode ser que achasse ali a sua imagem, e então... Desde que esta idéia penetrou no espírito de D. Paula, complicou-lhe um pouco a obra de reparação e cura. Era sincera, tratava da alma da outra, queria vê-la restituída ao marido! Na constância do pecado é que se pode desejar que outros pequem também, para descer de companhia ao purgatório; mas aqui o pecado já não existia. D.

Paula mostrava à sobrinha a superioridade do marido, as suas virtudes, e assim também as paixões, que podiam dar um mau desfecho ao casamento, pior que trágico, o repúdio.

Conrado, na primeira visita que lhes fez, nove dias depois, confirmou a advertência da tia; entrou frio e salu frio. Venancia ficou aterrada. Esperava que os nove dias de separação tivessem abrandado o marido, e, em verdade, assim era; mas êle mascarou-se à entrada e conteve-se para não capitular. E isto foi mais salutar que tudo o mais. O terror de perder o marido foi o principal elemento da restauração. O próprio desterro não pôde tanto.

Vai senão quando, dois dias depois daquela visita, estando ambas ao portão da chácara, prestes a sair para o passeio do costume, viram vir um cavaleiro. Venancia fixou a vista, deu pequeno grito, e correu a esconder-se atrás do muro. D. Paula compreendeu e ficou. Quis ver o cavaleiro de mais perto; viu-o dali a dois ou três minutos, um galhardo rapaz, elegante, com as suas finas botas lustrosas muito bem pôsto no selim; tinha a mesma cara do outro Vasco, era o filho; o mesmo jeito da cabeça, um pouco à direita, os mesmos ombros, largos, os mesmos olhos redondos e profundos.

Nessa mesma noite, Venancia contou-lhe tudo, depois da primeira palavra que ela lhe arrancou. Tinham-se visto nas corridas, uma vez, logo que êle chegou da Europa. Quinze dias depois, foi-lhe apresentado em um baile, e pareceu-lhe tão bem com um ar tão parisiense que ela falou dêle, na manhã seguinte, ao marido. Conrado franziu o sobrolho, e foi este gesto que lhe deu uma idéia que até então não tinha. Começou a vê-lo com prazer; daí a pouco com certa ansiedade. Ele falava-lhe respeitosamente, dizia-lhe coisas amigas, que ela era a mais bonita moça do Rio, e a mais elegante, que já em Paris ouvira elogiar muito, por algumas senhoras da família Alvarenga. Tinha graça em criticar os outros e sabia dizer também umas palavras sentidas, como ninguém. Não falava de amor, mas perseguia-a com os olhos, e ela, por mais que afastasse os seus, não podia afastá-los de todo. Começou a pensar nele, amudamente, com interesse, e quando se encontravam, batia-lhe muito o coração; pode ser que êle lhe visse então, no rosto, a impressão que fazia.

D. Paula, inclinada para ela, ouvia essa narração, que aí fica apenas resumida e coordenada. Tinha toda a vida nos olhos; a

boca meia aberta, parecia beber as palavras da sobrinha, ansiosamente, como um cordial. E pedía-lhe mais, que lhe contasse tudo, tudo. Venancinha criou confiança. O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela ajeitou ali uma confidente e amiga, não obstante algumas frases severas que lhe ouviu, mescladas às outras, por um motivo de inconsciente hipocrisia. Não digo cálculo: D. Paula enganava-se a si mesma. Podemos compará-la a um general inválido, que forceja por achar um pouco do antigo ardor na audiência de outras campanhas.

— Já vês que teu marido tinha razão, dizia ela: foste imprudente, muito imprudente...

Venancinha achou que sim, mas jurou que estava tudo **acabado**.

— Receio que não. Chegaste a amá-lo deveras?

— Titia...

— Tu ainda gostas dele!

— Juro que não. Não gosto; mas confesso... sim... confesso que gostei... Perdoe-me tudo; não diga nada a Conrado; estou arrependida... Repito que a princípio um pouco fascinada... Mas que quer a senhora?

— Ele declarou-te alguma coisa?

— Declarou; foi no teatro, uma noite, no teatro lírico, à saída. Tinha costume de ir buscar-me ao camarote e conduzir-me até o carro; e foi à saída... duas palavras...

D. Paula não perguntou, por pudor, as próprias palavras do namorado, mas imaginou as circunstâncias, o corredor, os pares que saíam, as luzes, a multidão, o rumor das vozes e teve o poder de representar, com o quadro, um pouco das sensações dela; e pediu-lhas com interesse, astutamente.

— Não sei o que senti, acudiu a moça, cuja comoção crescente ia desatando a língua; não me lembro dos primeiros cinco minutos. Creio que fiquei seria; em todo o caso, não lhe disse nada. Pareceu-me que toda a gente olhava para nós, que teriam ouvido, e quando alguém me cumprimentava sorrindo, dava-me idéia de estar caçoando. Desci as escadas não sei como, entrei no carro sem saber o que fazia; ao apertar-lhe a mão afrouxei bem os dedos. Juro-lhe que não queria ter ouvido nada. Conrado disse-me que tinha sono, e encostou-se ao fundo do carro; foi melhor assim, porque eu não sei o que diria, se tivéssemos de ir conversando. Encostei-me também, mas por

(Conclui na pag 46)



DIFERENTE...

da fórmula ao vidro!

Agora, inúmeros aperfeiçoamentos fazem de CUTEX um esmalte inteiramente novo! Ideal para suas unhas porque assegura secagem rápida, melhor aderência e um brilho mais duradouro. Um pincel mais delicado e flexível — dócil ao manejo — permitirá esmalter suas unhas com uniformidade, firmeza e rapidez. Comece a usar, hoje mesmo, o novo esmalte CUTEX. Em seu moderníssimo frasco há, agora, 33% mais de esmalte, sem aumento de preço!



Côres arrojadadas e excitantes:

- AT EASE
- HONOR BRIGHT
- PROUD PINK

SEMPRE NA VANGUARDA EM NOVAS IDÉIAS

O COLAR DE BRILHANTES

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de Fábio

ERA uma dessas lindas e encantadoras moças, nascidas como que por ironia da sorte, numa família de funcionários.

Não tinha dote, não tinha esperança nem meio algum de tornar-se conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico ou distinto; e consentiu em casar com um amanuense do ministério da Instrução Pública.

Vivia com simplicidade, visto não poder viver luxuosamente; mas sentia-se infeliz, como uma deslocada; porque as mulheres não têm nem raça nem casta; sua beleza, sua graça e seu encanto servem-lhe de hierarquia e de família. A sua delicadeza inata, o seu instinto de elegância, a sua gentileza de espírito, são seus dons de aristocracia e tornam as filhas do povo iguais às grandes damas.

Sofria permanentemente, sentindo que nascera para todos os requintes e para todas as ostentações. Sofria com a pobreza do seu apartamento, com as paredes nuas, com a escassez do mobiliário, com a fealdade dos estofos. Todas essas coisas, cuja ausência qualquer outra mulher da sua condição nem mesmo teria notado, a torturavam e indignavam.

A visão da grosseira criada bruta que tratava do seu lar humilde despertava nela desolados amargores e desesperados devaneios. Sonhava com as antecâmaras silenciosas, forradas de "panneaux" orientais, alumiadas por altos tocheiros de bronze, e com dois altos criados de calção e sapatinhos leves, cochilando nas amplas poltronas, entorpecidos pelo calor da estufa.

Sonhava com vastos salões revestidos de seda antiga, de móveis finos suportando bibelôs inestimáveis, e com saletinhas perfumadas e garridas, feitas para a conversação das cinco horas com os amigos mais íntimos, homens ilustres e disputados, cujas atenções todas as mulheres invejavam e desejavam.

Quando se sentava para jantar, diante da mesa redonda, cuja toalha já fora usada três dias, em frente ao marido que destapava a terrina declarando com ar encantado: "Ah! que belo cozido! Não há nada melhor do que isto..." ela pensava nos jantares elegantes, nas baixelas de prata, reluzentes, nas tapeçarias

que povoavam as paredes de personagens antigas e de aves estranhas e raras, no meio de uma floresta mágica; sonhava com manjares raros, servidos em baixelas maravilhosas, com os galanteios cochichados e ouvidos com um sorriso de esfinge, enquanto se comia a carne rósea dum truta ou a asa de uma ave delicada. Não tinha nem toaletes nem jóias. E ela não amava senão essas coisas; sentia que nascera para elas. Tinha tanto desejo de agradar, de ser invejada, de ser cortejada!

Possuía uma amiga rica, antiga condiscípula de convento, que raramente visitava, pois sofria muito ao voltar para casa. E chorava durante dias inteiros, de mágoa, de desespero e de decepção.

*

Numa noite, seu marido entrou com ar triunfal, tendo na mão um enorme envelope.

— Toma, — disse-lhe — isto é para você!

Ela rasgou apressadamente o envelope e tirou de dentro um cartão no qual se liam estes dizeres:

"O ministro da Instrução Pública e a sra. Georges Ramponneau pedem ao Senhor e a Senhora Loisel a honra de virem passar a noite no palácio ministerial, na próxima segunda-feira, 18 de janeiro".

Em vez de ficar maravilhada, como ele esperava, ela tirou com despeito o convite para cima da mesa, murmurando:

— Para que eu quero isto?

— Mas, minha querida, eu pensei que você ficasse contente. Como você nunca sai de casa, era uma bela ocasião esta, realmente bela! Tive um trabalho para arranjar o convite. Todo mundo quer um; são muito procurados e não são muitos os dados aos fun-

cionários. Você terá ocasião de ver todo o mundo oficial.

Ela olhou-o irritada e declarou com impaciência:

— Mas que é que você quer que eu vista para ir?

Ele não tinha pensado nisso. Balbuciou:

— Mas, o vestido que você usa para ir ao teatro me parece muito bom, pelo menos para mim...

E calou-se estupefato, atônito ao ver que a esposa chorava. Duas grossas lágrimas desciam lentamente dos cantos dos olhos para os cantos da boca.

— Que é que você tem? Que é?

Mas num esforço violento, ela dominara o desgosto e respondeu em voz calma, enxugando as faces úmidas.

— Nada. Não tenho toalete e por isso não posso ir a esta festa. Dá o cartão a qualquer colega que tenha a mulher melhor trajada do que eu.

Ele ficou desolado.

— Vejamos, Matilde. Quanto é que poderá custar isso, uma toalete decente, que possa servir não só para esta, mas para outras ocasiões, qualquer coisa simples?

Ela refletiu alguns segundos, fazendo as contas e pensando ao mesmo tempo na soma que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação assustada do econômico amanuense.

Enfim, respondeu hesitante:

— Bem, bem não sei, mas acho que quatrocentos francos talvez chegassem...

Ele empalideceu um pouco, porque era justamente a soma reservada para comprar uma espingarda para tomar parte em algumas caçadas, no verão seguinte, nas planícies de Natterre, com alguns amigos que costumavam caçar cotovias, por aqueles sítios aos domingos.

No entanto, respondeu:

— Está bem. Vou te dar os quatrocentos francos. Mas vê se compras um bom vestido.

*

O dia da festa aproximou-se e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Todavia sua toalete estava pronta. Seu marido disse-lhe uma noite:

— Que é que você tem? Você tem andado muito esquisita de uns dias para cá.



Ela respondeu:

— Ando aborrecida por não ter uma jóia, nem sequer uma pedra com que possa me enfeitar. Terel, a-pesar-do vestido, um ar de miséria. Prefiro não ir a essa soirée.

— Você pode usar flores naturais. E' a moda da estação. Com dez francos pode ter duas ou três magnificas rosas.

Ela não se convenceu.

— Não... Não há nada mais humilhante do que ter ar de pobre entre outras mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Mas que falta de idéia! Por que você não vai à casa de sua amiga, a sra. Forestier, e não lhe pede emprestadas suas jóias? Acho que você tem com ela intimidade suficiente para fazer isso!

Ela soltou um grito de alegria!

— E' verdade! Nem na cabeça me passava essa idéia!

No dia seguinte, dirigiu-se à casa da amiga e confluíu-lhe sua mágua.

A senhora Forestier foi ao seu armário de espelhos, pegou um longo estôjo, trouxe-o, abriu-o e disse:

— Escolhe, minha querida.

Ela examinou em primeiro lugar os braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, em ouro e pedrarias, de cinzelado admirável. Experimentou os adornos diante do espelho, hesitante, sem poder decidir-se a escolher.

Por fim, perguntou:

— Você não tem outros?

— Tenho sim, pode escolher. Mas é que não sei o que pode te agradar.

De-repente ela descobriu, numa caixa de cetim preto, um soberbo colar de brilhantes; e o seu coração pôs-se a bater num desejo imoderado. Pô-lo em redor da garganta, sobre a gola e ficou em êxtase diante de si própria.

Depois perguntou, hesitante, e cheia de angústia:

— Você poderá me emprestar este, apenas este?

— Por que não?

Ela saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com transporte, e fugiu com seu tesouro.

✱

Chegou o dia da festa. A senhora Loisel foi um sucesso. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente, louca de alegria. Todos os homens a miravam, perguntavam seu nome, diligenciando ser-lhe apresentados. Todos os membros do governo queriam valsar com ela. O próprio ministro notou-a.

Ela dançava com entusiasmo, com arrebatamento, estonteada pelo prazer, não pensando em



GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



★
Pega-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS À



LUTZ FERRANDO

RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo

Do fígado deve fluir para os intes-
tinos, aproximadamente, um litro
de suco biliar por dia. Se este suco
não correr livremente, V. não pode
digerir bem os alimentos e estes
fermentam nos intestinos. Então so-
brevem a sensação de fatura, seguida
pela prisão de ventre. V. se sente de-
primido, desanimado e de mau humor.
V. precisa das Pímulas Carter para
o Fígado, para fazer com que esse
litro de suco biliar corra livremente
e V. se sinta realmente bem. Compre
um vidro hoje mesmo. Tome-as
conforme as instruções. São efica-
zes para fazer a bilis fluir livremente.
Peça Pímulas CARTER para o Fígado.
Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

DÓR de DENTE?

CERA
Dr. Lustosa
INOFENSIVO - INFALÍVEL!

mais nada a não ser no triunfo
de sua beleza, na glória do su-
cesso, numa espécie de nuvem de
felicidade feita de todas aquelas
homenagens, de todas aquelas
admirações, de todos aqueles de-
sejos despertados, daquela vi-
tória tão grata e tão completa,
para os corações das mulheres.

As quatro horas da manhã sai-
ram. O marido estivera dormin-
do, desde a meia-noite, numa sa-
leta deserta, com três outros ca-
valheiros cujas mulheres se di-
vertiam a valer.

Deitou sobre os ombros da espô-
sa a capa que tinha levado para
a saída, modesto traje da vida co-
tidiã, cuja pobreza contrastava
com a elegância da toalete de
baile. Ela o sentiu e quis fugir,
para não ser notada pelas outras
mulheres que se abrigavam com
ricas peles.

— Espera um pouco. Você vai
se constipar. Vou buscar um
carro.

Mas ela não o ouvia; descen-
do rapidamente a escada. Quan-
do chegaram à rua não acharam
carruagem e puseram-se a pro-
curá-la, gritando pelos cocheiros
que passavam ao longe.

Dirigiram-se para os lados do
Sená, desesperados, tremendo de
frio. Afinal, encontraram no cais
um desses velhos carros notâm-
bulos, que não são vistos em Pa-
ris senão quando desce a noite,
como se se envergonhassem da
própria miséria para aparecerem
durante o dia.

Conduziu-os até à porta, na rua
dos Mártires; e eles subiram tris-
temente para o apartamento.
Acabara-se tudo para ela. E ele
por sua parte, lembrava que ti-
nha que estar no ministério às
dez horas.

Ela tirou a capa diante do es-
pelho, a fim de se ver mais uma
vez em toda a sua glória. Mas
de repente soltou um grito. Não
tinha o colar no pescoço!

Seu marido, já meio despido,
perguntou:

— Que aconteceu?

Ela se voltou para ele, ner-
vosa:

— Tenho... tenho... está me
faltando o colar da senhora Fo-
restier.

Ele se levantou como louco:

— O quê?... Como? Isso não
é possível!

E puseram-se a procurar nas
pregas do vestido, nas rugas do
manto, nos bolsos, por toda par-
te. Não acharam nada.

Ele perguntou:

— Você tem certeza que ainda
o tinha quando saímos do baile?

— Sim, dei por ele ainda no
vestíbulo do ministério.

— Mas, se o tivesse perdido
na rua tê-lo-íamos ouvido cair.
Com certeza estará no fiacre.

— Sim. E' provável. Você
guardou o número?

— Não. E você não notou que
número era?

— Não.

Contemplaram-se aterrados.

Loisel vestiu-se.

— Vou — disse ele — voltar
pelo mesmo caminho que fiz-
mos. Pode ser que o encontre.

E saiu. Ela ficou de vestido de
baile, sem coragem para se del-
tar, abatida numa cadeira, sem
forças, sem pensamentos.

Às sete horas o marido voltou.
Não encontrara nada.

Dirigiu-se à polícia, aos jor-
nais, prometendo gratificações,
às companhias de carruagem, a
toda parte, enfim, onde um raio
de esperança o podia conduzir.

Ela esperou todo o dia, no mes-
mo estado de susto, em que a dei-
xara tão tremendo desastre.

Loisel voltou à noite, com o
rosto cavado, pálido; nada tinha
descoberto.

— E' preciso — disse — escre-
ver à sua amiga dizendo-lhe que
quebraste o fecho do colar e que
o mandaste consertar. Assim te-
remos tempo de continuar a pro-
curar.

Ela escreveu o que ele ditou.

✱

Ao fim de uma semana, ti-
nham perdido todas as esperan-
ças. E Loisel, que durante este
tempo envelhecera cinco anos,
declarou:

— E' preciso tratar de substi-
tuir a jóia.

No dia seguinte pegaram o es-
tojo do colar e dirigiram-se à ca-
sa do joalheiro cujo nome se
achava no interior da caixa. Ele
consultou os livros:

— Não fui eu, minha senhora,
que vendi esta jóia; devo ter
fornecido somente o esdrinjo.

Foram então, de joalheiro em
joalheiro, procurando um colar
igual, esforçando a memória, am-
bos doentes de angústia e des-
gosto.

Encontraram, numa loja do
Pala's Royal, um colar de bri-
lhantes que lhes pareceu comple-
tamente igual àquele que pro-
curavam. Custava quarenta mil
francos. Davam-lhe por cama-
radagem por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que não
o vendesse pelo prazo de três
dias, sob condição de que o iriam
entregar por trinta e quatro mil
francos, se o outro fôsse encon-
trado antes de fins de fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil fran-
cos que herdara de seu pai. Pe-

díria emprestado o resto. E, de fato, pediu. Mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luises aqui, três luises acolá. Assinou letras, assumiu responsabilidades ruinosas, entrou em contacto com agiotas, com todas as raças de mutuantes.

Comprometeu-se para o resto dos dias, arriscou assinaturas sem mesmo ver se tais compromissos poderiam ser saldados, e horrorizado com as perspectivas do futuro, com a negra miséria que ia desabar sobre si, com a visão de todas as privações materiais e de todas as torturas morais, foi buscar o novo colar, depondo sobre o balcão do joalheiro os trinta e seis mil francos.

Quando a sra. Loisel devolveu o colar à sra. Forestier, esta disse-lhe com ar de abesquinhado:

— Bem que você podia trazê-lo mais cedo; eu poderia precisar dele.

Ela não abriu o escrínio, como a sra. Loisel temia. Se desse pela substituição, o que pensaria? Que diria? Não a tomaria por uma ladra?

*

A sra. Loisel conheceu então a vida horrível das pessoas necessitadas. Resolveu, porém, encarar a vida de frente, heroicamente. Era preciso pagar aquela medonha dívida. Paga-la-lá. Despediu a criada; mudaram de casa e alugaram uns quartos numa mansarda.

Conheceu os pesados trabalhos caseiros, as odiosas tarefas da cozinha. Lavou a louça, gastando as unhas róseas nas tijelas engorduradas e no fundo das casarolas. Ensaboava a roupa que punha a enxugar numa corda; todas as manhãs ia pôr o barril de lixo à porta e descia a buscar a água, detendo-se em cada degrau a fim de respirar. E vestida como uma mulher do povo, lá à quitanda, à mercearia, ao açougue, de cesta no braço, regateando e sendo injuriada, defendendo tostão a tostão o seu miserável dinheiro.

Todos os meses era preciso pagar umas letras, prorrogar outras, obter reformas.

O marido trabalhava, agora, também à noite, fazendo a escrituração de um comerciante, e muitas vezes passava madrugadas tirando cópias por alguns tostões a página. E essa vida durou dez anos.

Ao fim de dez anos tinham pago tudo, com taxas de usura, com fabulosos juros acumulados.

A sra. Loisel parecia, agora, velha.

Suave Fragrância...

Maravilhoso
frescor

Talco Palmolive é boro-cetinado, um processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino! Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a cutis fica macia, aveludada e suavemente perfumada.



PROTEGE
A PELE DAS
CRIANÇAS...
E DE GENTE GRANDE
TAMBÉM!

Sempre jovem

ESTERISINA

- Antiséptico Feminino
- Forma de Supositório
- Prático e Inofensivo

BIOGYNAN

- Regulador Feminino
- Recomendado e usado a muitos anos.

2 PRODUTOS JAWAK

Distribuídos pela
DISTRIBUIDORA FARMACEUTICA DO BRASIL LTDA.
Caixa Postal, 1861 - São Paulo



Renúncia

Escuta, Heloisa, que sussurro brando
vai pelos coqueirais, pelo arvorêdo!
São as almas das coisas, doce enêdo
uma às outras, lépidas, contando.

Eu também quereria, hoje, em segredo,
dizer-te o que por ti sentindo eu ando.
Mas, ai destino ingrato, miserando,
por que, Heloisa, não me vieste cêdo?

Tarde chegaste, meu amor. Depois,
mesmo que me arrojasse em salto rude
e traspusesse o obstáculo entre os dois,

que não diria a gente que nos visse?!...
— Tu a caminho assim da juventude.
— Eu já marchando assim para a velhice.

Moura Rabelo

*

Tornara-se a mulher forte, dura e rude das famílias pobres.

Mal penteada, com as saias levantadas e as mãos avermelhadas, falava alto, e esfregava a vala do soalho.

Mas, por vêzes, quando o marido se encontrava na repartição, ela se sentava à janela e punha-se a pensar naquela soirée de outrora, naquele baile onde fôra tão festejada.

Que teria sido feito dela se não tivesse perdido o colar? Quem sabe? quem sabe? Como a vida é singular e mudável! Qualquer coisa sem importância basta para nos perder ou nos salvar!

*

Ora, num domingo, indo ela dar um passeio pelos Campos Elyseos para se distrair das preocupações da semana, viu de repente uma mulher que passeava com uma criança. Era a sra. Forestier, que parecia conservar toda a sua juventude, ostentando ainda a inalterável formosura cheia de sedução.

A sra. Loisel sentiu-se comovida. Devia falar-lhe? Sim, decerto. E agora que já tinham pago tudo, contar-lhe-lia o que acontecera. Por que não?

Aproximou-se.

— Bom dia, Joana.

A outra, não a reconhecendo, mostrou-se surpreendida de ser tratada tão familiarmente por aquela desconhecida. Balbuciou:

— Mas... minha senhora...

Não sei... Mas deve haver engano.

— Não: eu sou Matilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh!... minha pobre Matilde, como você mudou!...

— Sim, tenho passado dias amargos, desde que deixamos de nos ver; muita miséria... e tudo por sua causa...

— Por minha causa?! Como assim?

— Você se lembra do colar de brilhantes que me emprestou para ir à festa do ministério?

— Sim. E que tem isso?

— Eu o perdi...

— Como?! Mas se você mo devolveu!

— Devolvi outro igual. Eu e meu marido levamos dez anos para pagá-lo. Você compreende que o negócio foi para nós muito difícil, pois não tínhamos nada... Enfim, acabou-se, está tudo pago, e sinto-me contente.

A sra. Forestier ouvia-a com toda a atenção.

— Então vocês compraram um colar de brilhantes para pôr no lugar do meu?!

— Sim. E você nem percebeu nada, hein? Eu sabia que eram bem iguais!

— A sra. Loisel sorria com orgulhosa e ingênua alegria.

A sra. Forestier, muito comovida, tomou-lhe as duas mãos:

— Oh! Minha pobre Matilde! Meu colar era falso. Valia quando muito quinhentos francos!

ma do casal Kipling viera à tona durante o processo; por outro lado John não esboçara uma palavra de defesa em seu favor. Agarrado à circunstância de ter estado na Flórida por ocasião do crime, afastou todas as suspeitas; até mesmo as da esposa que bem conhecia seu ódio pelo menino.

Florence deixou-se levar como uma folha caída num temporal. Mostrara-se vaga em seus depoimentos; temia implicar John naquele escândalo.

*

Aquela surpreendente intromissão de Mr. John Elliot Kipling, logo após a condenação de Florence James à pena de trinta anos de prisão, revolucionou o tribunal. A confissão de culpa feita à última hora, de forma pública e convincente, atordoou quantos se achavam na sala do júri na tarde de onze de junho de 1945.

Houve uma verdadeira revolução no escândalo quase expirado. Embargada a sentença com o aparecimento de novas e importantes testemunhas, entrou-se numa fase retroativa do processo, tentando-se apurar a verdade em torno daquele caso estonteante.

Mr. John Elliot Kipling confessou seu crime com pormenores. Declarou seu ódio pelo menino, muito embora se obstinasse em esconder os motivos. Fôra para a Flórida com o fito de arranjar um "alibi". Viera de lá na tarde do dia dez de janeiro com a idéia fixa de perpetrar o crime. Chegara em casa às primeiras horas da noite; ninguém o vira. Achara vazio o palacete; apenas em baixo, no quarto de Florence, havia luz. Entrara pela porta dos fundos, subira ao segundo pavimento onde as crianças dormiam. Matara o menino sem provocar ruídos e voltara pelo mesmo caminho, sem ser visto. Tomara o trem da uma e vinte e amanhecera na Flórida.

A confissão de John estava a ponto de incenatar, definitivamente, a acusada. Mas a transformação dos fatos abateu ainda mais a pobre Florence. Sofria horrores com a idéia de ver John na cadeira elétrica. E num assomo de desespero tentou uma grande cartada: pela primeira vez desde o início do processo confessou a autoria do crime. Pautou sua confissão nos mais surpreendentes motivos! — disse que amava Mr. Kipling; disse tudo que conhecia acerca da vida do casal; falou sobre a infelicidade dos dois, sô-

bore a confissão do industrial em torno da suspeita de que o menino Thomas não era seu filho. E a própria Jessy, confirmando tudo aquilo, ajudou-a inconscientemente. Mais adiante Florence referiu-se ao ódio que devotava a Miss Jessy e ao menino, alegando que a infelicidade que afogava Mr. Kipling estava abalado terrivelmente sua saúde. Conseguiu o testemunho de três psiquiatras aos quais John consultara. Ajudando-a, ainda mais, os três médicos atestaram o precário estado de saúde em que se encontrava o suspeito. Concordearam que este se achava possuído de uma estranha mania de perseguição motivada por violenta excitação nervosa.

Tudo isto foi se acumulando a favor de John.

A pêsso de ouro Florence conseguiu a colaboração de Larry, o mordomo de confiança da casa dos Kipling. Quando John partira para a Flórida, Larry o acompanhara. Florence estava certa de que o mordomo conhecia o crime do patrão; idolatrava-o! E ajudara-o, por certo. Por meio deste novo instrumento, Florence conseguiu apurar que o trem de uma e vinte, a que John se referira em sua confissão saíra de Nova Iorque com um atraso de quatro horas, no dia do crime. Aproveitando-se deste erro de cálculo em que o industrial caíra, foi-lhe fácil convencer os jurados de que John não poderia estar na Flórida pela manhã, se deixara Nova Iorque pouco antes do amanhecer.

Simultaneamente, Larry afirmava que o patrão acordara por volta de oito horas, em sua casa na praia da Flórida, tomara café ainda na cama e navegara em seu "yacht" por todo resto do dia.

Tudo isto reunido estabeleceu tal confusão no cérebro de John que finalmente era-lhe impossível saber se matara realmente o menino ou se fora vítima de uma alucinação.

Ganhando, progressivamente, terreno, Florence conseguiu por intermédio de Larry a prova definitiva: a arma do crime. Era uma espátula de aço em forma de punhal com que John costumava abrir os livros que lia. Apresentou-a no tribunal após tê-la ido retirar, ainda manchada de sangue e ferrugem, do sótão da casa, onde Larry a escondera a seu mandado.

Positivou que arrumara malas com o fito de fugir para o México e exibiu a passagem como comprovante. Disse ainda que pretendia matar Jessy Kipling, no que fora impedida pela inesperada au-

(Conclui na pag. 50)

CORTINA DE VELUDO

Carlos Roberto

Venha, Venha o mais depressa possível. Estou só. Sotinha com o meu aborrecimento e com a minha tristeza. E eu sinto que não aguento mais ficar tão só, que não posso ficar tão triste por mais tempo.

Tão grande é a falta que você me faz, que eu chego a supor que não tolero mais a vida que perdi o meu sorriso tão fresco e a minha alegria tão boa, aquela desejo-intenso de me fazer coquette, aquela satisfação de me sentir bonita. Coquette como eu me fazia sempre e bonita como eu ficava todos os dias, quando você estava aqui, para que as outras sentissem inveja e Você ficasse contente e orgulhoso.

Vivo como o pássaro ferido pela vida, que se revolta, que deixa de repente de cantar e quer morrer, porque perdeu a companheira.

Só agora, meu amigo, depois que Você partiu, depois, portanto, que estamos separados, é que começo a compreender.

Como são horrivelmente longos e monótonos os dias, quando a gente está só, triste, inquieta, acabrunhada, quando a gente está distante e sente saudades de alguém!

Como os dias me parecem intermináveis, meu Deus!

Sozinha com a minha tristeza, eu me interrogo dia a dia, e me analiso, procuro ler e escutar dentro de mim mesma, espio inquieta o meu nervosismo, a minha ansiedade, e sinto, e concluo alarmada que estou realmente mudada.

Só agora, Carlos Roberto, depois que você partiu, depois que a distância nos separa, reconheço que me enganei, quando, naquele dia escaldante e claro, Você pediu que lhe falasse qualquer coisa sobre o meu estado de alma e eu lhe respondi: "Há muito que o meu coração dorme seu sono profundo e não creio que acorde tão cedo!"

Só agora reconheço que me enganei.

Os meus olhos, que você elogiava tanto, e que lhe causavam tantos ciúmes, estão hoje tristes, cansados, preguiçosos, porque estão longe de Você!

A minha boca, Carlos Roberto, a sua boca, a nossa boca, se Você a visse agora, ficaria com pena. Já não tem mais aquela frescura, aquela viço de fruta madura; está seca, descolorida, fria, esperando talvez que Você venha reanimá-la, que Você venha reaquecê-la com o sopro ardente dos seus beijos!

E as minhas mãos?! Pobres coitadas! Se Você sombresse!... Torcem e se retorcem perdidamente no espaço, e quanto mais se distendem, mais sentem distante a doce carícia de suas mãos.

O meu desejo, Carlos Roberto, era guardar como um tesouro, esconder-se de Você esse segredo, que a sua ausência me veio revelar. Mas a verdade, meu grande amigo, é como a luz que não se pode esconder.

Venha, pois. Mas venha depressa, o mais depressa possível. Estou louca para dizer a Você, de viva voz toda a alegria que tenho no coração, o imenso sobressalto, a inquietude, a exaltação em que vive a minha pobre alma.

Jacqueline



Completa liberdade para a mulher!

Meds um novo absorvente para os dias críticos, de aplicação interna.

A Senhora nunca poderá ter imaginado nada mais prático, mais higiênico, mais seguro, para os dias críticos. Este novo e sensacional absorvente — é MEDS. MEDS é um pequeno tubo de algodão comprimido, capaz de absorver 300 % do seu peso, para ser aplicado internamente. Por isto MEDS é completamente invisível... dispensa cinto e alfinetes... elimina qualquer possibilidade de odor... permite absoluta liberdade de movimentos, mesmo a natação! Ultra-portátil, uma caixa completa de MEDS cabe em uma bolsa pequena. Facilimo de ser colocado e removido, MEDS é entretanto absolutamente seguro, não havendo possibilidade de cair. Experimente MEDS a proteção ideal para os dias críticos.

Completamente invisível • Sem cinto • Sem alfinetes
Permite até nadar



MEDS é o único absorvente com o "Canal de Segurança" que permite absorção maior e mais rápida.



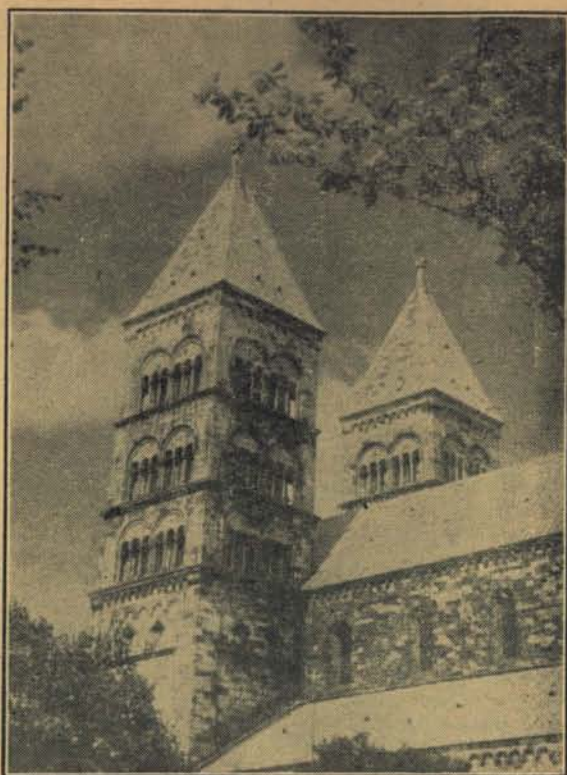
MEDS, uma vez aplicado, adapta-se confortavelmente, eliminando o perigo de cair.

Meds

Um produto garantido por
JOHNSON & JOHNSON
Fabricantes de Modess



Uma catedral de 800 anos com um relógio astronômico que funciona a 5 séculos



A secular catedral da cidade universitária sueca de Lund

RECENTEMENTE, foi celebrado com solenidade o 800.º aniversário da Catedral da cidade universitária sueca de Lund. Compareceram ao ato representantes eclesásticos de todos os países escandinavos, da Inglaterra e da Polônia e entre os hóspedes reais encontravam-se a Rainha da Dinamarca, o Príncipe Herdeiro da Suécia e a Princesa Margarita da Dinamarca.

Esta Catedral é o santuário metropolitano mais antigo da Escandinávia, e o seu edifício é ao mesmo tempo, uma obra arquitetônica sumamente notável. Além disso, contém muitos tesouros, dos quais o mais assinalado é o seu relógio astronômico de 500 anos. A esfera do mesmo é um globo terráqueo, visto em projeção estereográfica. O relógio marca o ano, o mês, a data, o dia da semana, os dias de festa fixos e móveis, etc., durante um período de 200 anos. Foi reajustado em 1923 e portanto funcionará até 2.123.

Este relógio também é notável por suas figuras decorativas. Assim, por exemplo, às doze, dois cavaleiros com suas armaduras cruzam doze golpes de sabre. Alguns segundos mais tarde, dois cornetiros colocados de cada lado da Virgem levantan suas trombetas e tocam uma velha melodia. Abre-se uma porta à esquerda da Virgem e aparece um anjo seguido dos três Reis Magos e seus servidores. Quando se encontram diante da Virgem, fazem uma reverente inclinação e, continuando sua procissão, saem pela porta direita.



Relicário de um
passado deslumbrante

COLONIA

TALCO

SABONETE



Record Propaganda

CHALMERS PERFUMES DO BRASIL S. A. — RUA TAVARES FERREIRA, 13 — RIO DE JANEIRO

A NOIVA de NINGUE'M

Conto de
Catarina Coyle

Ilustração de Fabio

FINALMENTE já se encontrava no trem. Regressava a Winwell, nas Montanhas Verdes, de volta à pequena granja que pertencera a seus pais. Agora era sua. Ele a queria, necessitava dela.

Era um dos afortunados... até o momento, pelo menos. Sobre seu peito brilhavam algumas medalhas; havia sido honrosamente retirado do serviço e aparentemente nada havia nele que indicasse rastros da guerra. E' claro que às vezes doía-lhe o ombro, e ele parecia sentir o mesmo desamparo que sentira quando nele penetrara o estilhaço de granada. Os médicos, porém, asseguraram-lhe que aquilo não era nada; com o tempo, a própria dor deixaria de molestá-lo.

Sentado junto à janela, seu perfil parecia diluir-se contra o cristal, mirando à distância o tumultuoso rio Hudson. Sentia a amplitude da América, essa vastidão que deve ser preenchida. Dominava-o uma sensação de energia, um desejo de cumprir a missão que lhe esperava na paz, assim como acabava de cumprir aquela que lhe coubera na guerra.

No fundo do seu espírito estava a dor do que havia visto... Que horror! Era isto que ele teria de olvidar. Devia enterrá-lo no mais escondido de sua alma, até que criasse raízes e crescesse mais tarde como uma planta na terra com folhas novas e com uma flor ou um fruto: algo formoso que anulasse a fealdade do que servira como semente.

Aqui estava, de regresso ao lar. A alegria que experimentava era tão intensa como uma paixão. Mas tinha também uma mágoa: sua memória de veterano. Aos vinte tres anos sentia-se tão velho como as montanhas. Havia aprendido, na terrível guerra, a odiar, a matar... Agora, de volta, necessitava do contrário. Necessitava de amor. Precisava de uma mulher a quem pudesse amar, uma mulher na qual pudesse apoiar-se quando se sentisse abatido por alguma tristeza; uma esposa verdadeira, que soubesse compreendê-lo.

O triste era que já se encontrava casado, e casado com uma mulher a quem não queria; a quem, estava seguro, jamais poderia amar. Ela não era seu tipo; não chegava sequer a assemelhar-se à moça que ele houvera escolhido em outras circunstâncias.

Era isto o que esperava, agora, ao chegar ao lar: o problema de uma esposa a quem não queria. Sentia esfacelada completamente a alegria da volta. E não obstante, o noivado não era culpa de ninguém mais do que de si mesmo; de sua impaciência. Seu casamento com ela não havia sido mais que um expediente. E agora devia pagar...

*

Casara-se com ela porque queria ir defender a

pátria. Da cerimônia havia corrido para a estação do trem que o conduziu ao porto, onde tomou um navio com rumo ao outro lado do mar.

Recordava cada detalhe como se houvesse sido gravado a fogo em sua mente. Primeiro seu pai, um veterano da passada contenda bélica, havia partido; ia, segundo disse, cumprir com o seu dever. Fora, deixando que Hart e sua mãe administrassem a granja durante a sua ausência.

Então, Hart tinha dezessete anos e meio, e era um rapaz demasiado alto e robusto para a sua idade. Sua mãe era inválida, e por ela Robert Fenfield havia comprado a granja, abandonando a sua profissão de professor secundário, para ir viver na solidão das Montanhas Verdes; porque amava muito a sua esposa, e estava certo de que, em meio à beleza dessa paisagem ela se resignaria melhor da sua sorte de parálitica. Ademais, a enferma necessitava de muita tranquilidade.

Hart amava muito a seu pai e também a sua mãe. Para ele, eram as melhores pessoas do mundo. Dêles havia aprendido as melhores coisas da vida; êles haviam-lhe ensinado a ler, compreender a poesia, a arte, a história e as ciências. Havia também aprendido, de seu pai, a cultivar a terra, e era capaz de servir-se de suas mãos.

Embora inválida, a mãe havia sido o grande apoio do lar; ela, com seu maravilhoso otimismo, podia resolver todos os problemas. A primeira a aceitar a decisão de Robert Fenfield, quando decidiu ir para a frente de batalha, foi ela. Cheia de determinação disse que Hart e o casal que ajudava nos trabalhos campestres, poderiam perfeitamente tomar conta da granja; por sua parte, tomaria a cargo a administração...

Robert, porém, não voltaria jamais. Foi uma das primeiras baixas. Ao saber de sua morte, Hart sentiu um indomável desejo: o de, por sua vez, partir. Por muito tempo manteve o desejo do maior segredo. Depois, no entanto, já não pôde continuar assim; e quando sua decisão estava quase tomada, o casal que lhes ajudava na granja deixou o trabalho. Ele havia sido chamado às fileiras, e ela iria trabalhar em uma fábrica. Hart quedou-se, sozinho, e já não pôde pensar em partir.

Em Winwell havia outras três granjas, pertencentes todas aos Brocklin; Ridge Brocklin, e os dois filhos varões que haviam nascido do seu primeiro matrimônio. Os Brocklin jamais haviam aceitado a Robert Fenfield; não eram pessoas amáveis. Era como se sentissem donos do lugar e desejassem expulsar dêles todos os intrusos. Felizmente, Robert havia sido um homem inteligente; estava ali por uma causa, e de sua mulher enferma, por isso jamais deu oportunidade da menor discussão a seus vizinhos. Ainda que não tivesse havido jamais amizade, os Brocklin eram gente muito dada a pedir coisas emprestadas, e Robert lhes concedia tudo quanto lhe pediam. Assim mantinha as feras em calma...

Depois da morte de seu pai, Hart recordava que os Brocklin começaram a mostrar-se mais humanos, mais amigos. A senhora Brocklin foi uma ou duas vezes visitar sua mãe. Era uma mulher alta, delgada, com um rosto de linhas enérgicas. Era a segunda esposa de Ridge Brocklin. Segundo se dizia, êste jamais lhe havia perdoado o fato dela não lhe haver dado filhos homens. Uma granja necessita de homens. Ela deu-lhe apenas duas filhas: Ellen e Effie.

Hart recordava os tempos da infância, quando ia à escola com as garotas de Brocklin. Depois, quando terminaram os anos escolares, êle as havia visto ocasionalmente. Ocasionalmente, também, se detinha no caminho com o caminhonete de seu

pai, para convidá-las a subir, e levava-as onde queria. Effie era alegre, tagarela. Ellen, ao contrário, parecia-se com sua mãe. Era delgada, esbelta, e muito calada. Era difícil arrancar-lhe uma palavra ou provocar seu sorriso. Hart recordava-se de como costumava amolar-se ante o mau costume da moça de não responder quando lhe faziam uma pergunta. Era impossível fazer amizade com ela, pensava, e uma pessoa assim não podia ser boa.

✱

À medida que o mundo se ia fundindo cada vez mais na tragédia da guerra, a mãe de Hart foi tomando conhecimento do drama de seu filho. E um dia, decidiu falar-lhe. Hart recordava-se bem: havia sido um dia frio de fevereiro. Havia nevado. Aquecia o quarto da inválida, um bom fogo. Hart estava ali, silencioso, pensativo.

— Hart — falou subitamente a mãe. — Eu sei o que te atormenta. Queres ir... o mesmo que teu pai...

Ele não pôde sequer responder; não disse que sim nem que não. Encaminhou-se até a porta para sair do quarto de sua mãe, a quem não queria penhorar de maneira alguma. A voz dela, entretanto, deteve-o no umbral da porta, continuando:

— Tenho pensado na maneira em que possas ir, filho.

— Não há nenhuma maneira... — começou ele a dizer.

Ela, porém, interrompeu-o, para dizer numa entonação cheia de segurança:

— Há!...

Com efeito, havia uma solução. E essa solução era Ellen Brocklin. A idéia de sua mãe devolveu a paz ao espírito atormentado de Hart. Tratava-se de um expediente muito simples. Tratava-se de ceder a exploração e o produto da granja aos



Brocklin enquanto durasse a guerra. Por outro lado. Ellen viria morar ali para cuidar de sua mãe. Os Brocklins haviam desejado sempre a granja dos Fenfield. Assim, ao inteirar-se da proposta, a senhora Brocklin fez uma visita à inválida; encerradas as duas, estiveram longo tempo discutindo o assunto a sós. A visitante não quis dar uma resposta definitiva, sem consultar previamente o seu marido.

Passaram-se, porém, os dias, sem que chegasse a resposta e as esperanças de Hart começaram a cair vertiginosamente. Por outro lado, tinha remorsos. Não podia, ainda quando se juntassem as coisas, abandonar a sua mãe.

Ela devia sem dúvida ler seus pensamentos, porque um dia chamou-o e disse:

— Hart, meu filho: quero que saibas que, quando tornei-me paraplégica, tive o terrível pensamento de eliminar-me. Depois, pensei em teu pai, e em ti; e não pude fazê-lo. Decidi, por isso, viver para ambos. As suas vidas se tornaram minha vida. Com isto quero dizer-te que não deves penalizar-te: porque se teu desejo é partir, esse é também o meu desejo. Se te vejo triste, me entristeço; preciso ver-te feliz, meu filho, os poucos dias que me restam. Tens razão em partir; deves ir. Não te atormentes com escrúpulos desnecessários. Já encontraremos um meio de solucionar o problema...

Hart saiu da habitação cheio de uma louca alegria. No dia seguinte, armou-se de coragem e visitou os Brocklin.

*

Recebeu-o a senhora. Estava ocupada em suas tarefas e não lhe atendeu antes de terminá-las. Por fim, quando esteve disposta a escutá-lo, Hart disse-lhe que desejava conhecer a resposta à proposta que lhe fizera sua mãe. A senhora Brocklin respondeu-lhe:

— Hart, desde que estás decidido a partir, creio que o melhor é que te cases com Ellen. É a única solução, e não aceitamos sinão essa. Assim decidimos Ridge e eu.

Ao escutá-la, Hart, teve que fazer um grande esforço para não deixar escapar um "Mas, meu Deus!" Depois de tudo, dos Brocklin não se podia esperar outra coisa: sempre procuravam tirar vantagens grandes de uma transação.

Por isso, quando a mulher perguntou-lhe o que decidia, ele, perguntou por sua vez:

— E o que pensa Ellen dessa idéia?

— Ellen fará o que nós dissermos! — foi a resposta.

Acometido de uma extraordinária força de vontade, o rapaz não vacilou mais. Aceitou a proposta, porém com a condição de que não se dissesse nada a sua mãe até depois do casamento. Quanto à cerimônia, devia realizar-se o mais breve possível.

Na manhã do casamento, Hart encaminhou-se cedo para a granja dos Brocklin. Ellen recebeu-o na cozinha; estava vestida como todos os dias, e acabava de coíher algumas maçãs, com as quais enchera o avental. O rapaz aproximou-se e tomou-lhe um braço...

— Diga-me, Ellen — falou-lhe; — sabe o que vai fazer?

Ela libertou-se de sua mão; e sem olhá-lo mirando a paisagem que se distingua pela janela aberta, respondeu:

— Desde o início que eu o sei...

Sua voz soava grossa, pesada.

— Bem, isso é o importante. Que o saibas.

Ela voltou-se então e, mirando-o com os seus grandes olhos iluminados por estranho fulgor, falou:

— Eu não sou a tola que você parece crêr!

— Jamais pensei que você fosse tola, — respondeu Hart com gravidade. E depois de uma pausa acrescentou: — Diga-me, por favor, cuidarás de minha mãe?

— Cumprirei a minha parte do acôrdo! — disse ella.

— E se eu não regressasse da guerra...

— Cuidarei de tua mãe, não te preocupes!

Ellen disse aquilo com dureza, sem o menor calor. Não obstante suas palavras tinham uma entonação tranquilizadora.

Porém Hart não pôde senão quedar-se, intrigado, pensativo. Ellen se casava com ele obedecendo a seus pais; nada mais. Fazia-o porque eles queriam a granja que, morrendo Hart na guerra, e sua mãe, como lógica culminação da enfermidade, seria de sua filha, quer dizer, dos Brocklin...

*

Depois da breve cerimônia nupcial realizada na rustica sala dos Brocklin, Hart encaminhou-se discretamente para dar a notícia a sua mãe. Sorrindo, disse-lhe:

— Acabo de casar-me com Ellen Brocklin...

A mãe mirou-o nos olhos, prescrutando-o. Sentindo-se incomodado, Hart acrescentou:

— Devêras, mamãe; Ellen é uma boa garota.

Já verás. Ademais... Já está feito — juntou com um sorriso. — Já não tens nada que objeter.

— Onde está ela? — perguntou a mãe.

— Não tardará a vir, mãe. Eu quis despedir-me de ti, sózinho. Já verás como tudo dará bom

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

resultado. E quando eu vier em uso de licença, passaremos uns dias esplêndidos juntos.

Seis meses depois, e uma semana antes de sua licença, sua mãe morreu repentinamente. Hart já não viu razões para voltar para sua casa; não quis a licença, e pediu, pelo contrário, que o levassem o quanto antes para o ultramar.

✱

Agora, no trem, de regresso ao lar de forma definitiva, pensava em Ellen e não podia deixar de reconhecer que se havia portado muito bem, em tudo. Enquanto ele estava no serviço, escreveu-lhe breves notas dando informações de tudo o que era de interesse. No mundo terrível da guerra, essas notícias sobre a marcha da granja eram como refrescantes gotas d'água para a ardorosa fronte do soldado. Jamais escreveu para outra coisa, somente notícias, nunca pôs uma palavra de carinho, nem mencionou o matrimônio que a unia a ele. E quando Hart foi ferido, recebeu uma carta na qual a sua esposa lhe perguntava se desejava algo especial. Ele não pediu nada.

Agora, ela sabia de sua volta, pois Hart tomou o cuidado de escrever-lhe avisando. Não obstante, não deu a data exata da volta; não desejava que ninguém fosse esperá-lo na estação.

Caminhando pela empinada encosta, já na direção da granja, Hart enfrentou-se de cara com sua situação; meditou que, embora não a amasse, aquela moça era sua esposa e, portanto, tinha certos direitos sobre ela. Apesar de não querê-la, podia viver com ela em paz, fundar uma família.

Isto, porém, não bastava. De qualquer modo, não bastando, não podia resolvê-lo de outro modo. Quando chegou, viu a casa cheia de luz. Chegou, bateu fortemente com os pés para que o ouvissem, abriu a porta, e quem primeiro saiu ao seu encontro foi o seu fiel cachorrinho, Crackle. No fundo da habitação, onde se encontrava a cozinha, achava-se Ellen, de pé, imóvel, séria.

— Obrigado, — retrucou Hart, mirando-a. Porém: não deu um só passo nem fez um só gesto.

— Obrigado, — retrucou Hart, mirando-a. Encontrava-a sempre igual: delgada, esbelta. Porém experimentou a sensação de que seria sempre para ele uma estranha.

— Suponho que quererás comer algo — acrescentou ela, depois de uma pausa.

— Oh, mais ou menos — disse ele, vagamente. Agora estava emocionado. Encontrando-se de novo em seu lar, não podia deixar de recordar os dias felizes ali transcorridos. Custou-lhe um esforço não ir lá em cima para chamar aos gritos a sua mãe; ela, porém, já não estava... Por ela havia-se caído com Ellen; para que tivesse quem dela cuidasse. Mas, para quê? Sua mãe havia morrido Hart sentia-se como se Deus o houvesse querido castigar.

Silenciosos, nenhum dos dois parecia ter coragem suficiente para falar. Finalmente, ela se decidiu, e disse:

— Tenho pavão em conserva, pickles, pastel de maçãs, e, se quiseres, panquecas...

— Puxa! Todo um banquete! — exclamou Hart, sentido um desejo cruel de ferir-a.

— Não, disse Ellen, com dignidade e calma. Não é mais do que o que prometi a tua mãe: dar-te de comer quando regressasses. Tens apetite. Queres comer já?

— Bem... — disse ele sem entusiasmo. Porém, comeu com muito gosto. A comida estava realmente boa. Ellen era uma ótima cozinheira. Tão



Para
UMA CUTIS AVELUDADA
UM PO' DE ARROZ
DE QUALIDADE
FLORAMYÉ
L.T. PIVER
Paris-Rio



JV

No próximo número

Alterosa

aparecerá em luxuosa edição especial de Natal

Comemorando a grandiosa data cristã, "Alterosa" apresentará, entre outras matérias selecionadas, os seguintes trabalhos ilustrados pelos nossos melhores desenhistas:

O MENINO PRODIGIO DOS NOSSOS DIAS * AGÊNCIAS DE CASAMENTO EM BERLIM * O NATAL NAS ALDEIAS * O REI ESCRAVO * MORTO PELAS GRANADAS E RESSUSCITADO PELA CIÊNCIA * OS AMORES DE TIRADENTES *

SETE CONTOS MARAVILHOSOS ILUSTRADOS A CÔRES * TRÊS REPORTAGENS DE CINEMA * REPORTAGENS RADIOFÔNICAS * BELÍSSIMAS PÁGINAS DE MODAS * ARTIGOS DE BELEZA * REPORTAGENS INTERNACIONAIS * E MUITAS OUTRAS ATRAÇÕES *

OS PEDIDOS DE AUMENTO DE NOSSOS AGENTES DEVEM SER FEITOS COM ANTECEDÊNCIA

boa como o fôra sua mãe, quando estava ainda sã e longe de supor que quedaria prostrada por uma paralisia.

Depois, Ellen acrescentou:

— Tudo está arranjado para acender o fogo no quarto de sua mãe. A única coisa que falta é encostar o fósforo na lenha; suponho que queiras subir até lá; encontrarás tudo tal qual ela o tinha.

— Obrigado, Ellen. — respondeu Hart. Agora estava verdadeiramente agradecido, porém, sentia a necessidade de separar-se um pouco da moça. Queria estar só e pensar.

*

Na porta do quarto de sua mãe não pôde impedir que se sentisse dominado por uma intensa amargura. Meditou que, se tivesse permanecido ali, teria podido desfrutar durante mais seis meses a companhia de sua mãe; ela teria morrido em seus braços. E, além de tudo, ele seria agora um homem livre.

Entrou, acendeu o fogo e sentou-se. Parecia sentir a presença de sua mãe.

— Que farei? — disse em voz baixa, como se falasse com ela. — Eu não quero fazer mal a Ellen; tampouco quero sofrer. Que devo fazer?

Depois, pouco a pouco foi se tornando sereno. Seu espírito gozou imensamente o contemplar aquele quarto; pela primeira vez experimentou a felicidade completa de encontrar-se de volta a seu lar. E tomou a determinação de que, de uma ou de outra maneira, acontecesse o que acontecesse, esta era a sua casa, ali se sentia feliz, e portanto, ali devia viver o resto dos seus dias.

Perdido, assim, em meio a esse estado de melancólica felicidade, não tomou consciência do tempo que esteve no quarto. E de súbito viu que a porta se abria... Pareceu-lhe que havia adormecido, e que sonhava, porque diante dos seus olhos apareceu uma espécie de espírito, uma verdadeira aparição angélica, uma forma coberta de branco...

— Sou eu — disse a voz de Ellen. — Eu, que coloquei o meu vestido de noiva... Avançou. Hart mirou-a, estupefato. Antes que tivesse tempo de dizer alguma coisa, ela explicou:

— Tua mãe e eu te esperávamos em sua licença. Desgraçadamente ela morreu, e não vieste. Antes de morrer, porém, ela me fez prometer que, quando chegasse eu te daria a boa-vinda com esse traje de noiva. Eu prometi, e agora... estou cumprindo...

Hart estava deslumbrado. Pela primeira vez via a Ellen em toda a sua beleza.

— Quer fazer o favor de acender todos os círculos? — falou Ellen, menos pedindo que ordenando.

E ele obedeceu-a em seguida, acendendo os da borda da lareira, o da mesa de cabeceira, o da mesa redonda colocada no centro do quarto. Assim, em meio à luz, Ellen parecia menos uma visão e mais uma mulher. E sua beleza nada perdia com isso; antes, ganhava.

— Olha-me. — ordenou novamente a moça. E acrescentou, quando viu que ele a olhava.

— Faço isto porque...

— Porque prometeu à minha mãe, — disse ele por ela.

— Sim — assentiu a moça. — Mas, também, porque eu a queria muito...

Hart ficou mais assombrado que nunca. Jamais se lhe havia ocorrido que Ellen pudesse chegar a querer sua mãe. No entanto, suas surpresas dessa noite não terminariam ali, porque prosseguiu dizendo:

— Ademais, Hart... tua mãe e eu... te queríamos muito... — E, como animando-se levantou a cabeça para completar: De que outra maneira conceber que eu consentisse em casar contigo? Creio que tenho te amado sempre; desde que éramos crianças e me embromavas tanto me fazias chorar. Digo, porque é importante que tu saibas que não me moveu nenhuma razão para que eu o aceitasse, mais que o amor. Quando quise ir para a guerra, recorreste a mim como a única maneira de satisfazer teu desejo. E eu não te falei. Não obstante, pensei fazê-lo quando partiste sem se despedir sequer. Ao vê-te partir senti ódio. Mas depois, quando vim e falei com tua mãe, compreendi que o ódio e o amor são a mesma coisa. Eu te odiava porque te queria; e odiava-te porque via que eu não representava nada...

— Mas... quis dizer Hart; mas ela não lhe permitiu. Estendeu a mão como para impedir que as palavras brotassem de seus lábios, e acrescentou:

— Deixa-me que eu te diga tudo. Tua mãe compreendeu a verdade, compreendeu que eu te queria, antes que houvesse transcorrido uma hora da tua partida. Tua mãe era uma santa, Hart; e foi muito boa comigo. Ela contava com a sua licença para que então tudo se arranjasse. Mas agora... já nada tem conserto. Compreendo que não sintas o menor afeto por mim. Não quero ser obstáculo em seu caminho, já cumprí com a minha palavra. Agora te deixarei...

— Sinto... — disse tristemente o rapaz, inclinando a cabeça.

— Não tens por que senti-lo. Depois de tudo, eu nada significo para tua vida.

Então, reagindo, como se despertasse de repente, ele tomou-a fortemente por um braço, e disse apaixonadamente:

— Oh, não! Não me deixarás até que eu te haja dito o que por minha parte tenho que dizer! Escuta-me, Ellen: fui um tólo. Mas nesse tempo transcorrido tive bastante experiência para aprender minha lição. Não se trata de ti, Ellen, mas de mim; eu buscava o irreal; buscava o que não conhecia. Mas agora, agora sei o que quero!

— E o que desejas? — perguntou ela.

— Quero alguém ao meu lado, para que me acompanhe; alguém que cuide de mim e a quem cuidar ao mesmo tempo. Alguém que me compreenda em todas as circunstâncias. Desejo viver aqui pelo resto da vida, cultivar a terra, criar uma família: fazer o trabalho que deve fazer todo homem no mundo. E também — acrescentou com entonação sombria, — quero esquecer os horrores que eu vivi. Quero voltar a ser o que era.

Apaixonado, não se dava conta de que apertava cada vez com mais força o braço de Ellen. Esta, já não podendo resistir à dor, disse:

— Está me machucando...

Hart sentiu-se invadido por uma intensa onda de ternura. E rodeou-a com seus braços, como se o lizesse com uma criança. Cheio de uma emoção desconhecida, doce e cruel ao mesmo tempo, suplicou:

— Não te vás. Não me deixes. Procura compreender-me.

Hart não estava preparado, e recebeu com surpresa o abraço dela.

Rodeando-lhe o corpo, Ellen apoiou a cabeça sobre o seu ombro e soluçou, docemente, em silêncio. E junto à emoção que experimentara um instante antes, ele sentia agora outra nova, igualmente dominadora: o desejo, a necessidade de proteger esta terna criatura que procurava esconder-se em seu peito e apoiava a cabeça em seu ombro para chorar.

Ademais, sentiu-se como que iluminado por uma revelação. Compreendia agora porque Ellen jamais havia sabido sorrir. Nela havia uma alma dada ao riso, à alegria; algo que, Hart estava seguro, sua mãe soubera descobrir. Vivendo sempre em meio aos Brocklin, gente dada ao constante mau humor, a pobrezinha nunca havia podido dar expansão à sua natureza.

Hart compreendeu, finalmente, que se Ellen havia sido o bastante boa para que a sua mãe chegasse a ter-lhe carinho, não poderia deixar de ser suficiente carinhosa para ele.

Estiver cego, porém, agora via, graças a Deus.

— Não chores, — disse-lhe com ternura. — E ao mesmo tempo levantou-lhe docemente o rosto, para mirá-la nos olhos. — Não chores — repetiu. — Uma noiva não deve chorar.

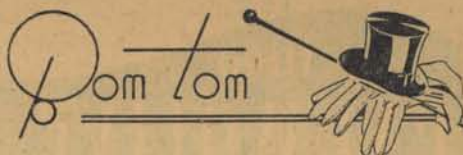
Os olhos postos nos dele, ela procurou sorrir, porém o seu foi um sorriso triste. E disse:

— Eu sou... a noiva de ninguém...

Como em toda resposta, ele a estreitou com mais força e replicou firmemente:

— Você é minha noiva... minha esposa... minha doce adorada...

Depois, obedecendo a um impulso que se tornava incontrolável, beijou-a. E então, como um milagre, como uma flor que se abre na primavera, os lábios de Ellen se abriram no mais doce, mais encantador e feliz dos sorrisos.



Na cerimônia nupcial, a noiva deve ficar à esquerda do noivo. Ao entrar no templo, vai à direita, e ao sair, à esquerda.

*

A pessoa que ao entrar numa casa o faz como que envergonhada, que revela timidez ao cumprimentar ou o faz com grande afecção ou cerimônias, invariavelmente causará uma impressão oposta à desejada, ou seja: não dará a sensação de seu desembaraço e traquejo social. Isto torna-se de grande importância quando se trata de ceias, coquetéis, reuniões, bailes, etc., pois nessas ocasiões são numerosas as testemunhas dessa falta de desembaraço.

*

A festa de celebração de um contrato de casamento pode ser resumida e íntima ou, tomando-a como pretexto para convidar grande número de amigos, numa festa de vastas proporções.

*

Os sapatos de salto baixo não são indicados para acompanhar trajes de festa. Mesmo as mulheres muito altas não os devem usar nessas ocasiões, devendo preferir saltos medianos.

*

A uma senhora ou senhorita, sempre é de bom tom os cavalheiros oferecerem, como presente, em datas natalícias, flores ou bombons.

*

Evite "aparecer" no escritório durante as horas de trabalho, para visitar sua amiga. Esta não dará prova de impolidez, se lhe disser: "Lamento, mas estou muito ocupada. Não disponho agora de tempo para uma conversa demorada".

*

Não insista em visitar uma amiga, afim de obter detalhes do caso, ao saber que ela rompeu o noivado, tem em suma qualquer desgosto. Semelhante visita, determinada por mera curiosidade, é condenável.

*

As participações, os convites, os cartões de boas-festas, fazem parte da correspondência social. Assim, quando dirigidos a um casal, devem levar o endereço "Sr. e Sra..." ainda mesmo que se conheça apenas um dos cônjuges.

*

Habitualmente é o cavalheiro quem inicia a troca de presentes. Contudo, se sai frequentemente com uma dama e faz despesas com ela, se estiver em vésperas de fazer alguma viagem, não é descabido que receba dela um presente de despedida.

Óleo PALMOLIVE

apresenta
o penteado do mês



Creação do famoso
cabeleireiro

Accossato



Accossato creou este elegante penteado para Palmolive. Muitos cabeleireiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a permanente. O fino Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à permanente, é também maravilhoso para conservar a ondulação natural mais perfeita e atraente. Óleo Palmolive garante estes resultados porque é feito de óleos minerais super-refinados, importados dos Estados Unidos. Comece, hoje, a usar o Óleo Palmolive!

Óleo
PALMOLIVE
AMACIA E PERFUMA OS CABELOS



CASAMENTO ORIGINAL

HA' tempos, um navio que aportava na Ilha da Trindade, ali deixava um de seus passageiros, José Jufe, da România. Que motivo o teria levado aquela ilha? Apenas um curioso romance de amor.

Certa vez, em sua casa, do outro lado do Atlântico, José Jufe folheou uma revista britânica. Numa das páginas viu o retrato de uma mulher lindíssima. Não sentiu apenas o entusiasmo que todas as caras bonitas de mulher despertam nos homens. Aquela criatura fascinou-o, atraíu-o irresistivelmente. E Jufe não sabia como nem por que estava atraído por ela. Uma espécie de fatalidade o chamava! Durante algum tempo não pensou noutra coisa. Era uma idéia obsecionante: possuí-la. Ela vivia longe, separada dele pelo oceano. Nem de leve imaginara que uma paixão tão violenta e profunda pudesse nascer de um simples clichê de revista!

José Jufe, na sua alucinação de homem apaixonado, começou a pensar que ela o esperava. Tomou o vapor e seguiu para Trindade. Desembarcou, hospedou-se no melhor hotel e, nesse mesmo dia, viu, em carne e osso, a dona do retrato! O apaixonado notou, então, que ela era muito mais bela e atraente em pessoa. O resto é fácil imaginar...

Pouco tempo depois casaram-se os dois jovens, sem pompa nem publicidade. Após a cerimônia, dirigiram-se a Paris, onde gozaram a lua de mel. Passaram-se já dez anos e são felicíssimos. Vários filhos consolidaram aquele amor original.

Foi assim que se casou "Miss Trindade 1933".

*

CHAPÉUS DE PALHA

OS chapéus de palha são de origem chinesa; em épocas remotas os filhos do Império Celeste confeccionaram os primeiros chapéus, com grande pericia. Na Europa, foram introduzidos primeiramente em Paris, em 1404, por um chapéleiro suíço. Eram objetos de luxo. No inventário de sir John Pastofle (1459), mencionam-se quatro chapéus de palha, como raridade. A partir de meados do século XV, a indústria dos chapéus de palha passou a Toscana, que ainda hoje conserva a primazia na sua confecção.

*

CRISE DE PAPEL

DURANTE a guerra, quase todos os países lutaram com a crise de papel. A Suécia, porém, não tinha essa preocupação. Enquanto lhe foi possível, importou grande número de livros ingleses e americanos. A partir de 1940, passou a imprimir originais ingleses. Obras de Shakespeare, Austen, Huxley, Maugham, Steinbeck, além de livros policiais e de aventuras, foram impressos, na própria Suécia, sendo lançados em duas edições: "Clipper" e "Zephyr", esta popular e acessível e que circulou em toda Europa. As tiragens atingiram, em média dez mil exemplares. "The moon is down", de Steinbeck, uma novela sobre a resistência norueguesa, alcançou trinta mil exemplares. Outras coleções foram organizadas, inclusive os "Livros Guld", com uma edição média de vinte e cinco mil exemplares e impressos sob o patrocínio de uma associação britânica. Ainda agora, a Suécia é o centro fornecedor de livros para todos os países da Europa, e assim continuará a ser, enquanto as obras inglesas e americanas se mantiverem escassas e de preços inacessíveis.



Alterosa

Para a família do Brasil

ESTE dia de calor, fecho os olhos para ver melhor a influência termométrica tanto sobre a natureza quanto sobre os animais. E' uma mudança grande. E até nas idéias, que começam a ficar emperradas, ela se faz notar. Homens inteligentes, loquazes pelo seu natural, assim que pegam a suar em bicas, já não pensam mais, já não discursam mais. Encontram um amigo e, antes do bom-dia, logo exclamam, bufando: Que calor! E o outro responde, aprovando:— E' mesmo! Que calor... No entanto, podemos estabelecer a teoria do calor como sendo a da pacificação, como sendo mesmo a da solidariedade humana. Nos dias quentes, os homens não brigam, as mulheres não saem de casa, os pássaros se metem nas moitas, as árvores ficam quietas, há uma espécie de cansaço em tudo. Os que se entregam ao trabalho braçal se poupam de instante a instante, pitando seu cigarrinho preguiçoso. Nos arrabaldes, as ruas permanecem desertas o dia todo, como se a cidade fôsse o cemitério dos vivos. Quando muito, se ouve o *tem-tem* do funileiro, a carregar as suas caçarolas que verberam na luz. O asfalto, aquecido pelo sol, solta fumaça como se fôsse uma fogueira, que na verdade éle é. E se um mendigo bate à porta de uma casa, isto leva um tempo imenso para alguém lá de dentro vir acudir... Primeiro éle bate com a mangoara, bate e espera. Não vem ninguém. Então, éle grita: "Ô de casa!..." E' aí que aparece uma negra ou um cachorrinho felpudo, uma e outro danados da vida por causa daquele incômodo. E tanto uma como outro latem um desgano qualquer, que significa não haver trocado em casa. E o mendigo, paciente por influência do calor, vai seguindo seu caminho, a suar vagarosamente.

Se formos ao centro das cidades, aí vemos caixeiros ao fundo das lojas, encostados às prateleiras, pensando na miséria da vida. Nem um freguês aparece! E' o calor, que prende toda gente em casa. Mas, em compensação, as sorveterias ficam assim de moças, principalmente de colegiais, que são doidos pelo sorvete. A's vezes, estão com as amígdalas em pandarecos, afônicos, de lenço enrolado no pescoço, e estão assim mesmo tomando sorvete. Mamãe proibiu, papai ameaçou de bater, mas qual nada, o que não mata engorda, eles dizem. E quem é que aguenta calor sem gelado? E' impossível... Só onde não há, como na roça. Mas aí também se descobrem recursos que disfarçam a soalheira. Um deles é o banho no rio humilde que rodeia qualquer cidade do interior. Ali pelas quatro horas da tarde, acabada a escola, a meninada corre para a natação. E todos se metem dentro d'água, nadam, repousam na areia quente, entregam-se à quebreira romântica que vem do banho ao ar livre. De vez em quando, passa um cavaleiro pela ponte. Os meninos gritam, caem nas ondas, e o homem sorri, porque éle também já foi menino. E falar verdade, só este espetáculo é que indica movimento nas cidades pequenas, quando faz calor. Quando faz calor, tudo moderna ali, ao som do canto das rolinhas prateadas em cima dos muros em ruína. Por vezes também, dentro de uma velha casa de estilo colonial, alguém — quase sempre uma solteirona — trabalha na máquina de costura, com o ruído característico. Tudo o mais se fecha no silêncio.

Agora, o que o calor tem de mais apreciável é a sugestão, é o poder evocativo. Com o frio, não se sonha acordado, mas com o calor é o contrário. Neste momento mesmo estou me lembrando das noites de calor no Rio, por um tempo bem longe. As noites do Flamengo. O mar, sonolento ou bêbedo, deitava-se na praia e fazia assim: — chuá... O preto sorveteiro, batendo com os pauzinhos no seu barril, que trazia à cabeça, apregoava pelas calçadas: — *Sorvete, iaiá... e de abacaxi...* Ah bom tempo aquê, poetizado pela imagem de uma certa criatura chamada Elisabeth, a qual, com os seus olhos grandes, me dava ao mesmo tempo muita alegria e muita inquietação. Você era sem dúvida a perfeição e foi, para mim, uma promessa de felicidade. No entanto, hoje, é uma sombra que me vem povoar a mente com o refrão do sorveteiro. Em dias de calor, sonho sempre com Você, Elisabeth. Sonho sempre com Você, e hei de sonhar a vida inteira. Ninguém me tira da cabeça que Você era a perfeição. Sua beleza extraordinária era o espelho de sua alma. Nesta hora de calor, a sua imagem é para mim como a visita da primavera...

SORVETE, IAIÁ...

Alberto Olavo





NO Paraná, dizem os jornais, uma professora ati-
rou, por ciúme, potassa nos olhos do no-
vo cegando-o irremediavelmente.

Do ciúme, por entre abrolhos,
Cegou seu bem, com mãos finas:
Não quis ver outras meninas
Nas meninas dos seus o'hos.

Não tem motivo o clamor
Nem, tampouco, o espalhafato:
Se o amor é cego, de fato,
Que mal cegar seu amor?

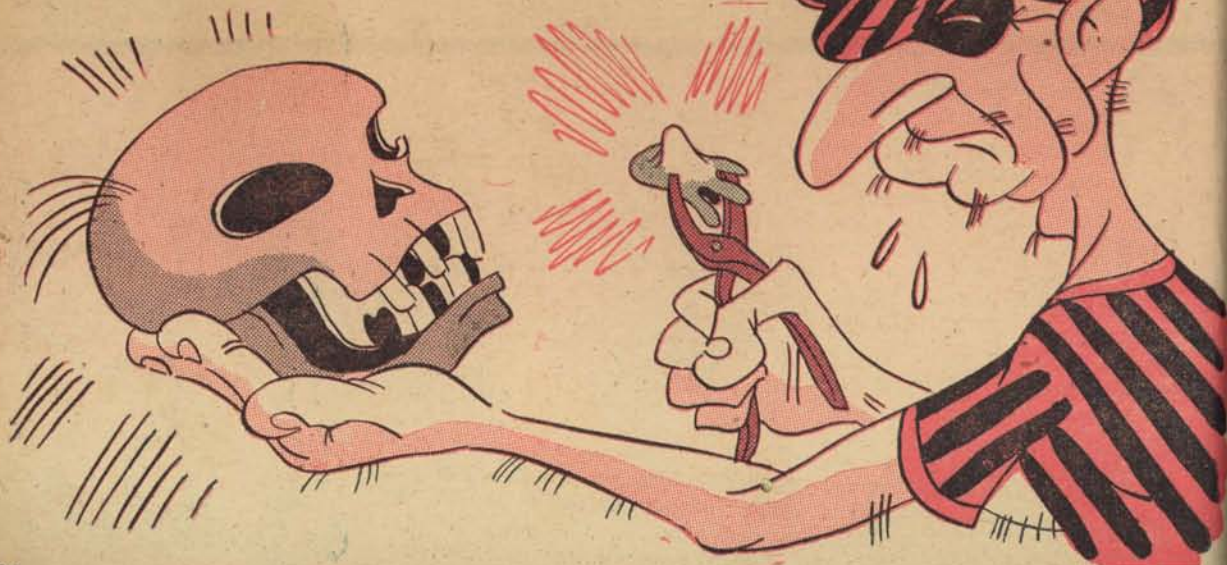


De MÊS a MÊS

TELEGRAMAS de Porto Alegre anunciam a prisão, ali, de ladrões que
profanavam túmulos para extrair ouro dos dentes dos cadáveres.

Numa ambição desmedida,
Quebra das tumbas a lousa:
Com a carestia da vida
Nem na morte se repousa.

Do crime róla na vaga
E tudo faz sem terror:
Sómente não pede a paga
Da extração feita sem dor.



NOTICIAM telegramas de São Salvador que a mulher de um cego, naquela cidade, acaba de dar à luz três belas crianças e não tem recursos para criá-las

De vista e recursos falta...
[Iho,
O homem não descon-
[fia...
Com certeza, no trabalho...
[Iho,
Não sabe se é noite ou
[dia.

O cego teve o seu dia
De glória, é justo, por-
[rém,
A esposa, que foi seu
[guia,
Merece palmas também.

Só mesmo um cego
[alardeia
Um fato desses, pois não.
Quem olha o mundo.
[reccia
Excessos... do coração.

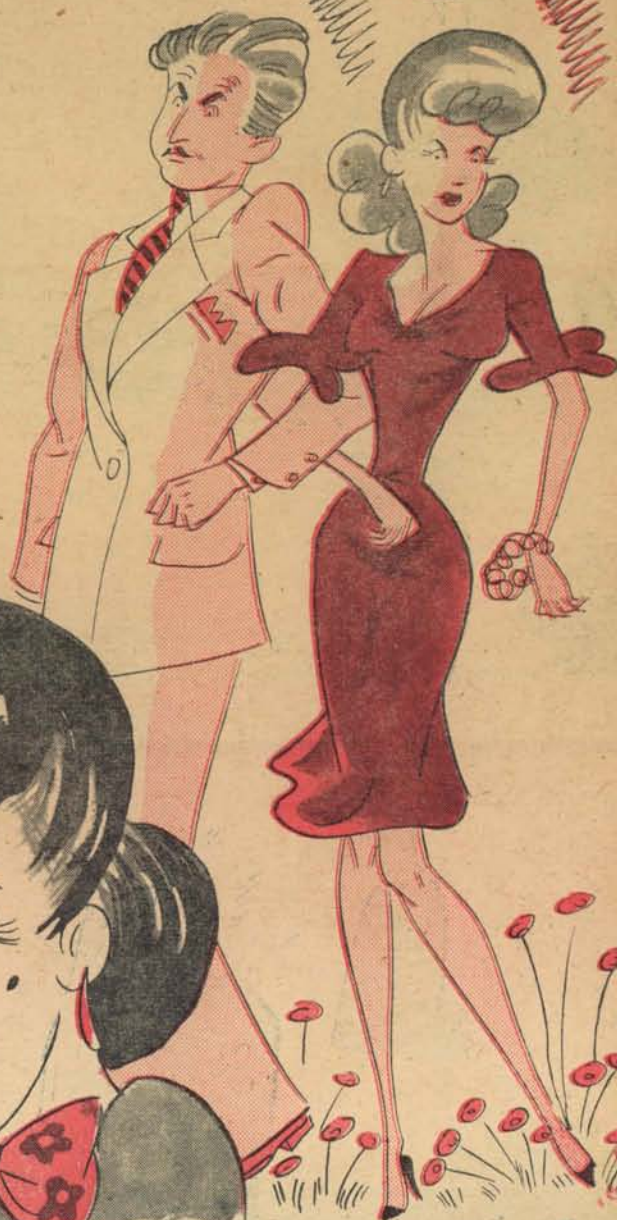
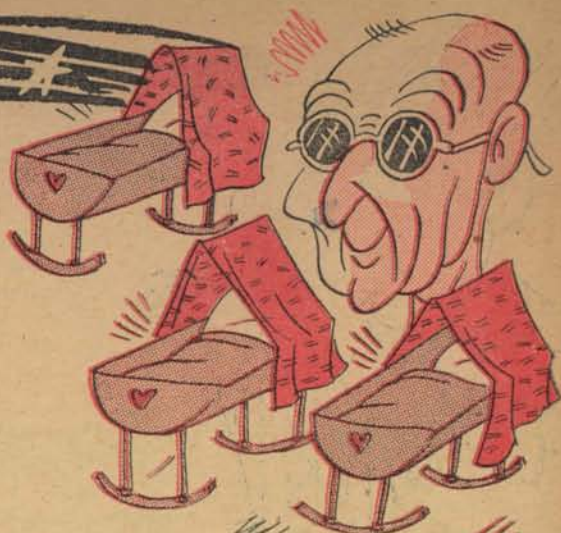
Vantagem? O caso pego
E nada encontro, porém:
— Quem tem vista, fica
[cego.
Que fará quem não a
[tem!...



SEGUNDO uma estatística divulgada pela imprensa, há, no nosso país, cem mil casais desquitados judicialmente.

Quem a vida estuda e
[encara
Bem sabe, que entre os
[mortais,
Quando um casal se
[separa,
Surtem dois novos
[casais.

São delicados assuntos
Em cifras certas e
[dados:
Mas, e os casais que
[estão juntos,
Juntinhos e... sepa-
[rados?





NOTICIAM os jornais que, em determinadas regiões do Brasil, devido a alta dos preços dos tecidos, está imperando o nudismo. A princípio, apenas entre crianças, mas agora, dominando os pequenos povoados. É comum, esclarece a imprensa, encontrar-se, nas ruas das aldeias, homens e mulheres inteiramente nus, muitas vezes em palestras sobre os preços do mercado e dificuldades do momento. O jornalista que realizou a sensacional reportagem bateu várias chapas, fixando aspectos da crise no interior do país. Numa dessas estranhas fotografias, aparece um jovem nu trazendo, nas mãos, uma melancia. O moço sorri para o repórter mostrando dentes magníficos e músculos de Tarzan.

Também uma jovem de 15 anos, de belos olhos e opulenta plástica, é vista, nesse paraíso, sem o estorvo de qualquer espécie de panos. E como Eva é sempre vaidosa, a graciosa garota fotografada exhibe, nos cabelos negros, uma linda margarida.

O repórter ficou durante dois meses (vida penosa a dos jornalistas!) nessas paragens a colher documentos expressivos da miséria no interior do Brasil. Voltou, agora, ao Rio, com o seu álbum disputado pela imprensa, e mesmo por pessoas que não se interessam pelo problema econômico...

O jornalista que realizou tão singular reportagem aparece, no "clichê", descorado e magro. Diz ele que perdeu doze quilos, mas não ficou bem claro se por falta ou excesso de comidas...

Sedas e Plummas

O CASAMENTO tornou-se, hoje, coisa muito difícil. As estatísticas registram sua queda vertiginosa, em nosso país. Com a crise, só os moços corajosos ou insensatos se arriscam a construir um lar. Exatamente por isso, são explícitas as uniões desiguais, sobretudo no tocante à idade, que se verificam nos dias que correm.

Foi por essa razão que o velho capitalista conseguiu, com a sua mão trêmula, conduzir ao altar uma jovem de 24 anos, bela e robusta. Casamento de interesse, disseram todos, e com muita razão. A moça sacrificou-se em holocausto à família modesta e pobre.

O marido abastado levou para seu palacete a jovem mulher e ali a tem cercada de conforto, luxo e opulência. Madame possui tudo que o dinheiro pode dar: automóveis, jóias, peles caras, sedas; mas, apesar disso, não é feliz. Vive a sonhar com muita coisa que lhe falta, no meio de toda aquela riqueza.

O velho capitalista, notando a melancolia da esposa, nas vésperas do Natal; quis, com ela, percorrer os estabelecimentos elegantes da capital para a escolha do presente de Papai Noel.

Madame, com indiferença e tédio, observou os novos modelos de vestidos, anéis, pulseiras, casacos, sem tomar qualquer resolução. Numa casa de móveis pararam os dois. O esposo pensou que ela escolheria uma nova mobília e ficou satisfeito; mas, madame, depois de observar tudo, fixou seus lindos olhos sonhadores num berço dourado.

O septuagenário, compreendendo a tristeza da moça, procurou desviar sua atenção. Ao sair da loja, indagou:

— Nada te agradou? Que queres que Papai Noel te dê, minha querida?

E ela, irônica e sentimental:

— Exatamente aquilo que eu sei que ele não me pode dar...



Um Acontecimento Internacional



É COM ORGULHO QUE COTY APRESENTA

Muse.

Meras essências combinadas não fazem um perfume...
assim como tintas isoladas não formam um quadro...
nem sons esparsos uma sinfonia!

Muse é o climax de oito anos de delicadas combinações... oito anos de sutis e sábias composições de mais de trinta aromas... Perfume novo, nascido no coração de Paris, Muse está destinado a se tornar um perfume clássico e o tempo só aumentará a sua

fascinação e o seu prestígio. Muse é quente...
acalentador... e, quanto mais usado,
mais íntimo se torna. É um
perfume destinado à mulher que,
com seu requintado instinto,
reconhece, ao primeiro contato,
uma verdadeira obra-prima.

The Coty logo, featuring a stylized, flowing script of the word "Coty" with a large, decorative flourish at the beginning.



UM GRANDE E NOVO PERFUME É UM RARO ACONTECIMENTO



Festa

A TONALIDADE
DE SEUS LABIOS
NOS DIAS
DE ALEGRIA!

A intensidade, o deslumbramento ou a
meia-luz das festas e reuniões não
modificam o perturbador colorido de "Festa"
nos seus lábios. "Festa" é uma das sedutoras
tonalidades do baton Van Ess — o preferido
pela sua qualidade, tamanho e preço.

Van Ess

Para uma perfeita combinação, pó facial e "rouge" Van Ess.

Gentil leitora: você já pensou que significaria para o futuro de sua Pátria uma campanha espontânea em que cada brasileira ensinasse a ler e a escrever? Por que não inicia desde hoje a parte que lhe compete nessa grandiosa tarefa de brasilidade?



HERU apresenta a primeira LOÇÃO
FIXADORA que não empestoa os ca-
belos e não suja os chapéus —

LOÇÃO FIXADORA HERU

— uma feliz combinação de ÓLEOS
VEGETAIS e RESINAS TONIFICAN-
TES. Mantenha os seus cabelos belos,
sedosos e bem penteados usando al-
gumas gotas de Loção fixadora Heru.
Ao aplicar, humedezca ligeiramente com
água os seus cabelos, e fixe pen-
teado a dia inteiro.

Perfumaria HERU — C. P. 3486 — RIO

ENTRE os educadores que há pouco mais de um século revolucionaram tôdas as idéias e todos os conceitos pedagógicos, destaca-se uma figura de mulher, sedutora e cheia de contradições: Madame de Genlis. O bi-centenário de seu nascimento, que transcorreu este ano, passou quase despercebido. Se ainda fôsse viva, Stéphanie-Félicité du Crest de Saint-Aubin, condessa de Genlis, com certeza teria atribuído êsse fato às intrigas lamentáveis dos seus inimigos pessoais — dos quais, aliás, tinha muitos, já que não ocultava as suas críticas e antipatias, nem sempre justas e fundadas. "Madame de Stael é muito homem", caçava das suas duas súditas célebres o rei de França, Luís XVIII, "quanto a esta (Madame de Genlis, que já estava no tempo de seu reinado, numa idade respeitável) é um pouco demais mulher".

Na sua meninice, adolescência e mocidade, nada parecia predestinar a linda Stéphanie-Félicité ao papel de educadora. Nasceu na Borgonha, em janeiro de 1746, filha de pais ricos e fidalgos, cedo mostrou-se talentosa e faceira, mas era uma criança voluntariosa, vaidosa, frívola e um tanto preguiçosa, ao ponto de até aos onze anos não ter aprendido a escrever nem a ler notas de música, embora compusesse poemas e tocas-se clavicórdio e vários outros instrumentos. Foi criada em meio de grande luxo, no castelo paterno, adúlada e lisonjeada por todos que a rodeavam. Sendo muito em voga as alegorias mitológicas, sua mãe gostava de fantasiá-la de "Amor", passando este "travesti" a ser seu traje de todos os dias: "Javais", conta ela nas suas Memórias, "mon habit d'Amour pour les jours ouvriers et non habit d'Amour des dimanches. Ce jour-là seulement pour aller à l'église, on ne me mettait pas d'ailes et l'on jetait sur moi une espèce de mante de taffetas couleus de capucine". Entretanto, a menina travessa estudava com zelo o catecismo, chegando mesmo a ensiná-lo — sua primeira atividade pedagógica — à criança da aldeia, e no dia de Corpus-Christi, ela trocava a sua fantasia mitológica por uma túnica de anjinho, suas asas de "Amor" côr de rosa por alvas asas seráficas, participando com devoção da procissão religiosa.

Lia muito. A sua autora preferida era a sentimental Mademoiselle de Scudéry, cujas comédias brejeiras gostava de encenar, estudando seus papeis com a sua governante Mlle. de Mars, à qual também ditava romances e contos de sua própria invenção. Aos doze anos, Stéphanie-Félicité era uma menina encantadora, e o primeiro namorado, um rapaz de dezoito primaveras, estava perdidamente apaixonado por ela. Mas não era gentil-homem, era filho de um simples médico: a pequena vaidosa recusou com indigna-

Stéphanie-Félicité

ou
A EDUCADORA MAL EDUCADA

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

ção as suas homenagens. Pouco depois foi morar com sua mãe em Paris, na casa de uma tia, viúva e abastada, com certas ambições literárias e um "salon" frequentado pela melhor sociedade. Ali, Stéphanie, em meio às distrações e divertimentos da Capital, continuou, estudando: latim, botânica, dança, canto, harpa, violão, comédia — ela possuía aptidões e interesse para tudo. Tocar harpa foi durante algum tempo sua ocupação predileta, fazia-o com muita perícia e arte: "Na minha mocidade tanto comparei-me com Roxelana que esse cumprimento chegou a aborrecer-me não menos do que ouvir repetir mil vezes que eu tocava harpa melhor do que o próprio rei David!" confessa ela nas suas "Memórias".

Com a existência ociosa e leviana que levava, os pais da jovem ficaram cheios de dívidas e viram-se, enfim, completamente arruinados. Então o pai viajou para as Américas em busca de fortuna, enquanto a mãe, ainda jovem e bela, teve que aceitar a hospitalidade ora de um ora de outro amigo, levando consigo a filha, em ambientes nem sempre próprios para dar-lhe uma educação conveniente. A época era indulgente para com as mulheres bonitas e graciosas e ninguém censurava com severidade exagerada a vida um tanto equívoca de Mme. Du Crest e de sua jovem filha. Esta aproveitava as aulas de dança que lhe dava o mestre de baile da Comédia Italiana, exibindo-se nas reuniões da alta sociedade parisiense e percebendo 25 "louis" (moeda de ouro valendo 24 libras) em récita sob condição de que esta não passasse de meia-noite. Recusou vários pretendentes, velhos, jovens, ricos e fidalgos, mas não suficientemente prestigiados ao seu ver.

Em São Domingo, o pai Du Crest teve sorte: enriqueceu e resolveu voltar à terra natal, junto da esposa e da filha. A sorte, entretanto, abandonou-o na viagem de volta: perdeu o dinheiro todo, foi aprisionado na Inglaterra e teve mil aventuras trágicas. Seu único consolo no cativeiro eram as cartas e o retrato da filha que adorava. Costumava mostrá-los ao seu companheiro de desgraça, o conde de Genlis, que se apaixonou pela jovem sem conhecê-la pessoalmente. Foi procurá-la logo que chegou à França e despo-



sou-a secretamente, apesar da resistência de sua família. Os recém-casados deixaram a Capital e foram morar num castelo, na província, divertindo-se com passeios a cavalo e estudos de ciências naturais, muito ao sabor do tempo. O gênio de Stéphanie-Félicité continuava fantástico e contraditório: trazia roupas de homem, ora caía em extravagâncias bem femininas, tais como esta: de tomar banho de leite, numa banheira toda forrada com pétalas de rosas, o que, segundo dizia, era "a coisa mais agradável do mundo". Os períodos de frivolidades alternavam com semanas de estudo ou retidos num convento. Mas até lá as diabruras não paravam: de noite Stéphanie fantasiava-se de Satanaz e passeava pelos corredores para meter medo às freiras supersticiosas. Entretanto, ela era profundamente religiosa e odiava Voltaire por ter ele idéias opostas às suas. Estudava enfermagem e anatomia. Deixou seu posto de dama de honra da duquesa de Chartres, por ter recusado de ser apresentada a Madame Du Barry, a favorita onipotente que desdenhava.

Reconciliada com a família do marido, com duas filhas para educar, o caráter de Madame de Genlis foi, entretanto, ficando mais sério. As suas atividades literárias já absorviam grande parte do seu tempo. Em 1777 foi publicado o primeiro volume do seu "Teatro Educativo", e já eram suas filhas que desempenhavam os principais papéis nas peças que escrevia. Outras obras se seguiram, com pequenos intervalos, sendo traduzidas para línguas estrangeiras e apreciadas pela crítica. Viajando por vários países europeus — Bélgica, Suíça, Itália, Inglaterra, Madame de Genlis completava os conhecimentos colhidos nas suas vastas leituras.

(Conclui na pag. 60)

TEU NOME

Os meus versos de amor e de saudade
São feltos de volúpia e de melguice...
São pedaços da minha mocidade...
E farrapos da minha meninice...

Neles cantam palavras de verdade
Em mistura com frases que eu não disse...
Vivem neles uns restos de bondade
Guardados para os dias da velhice...

De mulheres formosas, às dezenas,
Têm meus versos os nomes conservado:
Mulheres lindas, pálidas morenas...

Só teu nome ninguém o pôde ler
Porque por mim apenas foi louvado
Nos versos que sofri sem escrever...

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Fragmentos da Poesia Nacional



ROSAS BRANCAS

As rosas que te mando, na manhã colhidas,
Com o orvalho sutil das loiras madrugadas,
São as do meu jardim, de cores preferidas,
Para as noivas do sonho e as belas namo-
[radas.

Branças rosas de maio, irmãs das margaridas,
Que brotaram do amor, simples e perfumadas,
Como um festim do sol, entre as anjoitas
[floridas,
Como risos de céu nas longas alvoradas.

Puras rosas ideais, enfeites do teu plano,
Traduz o meu amor, gêmeos das almas
[querulas,
Este ramo de flor, místico e soberano.

Estas flores, bem vês, são meus sonhos dis-
[persos
São lágrimas de dor, brilhando como pérolas,
E soluços de amor, gemendo como versos.

DA COSTA SANTOS

AS SUAS MÃOS

Entrei. Ela escrevia. Estava só. Apenas
Pude ver suas mãos, pousadas sobre a mesa,
Comigo refleti, — tomado de surpresa:
Mãos tão lindas assim tinham de ser mo-
[renas!

Feitas só para o amor, para curar as penas
Do coração, candura aliada à beleza,
Em cada unha, o verniz, como uma brasa
[acesa,
Nodoava de sangue as suas mãos pequenas.

Mãos de freiras a orar no silêncio das celas,
Erguidas para o Céu num êxtase divino,
Mimosas, infantis, trementes de emoção:

Nunca vi outras mãos tão lindas como
[aquelas!
Pode um só gesto seu traçar o meu destino:
Podem dizer-me: Vem! Podem dizer-me: Não!

SEBASTIÃO NORONHA



Escreve sêco com tinta líquida!

Preços: Cr\$ 375,00 e
Cr\$ 450,00 em tôdas as
boas casas do ramo.

*Em todo o mundo...
a Parker "51"
é a preferida entre as canetas!*

É por oferecer mais que esta é a "mais desejada" das canetas. Onde será possível encontrar a rara elegância destas linhas tão simples, a deslumbrante beleza dêste corpo de lucite de acabamento manual? E somente esta Parker "51" possui materiais e construção para escrever sêco com tinta líquida. É a única desenhada para o emprêgo

satisfatório da tinta Parker "51" — a tinta de mais rápida secagem do mundo — que *seca à medida que se escreve*. A firmeza e rapidez da escrita, características amplamente conhecidas da Parker "51", muito devem ao perfeito equilíbrio do corpo e à ponta de caríssimo osmirídio na extremidade. Admire-a em qualquer revendedor.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de consertos:

COSTA, PORTELA & CIA.

Rua 1.º de Março, 9 - 1.º andar - Rio de Janeiro

Em Minas Gerais: Rua dos Catujós, 279 — B. Horizonte

J. W. T.

4110-P

VITRINE

Literária

★ Um Livro Para Você ★

Cristiano Linhares

UMA das poucas leitoras desta seção quer saber de mim qual é o melhor livro de contos de Machado de Assis. Está aí uma questão opinativa em essência, porque se trata, no final das contas, de um problema de gosto, e gosto, como dizem, não se discute. A verdade no caso é que, de modo geral, todos os livros de histórias publicados pelo mestre do conto no Brasil são excelentes, são mesmo melhores do que qualquer outro autor. Está assentado que ninguém suplantou a Machado no dom de contar. Era uma de suas ciências literárias. Agora, entre eles, alguns apresentam unidade mais equilibrada no estilo e nas qualidades da produção. Para mim, digo com

franqueza, gosto mais é de "Várias Histórias", "Histórias sem data" e "Papéis Avulsos". Pelo menos, há um argumento forte a favor dessa preferência. E vem a ser que se encontram nesses três livros os seus contos mais apreciados, mais louvados pela crítica de todos os tempos. E são tidos como os melhores e isto significa que são os mais expressivos de sua arte. De fato, nesses livros se vêem "A cartomante", "Entre Santos", "Uns braços", "Trio em lá menor", "Conto de escola", "Um apólogo", "D. Paula", "A Igreja do Diabo", "Primas de Sapucaia", "Noite de Almirante", "Capítulo dos chapéus", "O allenista", "Teoria do medalhão", "A chinela turca", e muitos mais que já a antologia

vulgarizou. Uma cousa porém a gente deve frizar, a de que o mais acertado é comprar-lhe todas as obras no gênero. Vai-se espalhando a opinião de que Machado de Assis é, sobretudo, contista além do mais, sendo exato que em nossa língua, aqui no Brasil como em Portugal, ninguém foi mais dextro contista do que ele. Ora, contistas bons, cá e lá, temos tido poucos. E bons livros de contos, estes então são raríssimos. Por isso, convém dizer que a melhor obra de Machado, neste sentido, são todas as que publicou. E não são caras, são acessíveis e não se acham livros que as superem. Este é o meu conselho de velho amigo do escritor, desde os tempos de estudante. Nunca mudamos de opinião.

★ Novas Edições ★

O PROFESSOR — Everardo Backheuser —
Livreria Agir Editora.

NA coleção "Depoimentos" da Editora Agir, vem de ser lançado agora esse excelente trabalho do conceituado professor Everardo Backheuser. Usando das palavras do próprio autor, o livro não é apenas um depoimento de sua própria vida de mistério, mas a expressão do que, em seu conceito, o verdadeiro professor deve ser.

O CÉU ESTÁ MUITO ALTO — Gwethalyn Graham — Cia. Editora Nacional.

EM magnífica tradução de Wanda Murgel de Castro, acaba de aparecer esse excelente romance que foi assim apreciado pela conhecida escritora Betty Smith, autora de "Laços Humanos": "Uma história absorvente e humana... Tenho a certeza de que o livro — "O céu está muito alto" — será um dos mais importantes do ano."

ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO — Espiridião de Queiroz Lima — Livreria Agir Editora.

O NOVO livro que a Agir vem de lançar não é uma simples biografia, não é apenas um ensaio de sociologia e não é um romance. É uma obra, em que se encontra matéria para vários romances, e documentário para diferentes ensaios de sociologia e história. Uma obra que tem o sabor da originalidade: a história da própria família do autor desde os primórdios da colonização brasileira.

AVENTURA — Clyde Brion Davis — Editora Vecchi.

ESTE romance que Clark Gable e Greer Garson escolheram para, pela primeira vez, aparecerem juntos na tela, conta-nos o romance de um simpático marujo que navegou muito pelos sete mares da terra. Boa tradução de Alfredo Ferreira.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS — Constancio C. Vigil — Edições Melhoramentos.

ACABA de sair a segunda edição, em tradução de Eduardo Tourinho, segundo a 6.ª edição argentina, com magníficas ilustrações de Frederico Ribas. Este livro do grande pensador sul-americano está alcançando, como seria de se prever, enorme sucesso. É um trabalho indispensável a todas as mulheres que se preparam para ser mães e capaz de influir, poderosamente, para a verdadeira educação que se deve dar à criança.

(Conclui no fim da revista)

★ Poetas e Prosadores ★



Guilherme Figueiredo

GUILHERME FIGUEIREDO desmoraliza o preconceito burguês de que o homem de letras só sabe escrever.

E não é assim. Além de escritor de grande projeção, tem vencido também na vida como homem de ação. É orientador competente de uma grande empresa e, ao mesmo tempo, autor de alguns livros — versos, romances, contos, teatro — que são dos mais bem escritos e dos mais finos de nossa literatura. Sua estréia data de 1936, com a coletânea de poemas intitulada "Um violino na sombra...". De então para cá, publicou vários volumes, entre estes o romance "Trinta anos sem paisagem", "Miniatura da história da música" e "Rondinela". É também um crítico literário, em que a sagacidade anda a par com o gosto artístico e a cultura refinada. Mas Guilherme Figueiredo é, sobretudo, um insuperável contador de histórias. Quando se diz isto, podem pensar que é exagero.

ro porque ele ainda não tem nomeada, no gênero, comparável à de alguns contistas muito elogiados, muito citados, mas que não possuem as suas qualidades, o seu estilo oral, a sua aguda penetração psicológica, o seu original senso do humor. E isto se explica muito bem, quando se sabe que Guilherme Figueiredo, com o tempo tomado pelo trabalho, não tem vagar para frequentar rodinhas, para fazer reclame, para fazer a política literária, tão nefasta como essa outra que, com a saúde, está dando cabo do País. Sem embargo desta sua honestidade profissional, o autor de "Rondinela" só angaria leitores conscientes e independentes, que unicamente se deixam levar pelas suas impressões pessoais. Leitores afinal que sabem onde têm o nariz e... o cérebro. Esses facilmente lhe reconhecem o lugar proeminente que lhe toca entre os melhores contistas brasileiros. E quem duvidar é ler as suas histórias que, sob a aparência da naturalidade e leveza, constituem palpítantes trechos da vida, inesquecíveis pequenos dramas do sofrimento humano. *Missa de sétimo dia* e *Festinha na casa do Major*, entre outros contos, devem ser considerados como páginas perfeitas, que continuam, com maior movimento, a tradição de Machado de Assis. E nessas como em várias histórias do autor, ressalta a graça e a surpresa dos diálogos. Guilherme deve ser um bom teatrólogo, aliás tem ele várias peças inéditas, as quais, se representadas ou publicadas, talvez lhe marquem a vocação definitiva. Porque ele possui um senso de teatralidade vivo e emotivo, e isso se sente nos seus contos e romances.

Para resumir: — Guilherme Figueiredo é um escritor que está grangeando nomeada entre leitores autônomos e finos, à margem de elogios e de propagandas facciosas.

Alterosa, que o conta entre os seus mais lidos colaboradores, presta-lhe aqui uma homenagem, que é um simples ato de justiça e de reconhecimento de valor.

★ Sucessos do Mês ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Agir, Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex.

- 1.º — OS RODRIGUEZ — Sra. Leandro Dupré — Romance — Editora Brasiliense.
- 2.º — O PROCESSO MAURIZIUS — Jacob Wassermann — Romance — Livraria José Olímpio Editora.
- 3.º — FARRAPO HUMANO — Charles Jackson — Romance — Editora Vecchi.
- 4.º — ACONTECEU NAQUELA NOITE — Vicki Bann — Romance — Livraria José Olímpio Editora.
- 5.º — AMAR FOI MINHA RUINA — Williams Bem Ames — Romance — Editora Universitária.



Tradução especial de
JOAQUIM LARANJEIRA

PINGOS DE HISTÓRIA



UMA DE PIRANDELLO

Conta-se que, quando ia receber o prêmio Nobel, o grande escritor italiano Pirandello, de passagem por Paris, viu-se homenageado com um lauto banquete pela fina flor da intelectualidade francesa. A' hora dos brindes, depois de ouvir com paciência muitos discursos, enaltecendo-o, Pirandello, que era pouco loquaz, declarou, apenas:

— Desculpem-me, senhores, se me mostro demasiado breve. Confesso-vos que sou um orador bastante mesquinho. Tenho, contudo, uma desculpa: precisando trabalhar muito para aprender a escrever, nunca me sobrou tempo suficiente para aprender a falar.

SUPER-ADULAÇÃO

Encarregara Luiz XIV a Racine e a Boileau de fazerem as descrições das grandes batalhas verificadas em seu reinado. Como, entretanto, nunca os visse nos locais onde se encontravam os exércitos, o rei interpelou-os.

— Sire, — replicou Racine, pelos dois — não nos podendo apresentar decentemente, nos campos de batalha, com roupas civis, encomendamos uniformes militares. Mas nem tivemos tempo de utilizá-los. Com uma rapidez fulminante, V. Majestade venceu o inimigo antes que estivessem prontos os nossos fardamentos!

CAPRICHOS DA FORTUNA

Sabendo que um oficial de sua guarda se queixara de que ele era liberal com os ricos, mas sovina para si, Francisco I fê-lo vir à sua presença.

— Sei que te queixas de mim — disse. — Pois aí tens duas bolsas absolutamente iguais, uma cheia de ouro, outra cheia de cobre. Escolhe uma, e a que tirares será tua.

O oficial, hesitando um pouco, tirou a de cobre.

— Muito bem — disse o monarca — Quem tem a culpa de que não te enriqueças? Tu ou eu?

A ESTRÉIA DE STENDHAL

Quando publicou seu livro "De L'Amour", alguns dias depois, recebeu Stendhal da casa editora notícias de que ainda não vendera um único exemplar. Coincidindo isto com a pergunta dum amigo, que desejava saber se o livro fizera o esperado sucesso, Stendhal respondeu, troçando:

— Homem. Estou a acreditar que 'é um livro sagrado...

— Por que? — interrogou o amigo.

— Por que até agora ninguém se atreveu a tocá-lo.

IMPIEDADE

Ao anunciarem a Luiz XIV a morte do cardinal Mazarino, um corteão que estava presente disse, pensando agradar ao monarca:

— Coitado! Afinal entrega sua alma a Deus.

Mas o ingrato príncipe replicou, pérfido:

— Duvido que Deus a receba.

PAGANINI E SEU VIOLINO

Recebendo convite duma alta dama para jantar em sua casa, não deixando, porém, de levar seu violino, Paganini, ofendido, escreveu, devolvendo-o no próprio cartão onde fôra exarado o convite interesseiro:

"Obrigado. Meu violino não come fora de casa".

MARCK TWAIN e AS SENHORAS

Quando o grande humorista norte-americano Marck Twain regressou a seu país duma viagem à

Europa, fez as delícias da mesa do comandante a bordo do transatlântico em que viajava.

As mulheres formavam círculos, e não se cansavam de ouvi-lo, interrogando-o, pedindo-lhe impressões. Na derradeira noite da viagem, quase em frente de Nova York, o escritor fêz questão de oferecer-lhes uma taça de "cham-pagne", e disse, curvando-se, ao fazer o seu brinde:

— A tôdas as senhoras! São elas, depois da Imprensa, os melhores agentes disseminadores de tôdas as notícias!"

GAGUEIRA

Paul Marieton, famoso poeta, tinha o infortúnio de ser gago, notadamente quando se irritava. E como isso acontecia a miude, dando seu temperamento nervoso, eram frequentes seus acessos de gagueira.

Certa feita, encontrou-se na rua com um indivíduo que se portara menos corretamente com ele. Sem detença, correu-lhe no encalço, e começou a apostrofá-lo, já se vê, gaguejando:

— O... o... que... que... que... o... se... se... se... nhor... fe... e... e... ez... é... é... pró... pró... prio de... de... de... um... ca... ca... na... na... na... lha!

— Como?! — replicou o ofendido. — Repita, se tem coragem!

Mas o poeta, já calmo e livre da gagueira, pois se desabafara, num sorriso francamente bem-humorado:

— Repetir?! Ah! meu caro! Isto nunca! Prefiro apanhar! Se soubesse quanto me custou dizer tudo duma arrancada!

A PETIÇÃO DE CORTEZ

Mal recebido, no seu regresso do México, pelos ministros de Fe-

lpe II, e impossibilitado de avisar-se com o monarca, Fernão Cortez, logrando com êle um encontro fortuito na igreja, pôde dizer-lhe dum fôlego:

— Senhor! Chamo-me Fernão Cortez. Conquistei para Vossa Magestade mais terra que as conquistas pelo imperador Carlos V, seu augusto pai. E contudo, estou morrendo de fome.

O soberano concedeu-lhe uma pensão vitalícia.

MAGNANIMIDADE

Passeava Napoleão III no bosque de Bolonha, acompanhado de um ajudante de ordens, quando, inadvertidamente, um menino que brincava lançou-lhe à cabeça uma bola de borracha. O imperador apanhou do chão o brinquedo e foi em pessoa levá-lo ao garoto, que o atendeu de mau modo.

— Sabe com quem fala? — indagou, o oficial ajudante, franzindo a testa. — E' o imperador!

— Meu pai diz sempre que êle não é boa coisa...

— Quem é teu pai?

— Um senador...

— Como é o seu nome?

Foi quando Napoleão III interveio, magnânimo:

— Deixe lá o menino, vamos! Não me interessa conhecer mais um inimigo.

E continuou o passeio.

CORTESIAS

Convidara o príncipe de Conti ao abade de Voisenon para jantar em sua companhia. Lamentável esquecimento fez com que o abade faltasse no dia marcado, o que fez, no seguinte, procurar o príncipe para apresentar-lhe suas desculpas. Sua alteza voltou-lhe as costas.

— Ah! monsenhor! — exclamou o abade. — Dizlam-me que vossa alteza ficaria aborrecido pela minha falta, e eu vejo satisfeito que não é verdade.

— Como?! — fez o príncipe, voltando-se.

— Porque vossa alteza voltou-me as costas e eu sei de ciência própria que não é assim que procede com os inimigos.

LIÇÃO MÚTUA

Ainda menino, atendia Luís XIV à aula de linguagem, juntamente com seu irmão, o conde de Provença. A certa altura, aquêle disse errado um tempo de verbo, fazendo com que o outro o observasse:

— Que vergonha! Um rei precisa saber corretamente a própria língua.

— E um conde... precisa conter a sua — respondeu Luís.

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS**

*Educação dos filhos... Cr\$
Manutenção da família... " "
Aluguel da casa... " "
Assistência médica... " "
Hipoteca... " "
Impostos de transmissão... " "
Despesas eventuais... " "*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 40 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE
Andradas, 1046 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO
J. Bonifacio 93. 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov. 300, 2.º

RECIFE
10 de Nov. 50, 3.º

A "Previdência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 80 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe, a mais de 800 milhões

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA

EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOUBLÊS — CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO



*Dádiva
de Beleza...*

Ainda que o tempo passe... mantenha o frescor do seu encanto de hoje. Comece a usar o CREME EVANESCENTE DAGELLE, base ideal para pó de arroz, que protege a pele contra a poeira, o sol e o vento. Como complemento ao cuidado da pele, use também o Creme Perfeito Dagelle, próprio para remover o "maquillage" e para fazer massagens ou aplicações durante a noite.



CV-1

Produtos de Coucador
DAGELLE

A venda em todas as perfumarias e farmácias

RA'DIOS



DISTRIBUIDORES PARA O ESTADO DE MINAS GERAIS:

SEIMI
SOCIÉDADE ELETRO-IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

RUA CURITIBA, 631
CAIXA POSTAL, 580

BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS - BRASIL

TELEFONE, 2-7560
END. TELEG. "SEIMI"

D. PAULA

CONCLUSÃO

pouco tempo; não podia estar na mesma posição. Olhava para fora através dos vidros, e via só o clarão dos lampeões, de quando em quando, e afinal nem isso mesmo; via os corredores do teatro, as escadas, as pessoas todas, e ele ao pé de mim cochichando as palavras, duas palavras só, e não posso dizer o que pensei em todo esse tempo, tinha as idéias baralhadas, confusas, uma revolução em mim...

— Mas, em casa?

— Em casa, despindo-me, é que pude refletir um pouco, mas muito pouco. Dormi tarde, e mal. De manhã, tinha a cabeça aturdida. Não posso dizer que estava alegre nem triste; lembro-me que pensava muito nêle, e para arredá-lo prometi a mim mesma revelar tudo ao Conrado; mas o pensamento voltava outra vez. De quando em quando parecia-me escutar a voz dêle, e estremecia. Cheguei a lembrar-me que, à despedida, lhe dera os dedos frouxos e sentia, não sei como diga, uma espécie de arrependimento, um medo de o ter ofendido... e depois vinha o desejo de o ver outra vez... Perdoo-me, tia; a senhora é que quer que lhe conte tudo.

A resposta de D. Paula foi apertar-lhe muito a mão e fazer um gesto de cabeça. Afinal achava alguma coisa do outro tempo, ao contacto daquelas sensações ingenuamente narradas. Tinha os olhos, ora meio cerrados, na solidão da recordação, ora aguçados de curiosidade e calor, e ouvia tudo, dia por dia, encontro por encontro, a própria cena do teatro, que a sobrinha a princípio lhe ocultara. E vinha tudo o mais horas de ansia, de saudade, de medo, de esperança, desalentos, dissimulações, ímpetos, toda a agitação de uma criatura em tais circunstâncias, nada dispensava a curiosidade insaciável da tia. Não era um livro, não era sequer um capítulo de adultério mas um prólogo — interessante e violento.

Venancinha acabou. A tia não lhe disse nada, deixou-se estar metida em si mesma; depois acordou, pegou-lhe na mão e puxou-a. Não lhe falou logo; fitou primeiro, e de perto, toda essa mocidade inquieta e palpitante, a boca fresca, os olhos ainda infinitos, e só voltou a si quando a sobrinha lhe pediu outra vez perdão. D. Paula disse-lhe tudo o que a ternura e a austeridade da mãe lhe poderia dizer, falou-lhe

de castidade, de amor ao marido, de respeito público; foi tão eloquente que Venancinha não pôde conter-se, e chorou.

Velo o chá, mas não há chá possível depois de certas confidências. Venancinha recolheu-se logo, e, como a luz era agora maior, safu da sala com os olhos baixos, para que o criado lhe não visse a comoção. D. Paula ficou diante da mesa e do criado. Gastou vinte minutos, ou pouco menos, em beber uma xícara de chá e roer um biscoito, e apenas ficou só, foi encostar-se à janela, que dava para a chácara.

Ventava um pouco, as folhas moviam-se sussurrando, e, conquanto não fôsem as mesmas do outro tempo, ainda assim perguntavam-lhe: "Paula, você lembra-se do outro tempo?" Que esta é a particularidade das folhas, as gerações que passam contam às que chegam as cousas que viram, e é assim que todas sabem tudo e perguntam por tudo. Você lembra-se do outro tempo?

Lembrar, lembrava; mas aquela sensação há pouco, reflexo apenas, tinha agora cessado. Em vão repetia as palavras da sobrinha, farejando o ar agreste da noite: era só na cabeça que achava algum vestígio, reminiscências, cousas truncadas. O coração empacara de novo; o sangue ia outra vez com a andadura do costume. Falta-lhe o contacto moral da outra. E continuava apesar de tudo, diante da noite, que era igual às outras noites de então, e nada tinha que se parecesse com as do tempo da Stoltz e do marquês de Paraná; mas continuava, e lá dentro as pretas espalhavam o sono contando anedotas, e diziam, uma ou outra vez, impacientes:

— Sinhá velha hoje deita tarde como diabo!

*

A VELOCIDADE DAS BALEIAS

O doutor Turner, naturalista britânico, é conhecido especialista em questões relacionadas com as baleias. Para assenhorear-se mais completamente, o doutor Turner consultou um construtor de navios, o engenheiro Henderson, acerca dos meios de propulsão dos gigantes dos mares. Segundo os cálculos de ambos os especialistas, uma baleia com uns setenta e quatro mil quilos de peso, "navega" com a velocidade horária de vinte e dois quilômetros e a força que desenvolve corresponde a cento e quarenta e cinco cavalos.



Miscelânea

EM matéria de democracia temos caminhado muito. As multidões, nos comícios políticos, têm, agora, outro aspecto. Desapareceram da massa os indivíduos pagos para vaiar ou bater palmas. E' o povo que vai se educando e adquirindo a consciência cívica tão necessária ao progresso do país.

A prova dessa transformação salutar tem se tornado evidente nos comícios em favor da candidatura Carlos Luz ao governo do Estado. Minas, desde o momento em que foi lançado esse nome, sentiu-se tranquila e feliz. As empolgantes orações do candidato têm concorrido para firmar, ainda mais, esse apóio decidido e claro.

Estabeleceu-se entre o ilustre político e o povo um laço tão sólido de simpatia que nenhuma força poderá abalar. Trata-se de uma adesão conciente e lúcida. A multidão o aplaude porque ele é o intérprete dos seus ideais e dos seus anseios. Nesse caso não entra disciplina partidária. Lucidamente o povo deseja esse candidato.

*

DIZEM telegramas de La Paz, que um tenente chamado Bustamante, tentou assassinar o presidente da Bolívia. O fato, na época de desvarios que atravessamos, é quase banal. Acrescenta o despacho, que o chefe do governo boliviano, ao notar que o tresloucado estava prestes a detonar a arma, abriu a camisa e disse ao tenente Bustamante: "Dispare bem no peito. Não abandonarei o cargo que me foi confiado pelo povo!"

Toda gente supunha que essas frases redondas, de quinto ato de dramalhões, estavam em desuso. Vê-se, agora, pelo que aconteceu na Bolívia, que ainda há quem as aprecie, pois o presidente, que saiu ileso do atentado, foi alvo de uma grande manifestação popular. A "tirada" ficará histórica e, em breve, será gravada em moedas para maior divulgação. Os bolivianos, como se vê, ainda trazem, nas veias, o sangue quente espanhol...

*

AS filas estão desempenhando uma função social que merece registro. As pessoas que, de pé, aguardam transporte, em falta de melhor ocupação, põem-se a conversar. Da conversa alôa à intimidade, a distância é pequena. Quantas relações preciosas tiveram sua origem nas filas? Quantos iállos e quantos casamentos?...

*

OS jornais do México estão se ocupando de uma vaca que, dia a dia, perde os predicados do seu sexo e adquire as qualidades de touro. Cientistas de todos os climas procuram a fazenda onde se opera a sensacional transformação. Os donos do animal, até então camponeses humildes, são continuamente fotografados e entrevistados pelos repórteres dos maiores jornais de Nova Iorque. Nos clichês, aparecem tão orgulhosos que a gente chega a pensar que são responsáveis por tudo aquilo que está se passando no organismo da pobre vaca...

*

UM repórter que se aproximou mais do que devia de Lana Turner, na Quitandinha, descobriu que ela tem mau hálito. Na tela, ninguém nota...

★ Djalma Andrade ★

Madame Curie, a sublime patriota

NAQUELE dia brumoso de inverno europeu, quando a neve cobria impiedosamente as casas e ruas de Varsóvia, e o frio despejava sobre a cidade embranquecida um silêncio preguiçoso de paz e melancolia, a escola de Mlle. Sikorska oferecia, entretanto, à paisagem, a nota alegre do movimento e da vida.

Numa das salas, principalmente, a aula se desenvolvia em ambiente jovial de caloroso bom-humor. E' que, como de hábito, a simpática e bondosa mestra, sempre afeita a fazer surpresas, ordenara às meninas deixarem de lado o trabalho manual, para ouvirem um pouco de história pátria.

Um sorriso de indizível satisfação iluminou, então, a fisionomia inocente daquelas criaturas em cujo olhar fulgia um brilho de indisfarçável contentamento. Iam, enfim, mais uma vez, falar livremente, ao menos por alguns minutos, sobre a própria terra de seus maiores e dos heróis que, no passado, a engrandeceram.

Excusado se torna dizer, essas aulas se realizavam muito em sigilo, pois não havia maior crime, delito mais infamante, aos olhos do oficialismo russo, do que murmurar ao menos, com o mais leve respeito, o nome daquela Polónia infeliz e grandiosa, que, há tanto tempo sofria sob o peso da dominação estrangeira.

Ah! se o departamento russo soubesse...

As discípulas de Mlle. Tupalska variavam, em idade, entre os dez e dezoito anos, e eram, tal a mestra, polonesas até o fundo da alma. Destas, entretanto, uma se destacava, tanto pela pouca idade que trazia, nos seus dez frescos janelos, quanto pela fulguração do talento, afoiteza de inteligência e lucidez de memória. Além disso, era a mais adiantada em todas as matérias, mormente em história universal, em cujo campo a sua reputação nunca fôra manchada por um só quinquê. Daí a razão porque lhe era o nome sempre lembrado nas arguições:

— Maria Skolodwska!

— Senhora.

— Falemos de Stanislaw Augusto.

Os lábios ressequidos, a voz firme e ligeiro rubor no rostinho miúdo, a pequena respondeu prontamente:

— Stanislaw Augusto Poniatowski foi rei da Polónia em 1764. Inteligente, muito culto, amigo dos artistas e escritores. Conhecia os males que afetavam o reino e procurava os

"Não há polonês que esteja tranquilo, quando sua pátria se acha entre a vida e a morte." — Witni.

Omar Santos



MARIE CURIE

remédios. Desgraçadamente, não era homem de coragem.

A resposta, no tom com que foi formulada, traía, no seu conteúdo, o sentimento que dominava, igualmente, os vinte e cinco coraçõeszinhos moços que ali, em cada carteira, batiam no mesmo ritmo de escaldante febre patriótica. E quanto calor, quanto entusiasmo transparecia naqueles lábios ao balbuciar o nome sacrossanto da pátria de Chopin!

E a preleção continua normalmente, até que, de chofre, acorda a campainha do seu sono metálico, denunciando, no tilintar agudo e repetido, qualquer acontecimento anormal.

Alguma visita oficial, com certeza. Ninguém se enganou. Em pouco abre-se a porta, deixando passar, pesado e gordo, o astuto Mr. Hornberg, acompanhado da inquieta e temerosa diretora.

Revistar as carteiras e os pertences das meninas, eis o primeiro gesto odioso do mul digno e respeitável inspetor, tão cômico e escrupuloso no desempenho de seus deveres funcionais. Felizmente, porém, nada encontrou na busca, que pudesse denunciar alguma aula clandestina. Nenhum livro, nenhum caderno. Ah-

solutamente nada. As meninas, dedal no dedo, agulha na mão, continuam a espetar cuidadosamente o pano esticado entre os bastidores, como se nada estivesse acontecendo de anormal.

Imperturbável, a professora apresentou, ao emissário russo, os "Contos de Krylow", que, disse calmamente, lia para as alunas, enquanto trabalhavam. Mas o homenzinho, ao que parece, ainda não estava disposto a desfazer, com a sua ausência, a desagradável atmosfera de tensão nervosa, que ali reinava desde a sua entrada.

Com ares ditatoriais, pede a Mlle. Tupalska, num acento de fria polidez, que chame à inspeção uma das alunas.

De nada valeram a pequena Maria as jaculatórias e invocações aos céus para não ser a chamada. Debalde aflorou-lhe aos lábios, muitas e muitas vezes, o nome sacratíssimo da Virgem... Não que, por isso, temesse um fracasso, mas pela medonha humilhação de ser obrigada a responder, em russo, as perguntas capciosas daquele estrangeiro de olhar desconfiado e modos abruptos.

Mas, decididamente Deus não quis ouvir-lhe as preces ansiosas... De súbito, o nome dela ecoou no silêncio da vasta sala, num tom ambíguo de ordem suplicante:

— Maria Skolodowska, queira levantar-se. O inspetor deseja fazer-lhe algumas perguntas.

O seu martirologio não foi pequeno. Rezou, em russo, o Padre Nosso; falou sobre reis e príncipes russos; discorreu sobre o Governo russo; enumerou, em ordem hierárquica, toda a escala de dignitários russos; disse da religião russa, e o diabo enfim... E tudo em russo!

Afinal, ia sentar-se aliviada quando a última interrogação, caindo em cheio sobre ela, veio ferir-lhe, no fundo do peito, o coração ofegante:

— Quem governa a Polónia?

O rosto subitamente empalideceu, os olhos fuzilando indignação, a voz paralisada nos lábios trementes, a pequena patriota sentiu-se como que fulminada por forte corrente elétrica... Foi a custo que deixou escapar penosamente estas palavras, tão duras quanto melancólicas:

— Sua Majestade Alexandre II, Tsar de todas as Rússias.

O funcionário dá por terminada a sua missão, e, intimamente satisfeito, retira-se incontinentemente, num seco inclinar de cabeça.

Visivelmente emocionada, a boa

mestra, abre os braços à pequena revoltosa, e cobre-lhe de beijos comovidos o rostinho alagado das lágrimas que não pôde mais sufocar. E a caçulinha da escola desata em choro, arrancando do peito fundos soluços represados.

Este fato já era uma predestinação do grande papel histórico que estava reservado àquela que, mais tarde, como cientista e sábia, coroaria de glória as duas pátrias irmãs, do seu coração: a Polónia e a França.

Mas antes, muito antes que isso acontecesse, aquele menina crescia, e à proporção que crescia aumentava-lhe cada vez mais a vontade de ser útil à Polónia. As lágrimas daquele dia, em presença das colegas, bem como os escarros de nojo, atirados por ela ao monumento russo, erigido numa das praças de Varsóvia, são de molde a evidenciar a dose de amarga revolta que germinava no ímo de sua alma. A eloquência de gestos assim fazia mais alto numa criança do que, muitas vezes, toda uma revolução alimentada ao fogo da mais ardorosa fé patriótica. Porque, às vezes, há mais sinceridade na lágrima de uma criança do que sensatez no sangue derramado de milhares, muito embora essa mesma lágrima e esse mesmo sangue sejam vertidos por um mesmo sonho libertário.

Naquele regime de opressão em que se debatia inerte a terra de Kosciusko, quando os homens tinham as mãos atadas, e sentiam na bôca a pressão terrível da mordaca, e enquanto, sem embargo, o nacionalismo subterrâneo minava, sorrateiro, os alicerces da dominação estrangeira, ao polonês espesinhado só era dado fazer uma coisa. Só lhe restava chorar... Dentro da escuridão daquela noite sem estrélas, eles compreendiam que a lágrima era, ainda, a única luz a iluminar os corações, num constante sinal de alerta, mostrando, a todo o mundo, que a alma nacional não havia morrido, e que a Polónia, como a Fênix mitológica, ainda havia de ressuscitar de suas próprias cinzas. Porque os seus filhos trabalhavam pela sua redenção!

A censura era rigorosa em todos os setores. Todavia, em que pese todo o rigorismo catoniano, o campo do pensamento, mau grado as tentativas para embargá-lo, constituía doce refúgio para as almas sequiosas de liberdade. Era, para aquele povo heroico e martirizado, o único reduto independente e inacessível, aonde o farisaísmo russo não pudera, até então, estender os seus tentáculos assanhados.

Ah, nas fornalhas do pensamento, é que, à força de contínua vigilância,



Inspirada na côr de praia das garotas cariocas

Essa côr queimada, tostada pelo sol, que é a inveja de tôdas as mulheres do mundo, inspirou a nova e maravilhosa tonalidade do Pó Para Rosto COLGATE — "Morena Jambo". Nos Estados Unidos, "Morena Jambo" (Sun-Tan) está causando verdadeira sensação, pois dá à cutis a sedutora côr tropical tão apreciada pelos homens. Hoje mesmo, peça "Morena Jambo" — a sensacional nova côr do



ROUGE COLGATE
Importado
Concentrado —
complemento
do Pó Colgate

PÓ PARA ROSTO
COLGATE

HOTEL MARQUES

DE Edgard Marques Santos



FACHADA DO HOTEL MARQUES

Rua Oliveira Mafra, 223

Caixa Postal, 12

Telefone 13

CAXAMBÚ

SUL DE MINAS

PROXIMO AO PARQUE DAS ÁGUAS MINERAIS

se forjavam, no trabalho diuturno das idéias, as armas poderosas que haveriam de, um dia, devolver à mãe pátria o direito de pensar e agir livremente, e o seu lugar ao sol, no concerto universal.

Maria — ou Mania, como lhe chamavam em família — era, àquele tempo, mau grado a sua pequenez, o mais lídimo exemplar da virilidade patriótica, saído daquela forja de heróis. Filha de um professor e uma professora, ambos legítimos poloneses, é de convir que a sua educação se tenha processado em ambiente muitíssimo favorável à germinação e desenvolvimento de profundas idéias nacionalistas.

Muito criança ainda, logo que recebesse os primeiros raios solares da compreensão, habituou-se Mania a ouvir, de vez em quando, nas palestras familiares, certas palavras e expressões, como “dominação russa”, “libertação da pátria”, e tantas outras. Até que veio a saber depois que a Polónia não era livre, como as outras nações, e que, ultimamente, gemia sob o guante dos russos. Finalmente, acabou por compreender que à nova geração cabia a grande tarefa de redimir o solo pátrio do jugo estrangeiro.

E assim, num ambiente de forte “chauvinismo”, com os pensamentos sempre voltados, no mais ansioso messianismo, para o quadro doloroso da Polónia martirizada, acorrentada como Prometeu, a pequena Manfusia desenvolveu o seu tenro corpinho e sua estrutura moral. Cresceu. Fêz-se donzela. E a proporção que crescia, mais nitidamente se acentuava nela a idéa de uma Polónia livre e grandiosa!

A tentativa russa do obscurantismo sistemático contra a cultura e a civilização de uma das mais cultas nações europeias, encontrou, nessa “maquis” de 18 anos o formidável obstáculo, cuja resistência muito longe andavam de poder avaliar. E que como os demais membros da “inteligência”, ela só agia nas sombras e nas sombras exercia o heróico apostolado...

Eu, como que a vejo, em pensamento, metida num vestido simples, de tecido barato, ou no paletó surrado, às espreitas, pelas ruas desertas, na calada das noites, demandando aflita os lares opulentos e os humildes casebres, para levar aos tibios de espirito a linfa miraculosa do saber e do conhecimento...

Ontem nas fábricas, hoje nas oficinas, amanhã nas salas secretas, em todos os lugares, enfim, onde se fazia mister, a luz da sabedoria, ou o calor de um coração amigo, ali estava Maria Skłodowska, ludibriando a vigilância, e rompendo o cordão de isolamento, esticado pelo opressor, contra as tentativas de instruir o povo e prepará-lo para a magna tarefa de reabilitação nacional.

Assim, na idade em que o coração da mulher desperta para a vida, aos suavíssimos enleios do amor, na aspiração tranquila de um lar, a jovem Mânia, na majestade de sua grandeza, só tinha uma obsessão. A única estrela a cintilar no céu da sua mocidade sem romance era apenas esta: a Polónia. Era este o seu credo. Era esta a sua religião. E, perante o altar da pátria a sua alma se ajoelhava contrita. A Polónia era o seu idolo, era a sua vida! A Polónia era o seu primeiro e único amor...

O CASO KIPPLING. CONCLUSÃO

sência desta na noite em que pensara eliminá-la.

Tão positiva série de provas eclipsou por completo a estranha claridade que Mr. John Elliot Kipling tentara lançar sobre o processo. Meio ano depois era sustentada a decisão do Tribunal por intermédio de novo julgamento.

E a vinte e três de abril de 1946 Florence James era recolhida à Penitenciária de Brodenvill onde cumpriria sua pena. Levava com ela apenas a fadiga, consequente da luta que terminara e um amor impossível que lhe serviria de consolo durante os próximos trinta anos.

Lá fora, no mundo, ficaria o homem amado.

*

COSTUMES CHINESES

Na China, os homens andam nas ruas transportando os filhos, a passeio, em pequenas cestas, à guisa de carrinho.

A linguagem escrita é diferente da adotada para falar.

Os livros se lêem da direita para a esquerda.

O branco é empregado como luto.

Os chineses assinam primeiro o sobrenome e depois o nome próprio.

Quando alguém lhes é apresentado, estreitam suas próprias mãos, ao invés de estreitarem as do novo conhecido.

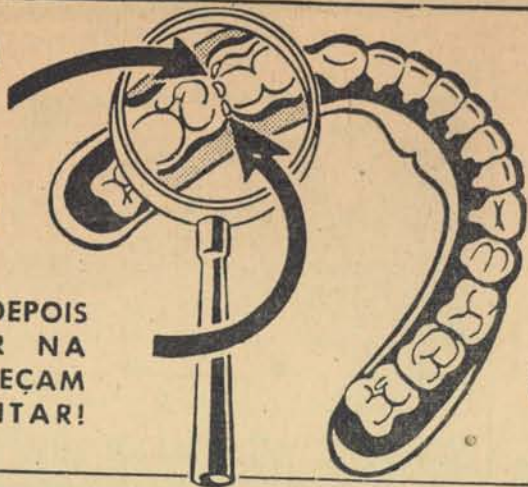
Os homens é que executam os vestidos das damas e são as mulheres as carregadoras de móveis e dos mais variados pacotes pesados, nas empresas de mudanças e entregas a domicílio.

Os chineses montam a cavalo pelo lado direito. E iniciam as refeições principais pela sobremesa, terminando-as com a sopa.

CUIDADO!

**Aqui
atacam os
micróbios!**

**2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!**



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentifício medicinal como o Odorans, pode penetrar nesses restos de alimento e embebe-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS
O DENTIFÍCIO MEDICINAL



● De textura delicada e macia, de aroma e sabor suavíssimos, as pastas Swift são o segredo de uma infinidade de pratos deliciosos e fáceis de preparar. Enriqueça seus recursos culinários com as pastas Swift, uma verdadeira carícia para o paladar mais exigente. E surpreenda, hoje mesmo, aos seus, servindo-lhes apetitosos e substanciosos pratos, feitos com as variadas e nutritivas pastas Swift.

PASTA DE FÍGADO
PASTA DE PRESUNTO
PASTA DE LÍNGUA
PASTA DE GALINHA
PASTA DE CARNE

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES
MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



GRÁTIS! Para receber o livro de
Receitas Swift, preencha
este cupom, junte 3 rótulos diferentes de
produtos Swift, e envie tudo a: Cia. Swift do
Brasil, Rua Dr. Falcão Filho, 56 - São Paulo.

NOME.....

RUA..... N.º.....

CIDADE.....

ESTADO.....

1 - L L L L - 246



BRILHA SEMPRE ! ***

Nos esportes, na vida social, no trabalho ou em casa, ele **brilha** sempre. E dá provas de sobejo bom gosto pois completa seu apuro usando Brylcreem que torna os cabelos sadios e juvenis e os mantém sempre penteados. Brylcreem dá brilho, fixa sem emplastar, permite repentejar, tonifica a raiz do cabelo, evitando a caspa e a queda do cabelo. É produto científico e positivo. Sua colocação nos barbeiros de 1.ª e suas 5 embalagens diferentes, põem-no ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

As HEMORRÓIDAS causam sérios distúrbios



As HEMORRÓIDAS sendo uma moléstia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irri-

tadisso. Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre prisão de ventre, palpitação, tonteira, inapetência e sensação de peso no reto. As PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD, medicação de origem

vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade dos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato, a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das prodigiosas

DESTINO das palavras bem parecido, por vezes ao destino da gente. Há palavras modestas, obscuras, bem comportadas e simples, que vivem toda a sua vida sem sobresaltos, sem descaminhos. Não envelhecem, nem morrem. Continuam prestadias e úteis com uma regularidade de burocrata, assinando diariamente o ponto com uma vantagem, sem aposentador'a.

Há palavras que surgem com um meteoro. Brillham, deslumbram, vibram em todas as bocas. Mas depois se gastam, prostituem-se, envelhecem, caem nos esgotos dos dicionários e ficam sepultadas para sempre despertando apenas uma vez ou outra a atenção dum escarafunchador de etimologias.

Há palavras de origem nobre, de sangue azul, com pergaminho greco-latinos, que lhes atestam a pureza e aristocracia do berço. Umis permanecem senhoris e finas. Outras, porém, se degradam. Esquecem seus braços. E rolam nas sarjetas da vida, plebeizam-se. Passam a morar nos cortiços da glória.

Há palavras de baixa estirpe. Não têm origens nobres. Não têm antepassados clássicos. Brotaram dentre o lixo da rale. Mas são fortes, são tenazes, são belas, são necessárias. Vão galgando postos. Vão ascendendo na escala verbal e e-las um dia nos salões de luxo da linguagem, com entrada garantida nos dicionários. Ninguém lhes indaga a linhagem e só mesmo algum dicionarista indiscreto se dá ao malévolo prazer de apontar-lhes as origens escusas.

Que é um prazer e uma diversão bem interessante o rastrear as origens das palavras só mesmo quem nunca se deu ao trabalho de folhear um dicionário etimológico poderá negá-lo. Que de aventuras, que de transformações lentas ou mudanças bruscas, o curso de vida duma palavra! Sua fisionomia primitiva, seus traços pueris, sua beleza ou sua feiura, vão se modificando pouco a pouco, assumindo outro aspecto e agora, quando a encaramos, longe estamos de supor que ali temos o resultado duma evolução, muitas vezes inexplicável, de sentido e de uso. E que sobressalto, que surpresa tocada de incredulidade nos assaltam por vezes, quando descobrimos certos parentescos obscuros e até mesmos indignos de palavras que usamos cotidianamente, belas, úteis, resplendentes de colorido e de vida.

Ah! orquídeas caras que se

PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD

O DESTINO DAS PALAVRAS

Oscar Mendes
Ilustração de Fábio

oferecem como homenagem de amor! Como vossa origem é pouco poética e imprópria para homenagens dessa natureza, segundo os cânones da decência e da boa educação, embora assim não entendam os discípulos de Freud. Ser testemunha, ser contemplado num testamento, coisas que tantas vezes agradam, fariam recuar de vergonha (ah! este verbo também!) que lhe conhecesse as origens.

Mas não desçamos a estas minudências, seu tanto quanto delicadas. Não somos filólogo, nem erudito. Mero curioso, em busca de assunto para uma crônica, fazendo jus a uma retribuição em dinheiro, a um pagamento, digamos mesmo, em linguagem mais do tempo, a um salário. E por que salário? Porque o sal era coisa difícil e cara. O que se ganhava dava mal muitas vezes para comprar o sal, tão necessário ao condimento das comidas e à sua preservação, uma vez que somente muitos séculos depois os norte-americanos inundariam o mundo de geladeiras. Como vivemos numa época em que o dinheiro mal chega para comprar pão, sapato, carne, leite, ovos, verduras, frutas, roupa, quem sabe se teremos alguma palavra que, como aconteceu ao salário, fixe para os pósteros os apertos de vida dos pobres mortais deste século XX?

Se em lugar de salário, de origem tão ligada à cozinha, preferirdes a palavra emolumento, não houve muita diferença. Era o lucro dos antigos moleiros. Vem do verbo latino "emolere" que quer dizer moer, reduzir a pó. Do sal passamos à farinha e bastaria um pouco d'água e carne para termos um pastel etimológico, isto se a cozinheira não fizesse sabotagem, obrigando-nos, à falta dum bom pastel, a mandar um simples sanduiche.

Se investigarmos a origem daquela primeira palavra grifada, veremos que vem chãmente de tamanco, do francês sabot, que significa o sapato feito sem complicações, toscamente, como é o tamanco. Sabotage é, pois, o serviço mal feito. E quando feito assim, propositadamente, com fins criminosos, têm-lo como arma de represália, de vingança, de defesa mesmo, contra a prepotência e a força bruta. Aliás,

em português, temos o verbo "atamancar" que não apenas significa "fazer tamancos", mas fazer mal uma coisa, "atamancá-la", critica que não desejo que os leitores façam deste meu artigo com o qual me candidato à sua benevolência e atenção, muito embora não me apresente com aquela cindidez de vestes (que a de intenções tenho), característica do verdadeiro candidato. Explico-me.

Quando em Roma, alguém aspirava a um cargo eletivo, andava de toga branca, cândida, daí o ser chamado candidato, o traje simbolizando a pureza, a candidez, a brancura de suas intenções de bem servir. Hoje as coisas mudaram muito. Os candidatos usam de tantas cores, tanto externa, quando internamente, como uma porta de tinturaria. E alguns são candidatos apenas por fora. Porque por dentro as suas intenções são as mais negras possíveis. E se as conhecessemos, em vez de dar-lhes votos, daríamos alfinete, como se estivessemos defrontando um assassino, embora em vez de gritar "à l'arme" à francesa, ou "all'arme" à italiana, despertando uma povoação inteira para que pegasse em armas contra um invasor, con-

tentemo-nos em ligar o telefone, chamando o pronto socorro policial para deter o "assassino", este agora sim, perigoso, tanto quanto seu antepassado remoto, o "hashshashin", a princípio meo comedor de "hashish", substância tirada da flor do canhamo e excitante, depois agremiado em sociedade secreta, lá na Ásia sob a chefia do "Velho das Montanhas", para terrorizar e matar as populações indefesas.

Mas voltando ao sanduiche, vamos ver que esta comida ligeira, tão útil aos que de pouco tempo gozam para demorados repastos, não surgiu dum necessidade louvável, mas para alimentar o sr. João Montague, conde de Sandwich, que, jogador inveterado, não querendo abandonar a mesa do jogo, onde se achava havia já vinte horas, mandou buscar um pouco de carne metida entre duas fatias de pão, e se pôs ali mesmo a engulir a nova forma de alimento, que tanta difusão iria ter no mundo inteiro.

Demonstrou assim sir João Montague que não era nenhum idiota (se bem que louco por jogatina, no seu sentido moderno, mas homem capaz de por si mesmo, particularmente, caracteristicamente, peculiarmente, livrar-se de apertos. Porque o idiota, o particular era o que vivia por si mesmo, de suas posses, sem desempenhar cargos públicos. Os que os abiscoitavam, porém, julgaram-se importantes e mais bem dotados do que os outros e passaram a empregar o termo como meio de depreciar aqueles que consideravam incapazes, por deficiência mental, de desempenhar uma função pública. Será por medo de passar por idiota, que tanta gente procura os empregos públicos?

Mais modestos são os escritores e gramáticos que não se envergonham de empregar idiotismos, pois sabem que estão exprimindo suas idéias em linguagem própria, saborosa, que dá dor de cabeça ao estrangeiro que queira traduzi-la, uma vez que se trata de coisa muito "peculiar", muito sua, abedal próprio, pécúlio seu, isto é, o dinheiro ajuntado, a pecúnia, com a venda de seu gado e de suas ovelhas, (pecus,



THEROIGNE DE MERICOURT

Dias de violência e paixão — Batalhões femininos nas jornadas libertárias. Na conquista dos direitos do homem — A beleza e a sedução a serviço do ideal — Entre a incompreensão e a intolerância — No comando dos fantasmas da loucura

Dionysio Garcia

O movimento revolucionário estalou na França, dando por terra a realidade e com ela o regime de absoluta desigualdade e injustiças, arrastou em seu vórtice os espíritos mais ardentes. A mocidade entusiasta, como sempre em todas as procelas políticas e sociais, deixou-se arrebatada. Como jamais se vira, também as mulheres se envolveram na luta. O furor das mulheres naqueles dias de insânia e tormento alcançou um paroxismo inédito. As mulheres das mais baixas camadas tomaram parte ativa nos distúrbios, particularmente em Paris, nos trezentos e tantos motins que precederam a explosão de 14 de julho e nos dolorosos dias de outubro de 1791, nos quais se mostraram encarniçadas.

No campo intelectual, desde muito as mulheres também vinham colaborando na propagação das idéias revolucionárias. Seduzidas pelos sucessos e pelas teorias, numerosas moças ingressaram nos partidos da revolução e acabaram envolvidas no torvelinho.

Theroigne de Méricourt foi uma delas. Época de intensas paixões políticas. A miséria em que viviam as populações da França aumentava e despertava cada vez mais os protestos. As massas populares, trabalhadas pelos agitadores, rebelavam-se e intervinham nos acontecimentos. A fome arrastava o povo para o desespero. Os panfletos espalhavam-se por toda a parte, excitando os ânimos. "Quando obteremos pão?" "queremos pão", "por onde anda o pão?", são clamores que se ouvem a cada instante. O comércio de cereais quase não existe, por ser perigoso. As padarias estão guardadas pelos soldados. Depois de longa espera, alguns de mais sorte recebem um pão intragável. Em alguns lugares tinha gosto de mofa. As mulheres, enraivecidas, apoderaram-se dos sacos de farinha de trigo, abrem-nos à ponta de tesoura. E o pão, o alimento

mais precioso e apetecido na época, assim como os principais gêneros alimentícios continuavam a faltar, não obstante as coihetas terem sido abundantes.

*

Antes de se tornar conhecida como Theroigne de Mericourt, chamava-se Anne-Joseph Terwagne. Nascida em Marcour, no Luxemburgo belga, em 1762, pertencia a uma família de abastados componeses. Criança, em Liège, ajudara ao pai a guardar as suas vacas, mas ao atingir a idade de dezesseis anos deixou a família para residir na Inglaterra a serviço de uma dama rica.

Seduzida por um cavalheiro, que a fez sua amante, Theroigne, abandonada, cai em profunda desilusão. E assim, humilhada, trazendo na alma intensa e pungente mágoa, aparece em Paris justamente quando homens e mulheres se batiam pelos princípios de igualdade e fraternidade. Impulsionada pela palavra dos agitadores, penetrada por singular sensação de que existia algo superior à sua dor diante do imenso sofrimento da humanidade, Theroigne faz-se a "Amazona da Liberdade", conquistando uma posição de destaque na luta contra o regime vigente.

Trocara definitivamente os pensamentos de felicidade pessoal pelos altos desígnios da Revolução que estava em marcha. E toda a sua dedicação

*

Mantenha o seu bom aspecto pessoal!

Brilhantina
OVOGEM
de HERÚ



À BASE DE CHOLESTERINA DE DVD,
ÚNICA NO GÊNERO

Perfumaria Herú - C. P. 3486 - Rio de Janeiro

de mulher, todo o seu coração generoso de moça entregou-o à causa da liberdade democrática.

Naquela época, a Assembléia Nacional vivia os momentos mais agitados da preparação dos direitos do homem. Os deputados, dentro de seu sonho e de seus interesses imediatos, perdiam-se em intermináveis e estereis discussões, que se envolviam em citações clássicas, na imitação dos padrões da antiguidade. Theroigne a princípio não entendia bem aquelas bizantinas argumentações e os ideais que esquentavam aqueles cérebros. Todavia, frequentadora assídua das galerias, dia e noite, prestava grande atenção aos debates. Lia Rousseau, Montesquieu, Helvetius, e procurava assimilar as teorias e compreender tudo quanto se discutia.

*

Um dia a ouvinte das galerias aparece na sala das sessões, e expõe com entusiasmo e inteligência as suas idéias acerca dos direitos do homem. Bela, de faces ardentes, falando com calor e convicção própria dos grandes idealistas, a aparição da jovem provoca extraordinária impressão, e ela é saudada com frementes aplausos. Um contemporâneo diz que "ela podia ser tomada por um rapaz vestido de mulher". Formosa e atraente, as suas feições eram de linhas puras. Os dentes alvos, a pele clara e fina, os cabelos castanhos, toda ela era uma pessoa de encanto delicioso.

"Pouco tempo depois — escreve René Füllopp Miller — demoiselle Theroigne, com os cabelos castanhos anelados, o olhar ativo e a face radiante, vai sentada, num cânhão puxado a dois cavalos. Alguns querem compará-la à estátua de Pallas Athené. Comanda mulheres revoltadas e condú-las ao assalto das bastidas do inimigo". E nas praças, nas barricadas, por toda a parte onde o povo se ajunta e clama, combate e morre, ela é vista diária-



mente, destemida, arrastada pela sagrada chama do ideal.

Em Versalhes foi ela quem, com os seus comandados, desarmou o regimento de Flandres. Vibrante, com as faces afogueadas, que a tornam mais bela e sedutora, Theroigne de Méricourt vive os mais trágicos dias da Revolução Francesa. Assiste à tomada da Bastilha, atravessa as ruas onde se combate com denôdo, fala aos soldados, aperta-os ao peito, convence-os da grande causa da democracia e tira delicadamente de suas mãos os fuzis com os quais defendiam a realeza.

Promovida a oficial, segue para Liège a fim de amotinar o povo contra os austríacos que se aproximam para invadir a França revolucionária. Novamente em Paris, Theroigne de Méricourt participa da marcha sobre Versalhes, comandando um batalhão de mulheres, às quais sabe comunicar o seu entusiasmo ardente e sua temeridade. E naquelas horas trágicas o bravo batalhão carrega na ponta de seus piques as cabeças cortadas dos soldados da guarda do rei Luiz XVI. A fúria dessas mulheres é pavorosa, e tão estranha e veemente que se irradia por toda a França, e infunde nos homens mais energia e bravura.

Mais tarde, passada a exaltação dos primeiros dias da borrasca, Theroigne de Méricourt passa a refletir na violência e nos destinos da França. Como todos os idealistas, mostra-se impávida diante do perigo, desconhecendo talvez o fundo movido das agitações populares, a contradição das massas humanas, os seus paradoxos, as suas

ambições conduzidas mais pelos seus impulsos, seus interesses momentâneos, seus instintos. Levada talvez pela ternura feminina e pela experiência dos acontecimentos, apoiada pelo poeta André Chenier, atreve-se Theroigne a pedir a liberdade para os infelizes suíços de Chateau Vieux. Como que atemorizada e arrependida pela sangueira das jornadas revolucionárias, ela prega um pouco de amor e moderação. Sob qualquer prisma que se aprecie a atitude da heroína, era um ato de generosidade.

Mas para as massas populares, os exaltados e os agitadores, que exploram todos os maus instintos da população, era um recuo, e que poderia trazer consequências funestas à causa revolucionária. Nesses momentos dramáticos de agitação extrema não se admite qualquer motivo de ordem sentimental, nem convêm semelhantes atitudes aos agitadores, que só se mantêm pela confusão, pela violência ou pelas paixões desencadeadas. A desconfiança, a ambição de alcançar o máximo das reivindicações, o desejo de ver vitorioso o ideal, a exaltação do momento, o instinto de emulação existente na alma humana, criam uma atmosfera de intolerância que transporta os espíritos para o

extremos da luta. Muitos partidários e admiradores de Theroigne de Méricourt não puderam talvez compreender os sentimentos que levavam a "Belle Liégeoise", como a chamavam, a pregar a moderação justamente quando o partido extremista, a Montanha, alcançava os seus maiores triunfos.

Nasce logo uma tremenda oposição contra a ardorosa revolucionária, principalmente nos clubes femininos, onde as mulheres como endemoinhadas exercem uma agitação constante, clubes que para alguns historiadores representavam o verdadeiro espírito da Revolução, pela intransigência e intolerância.

Theroigne de Méricourt está perdida. Os agitadores não lhe perdoarão a generosidade.



O segredo do beijo... MICHEL em seus lábios

Conheça por experiência própria as qualidades sedutoras do baton Michel... se é que deseja saber o segredo dos beijos. Os batons Michel são de uma suavidade de cetim, divinamente delicados, infinitamente mais estáveis e esquisitamente perfumados para o arrebatamento dos sentidos. O baton Michel não lambuja e nem se resseca. Peça-o pelo nome — Michel!



Michel

NEW YORK • PARIS • LONDON

BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE

Não se esqueça que é de sua própria conveniência utilizar os produtos garantidos por uma marca prestigiosa e fabricados por empresas de responsabilidade. Por isso, quando procurar adquirir os produtos de sua marca preferida, desconfie dos que procuram impor-lhes similares desconhecidos, desprestigiando a marca de sua preferência.



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

FOTOGRAFIAS
ZINCÓGRAFIAS
TRICROMIAS
DUPLÉS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

Não compreend-rão qualquer sentimento de compaixão. Na sua tarefa de agitadores, na sua missão de espalhar o fermento da discórdia, da incompreensão, da violência, não indagam nem discutem causas. Só há uma coisa a fazer: atacar, criticar, lançar no caminho da vítima os obstáculos, açular sobre ela as paixões da alma col-tiva. Só existe para eles uma tarefa: agitar para destruir."

Nesse momento perigoso para sua existência talvez tivesse passado pela mente de Theroigne o episódio do jornalista Suleau que apontado por ela, naquelas horas de sangue, foi despedaçado pela multidão enfurecida. Sua experiência de revolucionária devia ter-lhe feito compreender — nesse instante em que as paixões se voltavam contra si — quais os erros que cometera e as injustiças de que fôra causadora levada por um idealismo extremado e talvez mal compreendido.

Mas era tarde. O povo não voltaria mais a admirar-lhe os feitos. Seus sacrifícios, sua temeridade, seu passado de bravura e de ativa militante, seriam esquecidos. A heroína, a Pucelle d'Orleans para alguns, seria agora a megera. A mulher átoa. E Theroigne devia ter compreendido então, com profundo desgosto, a ingratidão da alma humana. O arrependimento era tardio.

Decorre o dia 31 de maio de 1793, quando Theroigne de Méricourt é surpreendida, na *terrasse Feullitantes*, pelas regateiras e adversários, que a insultam, chamando-a de "farsante", "traidora", e nomes obscenos; atiram-se contra ela, desgremham-lhe os cabelos, arrancam-lhe os vestidos e chicoteiam-na em seguida, enquanto a multidão em volta canta, ri, dança, grita, em desespero, ébria de prazer.

O bárbaro tratamento produziu-lhe funda impressão. Daí por diante, a pobre Theroigne de Méricourt vai entrando aos poucos na densa treva da loucura. Encerrada, agora, numa cela de louco, na Salpêtrière, viverá com os seus fantasmas e empolgada pelas cenas revolucionárias que se passam no seu cérebro enfermo.

Ei-la no manicômio, pronunciando discursos inflamados, confusos, acabando por frases desconexas, sobre a fraternidade, a igualdade, os direitos do

homem. Num gesto largo, veementemente, comanda batalhões em combate, levanta os braços descarnados para dar ordens, como para um novo assalto à Bastilha. Escarrancha as pernas como se tivesse cavalgando um canhão...

— *Allons enfants de la Patrie!... Formez vos bataillons!... vos bataillons!...*

E precipita-se sobre as paredes, soltando gritos estridentes, até cair esgotada e coberta de escoriações. E assim viveu 25 anos, dentro de uma sombria cela da Salpêtrière, Theroigne de Méricourt, heroína da Revolução Francesa, que ajudara a implantar na França a democracia, que sofrera pelo povo, que arriscara a vida numerosas vezes, batalhando com denodo pelos direitos do homem, vítima por fim da ingratidão e da intolerância.

A loucura livrou-a sem dúvida, do gume da guilhotina.

✱

O DESTINO DAS PALAVRAS

CONCLUSÃO

ovelha e qualquer espécie de gado, em latim).

Não sem malícia talvez, é que a palavra *pêco*, significando bronco, estúpido, tem a mesma origem de dinheiro, de pecúnia, isto é, a ovelha, o gado anônimo que obedece cegamente sem vislumbre de inteligência, até mesmo a um imbecil a um qualquer que ande sem bengala ou cajado (do latim *im de in*, não, e mais *bacillum*, cajado de pau ou bengala, de *baculus*, cajado de pastor). De modo que, em rigorosa etimologia, podemos dizer que todos nós somos imbecis. E' melhor, porém, deixar a etimologia em paz. Se chamarmos alguém etimologicamente certo de imbecil, não concordará êle com estas sutilezas semânticas e mesmo sem bengala, isto é, mesmo imbecil, poderá de'xar-nos a cara em pandarecos usando apenas os seus "ratinhos", os seus músculos (do latim *musculus* ratinho).

São perigos da erudição. Por isso, vamos parar por aqui, a não ser que os leitores não considerem esta crônica um fiasco algo que deveria ser feita veneziana mas que servirá quando muito para frasco (do italiano *fiasco*), e assim sendo voltaremos a novas incursões pelos reinos de semântica, onde se faz e desfaz o destino das palavras.

AMORES HISTÓRICOS

Alfredo de Vigny e Madame Girardin

SOBRE a sua sensibilidade em flor.

Delfina Gay já sentia, havia muito, a influência embriagante dos versos de Alfredo de Vigny. O grande poeta atraía, com a beleza de seus poemas, a atenção da elite parisiense.

Delfina lia-o enternecida, sentindo sua alma lírica de menina-moça vibrar à emoção que o artista lhe transmitia na beleza suave de suas poesias. Era como se lhe ouvisse a voz banhada de ternura que a envolvia toda numa carícia quase física.



Frequentava os melhores salões franceses. Sua mãe, Sofia Gay, privava da amizade íntima da famosa Madame Stael, cujo nome atraía as personalidades eminentes das letras na época.

Mas o destino é variado: levou-a aos braços de outro homem, quase por imposição materna. Emilio Girardin, publicista de ampla visão e vasta cultura, agradara à Madame Sofia Gay e amara doidamente Delfina. E o casamento se realizou, meses depois, buscando Delfina na amizade e ternura do esposo o lenitivo para a dor de seu sonho malogrado.

Alfredo de Vigny casara-se com Lidia Bumbury, dama lindíssima e possuidora de apreciável fortuna. Dizia-se que o poeta vivia descontente com a sua união matrimonial. Nada, porém, se sabia ao certo, pois o casal vivia feliz.

Quando Vigny e Delfina conheceram-se, numa tertúlia na residência de Madame Stael, cumprimentaram-se, sorrindo, como se conhecessem há muito tempo... Madame Girardin conteve a emoção, que trafia no olhar e nos gestos. Percebia-lhe Vigny a emoção e sentia-a comunicar-se à sua sensibilidade também abalada. Falaram de literatura e ela referiu-se às belas poesias através de cuja beleza havia avallado a alma do artista. Foram instantes de doce enleio aqueles, vividos no primeiro encontro em que os olhos, acariciando-se, revelaram o segredo delicioso que os unia.

Havia, porém, entre ambos, a figura austera e digna de Emilio Girardin e a criatura inteligente e amantíssima que era Lidia Bumbury. Mas, mesmo assim, os encontros rápidos e furtivos se sucederam sem nenhuma consequência. Apenas enchiam-lhes a vida de espiritualidade, que o poeta extravasava nos seus versos envolventes e Madame Girardin nas suas novelas e obras teatrais que lhe projetaram o nome.

A compreensão, porém, chegou. A renúncia, dolorosa embora, seria a salvação. Seria? Mesmo na angustiosa incerteza, Madame Girardin renunciou. A longa carta foi como um soluço de mulher desamparada à sensibilidade do poeta.

Vigny compreendeu o sofrimento da bem-amada. Sentiu-lhe o sacrifício. Hesitou longo tempo e entre procurá-lo e escrever-lhe, renunciando também, mas o que pôde fazer foi somente sofrer em silêncio a dor cruciante e inútil de não a haver encontrado antes...



TAMPAX É UM "TEST" PARA A MENTALIDADE FEMININA!

Porque é um método de proteção diferente!

Um processo absolutamente novo e científico de proteção sanitária das senhoras; é Tampax, usado por milhões de senhoras, nos Estados Unidos.

Qualquer que seja a sua idade e ocupação, a sra. terá proteção, segurança e conforto perfeitos graças a Tampax. Usado internamente, Tampax dispensa o uso de alfinetes, cintos, toalhas, almofadas e desodorantes. Tampax é confeccionado com puríssimo algodão cirúrgico; é fácil de aplicar, e simples de remover. Não se denuncia, não produz fricção nem irritações.

Tampax se encontra à venda nas principais farmácias e drogarias do país e nas melhores lojas de artigos femininos. Compre Tampax hoje, para este mês. Distribuidores: Hermann Caixa Postal, 247-Rio de Janeiro.

3 tamanhos à venda
JUNIOR-REGULAR
e SUPER

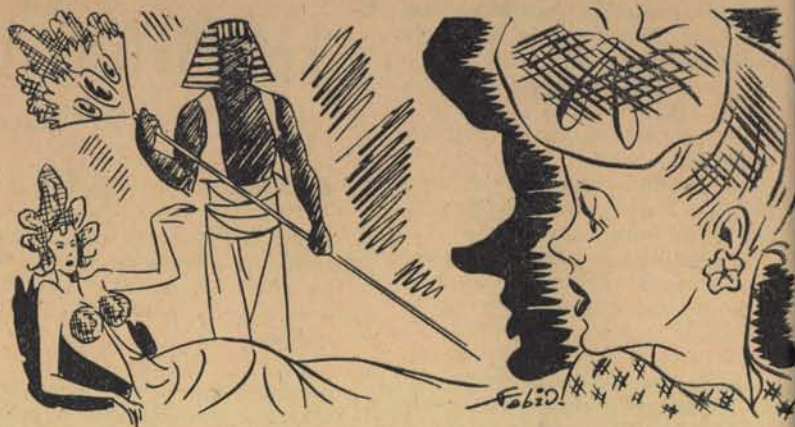
Propaganda aprovada pela Revista da Associação Médica dos EE. UU.



Amostra grátis

Faça uma experiência com TAMPAX! Envie-nos Cr\$ 2,00 para as despesas do correio, e receberá uma caixa contendo 3 amostras e um folheto explicativo. Caixa Postal 247 - Rio de Janeiro.

Nome
Rua
Cidade
Estado 3 FF



DIA de chuva despertava uma imensa vontade de mexer em papéis velhos guardados há muito tempo em gavetas que nunca se abrem, e é só a gente estar desocupada, que não resiste à tentação. Foi isso, e eu folheando velhas revistas francesas encontrei uma crônica de Franc-Nohain sobre o nariz. E lá então ele nos diz: "Para os fisionomistas o nariz é o 'ponto fixo' que lhes serve de base para experiências e observações. A nasologia é, pois, um dos capítulos fundamentais das ciências fiso-psicológicas. Na forma do nariz reside a essência do nosso caráter. A prova temos-la no carnaval. Basta usarmos um nariz postiço para parecermos outra pessoa." Mais adiante, ainda referindo-se à importância do nariz, ele nos fala que existem oito categorias de narizes: primeiro, o nariz reto; segundo, o nariz chato; terceiro, o nariz "busqué"; quarto, o nariz de Cleopatra; quinto, o nariz de Dante; sexto, o nariz aquilino; sétimo, o nariz *bourbônico*; oitavo, o nariz arrebitado.

Ai temos portanto o nosso nariz metido dentro de uma dessas oito classificações, mas devemos desconfiar delas, pois o mesmo articulista afirma que "o nariz grande não destoa num rosto bonito" do que duvido um bocado e

certamente não só eu. Naturalmente não passa de uma questão geográfica preferir este ou aquele nariz, e é conhecida a frase afirmando que a história do Egito seria diferente se o nariz de Cleopatra fosse menor... E o que pensar de tudo isso? É um grande consolo para

NARIZES FAMOSOS E ANÔNIMOS

Edi Maria

quem tem o nariz grande, não resta dúvida.

Creio, no entanto, que para nós, mulheres, o nariz mais bonito, aliás, como todo rosto, é o que tiver uma pele sedosa e bem cuidada. Gente de nariz comprido, chamámo-la de nariguda, logo é porque a preferência mais geral é pelos narizes pequenos, mas isso é uma regra com muitas exceções, naturalmente. Tenho uma amiga de nariz de metro e meio que é adorada pelo marido, que a considera a mulher mais linda do mundo. É uma nova Cleopatra certamente... Mas não foi para isso que iniciamos esta crônica, mas sim para auxiliar quem não se encontra de acordo com o nariz que recebeu da natureza. Apesar do que Franc Nohain nos diz sobre a relação do caráter e do nariz, a

totalidade das mulheres que se sentem descontentes com o apêndice nasal estariam dispostas até a trocar de personalidade desde que substituíssem a parte do rosto que não lhes agrada, por outra mais do gosto. As operações plásticas muito têm conseguido nesse sentido e a gente já viu muitas vezes esse tema explorado no cinema e na literatura. Verdade que às vezes não dá certo. Lembrem-se do caso de uma artista de cinema e do rádio nacional que pagou cem mil cruzeros para o médico melhorar-lhe o nariz?... A emenda, porém, foi pior que o soneto. Houve processo e escândalo, mas o nariz não teve mais remédio.

Apesar desse caso isolado da artista, geralmente as operações plásticas são o remédio garantido para modificar o nariz. Mas, para quem não deseja nem necessite recorrer a meios tão enérgicos, é que julgamos necessário lembrar que o penteado pode aumentar ou diminuir aparentemente o tamanho do nariz. Isso é importantíssimo, pois desconhecendo o papel tão relevante que o penteado representa, é fácil cair no erro de fazer com que os cabelos ainda acentuem mais, um traço já por si muito pronunciado ou, pelo contrário, tornem menor ainda um nariz demasiado pequeno.



Decálogo de Pai

I — Constituirás a tua família com amor, sustentá-la-ás com o teu trabalho e a governarás com bondosa energia.

II — Serás prudente nos negócios, pródigo nos ensinamentos, zeloso em manter a autoridade paterna, demorado nas decisões, mas intransigente desde que te decidas.

III — Terás para a tua esposa um infinito apoio moral, aceitando seus conselhos e procurando nela consolações.

IV — Destruirás todo erro doméstico, toda preocupação e toda desordem, desde que apareçam em teu lar.

V — Providenciarás para que exista sempre um saldo nos afetos e nas finanças.

VI — Farás com que os teus sejam em ti, quando meninos, uma força que ampara; quando adolescentes, uma inteligência que ensina; quando homens feitos, um amigo que aconselha.

VII — Não cometerás nunca a tolice de apresentar em oposição a luta o poder paterno com o materno.

VIII — Evitarás que os teus filhos conheçam o caminho da desgraça e a dor, e farás com que saibam suportar com ânimo os males e as maldades da vida.

IX — Estudarás detidamente as aptidões do teu filho; não lhe farás compreender que pode ser mais do que tu; mas o colocarás silenciosamente nesse caminho.

X — Cuidarás para que o teu filho seja tão robusto de corpo como são de inteligência. Fê-lo-ás bem antes de fazê-lo sábio.

LA BRUYERE

✱

A Idade

O ano mais longo na existência da mulher é o vigésimo nono: segue, tendo vinte e nove anos, durante quatro ou cinco trezentos e sessenta e cinco d'as. — LIN YUTANG.

✱

A juventude não é senão uma época de iniciação vaga, uma época feliz, de certo modo, e nada mais. A grande batalha que consiste em dar com paixão o melhor do nosso ânimo a uma causa grandiosa, só chega com a idade mediana. — JUDITH KELLY.

Precioso!

— diz a esposa de
ROBERT MONTGOMERY,
o grande ator de Hollywood:

"...por isso TANGEE RED-RED
re-se em tantos lábios em
cantadores."



O Baton Tangee Red-Red é

uma côr encantadora

Este tom vistosíssimo do baton Tangee torna os lábios encantadores... por isso as mulheres mais lindas do mundo usam Tangee, o baton mais fino do mundo! O tom Red-Red é um grande favorito... Experimente-o também e deslumbramento com a sua beleza!

BATONS. • ROUGES
POS DE ARROZ



Rouges e Pós de
Arroz Tangee em tons
harmônicos... Todos
com o "efeito de pe-
rola" Tangee.

Tangee

USE TANGEE PARA SE VER...
A MAIS LINDA QUE PODE SER!



Para as donas de casa

O óleo de ricino pode tornar-se inodoro, bastando adicionar-lhe uma clara de ovo e batê-lo bem.

*

Afim de que os pratos de aluminite, submetidos ao forno constantemente, recobrem a cor primitiva, livre das manchas amareladas do fogo, basta deixá-los algumas horas em água à qual se tenha adicionado certa porção de bórax.

*

Desejando-se que os ovos cresçam mais, no momento de batê-los, acrescentem-se-lhes umas gotas de água fervendo.

*

A fumaça do enxofre é um poderoso desinfectante. Numa habitação onde se deseja proceder a um expurgo completo, recomenda-se fechar bem as portas e janelas, calafetar as frestas e deixar queimando o enxofre um pouco em cada compartimento, durante uma ou duas horas.

*

Tôdas as cortinas de cassa devem ser lavadas, de preferência com água quente e não fria e com sabão em flocos, sendo recomendável deixá-las sempre submersas em água por algumas horas, afim de desencardirem normalmente, sem esfregar o pano.

*

O limão, embora apodrecido, oferece a utilidade de afugentar as formigas.

*

As cozinhas devem ser pintadas a óleo em cor azul, porque esta tonalidade afugenta as moscas.

*

Afim de poupar o açúcar, atualmente tão racionado, é aconselhável acrescentar ao cereal servido pela manhã, passas de uva ou de ameixa.

*

Não há nada mais eficaz para a limpeza de telas a óleo que uma solução de água amoniacada nas seguintes proporções: uma colherada dêste líquido para cada quatro litros de água quente. Com um trapo de flanela embebido na mistura e em seguida torcido, esfregam-se as zonas encardidas e sujas das telas, não havendo nenhum perigo de afetar a pintura.

*

Se desejamos retirar o verniz velho de uma porta ou janela, ou ainda de qualquer móvel, necessitamos antes lavá-las com a seguinte fórmula: vinte e cinco gramas de soda cáustica ou polassa para um litro de álcool.

STEPHANIE - FELICITE'

CONCLUSÃO

Em Londres foi recebida na Câmara dos Comuns, da qual as mulheres eram banidas. Com 31 anos — no mesmo ano em que apareceu o seu primeiro livro — Madame de Genlis resolveu mudar de costumes: renunciou aos bailes, aos divertimentos frívolos, deixou a maquilagem — tão exagerada e carregada naqueles dias — e foi morar num convento, com suas duas pupilas, — filhas gêmeas do duque de Orleans, que tinham apenas um ano de idade. Junto com elas Madame de Genlis educava uma órfã, sua afilhada, uma menina inglesa de nome Pamela.

Os métodos de ensino e educação adotados por Madame de Genlis eram os mais novos, inspirados nos preceitos lançados por Jean-Jacques Rousseau e desenvolvidos mais tarde por Pestalozzi e outros pedagogos europeus. Desde pequenas as crianças estudavam línguas estrangeiras por um sistema prático e moderno, faziam exercício de cultura física, entregavam-se aos prazeres da jardinagem. O duque de Orleans ficou tão encantado que nomeou Madame de Genlis "Gouverneur" dos seus filhos; a duquesa não concordava com as suas idéias avançadas, mas tinha que se conformar com a vontade do espôso. Assim foi que Madame de Genlis ficou encarregada também da educação dos filhos varões do casal.

Quando rebentou a Revolução, Madame de Genlis, tal como o pai dos seus alunos — o príncipe jacobino que recebeu a alcunha de "Philippe-Egalité" — aderiu ao movimento popular, esperando que este levaria o duque de Orleans ao poder. Quando, por sua vez, o duque pereceu na guilhotina, ela se refugiou no estrangeiro. Num livro "Précis de ma Conduite", editado em 1796, Madame de Genlis tratou de explicar sua atitude durante este período atormentado. Voltou à França sob o regime do Consulado. Napoleão — que odiava Mme. de Stael — gostava dela e concedeu-lhe uma pensão e o encargo de Inspectora das Escolas Primárias. Sempre ativa, enérgica, impetuosa, apaixonada nas suas simpatias e antipatias, rodeada pelo carinho dos seus amigos e perseguida pelo ódio de inúmeros inimigos, Madame de Genlis viveu até à idade avançada de 84 anos, falecendo em Paris em 1830, ano em que subia ao trono de França, seu aluno Luis-Felipe, o rei-cidadão, cujo neto o conde d'Eu, devia desposar a princesa Isabel do Brasil, a Redentora.



A pesar da enorme procura,



a produção

das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à



tarefa de produzir as melhores

meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sòmente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.



Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda



"Os Discípulos de Emmaus" com que Van Meegeren iludiu os "experts" mais famosos

HAN VAN MEEGEREN, um holandês pequenino e nervoso, fumante inveterado, era relativamente um desconhecido até o momento em que se apresentou como autor de quadros que haviam sido aceitos por peritos de renome, como autênticas obras-primas de velhos mestres da Pintura.

Esse homem extraordinário vai ser submetido a julgamento este verão em Amsterdã. E o caso promete ser dos mais sensacionais. O produto das vendas e revendas dos quadros, tidos e havidos como sendo de autoria de Johanne Vermeer, o célebre pintor do século XVII, sobe a milhões.

Nomes de reputação ilibada no mundo dos "connaissanceurs", nomes cujo simples sinete numa obra de arte era uma garantia de autenticidade estão tremendo de horror, como varas verdes...

A moderna técnica para a descoberta dos falsificadores de obras artísticas — os raios X e as su-

bstâncias químicas — mostram-se completamente ineficaz, no caso em questão. Finalmente, o próprio governo holandês "foi na onda", permitindo que fôssem na voragem milhões e milhões de "guilders". Até Hermann Goering, o pançudo marechal do Ar do nazismo, chegou a comprar um dos "Vermeers" de van Meegeren pela bagatela de 1.650.000 "guilders"!

A "VIRTUOSIDADE" DE VAN MEEGEREN

Não é todo o santo dia que um simples mortal, como van Meegeren o foi, pode gabar-se de haver ganho cerca de 6.000.000 de "guilders" (coisa de umas... 600.000 libras esterlinas, ou seja 42.000.000 de cruzeiros...) enganando lindamente os "experts", que nem por isso se mostraram lá muito espertos...

O mais interessante do caso, porém, é a "virtuosidade" de van

Meegeren. A sua especialidade técnica chega às raízes do gênio. Isso porque ele é muito mais do que um simples espertalhão, mistificador e forjador de obras-primas... dos outros: Os seus "Vermeers" são criações originais e novas, e não cópias de quadros já existentes. Era o que constituía um dos segredos do seu formidável êxito, os seus fenomenais conhecimentos técnicos. Muito mais fácil teria sido "pegá-lo" com a boca na botija, se van Meegeren houvesse simplesmente copiado os quadros de Vermeer recolhidos aos Museus...

A HISTÓRIA DE VAN MEEGEREN

A medida que a interminável sucessão de seus "Vermeers" ia sendo "descoberta", via de regra em românticas circunstâncias, apresentavam-se os quadros com todas as características concordantes em apólo do que cons-

A mais escandalosa mistificação nos domínios da arte

Um holandês confessa ter "fabricado" quadros de Vermeer, que os maiores peritos mundiais juraram serem legítimos. Vendidos por milhões, alguns para grandes museus da Europa. • O "caso" Van Meegeren nos tribunais • O "Einmausgangers" obra prima do século XVII ou do século XX?

titul descoberta no campo da Arte: — novos e desconhecidos pela sua composição; familiares aos "experts", pela sua técnica e pela combinação do colorido. Havendo "passado" nas provas estéticas, restavam, entretanto, os obstáculos técnicos: — o raio X, fiel registrador de fatos, e as substâncias químicas que ali estariam para nos revelar uma história fatal, a menos que se tivessem tomado antes precauções e contra-medidas adequadas.

E que dizer de van Meegeren, esse homem de finas e delicadas mãos, que, depois de sua "confissão", dava logo às de vildio, mal divisasse ao longe os fotógrafos e homens de imprensa?

A história de van Meegeren pertenceu realmente ao mundo da ficção, menos numa coisa: tem ela um sabor gráfico que somente a verdade pode possuir. E' a história de um homem torturado por uma ambição frustrada e pela vaidade ferida. E' a história de um homem que, envenenado pela ansia de sucesso à outrance, imediato e retumbante, mesmo que lhe fosse vedado o prazer de ver-se por ele livremente bafejado, se deixou "pegar como um patinho" pela sua falta de tato e cautela.

QUANTIDADE "VERSUS" QUALIDADE

Sim, falta de tato e cautela... Isso porque foi a "quantidade", note-se bem, e não a qualidade dos velhos mestres que, afinal de contas, fez surgir as primeiras suspeitas. Se van Meegeren houvesse arrepiado carreira logo depois do seu primeiro "grande sucesso" — o "Emmaus Gangers" — ("Os Discípulos de Emmaus") — poderia ele continuar, calma e indefinidamente, com a tiragem dos cartões postais desse legítimo "best seller", no famoso "Boymans Museum", de Rotterdam, sabendo-se como se sabe que o quadro ora famoso foi adquirido pelo governo holandês pela ninharia de 1.250.000 de "guil-ders".

HENRICUS ANTHONIUS VAN MEEGEREN E AS SUAS INCRÍVEIS AVENTURAS

Henricus Anthonius van Meegeren nasceu a 10 de novembro

de 1895 em Deventer. Concluídos os estudos primários e secundários, entrou logo para a "Escola Técnica", de Delft, torrão natal de Johannes Vermeer, a fim de diplomar-se em engenharia-arquitetônica. Van Meegeren, porém, abandonou logo os estudos para dedicar-se à pintura.

O momento crítico de sua carreira artística foi quando o seu nome foi apresentado, em 1932, para ocupar uma das cadeiras do "Círculo de Arte", de Hala, não tendo então conseguido eleger-se. Isto fez brotar nele ódio invencível contra os "connaisseurs". Deixou nesse ano a capital holandesa, transferindo-se para o sul da França, por sentir-se incompreendido pelos críticos de arte.

Em companhia de sua segunda mulher, vai Meegeren fixar residência em Roquebrunes, na "vila" Primavera, com o "studio" ao lado. Ali viveu perto de seis anos e ganhou muito dinheiro pintando retratos de ricos turistas americanos e ingleses. O fato de não adquirir fama e glória com essa espécie de trabalho enchia-o de indignação e despeito.

"DIA FATAL"...

Num "dia fatal", para usar uma expressão dele, resolveu van Meegeren tirar vingança dos críticos, dos "connaisseurs" e quejandos que viviam a delamber-se no mundo da Arte, e procurou produzir algo em que eles jamais haviam posto os olhos em cima...

Em vários museus holandeses e estrangeiros, havia van Meegeren estudado a fundo os quadros de Vermeer para poder produzir os chamados "legítimos Vermeers". Esforçou-se depois por descobrir a espécie de materiais de que o velho mestre fizera uso.

Quando residia em Haya, van Meegeren adquirira num "sêbo" um grosso volume sobre "Óleos e Gorduras". Pareceu-lhe então que era o que há muito tempo estava procurando. Continua o livro um breve capítulo sobre o processo de endurecer as resinas artificiais (Kunsthartz).

Estudando os trabalhos de Vermeer, chegou van Meegeren a determinar qua's as tintas de que se servira o excelso pintor. Descobriu ainda que com exceção de algumas tintas mais comuns, de que Vermeer mais precisava era o ultramarino verdadeiro e o vermelho (z'nóber). Havia, porém, outra dificuldade técnica a vencer. Os kutas do século XVII eram insolúveis e as tintas dos "seus" próprios "Vermeers" tinham que ser também insolúveis, a fim de resistir às provas e aos ataques das substâncias químicas. Com infatigável paciência, van Meegeren fez as suas experiências até que descobriu o processo de endurecer as "suas" tintas de modo que "passassem" em todas as provas usuais a que fossem submetidas.

Juntou as tintas com resina artificial, aquecendo a mistura a 120: C. O resultado foi uma tinta com a dureza das do século XVII...

UMA FIRMA INGLESA NO CASO

Van Meegeren escreveu, em 1931, a uma firma londrina, Winsor & Newton a fim de obter o ultramarino verdadeiro de que necessitava, dela comprando uma onça holandesa (o que equivale a quatro onças inglesas, quantidade essa fora do comum, e provavelmente igual ao total das vendas dessa tinta feitas durante um ano pela firma).

NO "LABORATÓRIO DA VINGANÇA"...

Por volta de 1934, van Meegeren comprou em Amsterdã um quadro a óleo, a "Ressurreição de Lázaro", de um pintor desconhecido do século XVII. A fim de reduzir a tela ao tamanho desejado, cortou-lhe uma tira de 30 cms. de largura. Depois de (Conclu no fim da revista)



PRECISANDO DEPURAR O SANGUE

TOME

ELIXIR DE NOGUEIRA

Combate as Feridas, Espinhas, Manchas, Eczemas, Ulceras, Reumatismo

Página das mães

★ A criança e a mentira ★

LUIGI BATTISTELLI, professor de psiquiatria da Real Universidade de Roma, escreve verdades e observações muito exatas sobre o desenvolvimento e as causas da mentira na criança. É útil meditar o que ele observou e disse a este respeito. Os estudos de psicologia, doutrina aquele professor, têm demonstrado que o menino é sobretudo mentiroso e simulador. Isto é devido a sua natureza e às leis de seleção, desatadas por ausência dos corretivos da educação. E a criança mente porque é imaginosa, sugestível e incapaz de refletir nas consequências das palavras. Não faz uma idéia exata da verdade e do seu valor. Ela mente também por medo, procurando assim fugir ou escapar à zanga ou aos castigos dos pais. Também as troças, as críticas, as humilhações, os raios inúteis acentuam-lhe a propensão para a mentira que constitui, em tais casos, uma espécie de recurso de defesa. Ela se sente insegura pelo conjunto de suas fraquezas e, então, recorre à simulação para se defender. Ora, essas verdades devem levar os pais e os educadores a, antes de repreenderem a criança por causa de suas mentiras, compreender as causas que a determinam e, depois, removê-las, pois não se combate o efeito e sim a causa de qualquer falha ou vício.

Devemos considerar também que a vida social como a familiar é, em regra, um tecido de mentiras, de pequenos fingimentos, de hábeis hipocrisias, que, por certo, não passam de tudo em todo despercebidos das crianças. Os meninos não-de por certo notar que nem todas as verdades se dizem e que é relativo, portanto, o amor da verdade. Assim, as corrigendas paternas, a mitomania infantil precisam de ser bem orientadas para serem bem reprimidas. É necessário que os pais, em cada caso a ser examinado, procurem compreender com clareza o temperamento, o motivo e a razão das mentiras dos filhos. Sabendo se mente por medo, por excesso de imaginação, por astúcia, por desejo de caluniar ou por mera fantasia, poderão, diante da causa dar o remédio adequado. Em qualquer hipótese, porém, sempre devem agir com brandura e persuasão, sem nunca exagerar a devoção à verdade, a que eles, os pais, muitas e muitas vezes também não prestam o culto devido. O que é necessário é jamais esquecer que mentir e simular, ao contrário do que se pensava antigamente, são defeitos da índole, do temperamento e da inteligência da criança. E quem segue as forças da Natureza, se merece ser corrigido, não merece castigo. Eis a verdade...

★ Convém saber ★

SE o bebê chora, pouco depois de ter mamado, deve-se pensar em duas coisas: a alimentação é insuficiente ou não é bem digerida. Se depois de corrigir-se o primeiro caso o choro ainda continuar, será melhor recorrer ao médico.

AS roupas de abrigo da cama do bebê devem estar rigorosamente de acordo com a temperatura da estação. No verão, bastará o lençol com o cobertor fino e no inverno o abrigo deverá ser aumentado proporcionalmente. A temperatura do quarto deve oscilar entre dezoito e vinte graus. Nunca deve sobrepassar os vinte e cinco.

ENSINE sua filhinha a conservar os seus sapatinhos brancos longe dos outros ou dos estofos dos móveis. Se as roupas escuras ou os estofos das cadeiras aparecem manchados de branco, a culpa é dos pais e não das crianças.

NÃO se deve deixar o salmão à disposição das crianças. O sal, embora sendo útil e necessário ao organismo, precisará ser empregado na alimentação sem exagero, para não se tornar prejudicial a certos órgãos.

O HORÁRIO da alimentação das crianças deve ser mantido à risca, para o justo equilíbrio do organismo infantil.

A DISCIPLINA não diminui nem abafa a personalidade da criança como pensam os que crêem que deixá-la em absoluta liberdade favorece o seu mais perfeito desenvolvimento. A disciplina torna as crianças equilibradas, obedientes, e de nenhum modo é uma tirania e sim algo necessário que influi poderosamente na formação do caráter.



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogeries.

Neurobiol





BARBARIDADE...

Ha história da França, entre muitos outros, este episódio curioso: Luis VII, casado com Eleonora, herdeira do Paiton e da Caiena, era dono de uma formosa barba, que fazia o enlévo da soberana. Aconteceu, porém, que Luis VII, por ocasião de uma cruzada contra os infiéis na Terra Santa, resolveu, por comodidade na contenda, cortar o respeitável apêndice capilar. Isso, como se sabe, não lhe trouxe felicidade. Ao contrário: não só foi o depilado vencido pelos árabes como perdeu o carinho da real esposa, que dele se divorciou, casando-se, depois, com Enrique de Plantagenet, dono também de vistosa barba. Em consequência do matrimônio, foram-lhe cedidos o Peiton e a Caiena. O amor de Eleonora e o atributo másculo do rosto de Enrique foram-lhe prapícios, pelo menos no começo do seu reinado, pois em pouco tempo sagrava-se rei da Inglaterra, iniciando logo a Guerra dos Cem Anos, motivada pelas possessões inglesas na França.

Mas o que a História não registra foi que Eleonora, que era dotada de compleição atlética e gênio irascível, não amava a barba dos maridos por motivos estéticos: gostava, sim, de subjugar-los, punhando-os pelas barbas, tal como Dalila fazia com os cabelos de Sansão... Barbaridade!

*

A uma pelega de Cr\$500,00

Para Djalma Andrade

Eu noto, nota, que tu dás a nota
Em qualquer parte em que tu és notada.
Só dentro da gaveta de um agiota
E' que, tendo valor, não vales nada.

Todo sábio sem ti é soez e idiota,
De cachimônia estólida e chapada;
Enquanto o asno que aos poucos, te empacota,
Tem sabença, e talento, e nomeada...

E's de uns vinte centímetros, se tanto.
Mas mesmo assim pesar desse tamanho,
A toda infâmia cobres, como um manto.

Tenho por ti sincera antipatia.
Mas sinto-me tão bem quando te apanho:
Gênio eu me julgo, ou poeta de valia!

PLÍNIO MOTA

*

ABATIMENTO...

Depois de longo silêncio, um dos bededores interrogou ao outro:

— Tua mulher tem cultura, beleza, encanto... Que mais exiges?

— Eu, nada... Ela é quem exige tudo!

*

SAUDADE

Esta saudade agoureira
Que na minha alma se espelha,
Eu a comparo à goteira
Caindo na lata velha...

A. B. Lopes Ribeiro

*

MATERNIDADE

O futuro de uma criança é sempre obra de sua mãe. — NAPOLEÃO.

SEGUNDO uma velha tradição inglesa, os anos bissextos são fatais aos celibatários que deixam passar seu 366.º dia sem se casar. Em tal caso, terão que esperar mais quatro anos para descobrir aquêlê ou aquela a quem ligarão seu destino.

Essa crença é tão profundamente enraizada no espírito do povo britânico, que vários jantares e bailes são organizados em cada dia 29 de fevereiro para suscitar encontros, no correr dos quais os celibatários mais endurecidos se deixarão convencer.

Na Escócia, no século XIII, quando um celibatário recusava a oferta de casamento que lhe era feita no transcurso de um ano bissexto, os juizes lhe infligiam pesada multa...

*

O SÍMBOLO DO PEIXE

SE reunirmos as iniciais das cinco palavras gregas que significam "Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador", obteremos a palavra peixe. Os primeiros cristãos adotaram esse signo, cuja tradução era luminosa para eles e desenharam sobre a porta de suas residências a effigie do peixe, ao invés de uma inscrição comprometedora, nos tempos das perseguições.

Tal é a origem desse símbolo e não, como se julgava, uma reminiscência do peixe de Tobias ou uma recordação da profecia do apóstolo São Pedro, pescador de homens.

*

O CAFÉ

O café foi introduzido no Brasil por Francisco de Melo Palheta, no ano de 1727.

Os historiadores hesitam quanto à nacionalidade de Palheta, que, segundo uns, nascera no Brasil, e na opinião de outros, era português.

Acredita-se que Palheta tenha nascido em 1670 aproximadamente. Incorporado às forças do "Estado do Maranhão e do Grão Pará", realizou várias expedições, conquistando, em 1722, a patente de sargento-mor e cabo de tropa de guerra.

Justamente numa dessas expedições à Guiana Francesa, Palheta trouxe os primeiros grãos de café. O primeiro cafeeiro foi cultivado no Pará, passando mais tarde a São Paulo e a outros Estados.

*

AMIGOS E INIMIGOS

OS zoólogos avaliam que há no globo seiscentas mil espécies de insetos. Deve-se distinguir, diz Argentiére, os insetos amigos e os inimigos. Entretanto do ponto de vista do homem, os insetos podem ser classificados, na sua maioria, como inimigos. Os agricultores conhecem a praga dos insetos que atacam as plantações. De ano para ano surgem novas espécies, já que a quantidade de insetos de uma classe é tão numerosa que não dá lugar para outra, simultaneamente. O algodão é atacado por trinta variedades.

Em São Paulo não há quem ignore a ação destruidora da broca nos cafezais. A fim de proteger as plantações cafeeiras, os fazendeiros de Java e Sumatra empregam os fungos "Botrytis Stephanoederis" que matam a broca. Entretanto, o problema não é de fácil solução, já que esse fungo só se desenvolve em condições especiais de umidade e calor.

A PA'TRIA DA CERVEJA

SEMPRE se acreditou que a cerveja fôsse uma bebida originem alemã. A França, porém, reclama a maternidade desse produto precioso, e um jornal francês tentou explicar o fato do seguinte modo: "A cerveja é uma bebida de origem céltica. Em tempos remotos, chamava-se, em francês, "cervoise", e em italiano "cervogia", nomes derivados de palavras latinas que significam: "tirada da cevada". Efetivamente, a cerveja se obtém da fermentação da cevada. Até o século XV não apareceram, nem na Itália, nem na França, as palavras "birra" e "bière", derivadas da palavra "brau".

Outro tanto ocorre — afirma o mesmo jornal — com o rei da cerveja: Gambrinus. Esse lendário rei tudesco foi roubado à França, onde se chamava Cambrinus, porque procediu de Cambray. Era um gigantesco boneco que o bom povo daquela velha cidade do norte da França levava em procissão, nas festas comunaes, seguindo antiquíssima tradição.

*

OS RELOGIOS DO REI

O REI Jorge V, da Inglaterra, possuía a mais vasta coleção de relógios do mundo. Esse monarca chegou a reunir nos seus palácios e castelos de Buckingham, Windsor, Sandringham e Balmoral, nada menos de 780 relógios, verdadeiras peças de museu. Vinte e quatro relojoeiros especializados eram encarregados da guarda e da conservação dessas preciosidades. Dois meses do ano eram destinados à limpeza, revisão e reparação das 160 peças existentes no Palácio Buckingham. Os 360 relógios de Windsor regulavam-se durante quatro meses, sendo o resto do tempo dividido entre os restantes cronômetros existentes em outros locais. Entre as mais raras e belas peças encontra-se um relógio finamente lavrado, presente de bodas de Henrique VIII e Ana Bolena, segunda das suas esposas, e outro de fabricação francesa da época de Luis XV, peça curiosíssima que representava uma cabeça de negra, onde um velho marca as horas e outro, os minutos. E o mais curioso é que, com tantos e tão variados relógios, Jorge V chegava sempre atrasado aos seus compromissos, desmentindo, assim, a proverbial pontualidade britânica...



* S. S. Publicidade

**-você não é velho, -
mas tem Cabelos Brancos**



Não pareça velho. Elimine os cabelos brancos e a caspa usando o Oleo Ramosal, (perfume finíssimo) que por não conter corrosivos é completamente inofensivo. Não suja as mãos nem mancha porque não é tintura.

LAB. RAMOSAL LTDA. -- Rua Gustavo Lacerda, 54 -- RIO



...como ESTÁ AUMENTANDO !

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea, produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente a incomparável

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento indio em cada pacote

À MAIZENA DURYEA 53
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____



Salosin

use na:

**BRONquite
GRIPE
CATARRO
TOSSE**

Sabe pintar
os seus lábios?



CERTO

ROSTO ANGULAR

ERRADO

Si o seu rosto é angular,
aqui está a forma correta

Dê a seus lábios uma forma muito mais encantadora com Baton Colgate! O tipo ideal de lábio para seu rosto é facilímo de desenhar com Baton Colgate Importado. Sim, porque este baton, sem ser oleoso demais, é suave e permanente! O Baton Colgate Importado é feito com *Karanuva*, o emoliente superior que dá aos lábios um brilho cáldo e provocante. Em 5 lindas tonalidades: Vermelho Americano, Médio, Escuro, Vermelho Amazonas e a radiante cor Hollywood. Diga hoje na sua perfumaria: Baton Colgate Importado!



O Coração bate com Baton COLGATE



AGORA...um desodorante superior e super-rápido Creme ODORONO

OFERECE MAIORES VANTAGENS do que diversos outros desodorantes combinados.

SUPER-RÁPIDO... Impede a transpiração axilar instantaneamente e sem perigo algum. Uma única aplicação protege por 1 a 3 dias.

NÃO IRRITA A PELE nem estraga a roupa. Pode ser aplicado depois da pessoa se ter vestido. Não endurece no pote. Não esfrega.

É TÃO SUAVE como creme evanescente e tem um perfume acariciador.

ODO-RO-DO

VALORES NOVOS



MÁRIO TANURE

MÁRIO TANURE é um legítimo valor entre os novos cantores do nosso rádio. Atuando nas Associações, como intérprete de canções norte-americanas, suas interpretações têm agradado sempre, quer pela seleção que o cantor faz das músicas apresentadas, quer pela naturalidade com que as interpreta. Evidentemente, a naturalidade na arte recomenda o artista à admiração pública. E Mário Tanure já merece tal admiração, porque, sendo natural na arte, é modesto e estudioso na vida real, qualidades que lhe abrem promissor futuro artístico.

Muito moço ainda, Tanure poderá realizar uma esplêndida carreira artística, pois não lhe faltam material de voz, bom gosto e a tão rara compreensão de que o verdadeiro artista deve ser simples e ver no estudo ininterrupto o melhor caminho para a perfeição.



FIGURAS & FATOS

Conversávamos sobre rádio, reunidos na elegante sala da Elite, quando conhecido poeta exclamou, venenoso:

— Vocês não sabem da melhor? Noutro dia, estava eu ouvindo a Guarani quando o locutor, despedindo-se, disse, numa voz melíflua: "Fala a PRF 4, Rádio Jornal do Brasil..."

— Quem foi? Rômulo? Omar Santos? Aloísio Campos? Hegler? E o Eníus ouviu?

O poeta virou a cabeça e sorriu:

— Ouviu, gozou e, com aquele faro de notável *broadcaster*, convidou o locutor para integrar o corpo redacional da emissora... por possuir ele muita imaginação...

— Só?!

— Não. Imaginação e bom gosto...

ANTENA

VALE a pena ouvir a Rádio Record, de São Paulo, onda de 1.000 quilociclos, em suas audições de estúdio. Programas variados e bem apresentados, com excelentes artistas e ótimos conjuntos musicais.

*

ANTOLOGIA SONORA é o interessante programa literário que Lauro Esteves vem apresentando na Inconfidência, todas as quintas-feiras, às 10 horas.

*

ANUNCIA-SE para breve a inauguração dos modernos e confortáveis estúdios e auditórios da PRI-9, de Vitória, que terá sua potência aumentada. A direção da querida emissora capichaba festejará o grande acontecimento levando à Vitória diversos valores do "broadcasting" mineiro e carioca.

*

DIRIGIDOS por Gildásio Mendonça Paiva, os artistas Ormir Matos, Aldomário Pinto, Walter Réblin e Domingos Balbi formam o Bando Tropical, um conjunto harmonioso que constitui uma das maiores atrações da radiofonia espirosantense.

*

ANUNCIA-SE a inauguração da Rádio Clube de Guaratinguetá, empreendimento de alta significação para todo o Vale do Paraíba. Com a sua potência de mil watts, numa torre de 65 metros, a nova emissora será, sem dúvida, expressiva demonstração da cultura do povo de Guaratinguetá, a próspera cidade bandeirante.

*

"PÁGINAS FAMOSAS DA MUSICA UNIVERSAL" é o fino programa que a Rádio Inconfidência vem apresentando às sextas-feiras, às 21,15 horas, com orquestra de salão dirigida por Mário Pastore.

*

INAUGUROU-SE, em outubro último, em Divinópolis, neste Estado, a ZYH-2, Rádio Cultura de Divinópolis, numa festa artística que alcançou o maior êxito.

*

PAPEL CARBONO, apresentado pela Rádio Nacional, aos domingos, entre 21,30 e 22 horas, é um dos melhores programas dominicais. Irradiado em ondas curtas e longas, sob o patrocínio de "Brylcreem" e "Sal de Fructa Eno".

Prós e Contras

João Serrano

O MÊS que passou foi, sem dúvida, auspicioso para a radiofonia mineira. Marcou o retorno ao microfone da Rádio Guarani de Orlando Pacheco, o simpático locutor que é, sem favor, o maior animador de programas de auditório do país. A Mayrink Veiga "dormiu no ponto", primeiro por não entregar um movimentado programa a esse notável artista, e segundo por largá-lo tão facilmente...

O "cartaz", no Rio, é tudo. E Orlando Pacheco, na sua modéstia quase irritante, não ligou o valor do "farol", não arregimentando os amigos da imprensa para... Bem, foi melhor assim, porque o inimitável Pacheco aqui está entre nós, comandando, novamente, o "Vespéral da Alegria" e preenchendo um claro que o inteligente dirigente da PRH-6, homem culto e dinâmico, jamais deixou de notar... Não que na PRH-6 não haja locutores; ao contrário, os há, e bons. Mas no gênero de auditório, o Orlando Pacheco deixa longe até os maiores do Rio e São Paulo! E parece que o retorno do consagrado locutor deu sorte, pois já se fala na volta triunfal do admirável Teófilo Pires, cuja voz talvez já esteja ressoando quando esta crônica estiver sendo lida... Oxalá!

Outro acontecimento expressivo do mês passado foi a estreia de Rosita de Sousa ao microfone da Rádio Guarani, que está confirmando ser mesmo a estação das grandes realizações. Rosita estreou e convenceu. Sua voz, sua interpretação segura e o seu talento artístico garantiram-lhe o êxito absoluto que coroou o seu recital de músicas selecionadas.

Através dos cinco números de sua esplêndida audição, o admirável soprano demonstrou as suas apreciáveis qualidades vocais. Na "Canção Índia" de Rimski-Korsakov, Rosita atingiu uma tal plenitude interpretativa somente igualada pela agilidade deliciosa de suas inflexões nos "Contos dos bosques de Viena" de Strauss.

Mês cheio, como se vê. Que outros se sucedam, para provar que, no rádio mineiro, há homens que entendem mesmo do assunto...

*

RA'DIO CAPICHABA



Organizado e apresentado por Bertino Borges, o programa *Paraíso Infantil* da Rádio Clube do Espírito Santo tornou-se a nota palpitante das lindas manhãs dominicais, conquistando lugar de relêvo entre as mais populares realizações do broadcasting capichaba. A foto acima focaliza o momento em que o Sr. Jorge Seadi, representante da firma patrocinadora do *Paraíso Infantil*, entregava à menina Neusa Melo, perante o Sr. Cody Sant'Ana Cós, diretor da PRI-9, e do locutor Bertino Borges, o prêmio que lhe coube como vencedora do concurso "Chapeuzinho Vermelho".



OS NOSSOS PROGRAMAS INFANTIS

A "Hora Infantil" da P. R. I. 3 e suas finalidades educativas — O objetivo de "Gurilândia" e do "Programa do Garoto" das Associadas — "Mensagem de Deus às criaturas humanas"

O PANORAMA radiofônico mineiro apresenta, através de três programas, um dos seus aspectos mais consuntivos: a educação infantil nas suas múltiplas facetas.

Até o mês último, possuíamos apenas *Gurilândia*, dirigido por Rômulo Pais, e *O Programa do Garoto*, conduzido por Afonso de Castro. Agora, porém, retornou ao microfone da Rádio Inconfidência, a *Hora Infantil*, programa escrito e organizado por Dindinha Alegria, pseudônimo de distinta dama da nossa sociedade, e apresentado por Seixas Costa, o Tio Cazuza, que vem proporcionando à gurizada, todas as terças e sextas-feiras, às dezesseis e quinze minutos, interessantes páginas de literatura, interpretações de músicas corais, gravações folclóricas de lendas, assim como perguntas e charadas com sorteios mensais.

A finalidade da *Hora Infantil*, como se observa, é educar recreando, levando ao espírito infantil o interesse pela nossa História, nossas lendas e músicas folclóricas, proporcionando-lhe também o ensejo de se instruir no exercício que as charadas propiciam. Ainda em sua fase inicial, o programa apresenta, apenas essas atrações, sendo, no entanto, prová-



Geraldo de Paula

vel que, no próximo ano, Dindinha Alegria realize um desfile de pequenos cantores ampliando, assim, o número dessas autênticas revelações que, na *Gurilândia* e no *Programa do Garoto*, tornam mais alegres as manhãs de todos os domingos.

Os programas infantis das Associadas, conquanto não apresentem características educativas tão acentuadas como a *Hora Infantil*, possuem a finalidade de descobrir, desenvolver e aperfeiçoar as vocações

artísticas, enriquecendo cada vez mais o nosso *broadcasting*, cuja renovação se faz, de vez em vez necessária. Possuem, portanto, também um objetivo: educar artisticamente as crianças, possibilitando-lhes o sucesso na carreira radiofônica e, logicamente, sociabilizando-as, instruindo-as, inculcando-lhes, enfim, o gosto pela arte.

Louvabilíssimo, portanto, o esforço de Dindinha Alegria, Seixas Costa, Rômulo Pais e Afonso de Castro, essas quatro prestigiosas figuras do "broadcasting" montanhês, cujo bom gosto está expresso no êxito contínuo das apresentações de seus programas.

Recentemente, o interesse do público, despertado pelo grande concurso infantil que esta revista instituiu, demonstrou cabalmente o prestígio de que gozam esses programas, enriquecidos pela graça enleante das crianças mineiras. As figuras mais representativas do nosso alto comércio prontificaram-se a prestigiar a nossa iniciativa e o fizeram, concorrendo para o êxito absoluto que coroou nossos esforços, cujo único objetivo era levar às crianças o estímulo que elas, futuros grandes artistas, bem merecem pelo devotamento com que se entregam aos ensaios preparati-



Leda Mara



Rosa Mázala



Mozart Ferreira

vos e pelo carinho com que cantam para o nosso encanto espiritual.

O futuro é das crianças. Pertencendo a Deus, o futuro a elas pertence, porque as crianças são, como diz Constandio Vigil, a mensagem divina às criaturas humanas. Recebamos, pois, essa doce mensagem de braços e coração abertos, prestigiando as iniciativas que visem educar a criança, purificando e aperfeiçoando o seu espírito nascente para a vida inquieta dos nossos dias.

Eis por que os programas infantis das Associadas e da Rádio Inconfidência merecem a atenção do nosso público ouvinte e o apóio do nosso comércio. Ao nosso povo, compete ouvi-los, comentá-los, observar-lhes as qualidades ou criticar-lhes as falhas, sem derrotismo, mas numa análise construtiva, pois a crítica sã e justa é imprescindível a quaisquer empreendimentos, principalmente quando possuem a delicada missão dos programas em questão.

Ao nosso comércio, compete apoiá-los, como aliás tem feito, oferecendo sempre aos pequenos artistas lembranças que constituem excelente estímulo às vocações.

Prestigiar, portanto, os nossos programas infantis é auxiliar a educação da criança brasileira, inculcando-lhe gosto pela arte, desenvolvendo-lhe o espírito embrionário e abrindo, aos seus olhos deslumbrados, a grandeza panorâmica do seu país, ao qual ela vai servir com a força espiritual e moral que lhe dermos com a força do nosso patriotismo.

*

MANIAS...

Falávamos, no grupo, formado de frente ao Bazar Americano, nas manias dos artistas. E enumerámo-las:

— O Jorge Curi, na "Hora do Pato" da Nacional ri demais!

— Concorre com o pato...

— O Renato Murce alude demais ao seu "particular amigo Renato Murce", no seu "Papel Carbono".

— Será cópia do Paulo Magalhães?

— O Aloísio Campos — reparem! — durante a *Gurilândia* não fica no palco e custa a atender ao chamado do Rômulo para fazer os anúncios...

— Explico: é que no auditório há alguém que o quer agarrar...

J. S.

Estros e Estrelas



Amintas Guilherme, festejado tenor das Associadas

RÁDIO SOCIEDADE NORTE DE MINAS

A ESTAÇÃO QUE TEM DADO BONS ARTISTAS AO BROADCASTING MINEIRO • A CRÍTICA CONSTRUTIVA DOS FANS DA ZYD 7 • UM APELO QUE SERÁ ATENDIDO



NELSON DE ALMEIDA é uma das boas vozes das terras bandeirantes. Muito jovem ainda, tem atuado com êxito em várias emissoras paulistas, assim como crooner de inúmeras orquestras bandeirantes. Intérprete da nossa música popular, Nelson de Almeida tem se imposto no conceito artístico do país como uma das figuras mais brilhantes do rádio paulista.

*



ARROYO atua na Rádio Bandeirantes e é, no *broadcasting* paulista, um dos melhores intérpretes de melodias portenhas. Arroyo possui bonita voz e uma interpretação admirável à altura do conceito que seu nome desfruta nos meios artísticos da paulicéia.

MONTES CLAROS, a próspera cidade mineira, possui na Rádio Sociedade Norte de Minas, a conhecida ZYD-7, um dos mais decisivos fatores do seu progresso. A novel organização, que teve como primeiro presidente o sr. Jair de Oliveira e como diretor artístico o escritor A. Pereira de Sousa, figura prestigiosa na imprensa do Rio — tem produzido excelentes artistas e atingiu posição de relevo entre as suas congêneres. Da emissora montesclarenses saíram vários cantores para inúmeras estações do Estado e da Capital.

Possuía a ZYD-7 bons locutores, como Paulo Bonetti, que era também ator, autor, animador e organizador de programas. Edgard Dorea era um dos melhores cantores, intérprete de boleros e canções mexicanas. Edith Ribeiro era outra artista de relevo, Eunice Fialho, que está atuando agora na Rádio Inconfidência, com êxito, era um dos maiores valores artísticos da ZYD-7. Zelia Miranda era a intérprete apreciada de foxes e sambas canções. Havia também uma interessante dupla caipira Chico Pitomba-Mané Juca, que fazia a delícia dos ouvintes que gostam do apimentado gênero caipira...

A ZYD-7, conquanto se apresente com algumas atrações, não possui, atualmente, um *cast* à altura do seu conceito artístico. Inúmeras cartas, assinadas pelos rádio-ouvintes montesclarenses, têm chegado à nossa redação focalizando a situação da querida ZYD-7. As críticas que lhe fazem os missivistas são construtivas e constituem prova do apreço que dispõem à "sua estação", como os signatários a chamam. Reproduzimos, como prova do que afirmamos, expressivo trecho da última carta que nos chegou:

"O silêncio que reina no meio artístico da ZYD-7, de Montes Claros, sr. redator, é algo que entristece a quantos se habituaram a ouvir a emissora norte mineira. A nova organização — foi inaugurada a 6 de maio de 1944 — que em rápido acesso atingiu uma posição de invejável relevo, vê-se agora semi-esquecida, sem aquela programação atrante que fez a glória dos componentes de seu *cast*. E bem triste isso, porque sabemos também que ali não faltam valores em seus múltiplos aspectos: social, financeiro e artístico.

Com um pouco de cooperação e o espírito voltado para o engrandecimento de Montes Claros e elevação de nossa emissora ter-se-ia novamente a ZYD-7 brilhando nos céus do Brasil, mesmo porque, depois que vier a ser inaugurada a prometida estação de 5.000 watts, com que elementos contrará? Com elementos de fora, contra-



A. Pereira de Sousa

tados? Não nos parece boa política, pois empanaria o brilho e o valor dos elementos da terra, que devem ser valorizados."

O trecho revela o interesse do missivista pelo engrandecimento da "sua" ZYD-7 e pelos valores artísticos da terra, interesse, aliás, entrevisto claramente em todas as cartas recebidas. Numa delas, há este apelo: "Solicitamos-lhe apelar, através das colunas dessa prestigiosa revista, aos atuais dirigentes da ZYD-7, para que a soergam do marasmo em que vive! Não lhes faltam, sr. diretor, capacidade, inteligência e cultura para a realização desse desejo de todo bom montesclarenses."

E por estarmos convictos que aos atuais dirigentes da conceituada ZYD-7 não faltam os predicados mencionados pelo missivista, é que registramos, aqui, dentro do mais elevado espírito de cooperação, o apelo que, por certo, será atendido, para goáudio de todos

os fans da Rádio Sociedade Norte de Minas.

Estamos certos de que a ZYD-7 comemorará o seu terceiro aniversário, apresentando, num desfile admirável, os reais valores montesclarenses e confirmando, através do elevado índice artístico de seus programas, o merecido conceito de que sempre gozou no "broadcasting" montanhês.

Aguardemos, pois, os resultados brilhantes do apelo que, por nosso intermédio, fazem os bons montesclarenses animados da mais nobre intenção: o progresso da querida ZYD-7.



Um dos mais antigos e aplaudidos conjuntos musicais da ZYD-7

Filmpact

última criação
de helena rubinstein

FILMPACT, base ideal, última criação de Helena Rubinstein, renova a técnica do maquillage.

FILMPACT permite dar à tez o matiz preferido, desde o marfim romântico até o bronze dourado.

Linhas e sardas tornam-se invisíveis e a pele conserva-se sadia e juvenil. Única base apresentada em duas fórmulas: para a pele seca e para a pele oleosa.

Côres: Champagne,

Niauresque, Sun-tan. 35-50.





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



Sugestão de Beleza!

**SEDAS
e
LINHOS**

em um incomparável sortimento de padronagens que darão nova linha à sua elegância

MIAMI

AV. AFONSO PENA, 956
EDIFÍCIO GUIMARÃES

A HISTÓRIA DO ESPELHO

O precioso utensílio a que chamamos espelho foi inventado, em remotas civilizações, para deleite das damas valdosas e "coquettes".

A superfície d'água serviu, e ainda hoje serve, às tribos selvagens cujos componentes se ornamentam fixando as águas e mirando-se demoradamente.

Nos túmulos dos templos assírios e egípcios foram encontrados inúmeros espelhos que, já naquela época, representavam verdadeiras obras de arte com notáveis trabalhos de relevo e pintura guarnecendo-os.

Quando o cristianismo venceu o paganismo, o espelho perdeu todo o prestígio. Foi considerado um objeto nulo até o Império bizantino, quando novamente ressuruiu. Eram tidos como mais valiosos os inventados pelos venezianos no fim da Idade Média: confeccionados em vidro. Tal foi o sucesso e a fama que obtiveram, que muitos países enviaram especialistas em obras de vidro para aprenderem em Veneza a ciência maravilhosa. Por este período, atingiram os espelhos o climax da perfeição em matéria de moldura, ora em madeira, ora em metal próprio para aplicação nas paredes.

Depois das guerras napoleônicas, o luxo e a boa vida recuaram para costumes mais modestos em toda a Europa e em todos os cantos do universo. Foi quando os espelhos passaram a figurar apenas como matéria de utilidade na toalete e não como elemento de dispêndios inúteis.

Hoje, nas mais diversas atividades, inclusive na ciência, o espelho é considerado de essencial importância. E é interessante sabermos que a própria bússola com a qual os comandantes de navios se orientam, possuem um espelho. Quando o inventaram, os homens primitivos jamais poderiam preconizar o valor incalculável da descoberta. Principalmente, para as mulheres...

*

SAUDADE

Eu tive tanta saudade do grande amor que perdi, que não sei, digo verdade, se inda estou viva ou morri.

Albertina Castro Borges

MENTIRAS PERIGOSAS

HELENA CAMPER

A CASA está revolucionada. São onze horas da manhã. Da sala chega o zumbido da máquina aspiradora e do refatório ou da enceradeira. E, enquanto uma das criadas passa o espanador nos tetos, a outra limpa os metais. A dona da casa vai de um lado para outro, dirigindo o serviço. Na cozinha, a atividade corre parelhas com o resto da casa. Que ocorre? E? que nesse dia faz anos a Amelinha e, à noite, irão jantar com ela seu noivo, a mãe dêste e suas irmãs.

Sabemos até agora que a moça da casa se chama Amelinha e que está noiva, comprometida, portanto. Mas não a conhecemos. Para fazê-lo, teremos que cometer a indiscrição de penetrar em seu dormitório, pois ainda não se levantou. Surpreendêmo-la tomando chocolate e lendo um romance moderno. O chocolate está frio. Faz uma hora que foi servido, pois a mãe de Amelinha lho levou essa manhã às dez — uma hora antes da habitual — fazendo-lhe compreender a necessidade de "sacrificar-se" um pouco êsse dia e "madrugar", para que a casa fôs-

se convenientemente preparada. E, apesar de Amelinha ter respondido várias vezes: "sim, mamãe, já vou!", continua na cama até quase meio-dia.

A noite, a casa está reluzente e Amelinha também. Nota-se em sua pessoa a minuciosa influência do penteador e da manicura, sem contar outros detalhes devidos aos seus próprios encantos.

O noivo achou-a divina.

Mas a nota enternecedora verificou-se durante o jantar. Serviram uma excelente maionese, que todos acharam deliciosa.

A dona da casa disse, com a maior naturalidade:

— Foi preparada pela Amelinha.

O noivo, a mãe e as irmãs do noivo pousaram na jovem paralisada seus olhos cheios de admiração. O noivo achou a maionese ainda mais deliciosa...

— Que mãos privilegiadas! — comentou a futura sogra. — Porque todo mundo faz maionese mas nem todo mundo a sabe fazer...

— E' uma das especialidades de



Amelinha! — juntou a mãe. — Ela gosta muito da cozinha.

— E' o que eu digo sempre a minhas filhas — afirmou a mãe do noivo. — Não importa que se tenha cozinheira e que não seja preciso estar em contacto permanente com o forno e o fogão. Mas toda boa dona de casa deve saber como se faz o que em sua casa se come e até surpreender o marido, de vez em vez, com pratinhos especiais feitos por ela mesma.

No fim do jantar serviram ovos nevados.

— Esta é outra especialidade de Amelinha — comentou a mãe.

E eles fizeram o efeito de ovos de
(Conclui na pag. 123)

Nasceu neste frasco a moda das unhas coloridas!



Sim, êste frasquinho, tão seu conhecido, foi o portador do 1.º esmalte colorido, jóia líquida que trouxe uma nova concepção de beleza para as mãos femininas... Desde aí, Peggy Sage, a famosa criadora desta novidade, vem oferecendo à elite dos 4 cantos do mundo sugestões felizes para maior encanto da Mulher...

Peggy Sage

Tons moderníssimos:

VINTAGE • SCARLET
PRAIA • TANNYPOR
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA



J. W. T.



Tão linda e atraente
é a pele com a glamorosa

*Beleza de
Adolescente*

Para obtê-la, não encubra... *Corrija*
as imperfeições do seu rosto com **LEITE DE COLONIA**

Essa tão cobiçada dádiva de beleza - pele jovem e acetinada - não é privilégio das adolescentes! Em muitas mulheres esse dote de juventude vence os anos... sempre atraindo... sempre fascinando! Sem dúvida, também é seu desejo conservar ou conquistar a cutis linda e livre de imperfeições. Então, guarde este conselho: - não artificialize os seus encantos com demasiado maquiagem para encobrir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. A solução certa é evitar e corrigir essas imperfeições com Leite de Colonia!... Produto de toucadôr, mas de base medicinal, Leite de Colonia é ainda um perfeito fixador do pó de arroz. E - ao mesmo tempo - protege a cutis. Embeleze sua pele diariamente com Leite de Colonia!

Leite de Colonia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE



**CONQUISTE PARA SUA PELE
A BELEZA DE ADOLESCENTE**

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da pele. Ao deitar-se, para remover o maquiagem e limpar novamente a cutis.

Caixa de Segredos

• Consuelo San Martin •

AMOR PERDIDO — CARATINGA — MINAS — Convém que você se certifique dos últimos acontecimentos para uma deliberação sensata. "Ouvir dizer" não é o suficiente para uma atitude que poderá modificar completamente o seu destino. E' de bom avião ouvir aos pais. Melhor que você, por que fora do caso, podem ajuizar da conduta do rapaz. E' bom também não esquecer que seis anos representam um largo espaço de tempo para uma decisão de quem realmente deseja casar-se.

ESPERANÇOSA — CAXAMBÚ — MINAS — Quais os acontecimentos que você vai aguardar para definir-se? Num país onde houvesse divórcio, ainda poderia a minha jovem amiga tentar semelhante união, caso os preconceitos religiosos de um ou outro, ou de ambos não viessem de encontro. Mas, aqui no nosso meio, Esperançosa, fiar-se em homem casado para um novo casamento é sempre leviano. Esquecê-lo sim, é que lhe aconselha a razão. Depois, há tanto homem solteiro no mundo...

S.A.C.P. — S. FRANCISCO — NORTE DE MINAS — Tudo depende do modo por que se apresenta o presado amigo. Habilidade, finura e tudo se arranjará bem.

LADIR — FLORESTAL — Acho que você deve ouvir aos seus pais. Ninguém mais é melhor amigo.

ELENIR — FLORESTAL — Esperar sete longos anos não é negócio, creio. Afinal de contas você está passando a sua mocidade toda em busca de um sonho que você não sabe mesmo se será realizado. Não era mais

conveniente que você procurasse uma situação mais definida?

ELISABETE — MURIAE' — MINAS — "A mulher que ama a dois", diz o velho ditado, "não tem amor a nenhum". Aliás, aos quinze anos você não pode mesmo saber de quem gosta. Vá brincar, minha menina, e deixa o amor para quem já pode entendê-lo.

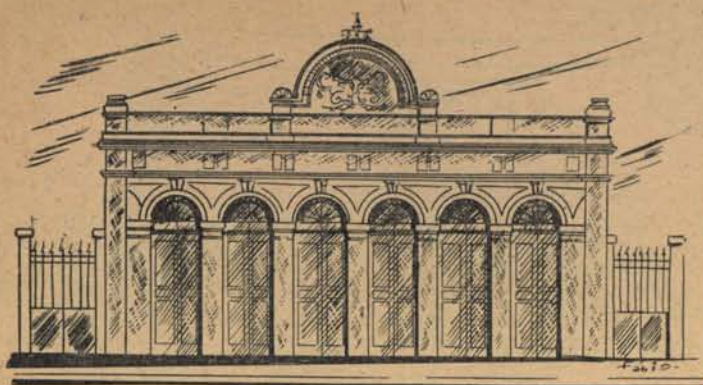
SUELY MARY — MINAS — Tudo na sua carta denuncia superioridade moral e intelectual, motivo por que, sinto, deveras, vê-la presa a uma criatura que dificilmente, poderá torná-la feliz. Um homem que não sabe conduzir-se deve ser afastado do caminho de uma moça de espírito como você, Suely Mary. Aguardo a sua renúncia para felicitá-la, por mais esse triunfo sobre si mesma. E esteja certa de que outra afeição virá para sua verdadeira felicidade.

MARIA — SETE LAGOAS — Nem se pergunta, minha querida, esquecê-lo, sim. Para que perder os melhores anos de sua vida com uma criatura tão sem atitudes?

SÔNIA ANDER — S. PAULO — Na realidade, Sônia, você deveria optar pelo primeiro. Os rumores que correram a respeito do segundo fizeram, certamente, desconfiados os seus pais. E quem sabe estão eles com a razão? As decisões exclusivamente cerebrais, nesses casos, são perigosas. Mas na sua entraria também um pouco de coraçaõ, não é verdade? Com a sua inteligência, contudo, procure a felicidade que anda rondando a sua porta.

ENAIIRA — CAPITAL — O que você precisa, é combater esse complexo de inferioridade que a torna incapaz de outra afeição. Não acredito (perdôe-me) que você não consiga arranjar outro namorado. Com a sua graça, a sua inteligência e a sua educação, qualquer rapaz sensato poderá ser conquistado. Experimente.

RUTE OLIVEIRA — JOÃO PESSOA — Todos na vida temos o nosso momento para prender a felicidade. Como você, muitas são as pessoas que deixam passar essa hora iluminada. Depois, minha amiga, é tarde. O melhor é não pensar mais nisto e procurar a felicidade noutra lugar.



TEATROS E CINEMATÓGRAFOS EM BELO HORIZONTE

II

Abílio Barreto

ESTAVA neste pé a iniciativa sobre o nosso primeiro teatro, quando a 30 de junho de 1898, A CAPITAL publicava esta nota:

"Chamamos a atenção dos leitores para o anúncio que traz o título — Cinematographo."

Eis este anúncio publicado no mesmo jornal:

"Cinematographo. — Brevemente chegará a esta Capital essa brilhante manifestação do genio de Edson. Terá o publico de Bello Horizonte occasião de apreciar uma das mais maravilhosas descobertas deste seculo".

Efetivamente, a 2 de julho seguinte, o dr. Oscar Trompowsky, como representante do sr. Guilherme Mardock, dava entrada na Prefeitura ao seguinte requerimento, protocolado sob o n.º 3.812 pedindo licença para apresentar ao público da Capital o primeiro aparelho cinematográfico que aqui existiu:

"Ilmo. Sr. Dr. Adalberto Ferraz, D. Prefeito da Cidade de Minas. — O abaixo assignado pede a V. Excia. seja-lhe concedida auctorização para apresentar ao publico desta cidade o apparelho de Edson denominado Cinematographo. Essa exposição terá logar á noite na casa da rua Goyaz, pertencente ao Dr. Hermillo Alves. — Pede deferimento. — Bello Horizonte, (4) 2 de julho de 1898. — Por Guilherme Mardock, Oscar Trompowsky".

Esse requerimento estava assim

despachado: — "Sim, pagando os direitos respectivos. — 2-7-98. — Adalberto Ferraz".

Com effeito, o Cinematographo funcionou durante várias noites, alcançando franco successo, consoante nos informa a seguinte noticia publicada pelo "Minas Gerais", edição de terça-feira, 12 de julho de 1898:

"A convite do sr. William A. Mardock, proprietario de um interessante animatographo, cuja exhibição se faz diariamente nesta Capital á rua Goyaz, assistimos antehontem a um variado espetaculo que nos impressionou agradavelmente pela perfeição e nitidez com que são representados os variados quadros de que consta o repertório do citado aparelho".



Foi esse, portanto, o primeiro cinematographo que se exhibiu em Belo Horizonte, ao tempo em que

A TIRAGEM DE ALTEROSA

A direção desta revista tem o prazer de convidar os annunciantes interessados em comprar as tiragens de suas edições, para uma visita ás suas officinas gráficas, á Av. Afonso Pena, 351, durante o periodo da encadernação da revista: entre 29 e 3 de cada mês. Sem necessidade de aviso prévio, os srs. annunciantes serão prazerosamente recebidos pelos nossos funcionários, entre 7 e 22 horas.

se construía ou, por outra, se adaptava o primeiro teatro que havia de existir na cidade.

Esse teatro, a 4 de agosto seguinte, era inaugurado com a denominação de "Teatro Variedades", com a estréa da Companhia Coimbra, chegada á Capital no dia 2. Subiu á cena o dramalhão "A queda da Bast'ha", de A. D'Enneri, tendo s'do grande a concorrência de espectadores e ruidosos os applausos do público aos artistas, não obstante ser a Companhia de terceira ordem.

Comentando esse acontecimento, escrevia João da Paz, cronista do "Minas Gerais":

"A população desta Capital já dispõe de dois excellentes meios de d'iversões: o "Velo Club" e o "Theatro Variedades". Mais tarde virão o "Polythéama" (5) as sociedades dansantes, os clubs carnavalescos e os demais gêneros de d'iversões que constituem o encanto das grandes cidades. Dias virão, po's, em que cessarão completamente todos os motivos de queixa contra essa horrivel pasmacelra que tem atr'ado muita gente ás docuras da busca em família ou ás delicias de meter-se em val de lenções logo que o esplendido sol destas paragens se recolha".

Era a realização da idéa lançada por João Lúcio, mas a temporada da Companhia Coimbra foi bem curta. E logo que essa companhia se retirou, por não ter alcançado êxito satisfatório nos espetáculos posteriores ao da estréa, annunciou-se para os primeiros dias de setembro um grupo lírico dirigido pelo maestro C. da Maia, tratando-se logo de organizar seis récitas de assinatura com as óperas — "Fausto", "Traviata", "Lúcia", "Guarany", "Pagliacci" e "Cavalaria Rusticana". Mas essa companhia não veio. Em seu lugar e a 3 de setembro, ali estreava a Companhia dirigida pelo artista Eduardo de Castro, a qual exhibia quadros vivos e bíblicos, aos preços de 15\$000 o camarote, 3\$000 a cadeira, 2\$000 a galeria e 1\$000 por entrada geral.

Mas também essa temporada foi pequena, pois a 17 do mesmo mês, vinda do Rio, consoante já escrevemos em jornais da Capital, chegava a Companhia dramática da atriz Apolônia Pinto, dirigida pelo ator Germano Alves e da qual faziam parte os artistas Afonso de Oliveira, Julieta

(Conclui na pag. 124)

Riso, panacéia universal

O JOVEM agente de polícia estava de guarda na rua quando viu um vendedor ambulante resvalar sobre uma casca de banana e cair, derrubando seu carrinho.

O agente soltou uma gargalhada. Fêz desesperados esforços para conter-se, mas em vão. Seu rosto enrubescceu. Ria sempre. Uma hora depois morreu, vítima do por uma hemorragia cerebral.

Todos os anos numerosas pessoas morrem em circunstâncias semelhantes. Sem dúvida, não é o riso que provoca a morte, mas sim a tentativa de o reter. Desta forma, o agente que tentou não rir, afim de conservar sua dignidade, morreu em consequência desse esforço.

O RISO É UM TÔNICO

O riso — o riso livre, sadio, sem reticências... — é o melhor tônico para o organismo humano.

Os esquilmos dizem, sabiamente, que nada faz avançar mais as negociações de paz do que o riso. Quando os chefes de duas tribus hostis se encontram organiza-se imediatamente um espetáculo cômico. Se todo mundo se puser a rir, a amizade será salva.

Não será por acaso o mesmo princípio que nos guia quando nos apresentamos a um estrangeiro? Primeiro sorrimos e pouco depois tratamos de dizer alguma coisa espirituosa que faça rir.



O RISO, ÍNDICE DE SAÚDE MENTAL

Nos asilos de alienados, considera-se que o enfermo que pode rir normalmente está em vias de cura.

O riso faz subir a pressão arterial quando está demasiadamente baixa, melhora a circulação do sangue, alivia as congestões cerebrais e fortifica os pulmões.

Só o homem, de todos os seres vivos, é capaz de rir, como disse Rabelais: "O riso é próprio do homem".

O riso possui cinco significações: é meio de comunicação; uma reação involuntária às sensações agradáveis; uma expressão de triunfo; um mecanismo de defesa; uma sanção social e um corretivo.

O RISO DA CRIANÇA

A criança sorri desde o quarto dia de sua vida e ri a partir do mês e meio de existência: exprime desta forma o seu contentamento. Mas a verdade é que o riso apenas aparece depois do quarto mês; mediante cócegas na criança. Essa sensação não é

agradável em si, posto que uma mosca também a produza, não obstante ser de efeito contrário. A fase seguinte é o riso que constitui uma reação a uma sensação agradável, tal como o aparecimento de um rosto familiar. As cores vivas, uma música simples, são sensações que provocam o riso nas crianças, nos selvagens e nos pobres de espírito.

RISO E HUMOR

A razão deste fato é evidente: experimenta-se prazer ao reconhecer certos fenômenos familiares. Esse riso é precursor do riso triunfante. Porém, todos esses tipos de risos não têm nada que ver com o sentido do humor. Resulta daí um riso nervoso. É assim que ria a menina muito pequena ainda quando surpreendida ao contemplar a fotografia de um artista cinematográfico, ou o devedor que trocou algumas palavras com o credor...

Damos aqui a definição de alguns tipos de risos:

O riso rouco: superioridade. O riso breve e econômico.

O riso silencioso: também sinal de superioridade. Riso preferido pelos diplomatas. Exige, sem dúvida, um grande esforço para conservar os traços característicos do rosto em equilíbrio.

O riso nervoso: sinal de inferioridade, de timidez.

O riso histérico: complexo de inferioridade patológica ou resultado de um choque nervoso.

BEBIDA Diplomática...

Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. É o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



PUBL. ARAUTO

RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS

CALÇADOS FINOS PARA SENHORAS

Aproveitem as sensacionais remarcações da

CASA ORION

em sua venda especial de 1.º de Novembro a 30 de Dezembro, comemorando o seu

20.º ANIVERSÁRIO

RUA S. PAULO, 504
BELO HORIZONTE

A MAQUILAGEM DAS JOVENS

AS jovens entre os treze e os dezesseis anos não ficam bem com uma maquilagem em que predominem os tons vivos. Favorecerão a sua aparência, empregando os tons mais suaves e mais discretos, compreendendo-se nesta recomendação também os tons de esmalte para as unhas.



Venus

MODERNA

SE os grandes escultores de outrora ressuscitassem, esculpiriam a Venus Moderna vestida com Lingerie Valisère.

Há mais poesia, mais encanto, num corpo, de mulher vestido com Valisère! Lingerie Valisère — Corte individual rigoroso, em tecido indesmaltável.



CONTACTO
QUE É
UMA CARÍCIA

LINGERIE

Valisère



EIS aqui uma tendência atual da moda, em Paris e em New York. Saia franzida, larga na cintura e abaixo dos joelhos. Uma evocação do século XIX, de que nos dá exemplo esta moderníssima criação para ELEANOR PARKER, a linda estrela da Warner Bros.

MODÉLO DO MÊS



Este encantador traje de "soirée" que Teresa Wright exibe em "The Imperfect Lady" sem título em português, é de veludo cor de vinho adornado com brocado cor de ouro. A sobressaia tem um curioso drapeado que deixa descoberta a sala que é confeccionada de brocado e sobre a qual cai uma guirlanda de flores, o busto é enfeitado com bordado feito com fio de ouro, imitando o desenho floral.



Ann Richards deu uma grande oportunidade a Dorothy O'Hara para tirar proveito de seu talento artístico. A habil desenhista criou 16 modelos para que esta estrela, nascida na Austrália os exibisse em "A esperança não morre", da Paramount. Este encantador "tailleur" tem a sala negra e a jaqueta cinza afina na cintura e alarga na altura dos quadris. As mangas da jaqueta têm como adorno um trançado de fazenda cinza e branca, remanescente da era Vitoriana.



June Duprez exibe este vestido de duas peças, feito de pesado tecido braco, em seu papel de artista russa, na produção da Paramount — "Calcutá" Dorothy utilizou uma aplicação de tecido cinza e azul na pala e na cintura para realçar os amplos ombros, e o efeito da cintura delgada que está em moda atualmente. Se se imaginar a mesma jaqueta, porém com mangas lisas e justas se observará a influência da jaqueta na era vitoriana.

A Silhuêta

OMBROS largos, cintura delgada e cadeiras arredondadas, são as características da silhueta vitoriana de muitos anos atrás e que atualmente são a última palavra sobre a moda em Hollywood, a meca das elegantes, e das criações esplêndidas. Os trajes estilo "tailleur" estão abrindo caminho a atraentes novidades, e até enfeites usados por debaixo dos vestidos para serem apresentados à noite antecipam o retorno de um ultra feminino no vestir de nossas elegantes.

Vestidos com aplicações, guirlandas, laços de fitas, tudo isto vem da era vitoriana, portanto a jovem que tiver a sorte de herdar o vestido de noiva de sua avozinha, pode considerar-se muito feliz. É encantador o efeito que estes trajes produzem hoje em dia numa cerimônia nupcial e, com apenas alguns retoques modernos, as nos-



Virginia Field exibe este encantador vestido confeccionado de dois tecidos, branco e cinza em "The Imperfect Lady", sem título em português. O corpo do vestido é adornado com um traçado negro e sobre os ombros e ao redor das mangas foi empregada pele de "mink". Uma pala fina e elegante dá a este modelo um toque vitoriano. Dorothy O'Hara, desenhou este modelo para a Paramount. Ela manda observar a largura dos ombros e a cintura delgada, detalhes da moda de nossos dias.

Este precioso traje de "soirée" é usado por Ann Richards em "A Esperança não morre" (The Searching Wind). Feito de fino tecido cor azul-celeste é adornado com muitos metros de filô apresentando todo o aspecto e o encanto dos velhos tempos. Dorothy O'Hara, a desenhista, imitando os modelos de nossas avós, idealizou um enorme laço de filô na parte central da parte da frente da saia.

Vitoriana ★

por Linda Graciela

As jovens poderão convertê-lo num traje de "soirée" que as tornará alvo das felicitações por parte dos entendidos em modas.

Dorothy O'Hara, uma das desenhistas da Paramount, criou 16 modelos diferentes para Teresa Wright e 10 para Virginia Field. Ambas usamos em "The Imperfect Lady" ainda sem título em português, história da Inglaterra do tempo da rainha Vitória. Dorothy assegura que todos seus modelos poderão adaptar-se à moda atual com apenas algumas alterações.

Para confirmar seu ponto de vista, escolheu vários modelos dos que havia desenhado para Ann Richards, que os usará em "A Esperança Não Morre" (The Searching Wind) outros para Gail Russel e June Duprez em "Calcutá" (Calcutta), e também para Diana Lynn em "Easy Come, Easy Go" sem título em português, além de outros dois para "The Imperfect Lady" que mostra a influência Vitoriana na moda de nossos dias.



Gail Russel tem este bonito vestido entre sua coleção e o exibirá na produção "Calcutá". Dorothy O'Hara desenhou e escolheu para sua confecção um tecido finíssimo do gênero marquezette, tecidos usados nos trajes vaporesos.

UMA NOVA APLICAÇÃO PARA OS LENÇOS DE PESCOÇO

Você mesma pode fazer um lindo chapéu, com um pedaço de feltro e um lenço

JOY LINDEN

LONDRES — (Correspondência da Atla-Esse Press para ALTEROSA) — De que maneira nos será possível, agora, usar nossos lenços de pescoço? Já os usamos sobre os ombros, amarrámo-los à cintura, pusêmo-los na cabeça à camponesa ou como turbante, até ficarmos francamente cansadas deles. Agora, metidos no fundo de uma gaveta, bons demais para serem jogados fora, pacientemente esperam que tenhamos um sópro de inspiração que os faça entrar novamente em moda.

Em busca dessa mesma inspiração, fui procurar Aage Thaarup, famoso idealizador de chapéus. Em seu salão, de encantadoras decorações verde e violeta, expus-lhe a questão.

Unidas por grandes pontos, as duas tiras circulares formam a aba que é presa à copa, assim completando o chapéu.

✱

Mr. Aage Thaarup dá o toque final. Tomando o lenço de Cinderela, ele o aplica em torno da copa de modo a que, passando pelas aberturas, suas pontas venham a cair graciosa-mente sobre os ombros.

✱

— Porque não usá-los para enfeitar os chapéus? — perguntou-me ele.

— Assim vocês podem mudá-los de acôrdo com seu humor e estilo.

Não era lá muito encorajador, pois nenhum de meus chapéus comportaria tal atavio, e disse-lho francamente.

Thaarup acredita que os chapéus nunca foram tão necessários como agora. Acha que alcançaram o apogeu, pois a silhueta da última moda, com cintura justa e formas arredondadas nos quadris, exige um chapéu que lhe dê altura

(Conclui na pag. 135)



Minuto Mágico



...um método seguro para rejuvenescer sua cútis em 3 tempos!



Sim — você achará este novo método de usar o Creme Evanescente Pond's... um minuto mágico — sessenta segundos que transformarão sua cútis, dando-lhe novo viço, nova suavidade, novo frescor. Adote este novo método — tão simples, tão seguro, tão prático!

Perfeita base para o Pó de Arroz!

Para assegurar a beleza e juventude de sua cútis, dedique um Minuto Mágico, para este tratamento de beleza com o Creme Evanescente Pond's. E não se esqueça, também, de que o Creme Evanescente Pond's é uma perfeita base para pó de arroz. Aplique-o, em leve camada, sempre que fizer seu make-up.

Transforme sua cútis em 3 tempos!



Detentoras de pó e de detritos — eis em que se transformam as células da pele, quando se ressecam e morrem, em sua face! E, então, mesmo as epidermes naturalmente sãs e belas, assumem um aspecto áspero e sem vida!



Você pode amolecer e dissolver esses detritos — num minuto mágico! Aplique o Creme Evanescente Pond's sobre todo o seu rosto. Deixe ficar essa máscara cremosa, por um minuto, para que se possa exercer a ação keratolítica do Creme Evanescente Pond's. Depois, remova-a.



Agora, contemple a nova aparência de sua cútis! Acha-la-á mais clara, mais bela, mais juvenil. E tão suave que seu make-up se espalhará com incrível uniformidade e beleza.



OS chapéus modernos apresentam-se com a característica da originalidade. Ao lado, um belo modelo da Fox exhibe um sugestivo chapéu de linhas moderníssimas a que um laço torna gracioso.

Vê-se, em baixo, um dos modelos Holmgren. A estrutura é em feltro azul cinza e é guarnecido com um véu de musseline branca. Um laço de tule empresta ao modelo um aspecto de grande suavidade. Pequeno apanhado de flores pode ser colocado na aba, por trás ou à frente, transformando, assim, um sóbrio modelo num encantador chapéu de toailete.



Chapéus

Modelos da Fox

MODERNOS

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

QUE INDIVIDUALIZAM
A MULHER MODERNA



NOS tempos que correm, com a mulher afastada do seu antigo ambiente de ocio nos lares e integrada no dinamismo das atividades que singularizam o século atômico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compôr o seu guarda-roupa. Ora os estudos, ora o trabalho ou ainda as obrigações sociais, impedem a mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das tonales que condizem com o seu temperamento e com seu fisico.

Por isso mesmo, o Departamento Feminino de A COMPENSADORA foi aparelhado de modo a satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda em vestidos, costumes, casacos, manteaux, blusas, echarpes, bolsas, carteiras, cintos, luvas e demais acessórios para a elegância feminina.

Para cada idade, para cada tipo e para cada silhueta, há no Departamento Feminino de A COMPENSADORA o modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna.



A Compensadora
Bodas

Rua Tamoios, 438

CRÉDITOS



EDITH HEAD, a notável figurinista da Paramount, teve que mostrar toda sua habilidade e astúcia para imaginar as toaletes usadas por Ann Dvorak. Nos dois primeiros desenhos são dignos de uma observação mais atenta os folhos de renda do vestido de "soirée", todo drapeado para baixo. Uma gola do mesmo tecido do vestido adorna o pescoço e a cabeça da artista.

Nos dois figurinos a seguir vêem-se, no primeiro, um lindo traje de banho, constituído de tecido de malha prateada e uma sobressaia feita em cetim preto, e no segundo, à direita, um vestido para ser usado no campo, confeccionado em linho amarelo, combinando com o guarda-sol feito com o mesmo tecido.



HOJE, mais do que nunca, a moda feminina exige idéias originais, talvez um pouco extravagantes, mas de qualquer forma algo de novo para as elegantes exigentes. Vamos hoje dar as honras da apresentação de vários "costumes" para serem usados à noite.

Apresentamos ao mundo feminino o "costume" para *soirée*, que durante os vários anos da guerra esteve fora das cogitações dos costureiros elegantes como medida econômico-patriótica cuja finalidade era diminuir o gasto de tecidos, então muito escassos. Agora, porém, voltam a constituir o "chic" nos jantares das nossas elegantes.

As jovens de hoje, olham com seus olhos "coquetes" para os "costumes" drapeados que estão sendo a voga no meio elegante feminino.

Edith Head, a renomada estilista da Paramount, nos mostra através de figurinos por ela idealizados, os últimos modelos que obedecem a uma nova concepção de linhas e arranjos tais que só ela, Edith, poderia oferecer às mais exigentes damas e senhoritas elegantes de nossa exigente e requintada sociedade, porque somente ela tem o segredo de satisfazer ao mais apurado gosto das estrélas de Hollywood.

Edith, não obstante previne aos jovens, que se acautelem e dá este conselho porque sabe perfeitamente que as moças de nossos dias se esmeram no trajar de modo a conseguir o maior grau de sedução possível e, assim, colher em suas redes as suas possíveis futuras "vítimas" e para isto usam do artifício mais sugestivo para conquistar os homens de todas as partes do mun-



O corpo do vestido que se vê à esquerda é todo de seda fôscã, drapeado, e a saia é feita de tecido de brocado prateado, sendo também bastante rodada. A seguir, um lindo vestuário branco, usado pela bailarina Roberta Jonay's. Rendas, folhos e atrevidos decotes ressaltam ainda mais a beleza de Dorothy Lamour: o vestido que a seguir se vê tem o corpo e as mangas de rendas pretas finíssimas e a saia é toda drapeada e confeccionada em gaze "chiffon". O vestido à direita é todo em crepe preto drapeado preso ao pescoço por olças que, vindo das costas, passam em torno do pescoço, onde são presas com um broche de brilhante.

Últimos Modelos Para Soirée

★ Linda Graciela ★

do, qual seja o apresentar-se elegante é lindamente vestidas. E uma mulher que se sabe vestir com apuro tem maior probabilidade de conquistar o homem de que outra que não possua o mesmo encanto ao apresentar-se em público ou nas sociedades elegantes.

Edith Head, que tem o espírito bem feminino que todos reconhecem, sabe idealizar e tornar realidade o sonho de muitas de nossas jovens e sobretudo satisfazer às exigências cada vez maiores das grandes e afamadas estrelas de Hollywood, tais como

Dorothy Lamour e Ann Dvorak, que são as principais intérpretes do naipe feminino da película da Paramount "Fantasia Mexicana" (Masquerade in México). — Rendas finíssimas, bordados custosos, missangas, lantejoulas e até alfinetes de segurança têm uma aparência diferente se forem idealizados e aplicados nos trajes concebidos por Edith Head.

Dorothy Lamour, na película acima citada, muda de traje doze vezes, constituindo cada qual um verdadeiro "sonho de uma noite de verão". Tais trajes são

completamente diferentes pela abundância de tecidos neles empregados, o que contrasta com a escassez de pano com que são feitos os célebres "sarongs" popularizados por Dottie.

Waldo Angelo, o novo desenhista da Paramount, ficou tão impressionado com os trajes usados pelas citadas duas lindas artistas, no filme "Fantasia Mexicana", que não pôde deixar de gravar no papel suas impressões e desenhou-os enquanto as artistas desempenhavam seus notáveis papéis, nos "sets" dos estúdios famosos.



BEVERLY SIMMONS é a graciosa artistazinha da Universal. Vêmo-la aqui exibindo duas lindas toaletes para o encanto de suas queridas amiguinhas do Brasil... Você é muito lindinha, Beverly.

Legância
by Lipp

quando se exige

PONTUALIDADE...



NORMA

é o preferido!



A vida social impõe deveres... e nada lisonjeia mais a mulher moderna do que a pontualidade... Para isso NORMA vem sendo usada, há mais de 80 anos, por todos aqueles que, em seus compromissos, necessitam da hora exata. A precisão com que funciona, durante anos seguidos, garante a pontualidade deste excelente relógio suíço montado em 15 rubis. Admire a nova série de belos e elegantes modelos NORMA a prova d'água, suor e poeira! Adquira o seu NORMA impermeável - agora! Você sentirá orgulho de sua pontualidade!



A partir de
Cr\$ 480,00

Relógio

NORMA

O PREFERIDO DA ELITE DE TODAS AS PROFISSÕES

Novemb-6-40

GRATIS! - Peça ao seu relojoeiro
ou à C. P. 1.861, Rio - o útil folheto
"Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome

Endereço

Estado

DESENHOS
STUDIO
Rodolpho



AV. AFONSO PENA, 774
2º AND.-S/201-203
ED. CRUZEIRO
TEL. 2-7 1 2 2
BELO HORIZONTE

DESENHOS E CLICHÊS
PELO REEMBOLSO POSTAL

FOTOS SOCIAIS

Para Alterosa

A direção desta revista volta a prevenir aos seus estimados leitores que só aceita fotografias para publicação quando compreendidas nas suas seções habituais, isto é: senhoritas, crianças, enlacs e rádio. Tais fotos, entretanto, deverão preencher as exigências técnicas e artísticas, copiadas em papel liso e branco, tamanho postal.

Nenhuma outra fotografia, fora dessas condições, será publicada nesta revista, ainda que mediante pagamento.

De Londres

LONDRES. (H. P.) — Chegou ao Brasil o reputado tratamento Okasa tão intensamente procurado. Okasa é hoje o medicamento de escolha universalmente reconhecido pelo seu alto valor terapêutico e pela sua eficácia clinicamente comprovada no tratamento de todas as formas de insuficiência glandular. Okasa, à base de Hormônios vivos e frescos, extratos de glândulas germinativas e endócrinas, cientificamente preparados e de Vitaminas essenciais, combate vigorosamente todos os casos diretamente ligados a perturbações das glândulas vitais e do aparelho genital como: Debilidade sexual, fraqueza masculina, velhice prematura, fadiga, perda de memória e energia, desânimo e neurastenia, etc., no homem; frigidez, irregularidades ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, queda ou falta de turgência dos seios, enrugamento da cutis, etc., na mulher; todas essas deficiências provenientes de falta de hormônios e vitaminas indispensáveis ao organismo enfraquecido, tanto na idade avançada como no moço. — Okasa restabelece a função orgânica, rejuvenesce, revigora e restitui Força masculina, Vitalidade e Vigor no homem; Saúde, Beleza, Atração e Juventude na mulher. Nas boas Drog e Farm. — Informações e pedidos ao: Distrib. Representações Pac Ltda. Rua Guarany, 164 - Belo Horizonte. — Okasa é importado diretamente de Londres, em embalagem original e garantido pelos reputados Laboratórios Hormo-Pharma. Lon. res.

TENDÊNCIAS DA MODA

Motivos em pele

A nota do momento na toalette atual é o toque de pele, que não só orna o *tailleur*, nos punhos ou colo, como também a coleção de acessórios.

Os chapéus e as carteiras de pele são na maioria dos casos, os elementos preferidos para o realce de um abrigo de pano, em que a nota de pele seja pequena, quase invisível.

As peles que estão atualmente na moda, para essa tendência são as de pêlo baixo.

Aliás, são, na realidade, as mais lindas e que menos se sujam. Mas como gosto não se discute...



O chapéu de astracam é sumamente elegante para os conjuntos mais sóbrios. E' a pele de todas as idades e a predileta do mundo elegante. Também se vê mutíssimo o *petit-gris* tingido em tom mais escuro e o arminho de verão. As peles de pêlo largo, entre as quais predomina o zorro prateado, são reservadas

para as toaletes mais luxuosas, assim como também a pele de macaco.

Agora, o êxito social do chapéu dependerá, por certo, do estilo adaptável a quem o usa...

*

Sugestão para a chuva



A MULHER moderna segue invariavelmente a moda mesmo com o tempo variável... Nessa linha inflexível de elegância é que reside o segredo do seu êxito social para a realização do milagre perene de sua beleza.

O tempo chuvoso traz, sem dúvida, inúmeras dificuldades à mulher que gosta de apresentar-se sempre elegante. Mas, felizmente, há remédio para todos os males neste mundo.

As chuvas já chegaram. Mas a mulher elegante as enfrentará, serena, na certeza de que o seu aplomb não será perturbado.

Confirma a asserção o modelo de capa combinando maravilhosamente com a sombrinha — oportuna sugestão que nos oferece a encantadora Kathryn Grayson, da Metro, que é elegante até debaixo d'água... Reparem na harmonia do conjunto e reflitam sobre o poder invencível da mulher elegante...



Talhes finos

vação de tudo, acentuando através do detalhe a graça feminina.

Os acessórios têm adquirido uma importância maior. Os cinturões possuem uma missão especial nesta temporada em que o talhe fino predomina em todas as silhuetas, desde a que veste um "tailleur" clássico até a que sugere uma reminiscência de época passada ou um talhe de corte grego. Os novos cinturões são trabalhados com material luxuoso. Pedras, "palette" ou cetim se combinam em motivos novos. Lamé e motivos dourados para os mais luxuosos. Impõe-se atualmente também o cinturão alto que torna o talhe fino de uma forma elegante.

Indisputavelmente, os dirigentes da moda se têm se preocupado, nesta estação, dos detalhes e linhas com o mesmo interesse.

A sugestiva beleza que imprime uma destas notas nas toaletes sóbrias, consegue dar sempre ao conjunto uma característica elegante e distinta.

Calçados



○ CALÇADO feminino está frequentemente recebendo inovações que o tornam, sem dúvida, cada vez mais prático e elegante. Seus cortes são perfeitamente estudados por técnicos especializados para a maior harmonia dos pés e realce de sua elegância.

Entre os últimos modelos, o sapato de cristal é talvez o que desfruta de mais prestígio, ainda mesmo quando competem com os transparentes.

Os de cristal possuem a linha clássica, variando unicamente nos saltos. Os baixos, apresentam-se num estilo de sandálias, com tiras cruzadas.

Os sapatos femininos modernos não somente se recomendam pela qualidade do material, mas também pela originalidade do estilo.

*

Trova

As suas mãos acenando,
ficaram dizendo ADEUS,
mas os seus olhos chorando,
eu trouxe nos olhos meus...

LUIZ OTAVIO



*"Não se sente à vontade,
mamãe? Tanto melhor!"*



BEBÊ - De agora em diante, mamãe, lembre-se de que não é nada agradável ser um bebê!

MAMÃE - Barbaridade! Que vida levam as crianças! Sempre alguém lhes fazendo isto ou aquilo — e tantas coisas mais que tornam sua pele áspera e irritada!

BEBÊ - Ai está a minha queixa, mamãe. Acho que agora você está disposta a ouvir-me — quando grito pelo Óleo e Talco Johnson para Crianças.

MAMÃE - É claro que estou — peça o que quiser!

BEBÊ - Mamãe, posso ganhar um pouco do gostoso e puro Óleo Johnson para Crianças, para ser aplicado em minha pele e evitar o que o meu médico chama de "irritação provocada pela urina"? E, por favor, bastante Talco Johnson, puro e refrescante, para as horas em que as assaduras e brotoejas me irritam e aborrecem!

MAMÃE - Meu filhinho — de agora em diante prometo fazer tudo para o seu conforto!



BEBÊ - Você e os produtos Johnson, mamãe! Espere e verá como minha pele logo vai ficar suave e perfumada!

ÓLEO JOHNSON para Crianças
TALCO JOHNSON para Crianças



Johnson-Johnson



3 entre 4 mulheres afirmam que o NOVO Modess oferece a mais segura proteção!



— Recentes estudos feitos em Belo Horizonte entre 1.000 senhoras e senhoritas, confirmam que o Novo Modess é

- ★ Mais Absorvente
- ★ Mais Macio
- ★ Mais Higiênico

Veja porque MODESS é melhor!

 <p>MAIS ABSORVENTE</p> <p>A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!</p>	 <p>MAIS SEGURO</p> <p>Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam o perigo de nódos na roupa!</p>
 <p>MAIS MACIO</p> <p>Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!</p>	 <p>MAIS HIGIÊNICO</p> <p>Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!</p>
 <p>MAIS CONFORTÁVEL</p> <p>Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!</p>	 <p>INVISÍVEL</p> <p>Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!</p>

Amostra Grátis: Envie-nos Cr\$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 152 — Belo Horizonte.

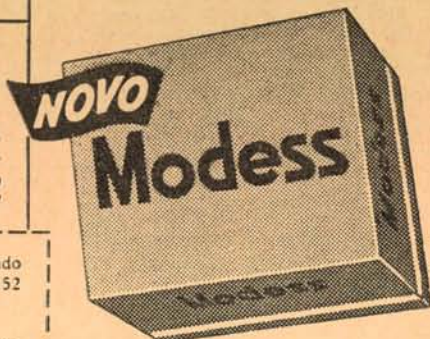
6-B - 246

NOME RUA
CIDADE ESTADO


N. B. — Este cupom e a importância de Cr\$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.

UM AMPLO inquérito realizado recentemente em Belo Horizonte, entre 1.000 senhoras e senhoritas, revelou que 75% delas acham o novo Modess melhor do que qualquer outro protetor para os dias críticos, porque o consideram mais absorvente, mais macio, mais higiênico! Se ainda não usa o novo Modess, não deixe de experimentar este novo conforto e proteção — este mês.

Peça, simplesmente, Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.



UM PRODUTO DA
JOHNSON & JOHNSON



A adorável BEVERLY TILLER, a nova estrela que começa a fulgir na constelação da Metro...

BEVERLY TYLER

PARA O SEU

Album

1107



DISTRIBUIDORES
DROGARIA RAUL CUNHA
RIO E BELO HORIZONTE

Fotos Sociais para "Alterosa"

A direção desta revista volta a prevenir aos seus estimados leitores que só aceita fotografias para publicação quando compreendidas nas suas seções habituais, isto é: senhoritas, crianças, enlacs e rádio. Tais fotos, entretanto, deverão preencher as exigências técnicas e artísticas, copiadas em papel liso e branco, tamanho postal.

Nenhuma outra fotografia fora dessas condições, será publicada nesta revista, ainda que mediante pagamento.

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS



AV. AFONSO PENA, 1050
FONES 2-1607 e 2-3016
BELO HORIZONTE



★ Câmara Lenta ★

O TRUQUE DA TRANSFERÊNCIA

OS americanos dão o nome de "projecting" ao hoje muito usado truque de apresentar-se um cenário real sem que da sua filmagem participem os artistas.

Na película de Bette Davis, "A Estranha Passageira", todos nós vimos a famosa estrela a passear de auto pela Cinelândia, no Rio, sem nunca ter vindo à Capital do Brasil. O fundo não



Bette Davis

era pintado. Aquê-
le trecho da Praça

Florianópolis era real. Os técnicos conseguiram a mais perfeita ilusão graças ao sistema de transparência o u projecting.

E' com esse truque que os produtores conseguem filmar cenas humorísticas ou sensacionais, de corridas desenfreadas de autos por entre outros veículos e pedestres em ruas movimentadas.

OS ÁRABES E O CINEMA

NOS fins do século dezoito, os Árabes chegaram à Europa apresentando às populações um teatro de sombra chamado "Karagueuz". O sucesso foi enorme, e logo os desenhistas franceses, Henri Riviere e Caran d'Ache, introduziram melhoramentos, passando a denominar-se "Sombras Francesas".

O ASTRÔNOMO JANSSEN

É CURIOSO notar que, na sessão inaugural do cinema de Lumière, a 25 de dezembro de 1895, dentre as oito películas exibidas, uma causou sensação: foi a que apresentava na tela a chegada a Paris do astrônomo Janssen, poucas horas antes. Foi, na verdade, um recorde de rapidez de reportagem ilustrada, mesmo em relação aos tempos atuais.

SOMBRAS CHINESAS

A HUMANIDADE sempre procurou na projeção das sombras, motivos de diversão. Isto era o germe do cinema. Assim, pode-se dizer que chineses, japoneses, árabes, egípcios e indianos, há séculos, já se divertiam com as projeções de seus cinemas domésticos, projetando sombras, graças a engenhosos truques. Há sobre o assunto um livro célebre, o "Yashinai-kusa", datado de 1790.

★ Charada do Fan ★



LOURINHA DO PANAMA é a película da qual apresentamos em nossa edição de setembro último, uma cena com o gozadíssimo Red Shelton e a seríssima cantora Virginia O'Brien. Inúmeras foram as respostas certas, sendo, no entanto, a maioria delas erradas quanto ao título do filme...

A premiada foi a da Srta. Antônio Teixeira da Silva, residente na rua Palmira, 632, Serra, nesta Capital. O prêmio, constante do romance "Abandonadas" de Nevil Shute, edição Vecchi, já foi remetido, sob registro.

Os fans que desejarem decifrar a charada desta edição, devem enviar suas respostas até o dia 30 de novembro

corrente, informando de que filme foi tirada a cena ao lado e quais os artistas que nela aparecem.

Cartas para: Revista ALTEROSA, Seção de Cinema, Caixa Postal 279, Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Ostente
uma pele

**MAIS CLARA,
MAIS ALVA,
MAIS BELA!**



com este método POND'S de limpeza intra-cutânea!

★ Para a suavidade e beleza de sua *cútis*, não basta o tratamento *exterior* da pele. Porque, mais importante ainda, é a limpeza dos poros, através dos quais a pele respira, renova-se, vive!

Foi por isso que Pond's criou, para Você, Cold Cream Pond's, de ação dissolvente e ultra-penetrante, que se infiltra nos poros, dissolve os detritos, o sujo, os resquícios de pele morta, removendo-os completamente.

Assegure, a um tempo, a limpeza *externa* de sua pele e a *limpeza intra-cutânea*, com Cold Cream Pond's. Verá, deslumbrada, como rapidamente sua *cútis* se tornará mais alva, mais clara, mais bela. Use o Cold Cream Pond's, religiosamente, *tôdas* as noites. E, para beleza e suavidade *extra*, aplique-o também pela manhã.



POND'S



CORNEL WILDE,
o Chopin,
e MERLE OBERON,
a George Sand, vi-
vendo um instante
emocional no tec-
nicolor "A Noite
Sonhamos" da Co-
lúmbia.

Música

Swing music

LOUIS ARMSTRONG, ar-
tista negro da Metro,
considerado o maior pis-
tonista do mundo.



A MÚSICA, no cinema, é como que a alma sonora das imagens. O diálogo mais expressivo não lhe vence a força sugestiva. Porque a linguagem das palavras dirige-se ao raciocínio, para a justa compreensão do entrecho, enquanto o *back-ground* invade a sensibilidade, acariciando-a ou torturando-a...

Sem a música, o *suspense* perderia seu poder emocional. Na ondulação sonora vibra o vigor psicológico das cenas.

E' o mistério da arte na plenitude de sua sugestão.

A música colore.

A música purifica.

Chopin tornou-se acessível às massas populares graças aos dedos mágicos de José Iturbi dando vida musical às mãos de Cornel Wilde.

Tschaikovsky continuaria no anonimato se o cinema não o divulgasse através de suas maravilhosas composições. E não haveria, naturalmente, os grandes filmes musicais, deliciosos espetáculos para os olhos e os ouvidos, em que a música predomina em toda a sua variada gama pinturesca.

Música, divina música...

Chopin, Bach, Wagner, Mozart, Tschaikovsky, Schumann, Liszt... E' a arte musical, na sua expressão mais pura, que



BING CROSBY, a voz dolente que embala os corações femininos... Crosby aparece aqui como o padre O'Malley, do "O Bom Pastor", o admirável filme da Paramount.



o cinema nos oferece, tornando conhecido um gênero que foi, em épocas extintas, privilégio das aristocracias.

Mas a História é sábia. Através da evolução humana e social, impôs a extinção dos privilégios.

A música é de todos.

A música é como o sol. Porque vem de Deus.

✱

JOSE' ITURBI, é o notável maestro que se vê ao alto e cujos dedos mágicos vêm musicalizando vários filmes da Metro. Foram os seus dedos que tornaram Cornel Wilde um exímio pianista naquela história americanizada da vida de Chopin...



BRENDA JOYCE, da Universal, aguarda, tranquila, o calor, ostentando um *maillot* maravilhoso.

Da coleção praia, desenhada por Travis Banton, este conjunto de jersey de lã escura usado por DELYLE MADISON, da Universal, é *infernai*... As peças de adaptação ao tronco são aplicadas de cada lado e o modo por que se cruzam constitui uma nota original.



PATRICIA R O C,
da Colúmbia,
apresenta esta linda
criação para as
praias... Não é
verdadei-
ramente delicio-
sa?...



O verão aí está, glorioso. As praças e as piscinas regorgitam, num espetáculo de beleza e mocidade... O sol quente rutila na água azul e nos corpos morenos das searelas.

E' o verão! E a sua presença luminosa é um peregrino convite à beleza...

à beleza

MARGARITE CHAPMAN, a linda estrela da Colúmbia, está pronta para remar... Não está parecendo ser o seu olhar um amável convite? Reparem que lindo mai-lot...



IVONNE DE CARLO, a nova e encantadora estrela da Universal, repousa... antes do seu banho matinal. Dizem os entendidos que Ivonne vai longe...

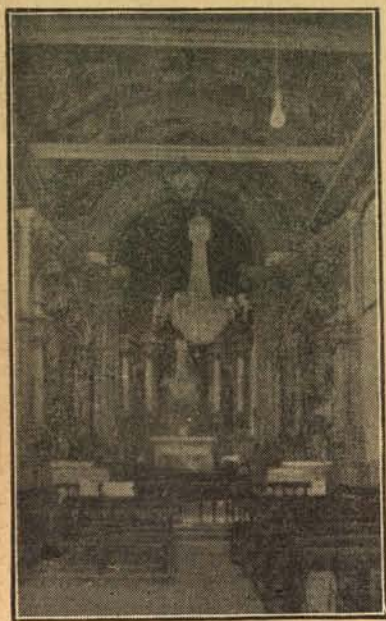
DIAMANTINA, RELIQUIA DO PASSADO

Reportagem de Jorge Bruce

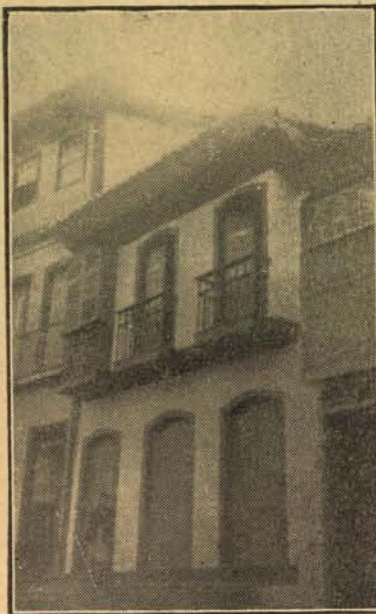
QUEM viaja os 1.000 quilômetros que separam o Rio de Diamantina, muito tem para contar. Depois de Corinto há paisagens encantadoras, audazes obras de engenharia que parecem desafiar a lei de gravidade, locais em que o trezinho de bitola estreita, entre a montanha e o precipício vence a estrada, proporcionando em cada curva um espetáculo diferente. E o viajante, satisfeito com a natureza, esquece os solavancos e a falta de higiene interna, perdôa a preta velha que veio a noite toda roncando e a criança desacomodada que choramingou o tempo todo. Quase chegando em Diamantina, a Serra da Tocaia deslumbra com seu panorama encantador de despenhadeiros vertiginosos, e cachoeiras formidáveis, numa combinação bizarra de serras, florestas e águas. Finalmente, depois de uma curva fechada, a estrada passa ao planalto do Guinda com seus quilômetros e mais quilômetros de terra plana. E o viajante, cansado das trinta e tantas ho-

ras de viagem, depara ao longe as torres da Basílica do Sagrado Coração, e fica esperando desembarcar numa cidade construída na planície. Ainda uma vez, porém, a natureza lhe reserva uma surpresa. Diamantina está construída na encosta da serra e suas ruas são ladeiras que descem o morro para esbarrar em baixo num vasto paredão de granito. Porque Diamantina abandonou a planície para vir nascer acocorada na montanha íngreme? A história nos explica: A mesma força estranha que atraiu nossos antepassados a desbravar sertões em ousadas bandeiras; o mesmo tirano que ainda hoje promove desgraças e venturas, destruição de progresso, guerras e pactos internacionais — o ouro! E assim os ambiciosos aventureiros foram se aglomerando em torno do riacho que tomou o nome de Tijuco, e suas casas foram subindo o morro, desprezando a planície que ficava mais distante. O interessante, porém,

é que, se o ouro foi o alicerce desta cidade serrana, não foi por certo a causa de seu desenvolvimento e atual estabilidade. E' que seus exploradores vieram a descobrir depois a verdadeira fonte de renda que até hoje mantém a esperança do diamantinenso. Suas terras, julgadas a princípio muito ricas em ouro, revelaram-se espantosamente pródigas em d'âmanes, a princípio desconhecidos dos habitantes. E é o diamante a força motriz de Diamantina. E' ele que, escondido entre barros e cascalhos, desafia a perícia ou a sorte dos garimpeiros que, no vai-vem da fortuna, ora são milionários, ora se apertam para suportar as despesas da mina. Esse constante desequilíbrio econômico, parece, criou o caráter do diamantinenso. Deu-lhe o conformismo paciente mesclado à agitação constante criada pela expectativa de melhores dias. Ao lado das grandes fortunas estabilizadas por um grande tino comercial ou por um constante bafêjo da sorte, não é raro encontrar-se em Diamantina



Interior da Igreja do Carmo. Esse histórico monumento da arte religiosa colonial é todo decorado a ouro e foi construído pelo contratador de diamantes João Fernandes, companheiro da famosa mulata Chica da Silva e por ele doado à Ordem Terceira do Carmo, em 1765.



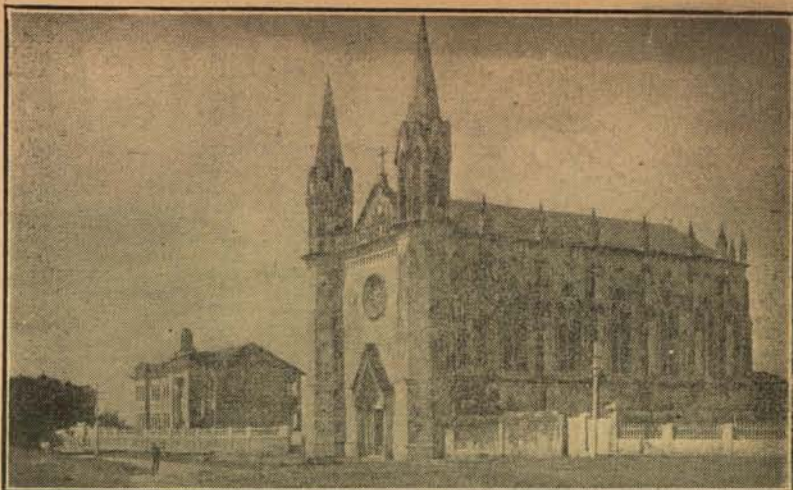
Aspecto de construção em estilo Murarabi, com a sua característica sacada de madeira rendilhada. Destas residências, amplas e relativamente confortáveis, na época, existem inúmeras nas cidades tradicionais de Minas. Possuem amplos corredores e, em geral, pitorescos pátios ao fundo, onde a sombra das árvores frondosas é permanente convite para a sesta que antigamente se podia fazer...



Recanto dos balcões internos da casa onde viveu Chica da Silva. Para satisfazer os mais extravagantes caprichos de sua companheira, segundo reza a tradição, João Fernandes realizou obras da mais absurda magnificência, inclusive a construção de um lago artificial e um veleiro para que ela pudesse empreender passeios de navegação.

faiscadores que passam da miséria à fortuna e a ela voltam sem que por isso desanimem, ofuscados pelo brilho estranho da preciosa gema.

Esse perseverante espírito de luta fez, da Diamantina de hoje, uma cidade de grande desenvolvimento, com risonhas perspectivas para o futuro. Em seus 108 anos de existência, Diamantina cresceu e se modificou sem pôr em deixar de ser a cidade colonial por excelência. Suas construções em estilos tradicionais, suas igrejas com verdadeiras obras de arte antiga, esculpidas e decoradas a ouro por mestres da pintura portuguesa, a própria conformação topográfica, são motivos suficientes para que a consideremos uma cidade monumento. E tudo indica que, num futuro muito próximo, o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional conceder-lhe-á esse título. Aliás o Serviço do Patrimônio não tem descansado em Diamantina. A ele é que devemos hoje o descobrimento, a conservação e a restauração das relíquias que dão a Diamantina esse cunho tradicional. Desde 1940 muito tem sido feito nesse sentido. Lutando a princípio com uma forte reação dos habitantes que não compreendiam bem a finalidade dessa instituição e a julgavam responsável pelo entrave ao progresso da cidade, o Patrimônio conseguiu, finalmente, angariar a simpatia do público. E hoje todos compreendem que a finalidade do Patrimônio não é apenas guardar trastes velhos e sim zelar pelos patrimônios de nossa história, conservando-os para a posteridade. O dr. João Costa, delegado do Patrimônio em Diamantina, e seu auxiliar sr. Assis Horta, são dois entusiastas que não desprezam oportunidades para conseguir novos elementos de valor. Inúmeros são os serviços já prestados. A restauração do Colégio N. Senhora das Dores, inclusive as instalações de modernos sistemas de esgoto, e a edificação de novos pavilhões, apresentam um inestimável auxílio. Outras obras também de grande valor já foram feitas. Foram restauradas as igrejas do Amparo, Bonfim, N. Senhora das Mercês e Santana do Inhã; o Mercado Municipal; a casa do Inconfidente Rolim; a casa colonial, estilo Muxarabí da rua Quitanda, chafarizes e diversas outras construções. Conforme fomos informados, o Patrimônio pretende continuar seu trabalho



A Basilica do Sagrado Coração, toda de pedra, onde se podem admirar valiosos vitrais de origem francesa, e o Seminário, no Largo Dom João



Aspecto dos prédios do Colégio N. S. das Dores, recentemente restaurados pelo Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Note-se o passadiço de madeira que os liga por sobre a rua.



Aspecto de uma das ruas principais de Diamantina, vendo-se algumas das famosas construções da cidade.



A bela varanda da casa da famosa Chica da Silva, em estilo Muxarabi.

baseando-se sempre no princípio de conservar os motivos de autenticidade comprovada, restaurando e higienizando todas as construções antigas que definam o estilo tradicional de Diamantina. Assim é que, aos poucos, teremos todas essas relíquias em perfeito estado de conservação. Na casa colonial, estilo Muxarabi, uma das poucas existentes na América do Sul, será instalado o Museu da cidade, bem como a biblioteca que contará a coleção do Padre Antônio Torres, e todas as obras de valor existentes no município.

Interessante é observar-se que a maioria dos trabalhos de arte

encontra-se nas Igrejas e sacristias, comprovando, assim, o espírito católico que, desde o início, prevaleceu em Diamantina. Herdeiro dos sentimentos católicos de seus antepassados, o diamantinense é fervoroso no culto da Igreja. Sua influência se revela de maneira impressionante. A igreja muito tem feito por Diamantina. A instrução e educação são, de um modo geral, ministradas por sacerdotes ou religiosas. Também a assistência aos pobres e à infância desprotegida, muito devem à caridade e boa vontade de pessoas que a isso são levadas pela prática do catolicismo. Vemos em Diaman-

tina diversas organizações caridosas que vivem exclusivamente, graças a iniciativas particulares, sem nenhum apoio de instituições públicas. É o que se vê na "Protetora da Infância", "Sociedade N. Sra. do Perpétuo Socorro", "Recolhimento dos Pobres de Santo Antônio", "Dispensário de São Vicente", "Ambulatório São José", "Caixa Escolar", "Sopa Escolar" e diversas outras sociedades que, se não fossem o desprendimento e a boa vontade de seus dirigentes, deixariam ao abandono numerosas famílias pobres, centenas de crianças sem instrução primária e a cidade voltaria a ser o paraíso dos mendigos, como acontecia antes da fundação do Dispensário. No ambulatório São José, os pobres encontram, a qualquer hora, o tratamento inteiramente gratuito de suas enfermidades. E tudo isso se fez com resultados de festas de caridade e donativos. E acima de tudo é impressionante a dedicação de pessoas como Maria Orminda da Mata Machado, que é vista em suas horas de folga, de maleta em punho, em sua faina diária de ministrar curativos, aplicar injeções em arrabaldes distantes, muitas vezes de difícil acesso. Tudo isso é um edificante exemplo aos responsáveis pelas nossas leis sociais, que até hoje nada conseguiram fazer, despidos que são desse devotamento e dessa honestidade que encontramos aqui. Na verdade, muita coisa resta a fazer. Muitas famílias moram ainda ao relento em cavernas que a natureza deu em sua caprichosa hospitalidade. Nas lapas da Serra



*Artigos de qualidade
para o seu automóvel*

CASA SANTANA

de P. Sant'Ana & Cia. Ltda.

ESPECIALISTA EM CONSERTOS DE PNEUS E CAMARAS DE AR

PNEUS NOVOS DE TODAS AS MARCAS

OLEOS E ACUMULADORES

Rua Carijós, 797

—

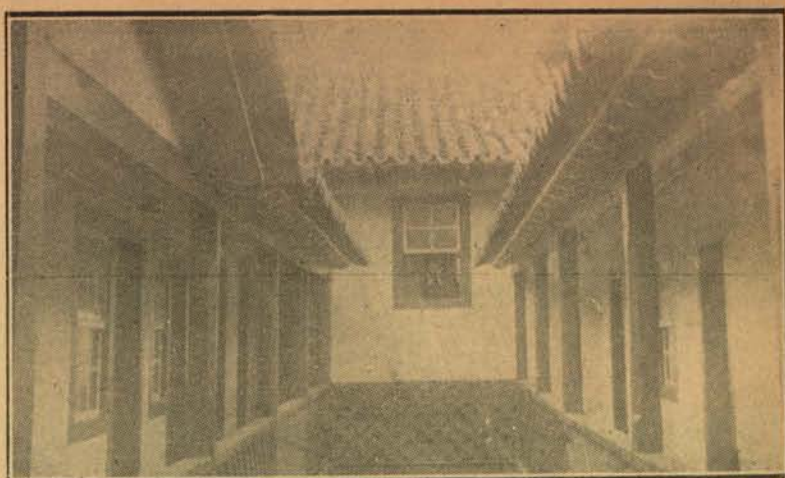
Fone 2-2771

—

BELO HORIZONTE

do Barão, residem famílias em promiscuidade. Nas furnas da Almotolia vegetam criaturas que só a fatalidade conserva vivas.

Pelas velhas ruas ainda se encontram indivíduos que, dominados pelo infortúnio, se entregaram à embriaguês. Bem diferente, por certo, dos tradicionais boêmios de Diamantina, apaixonados pela vida errante dos bares e botequins, onde em noites alegres nasceram verdadeiras obras de primas de nossa música popular. Quem em Diamantina não conhece o velho "Zum-Zum-Zum" ou "O Peixe Vivo", que, conforme a opinião de muitos, só têm o seu sabor especial se cantado em redor de uma mesa, depois de uma boa cervejada ou mesmo uns "tragos" de boa "pinga"? Pois foi assim que nasceu esse jeito especial que todo o diamantinense tem para a música. Numa cidade de 15.000 habitantes encontram-se, nada menos, de 105 pianos. Em cada casa há, pelo menos, uma pessoa que sabe tocar ou cantar. Por muito tempo nada se tinha feito no sentido de aproveitar esses valores artísticos. Agora porém, os dirigentes do Clube Acaiaca, tomaram a si o encargo de estimular os futuros artistas. Quando, a gentil convite do sr. Geraldo Nascimento, seu diretor social fomos assistir a uma de suas "Hora do Gurí" e "Hora do Calouro" pudemos avaliar o que se está preparando naquele grêmio de boa vontade. O "Acaiaca" é, sem dúvida, a pérola de Diamantina. Em seu recinto, de estilo simples e simpático, estão se preparando os futuros valores de nossa música. Em suas irradiações internas, o Clube Acaiaca, movido pelo dinamismo de seu diretor, sr. Soter Pádua, está fazendo uma arrojada experiência para a instalação de uma estação de rádio. Os prêmios oferecidos à garizada e aos calouros pelos patrocinadores dos programas; a paciência do Cota e o ambiente de boa camaradagem, estão atraindo uma quantidade tão grande de frequentadores, que seus vastos salões estão se tornando pequenos. Já se encontram, entre os calouros e guris, elementos que merecem figurar em qualquer de nossas emissoras. Em suma, o Acaiaca transformou a vida social de Diamantina. Agora os ri-



Interior da casa em estilo muxarabi, onde será instalado o museu da cidade

pazes e as moças já tem onde se divertir em alegres reuniões, imperando sempre a boa amizade, sob os cuidados dos próprios dirigentes que fazem questão de manter em seus salões uma linha de conduta que corresponda ao conceito de austeridade, tradicional em nossas velhas cidades do interior. Lá os jovens artistas em formação encontram incentivo às suas aspirações, encorajados pela carinhosa acolhida que lhes dispensam. Uma grande obra esta



Carranca talhada na madeira há cerca de 180 anos. Encontra-se na casa em que viveu Chicla da Silva.

do Acaiaca, do qual bem se pode dizer em analogia à árvore da lenda: "Enquanto houver um "Acaiaca" haverá sempre ardente o espírito diamantinense, — a vontade de luta para o progresso. O Acaiaca vai conseguindo aos poucos reunir em seu seio os cantores da velhas serenatas que até hoje enchem as noites de lua com suas modinhas enternecedoras. Modinhas que interpretam a alma sentimental e artística da velha cidade monumento. Quem dera o Serviço do Patrimônio pudesse gravar e perpetuar a graça e o encantamento dessas serenatas que nos transportam às noites de outrora em que nossas avós, por detrás das sacadas de madeira rendilhadas, escutavam nossos apaixonados avós. Poderíamos então, apreciar melhor todo o passado de Diamantina. Passado que hoje nos chega em suas casas de balcões, em suas velhas igrejas, suas caprichosas esculturas a ouro, seus chafarizes de pedra-sabão, suas ruas íngremes calçadas com "pé de moleque", seus muros de pau a pique e adobo. Um passado tão presente que só voltamos à realidade devido ao esquisito contraste das limosnes de último tipo e das novêlas que nos vem de berrantes aparelhos de rádio. Assim é Diamantina, cidade-lembrança, refulsa do passado.

O RABICHO DOS CHINESES



NA CHINA a gente usa o rabicho pendente pelas costas e a frente da cabeça e nuca cuidadosamente raspadas. Aqueles trezentos milhões de cabeças a raspar todos os dias exigem uma prodigiosa quantidade de barbeiros.

O barbeiro chinês é uma das personagens que não têm equivalentes no mundo. Desde madrugada, deita-

se a correr pelas ruas, levando às costas dependurada da ponta dum longo bambú corado pela figura dum animal quimérico, toda a ferramenta do ofício. Mal o seu olhar experimentado descobre um viandante, cujo crâneo não está perfeitamente limpo, atira-se a ele, e o freguês, assim apinhado de súbito, encontra-se em breve sentado numa cadeira, sob um largo guarda-sol espetado no chão.

Num abrir e fechar d'olhos está tudo pronto. A água ferve numa caldeira, a bacia, as pinças, a escóva das orelhas, a pérola de coral encastada num pedaço de marfim e destinada a limpar os olhos, tudo sai dos estojos e está exposto diante do paciente. Começa então o "chanpao", operação misteriosa, composta de passes magnéticos, cujo rápido efeito se traduz numa doce sonolência para a vítima.

Neste estado, a sua cabeça entorpecida deixa-se girar em todos os sentidos, obedecendo às mãos do barbeiro, que com uma presteza sem igual, deixa passar a navalha triangular, grossa e pesada, mas fácil de manejar, e dentro de breves minutos, sob os raios dum sol ardente, o crâneo do freguês torna-se duma alvura perfeita, tomando as aparências de uma bola de marfim.

Em seguida passa-se à preparação e asseio do rabicho, em que os chineses têm o maior cuidado, e a que ligam uma grande importância, cuja perda seria irreparável, porque na vasta escala do funcionalismo público, desde o mais desprezível até o mandarim, aquele que deixasse cortar o rabicho estaria irremediavelmente perdido. Conta-se dum estrangeiro que, tendo-se refugiado numa casa para escapar às consequências dum assassinio cometido em plena rua, conseguiu com a mesma face com que praticara o crime cortar o rabicho do agente de polícia que o capturou. De nada lhe valeu; mas foi uma vingança como outra qualquer, por que a execução do mantenedor da lei se verificou no mesmo dia da do criminoso.

Esta querido rabicho, lava-se, perfuma-se, entrança-se com um esmero muito particular. O chinês já não pode passar sem ele, que de resto se lhe torna, não um objeto de luxo, mas um traste de incontestável vantagem pelos variados usos a que se presta. O criado serve-se dele para limpar os móveis; o mestre escola emprega-o à guisa de junco para fustigar os dedos dos discípulos recalcitrantes; o arrieiro tem ali um chicote para castigar as alimarias e o homem cansado da vida não precisa doutra corda para se enforcar.

E' o rabicho que o barbeiro agarra para manter o operado em posição conveniente; é com ele, enfim, que o carrasco cumpre a missão de mandar para o mundo o grave súdito do filho do sol e da lua. Só é um traste incômodo para o trabalhador, que se vê na necessidade de enrolá-lo em volta do pescoço.



Meds o novo absorvente de aplicação interna, revolucionará os hábitos femininos!

• Milhões de mulheres, nos Estados Unidos, estão usando este novo absorvente, que proporciona completa liberdade nos dias críticos.

Composto de um pequeno tubo de algodão comprimido, capaz de absorver 300% do seu peso, MEDS é aplicado internamente, tornando-se inteiramente invisível e permitindo absoluta liberdade de movimentos — mesmo a natação! Fácil de ser colocado e removido, MEDS não tem, entretanto, perigo de cair. Cada absorvente vem num tubo de inserção que evita qualquer contato com os dedos.

Ultra-portátil, MEDS é econômico e constitui a proteção ideal para os dias críticos.

Completamente invisível • Sem cinto • Sem alfinetes.
Permite até nadar.



MEDS é o único absorvente com o "Canal de Segurança" que permite absorção maior e mais rápida.



MEDS, uma vez aplicado, adapta-se confortavelmente, eliminando o perigo de cair.



Meds

Um produto garantido por
JOHNSON & JOHNSON
Fabricantes de Modess

*O primeiro
passo*

**PARA
REJUVENESCER
CÚTIS QUE
APARENTAM**

**MEIA-
IDADE**

★ O primeiro passo para tornar a cutis saudável, jovem e bela, é assegurar a higiene completa da epiderme, com um sabonete puro e neutro: o Sabonete Gessy.

Feito de preciosos óleos vegetais, sua espuma ativa, eficaz e abundante, penetra suavemente nos poros, removendo impurezas e resíduos cutâneos, estimulando e vivificando a pele, tornando-a jovem, bela e aveludada.

Combata a aparente "meia-idade", usando Gessy!

SABONETE GESSY



EMBELEZA
A CÚTIS



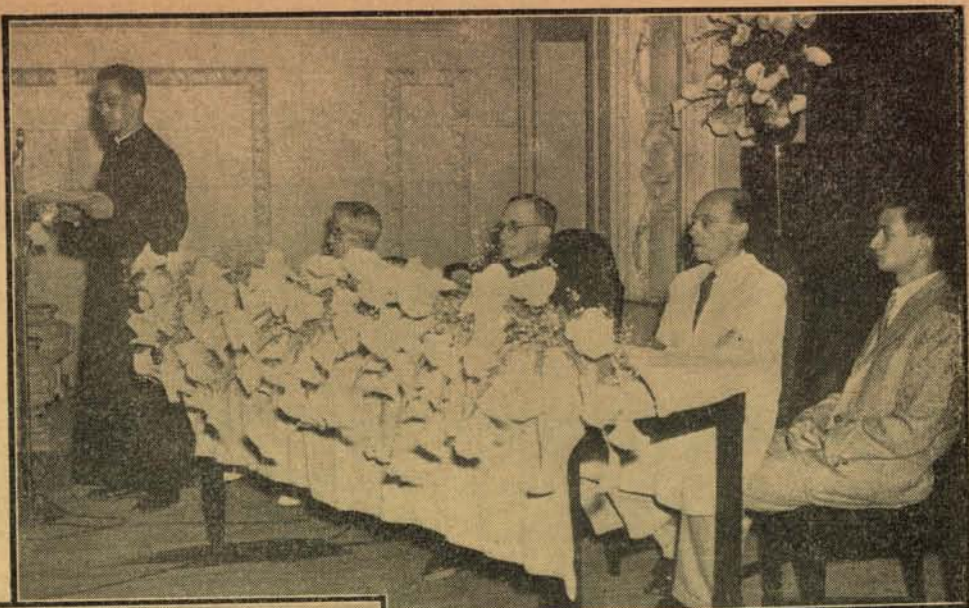
PERFUMA A
PELE



DURA MUITO
MAIS



Em comemoração da Semana Eucarística, realizaram-se, em outubro último, na Igreja da Boa Viagem, nesta Capital, inúmeras solenidades, que se revestiram da maior significação espiritual. A nossa foto registra a sessão festiva realizada no auditório do Instituto de Educação no Dia da Mocidade Masculina, quando falava o Pe. Orlando Machado.



O Mês em Revista



Realizou-se em setembro último, nesta Capital, o enlace matrimonial da srta. Amaryllis Coelho Junior, filha do prof. J. Coelho Junior, falecido, e d. Ambrosina Ursini Coelho Junior, com o eng. civil J. Marcello K. Teixeira. Paranifaram o ato d. Ambrosina Ursini Coelho Junior, com o eng. Ursini Coelho, por parte da noiva; o eng. Wady Simão e exma. sra. por parte do noivo. No ato religioso, o dr. João Teixeira Gomes e a srta. Odeite Klein, por parte da noiva; e o eng. Hélio Martins da Silva e d. Martha Klein Teixeira, por parte do noivo.



Expressiva homenagem prestou aos representantes comerciais desta Capital, o conceituado Hotel Avenida, em outubro último. A nossa foto focaliza um aspecto do banquete, na qual se vê ao lado do orador, sr. Correia Pinto, decano dos viajantes comerciais, o sr. Rui Lourenço de Barros, proprietário do Hotel Avenida e figura prestigiosa nos meios comerciais de Belo Horizonte.



Realizou-se, em outubro último, nesta Capital, o casamento da srta. Vera Paixão, filha do sr. e sra. Leovigildo Leal da Paixão, com o sr. José de Araujo, filho do sr. e sra. Godofredo de Araujo. A foto registra a cerimônia religiosa, realizada na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. Os noivos viajaram para o Sul de Minas em viagem de núpcias.

*



O Grupo Escolar Cesário Alvim, desta Capital, comemorou, festivamente, a Semana da Criança, oferecendo uma Merenda Festiva a todos os seus alunos. A foto registra a feliz realização, que foi presidida pela Prof. Sra. Antonieta Faleiro de Oliveira Faria, diretora do referido Grupo.

*



Magnífica audição de alunos foi a festa artística realizada em outubro último no Conservatório Mineiro de Música. A foto focaliza o grupo de alunas participantes do programa, professoras e diretores do Conservatório.





CULINÁRIA

Por
Maria Teresa



Cardápio

GALINHADA

DUAS xícaras de arroz cru, seis colherinhas de sal, um frango cortado em pedacinhos, um e um quarto de xícara de leite, tres quartos de xícara de farinha ou maizena, meia colherinha de pimenta, seis colheres de azeite, um dente de alho picado e um pimentão.

Ferver o arroz em um litro de água com uma colherinha de sal, durante vinte minutos. Lavar o frango, banhá-lo em um quarto de xícara de leite e passá-lo por uma mistura de meia xícara de farinha, uma e meia colherinha de sal e um quarto de colherinha de pimenta. Dourar o frango numa frigideira com bastante azeite. Pôr o arroz cozido numa caçarola e o frango por cima. Fritar a cebola e o alho no azeite que reste na frigideira. Acrescentar a farinha restante — um quarto de xícara — sal e pimenta. Em seguida acrescentar o pimentão picado e o leite restante, revolvendo até que o molho tenha a consistência desejada. Derramá-lo sobre o arroz e o frango. Tapar e levar ao forno durante trinta minutos ou seja, até que o frango fique bem tenro. A receita é para quatro pessoas.

SALADA AMERICANA

MEIO molho de alface, quatro ovos bem cozidos e sem casca, dois tomates médios pelados, cinquenta gramas de queijo americano, uma cebola grande cortada em rodela, meia colher de pickles doce, "petit-pois", seis rabanetes descascados e seis azeitonas grandes.

Cortar as folhas de alface em pedacinhos e dispô-las em redor do prato da salada. Cortar também os ovos, os tomates e o queijo. Espalhar por cima juntamente com os demais ingredientes, exceto o "petit-pois". Deixar gelar bem. Pouco antes de servir, espalhar o "petit-pois" por cima de tudo. Enfeitar com azeitonas.

TALHARIM COM CENOURAS

DESCASCAR as cenouras. Cortá-las como se faz para a sopa julliana. Cozê-las em um pouco de água salgada. Quando estiverem tenras, retirá-las. Cozinhar o talharim durante dez minutos na água fervente e salgada. Escorrer as cenouras e o ta-

lharim. Aquecer um pouco de óleo de parafina em uma caçarola, juntar as cenouras e o talharim. Misturar bem tudo e aquecer durante alguns minutos.

O óleo de parafina pode, em rigor, substituir a manteiga, para as pessoas que não suportam a manteiga cozida.

Sobremesas

TORRÃO

TOMAR um quilo de açúcar molido, acrescentar meio litro de mel e clarificar com uma clara e um pouco d'água. Coar em seguida e tornar a pôr no fogo até que chegue a um ponto alto. Então acrescentar à calda uma clara bem batida e aumentar o fogo. Pouco depois juntar um quilo de amêndoas peladas e meio tostadas. Pissados quinze minutos o torrão estará pronto para ser colocado em caixas ou fôrmas forradas de papel, onde esfriará.

DOCE DE GOIABA

ESCOLHER goiabas que não estejam muito maduras, nem muito verdes. Lavar, descascar e tirar as sementes. Passar, por uma ligeira fervera e pôr em água fria.

Fazer uma calda com o mesmo peso de açúcar que de fruta e, quando estiver no ponto, acrescentar a fruta, deixando ferver durante três quartos de hora. Retirar do fogo e terminar o doce levando-o ao fogo durante uma hora, três dias seguidos.

SUPREMOS DE CHOCOLATE

QUEBRAR cinco ovos, separando a gema das claras. Ralar cento e vinte e cinco gramas de chocolate em barra e deixar derreter numa panela cheia d'água. Acrescentar 125 gramas de açúcar, mexendo bem, depois de cento e vinte e cinco gramas de manteiga fresca em pedacinhos e as cinco gemas de ovos uma a uma. Finalmente, as cinco claras batidas em neve muito firme. Derramar tudo em taça e levar à geladeira até o momento de servir.

Do mesmo modo que os supremos de chocolate, deve-se preparar os de nozes, amêndoas, pistaches, etc., juntando somente 125 gramas de nozes, amêndoas, etc., peladas e raladas, em vez de 125 gramas de chocolate.

-Faça Bolos



...e "veja" os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o "Livro de Receitas Royal", usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

- a chave de mil e um pratos deliciosos!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

BÔLO RUBRO

5	colhs. (sopa) manteiga	4	colhs. (chá) Royal
2	chics. farinha peneirada	1 3/4	chics. açúcar
1	colh. (chá) sal	3/4	chic. cacau em pó
1 1/2	colhs. (chá) bicarbonato	1 1/4	chics. leite
		3	ovos
		1	colh. (chá) baunilha

Misture bem a manteiga com 1 chic. da farinha. Peneire 6 a 8 vezes o resto da farinha com os demais ingredientes secos. Junte-os aos poucos à primeira mistura, alternadamente com 1/2 chic. do leite e os ovos, um a um, batendo muito bem, depois o resto do leite e a baunilha. Ficarà um tanto rala. Use formas rasas untadas. Forno regular, uns 30 minutos. Quando frio, aplique o seguinte recheio e glacê: sobre fogo baixo, dissolva 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água. Deixe cozinhar lentamente até ponto de fio. Bata 1 clara em neve e derrame a calda devagar sobre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal, 1/2 colh. (chá) essência e 1 chic. côco ralado; bata até ter consistência para ser espalhado. Cubra com côco ralado.



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva hoje mesmo para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

LANA TURNER, a perturbadora
loura da Metro, que apaixonou
o Brasil com a sua beleza real, cui-
da seriamente da sua pele, subme-
tendo sempre o pescoço, os ombros,
costas e braços ao exame de espe-
cialistas consagrados. O exaustivo
trabalho a que Lana se entrega pa-
ra o equilíbrio estético de sua be-
leza — afirmam
os técnicos de
maquilagem da
Metro — tem-lhe
proporcionado óti-
mos resultados...
Claro!



UMA linda girl da Universal, simboliza, ao centro, a be-
leza moderna, exuberante de saúde e graça... O trata-
mento a que submetem as **girls** de Hollywood são os mais ri-
gorosos. Mas os resultados são os mais compensadores pos-
síveis... Ao lado, GAIL RUSSELL, a deliciosa estrêla da
Paramount, aplicando um creme para a cútis.



MARIA MONTEZ, da Universal, e Lucille Ball, da Fox, duas belas artistas da atualidade que cuidam carinhosamente da pele...

A' CHEGADA do céu primaveril, não há mulher que não pense, seriamente, na sua beleza. O problema da indumentária já está quase sempre resolvido. Mas, no seu sonho estético, sente que a sua pele necessita de refinamento, embranquecimento e amaciamento. Pescoços, ombros, costas e braços precisam, também, de uma série de tratamentos. Os cotovelos requerem especial cuidado, para eliminar aquela aparência rugosa e escura.

Quaisquer que sejam os outros cosméticos escolhidos para a recomposição das epidermes castigadas pelo tempo ou para redução dos poros excessivamente abertos, o grupo de auxiliares da beleza denominados adstringentes terá uma parte predominante nos tratamentos.

Para a maior parte das pessoas, a palavra adstringente sugere algo ácido como o limão ou então um preparado alcoólico como a Água de Colônia. Além dessa classe de adstringentes, existem a simples água fria e o gelo, que são mul-

(Conclui na pag. 125)





Francina Maria e Maria Herminia, filhinhas do casal d. Maria L. C. Monteiro-dr. Mario Luiz Monteiro, residente nesta Capital.

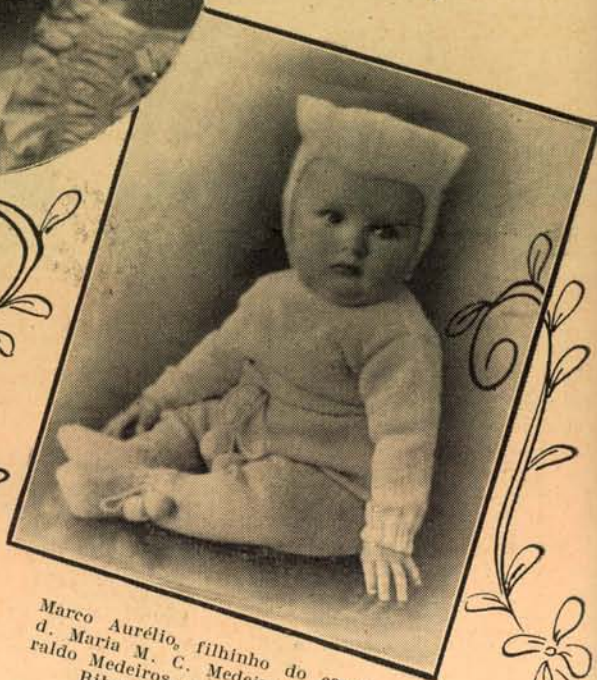
CRISTINA



Climene, filhinha do casal d. Ola Rodrigues Silva-sr. Manoel Silva, residente nesta Capital.



Dalka, filha do casal d. Agmar Fraga Nascimento-sr. João Carneiro do Nascimento, residente em Vitória, Espírito Santo.



Marco Aurélio, filhinho do casal d. Maria M. C. Medeiros-sr. Geraldo Medeiros, residente em João Ribeiro, neste Estado.

Marlene, filhinha do casal d. Lili Fontes Dias-sr. Carlos Dias Junior, residente em Ponte Nova, neste Estado.

O ERRADO...

1. Os dentes nascem fortes ou não. A alimentação não influi neles.
2. É bastante escovar os dentes uma vez por dia, para mantê-los limpos e sadios.
3. Consultar o dentista de 6 em 6 meses é uma boa idéia... para os outros.
4. Os dentifrícios são todos mais ou menos idênticos. Escolha o que lhe agrada mais.



E O CERTO para ter belos dentes!



1. Seus dentes dependem, em grande parte, de sua alimentação. Fortaleça-os, ingerindo alimentos ricos em cálcio e vitaminas A, C e D.
2. Escove os dentes ao levantar-se e ao deitar-se e, se possível, também após as refeições.
3. Não procure seu dentista somente quando o dente doer. Consulte-o pelo menos de 6 em 6 meses.
4. As fórmulas dos dentifrícios variam grandemente. Exija Gessy, de fórmula rigorosamente científica, que combate as cáries e a fermentação, limpa e alveja os dentes. Contendo leite de magnésia, Gessy evita o excesso de acidez e combate o tártaro. Use sempre — Gessy!

CREME DENTAL
GESSY

A ESPUMA
GOSTOSA
QUE CLAREIA
OS DENTES



NORMAS DEMOCRÁTICAS

A GORA que toda a nação se empenha em aperfeiçoar o sistema político que, para nossa felicidade, voltou a arejar o ambiente do país — a democracia — torna-se oportuno salientar o inconveniente de certas normas aqui em uso, em benefício da própria pureza do regime que tanto prezamos.

De há muito que se tornou em arraigado hábito para o horizontalino, reunir, em homenagem pública, todos os amigos e conhecidos de qualquer figura conduzida aos altos cargos. Tão logo o cidadão inicia a sua atividade no posto de relêvo a que foi conduzido pela confiança do governo estadual, já o vemos diante de uma grande mesa, com algumas dezenas de talheres, ouvindo as louva-minhas de quantos se julgam seus amigos e admiradores. Discursos inflamados, nos quais se proclamam as altas virtudes cívicas do homenageado, suas qualidades de espírito e coração, etc. etc., numa demonstração de júbilo que pode ter muito de humano, mas nada de democrático.

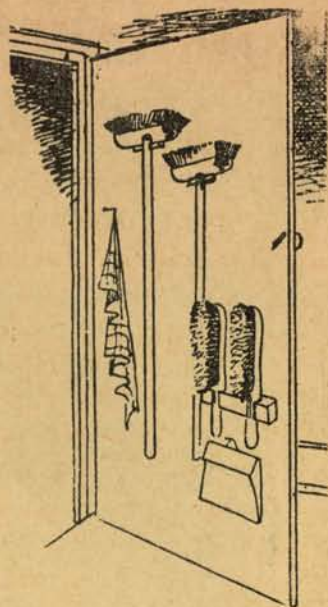
Não seria bem melhor, mais adequado às boas normas do regime que essas homenagens fossem prestadas ao cidadão que deixa o cargo, após a comprovação de que, no exercício do mesmo, soube ele corresponder às expectativas de seus amigos e admiradores? Não seria mais justa e, até mesmo, mais humana, a homenagem ao homem que cumpriu com o seu dever?

Em benefício das boas normas da democracia, é preciso dar a essas homenagens um verdadeiro sentido cívico, se é que o interesse coletivo e o bem da Pátria são realmente os móveis de quantos se movimentam para realizá-las.

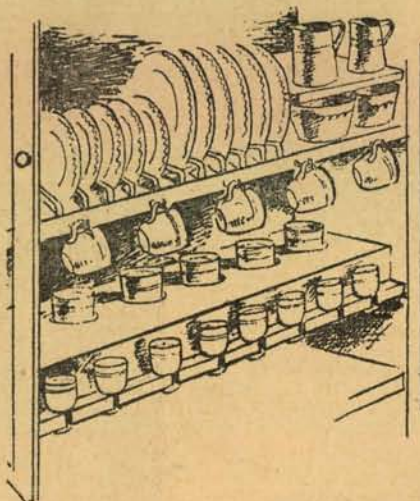
SUGESTÕES PARA O LAR

TEMOS hoje para nossas leitoras uma série de três sugestões que supomos de grande interesse para o lar. Na primeira delas vemos como uma porta pode converter-se no lugar mais indicado para os objetos e demais utensílios de limpeza doméstica. E é simples: basta fixarmos pequenas madeiras com pequenos pregos nos seus extremos e fazer uma abertura mais ou menos do tamanho dos cabos dos utensílios, para que possam ser colocados, segundo mostra a gravura n.º 1.

Na segunda, vemos uma estante de cozinha a que se introduziram modificações interessantes; gan-



N.º 1



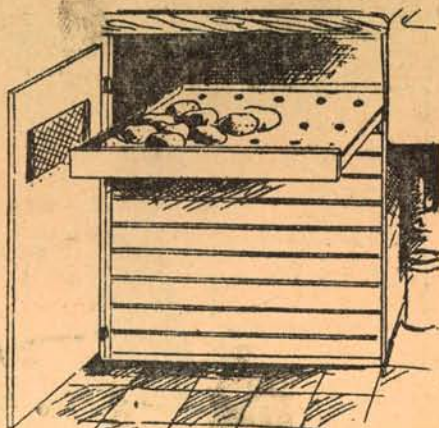
N.º 2

chos para se pendurar as xícaras, madeiras finas aplicadas paralelamente para colocação dos pratos e madeiras com orifícios para introdução dos copos ou taças.

Na terceira, temos um pequeno móvel, também para cozinha, que serve para guardar várias coisas, entre as quais, as verduras. Mais interessante será se o caixote que se

destinar a esse móvel fôr revestido de uma fina capa metálica, o que fará com que os alimentos se conservem muito mais tempo, isento de umidade.

As donas de casa podem verificar que, com esses simples arranjos, às vezes se resolvem dificuldades cotidianas de arrumação e tornam o lar agradável, revelando o carinhoso cuidado de quem o dirige.



N.º 3

Não se admire, minha senhora!

Já se pode tingir de claro tecidos escuros!

TINTEX, o novo produto americano, veio revolucionar os velhos processos domésticos de tingir roupas, oferecendo esta maravilha inacreditável: tingir de claro os tecidos escuros! Usando TINTEX, a senhora pode reformar todo o seu guarda-roupa, sem excluir os vestidos escuros, permitindo-lhe ter sempre um traje novo, com grande economia. TINTEX é, realmente, incomparável! Experimente TINTEX nos vestidos, nas meias e nas cortinas.

À venda nas farmácias, armazéns e casas do ramo.

Como usar os produtos

Tintex

PARA TINGIR VESTIDOS — Tintex é usado com água quente, na forma usual. Pode ser empregado em qualquer tecido — seda natural ou vegetal, lã, algodão, filô, cambráia, etc. Há 44 cores diferentes de TINTEX. A senhora pode escolher a vontade! Quando comprar TINTEX, peça para ver o maravilhoso MOSTRUÁRIO DE CORES TINTEX.



PARA TINGIR DE CLARO OS TECIDOS ESCUROS — Aplique, primeiro, TINTEX-REMOVEDOR, de acordo com as instruções da respectiva bula. Com isso, o tecido ficará *incolor*. A senhora poderá, então, tingi-lo da cor que lhe agrada, por mais delicada que seja! TINTEX é um produto revolucionário!

PARA TINGIR MEIAS — Se a senhora tem vários pés de meias avulsos, pode reuni-los em pares, tingindo-os da mesma cor! Para isso, use primeiramente TINTEX-REMOVEDOR. Aplique, depois TINTEX-PARA-MEIAS — mais um produto que facilita a elegância da mulher, defendendo a economia doméstica. TINTEX PARA MEIAS é usado de modo fácil e prático.



PARA TINGIR CORTINAS — A senhora pode reformar as suas cortinas com facilidade, usando TINTEX PARA CORTINAS, em cores apropriadas para a beleza do lar. Com apenas um pacote de TINTEX, a senhora dará uma aparência nova ao seu lar. TINTEX resolve todos os problemas da dona de casa!



PARA CLAREAR OU LIMPAR TECIDOS — WHITEX substitui com vantagem o anil comum. Tira as manchas, clareia e limpa de fato quaisquer tecidos, até os mais delicados. Use WHITEX na lavagem das suas roupas.



Preços no varejo
3,00
pacote pequeno
4,50
pacote médio
7,50
pacote grande

Dyes All natural and modern
thetic fabrics including "Calanese"
Acetate · Rayon · Nylon · Silk
Wool · Cotton · Linen and All Mixtures

Tintex

Tintex

Distrib. Exclusivos para todo o país:
LEMONS. ROSA LTDA.

Av. Rio Branco, 106/8-10.º 22-7760-Rio
Praça da Sé, 170-4.º - s. 36 - S. Paulo

SANTA MÔNICA

JOÃO LÚCIO

Ilustrações de Fábio

CAPÍTULO VII



OS cafezais pejados de frutos amadurecidos, estendiam-se de morro a morro, mantos rubros, ondulantes. A colheita ia iniciar-se. Os amplos terreiros de secagem, atijolados, em planos sucessivos, estavam varridos, limpos, para receberem as cargas que viriam em carros de bois rechimantes e em tropas, cujas "madrinhas" ostentavam nas cabeçadas as "bonecas" e guizos. Haveria festa para a camaradagem que já varrerá o curral, onde armará a fogueira, num alvoroço alegre de expectativa.

Luizinho viera, em férias do quarto ano feito, quase doutor. Dona Constança estava radiante e Candinha... cismarista, a esbugalhar os olhos grandes, esparramando-os a furto sobre o rapaz, que lhe fazia roda, disfarçadamente, mas com insistência e aprazimento da cabocla, ilsonjeada com as atenções do moço, sem medir distâncias nem pensar em preconceitos, como faria com o pobre Gimbo, se desconfiasse a impressão que lhe causara...

*

— Ei, Gimbo! Destorce os osso e lumeia a cara! Océ bem viu o patrão dizê que qué tudo lumiano de ligria amanhã, na festa...

— Eu co isso?

Com a resposta displicente, olhou de revés o Manecão que lhe dera pancadinha na giba, soltou para o lado um esguicho sibilante de saliva, e continuou a afilar a faquinha na pedra lisa. De côcoras, tinha o olhar fixo na casa grande, esparramada lá em cima, abrindo filas de janelas, como à espera que numa destas aparecesse de súbito um vulto de mulher. O sol poente incidia com ternura melancólica de último beijo sobre a casa e arvoredos de em torno.

— Chumbado na asa, ein? Océ que dante era que nem um curió, anda agora jururú... Inté parece pinto que panhou chuva!

O outro quieto. Parecia não ouvir. Não respondia. Passava e repassava o aço da faca sobre a pedra.

Manecão insistente qual goteira, seguia a direção do olhar do Gimbo:

— Oie, iscreva o que le digo; empregue seu coração noira banda... Candinha é os "dodói" da patroa...

O caboclinho ergueu num salto o vulto esguio e perguntou com aquela vozinha de frango a virar galo:

— Será que ela é de briante?

Atirou para o lado um esguicho de saliva, sem olhar para quem lhe falava.

— Pode que não seja. Mais não é pros seus bico... Isso eu le agaranto...

— Tão bão, cumo tão bão...

— Pode que seja. Mais le conselo que quile enquanto é tempo. Que a menina é memo tela pra ciebá. Océ tá fazeno papé de quengo, caíno na embroma.

— Uai, sô Manecão, que bicho lhe mordeu? Ou será que vancê tamém tem argum relepo no coração? Que diacho! Um apirriamento dêste, sem qué nem pra qué... Inté bota a gente afuazado...

— Bão! Quem le avisa, amigo é. Eu mais ante empregava meu tempo cum quarqué balocha do que coessa sapeca creche que le botou mau olado...

Gimbo teve um assomo de cólera. Só então olhou para o companheiro.

— A mó que vancê tá pricurando sudroma comigo a troco de nada. Suas prosa já tá me fazeno nica na plaba...

Manecão afastou-se uns passos diante do arremesso. Bonachão, com um sorriso, enguliu a ameaça com ar apaziguante:

— Bão! Não tá qui quem falou. Foi tudo pra seu bem. Inté fico canhado cuma coisa desta. Dito pro não dito... Foi bistunta que me deu. Lergue-mo de pendanga. Já lhe disse que o patrão qué tudo alegre. Minhã é a festa. Bamo sondurá que farte no sabaculejo e ocê dará pasto a seus óio.

Gimbo arrefeceu. Para ser o último a falar, ameaçou com a voz esgançada, medindo com os olhinhos apertados o corpanzil do feitor:

— Bão que fique ansim. Masco fumo, cuspo preto, dou na cara de quarqué sujeito... O cabra tepereca, le furo a tiba e êle cufa aí espichado, sem dizê aí Jesusis...

— Pode que seja! replicou o feitor, escarninho. Mais ante que ocê me fante, eu te armoço, marvado!

Gimbo deu costas e foi saindo. Era sempre assim. Parolagem. Incapaz de matar uma mosca. Esquecia logo as alterações e ameaças.

*

Na noite seguinte, depois da labuta rija do dia, os terreiros de secagem estavam cobertos com as frutinhas vermelhas do café e no amplo curral ardia a fogueira. Toda a camaradagem da fazenda ali estava; homens, mulheres e crianças, palreiros e alegres, esperavam os descantos que dariam início à festa. O capitão, dona Constança, Luizinho e Candinha assistiam da varanda o movimento do pessoal.

Houve um rumor de palmas e de aplausos quando Manecão e Gimbo apareceram, cada qual com a sua vieja empenachada de fitas. Iam cantar ao desafio.

— Af! turuna! Bamo vê quem vence! gritaram.

Fêz-se um círculo em torno dos cantadores que se postaram, um em frente ao outro.

Manecão aprumou o busto, no gesto de quem dá uma peitada, tangeu a viola e cantou:

Sou um cabra arresorvido,
Não enjeito cantadô,
Inda memo que êle seja
O tar Gimbo ou tar Gimbô...

Gimbo replicou, com o mesmo gesto, o olhar fixo na varanda, namorando Candinha:

Inda memo que êle seja
O tar Gimbo ou tar Gimbô,
Não corro, não vejo nada
Meu benzinho, meu amô...

E o Manecão:

Não corro, não vejo nada
Meu benzinho, meu amô
Eu le deixo peladinho
Cum rosera sem frô...

O Gimbo:

Eu le deixo peladinho
Cum rosera sem frô
Quem risca pau é graminho
Quem dá remédio é dotô.

Manecão:

Quem risca pau é graminho,
Quem dá remédio é dotô,
Quar dos bicho dêste mundo
Não sofre, não sente dô?

Os aplausos e risadas saudavam cada trova. Luizinho descera para o curral; misturou-se com os camaradas. Gimbo não viu na varanda a Candinha que se retirara para o interior. Cantou desconsolado:

Não sofre, não sente dô
Homessa, sô Manecão!
Tudo sente neste mundo
Sua dô, sua afrição...

Manecão:

Tudo sente neste mundo
Sua dô, sua afrição
Quem me mata já nasceu
Mais que me vença inda não.

Gimbo:

Quem me mata já nasceu
Mais quem me vença inda não.
Eu subo duzentas légua
Pra demandá co trovão...

Apesar do arrêjo da trova, o pobre rapaz ia murchando; a ausência de Candinha tirava-lhe o estímulo, estava quase a entregar-se. Manecão tentou reanimá-lo e cantou:

Ocê cocessa fala fina
De frangote garnizê
Vá dobrano sua esquina
Que pras saia não faiz fé.

Gimbo ainda respondeu, pra desafronta:

Vancê qué teperecá

Pramode qué não assunto.

Pandanga de cá pra lá

Já tá cherano defunto... (1)

Baixou a viola, agressivo. Mas alguém da assistência gritou:

— Agora o sabaculejo! Bamo, minha gente...

✱

Culpada a noite branca, mansa, aveludada, cujas asas polvilhadas do perfume mágico de laranjeiras em flor, tinham a carícia acalentadora de mãos a ninarem... Culpado o encantamento do luar que se adensava, aprisionando sob campana de luz opaca aqueles corpos e aquelas almas que se chamavam e se confundiam, na quieta solidão do pomar...

Nos grandes olhos arregalados de Candinha bailou ainda a visão horripilante da serpente a atrair o batráquio indefeso...

Quando um após outro, os namorados partiram, um vulto negro surgiu do lado do rio, caminhando com passos arrastados para o curral, carregando o seu segredo.

João Congo sentou-se sobre um toro de madeira, ao alcance do calor da fogueira fagulhante. Sorveu o gole de pinga que lhe trouxeram; ficou mastigando a broa que lhe deram, com a cabeça a tremer, sentindo uma alegria forte, que há muito não lhe animava a carcassa quase centenária.

Em torno estrugia o cateretê animado ao ritmo de sapateados, palmas, cantares e umbigadas selvagens.

(1) Estas quadras foram colhidas no norte de Minas pelo escritor João Dornas Filho

CAPÍTULO VIII



CERTA manhã, grande reboleio em "Santa Mônica".

Dona Constança rígida, branca, espumando de cólera; Candinha enovelada a um canto do quarto, chorando, ganindo.

— Desafôro! Criei tantas! Coisa ruim! Peste! Boto-a pela porta afora! Vá procurar a mãe onde quiser!

— Calma, senhora! atalhou o marido com autoridade. Deixe por minha conta. Hei de dar-lhe um jeito. Nada de escândalos!

Sorria interiormente, com uma ponta de saudade. Lembrava-se do seu tempo de moço, da fama de que gozara. Quando ia visitar a noiva, esta mesma dona Constança, gritava da porteira ao velho coronel Lemos, seu futuro sogro, sentado ao alpendre: — Dá licença, seu coronel? E o velho, respondia com aquele vozeirão e risadas retumbantes: — Tem tóda, mas deixe as "armas" penduradas no moirão!

— Sim, retrucou a mulher com ceticismo e sorriso irônico. Eu conheço o jeito que você dá a estas coisas.

O caso ficou nisto. Dona Constança com a railva. Candinha com a surra e o capitão procurando o jeito.

Um dia chamou o feitor. Trancou-se com ele: Manecão ouvia, sem palavra, de olhos arregalados. Logo ao sair, puxou prosa com o Gimbo. O rapazinho ouviu-o também abrindo o mais que pôde as pálpebras apertadas. Manecão terminou assim:

— E' cumo le digo. Pricure o patrão.

— Então, seu Gimbo, disse-me o Manecão que você anda embriachado na Candinha... Pois vamos tratar disso.

Gimbo vermelhou, coçou a ponta da cabeça, esteve um tempo calado. Depois falou, com o olhar baixo:

— Quem sou eu pra companhá Nossenhô foras de hora, patrão? Inté parece caçoadá. Os cobrinho magro que ganho não dá pra frevê panela.

— Não seja essa a dúvida. Candinha é o mesmo que filha da casa. Terá sua casinha dela e o mais que vocês precisarem para começo de vida.

Mais meia dúzia de palavras e o caso estava resolvido. Achara-se o jeito. Fêz-se o casamento.

João Congo continuava dormindo, babento, com grandes cochilos, fora das horas de serviço, indiferente a tudo.

Fôra-se tornando mais chegado ao Gimbo, e, depois que este se casou, começou a frequentar-lhe a casa, situada distante da fazenda, ao pé do cafezal, quase escondida. Levava à Candinha cachos de ingás, araticuns e gabiobas; tomava seu cafézinho, comia seu "virado" e prestava pequeninos serviços caseiros. Entrou na casa e na confiança da moça, de vez.

Um dia deixou cair, despreocupado, uma novidade.

— Casa grande tem festa hoje. Sinhozinho chegou; diz que tá dotô.

A moça sobressaltou-se; não fez comentários. A cada visita o negro velho tinha qualquer referência, qualquer alusão, ligeira que fosse, ao Dr. Luizinho. Junto d'êste fazia o mesmo jogo, insinuava-se humilde, curvado, jeitoso, dava-lhe com displicência notícias de Candinha; recebia pedaços de fumo, pequenas moedas, roupas usadas. O moço fazia-lhe perguntas, respondia no seu linguajar pitoresco, em meias palavras, com desdentado sorriso venenoso. Com pouco, recado pra cá, recado pra lá, tinha "amarrado" de novo os dois corações, que não pediam outra coisa. E murmurava, sacudindo a cabeça:

— Tá madurano... Tá madurano...

Um dia ele segredou a Luizinho:

— Conde sinhozinho quisê vê moça, nego véio leva; tem caminho que só ele conhece. Pra ninguém vê. Num é pro má; ela é meia irmã de sinhozinho; mai povo é linguarudo... Nego véio sabe cosa... munta cosa...

O moço aceitou. O negro acompanhou-o, manquejando pelo trilho só d'êle conhecido. Caminho não palmilhado, por onde se podia chegar sem ser visto, à casinha recatada do Gimbo.

Daí por diante, em dias determinados, a horas certas, o moço apanhava a espingarda, saía a caçar. Voltava à tardinha, despreocupado e alegre, trazendo um ou outro pássaro morto.

E o Congo, com a queixada bamba encostada aos cabelos brancos e encarapinhados do peito, onde tilintavam crachás, que a camisa aberta e suja punha à mostra — continuava na eterna modorra, repetindo baixinho:

— Eh! Eh... Tá maduro... Tá maduro...

Um dia, enfim, aproximou-se de Gimbo e sussurrou:

— E' bão cuidá o que é da gente... Muicé dá que falá. Nego véio sabe munta cosa... Vê munta cosa...

Gimbo não compreendeu. Insistiu com perguntas e a pouco e pouco, às gotas, foi engulindo todo o fel, conhecendo tóda a história da sua desventura.

— Ocê pode vê cos seus óio, se não creditá... Nego mostra o carreio do bicho...

E mostrou. E Gimbo viu e ouviu. Mas a certeza não lhe quebrantou a impassibilidade de ani-

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL		
EXTRAÇÕES EM NOVEMBRO DE 1946		
Dia	Prêmio maior	Preço
4	1.000.000,00	120,00
6	1.000.000,00	120,00
9	2.000.000,00	350,00
13	1.000.000,00	120,00
16	1.000.000,00	120,00
20	1.000.000,00	120,00
23	2.000.000,00	350,00
27	1.000.000,00	120,00
30	1.000.000,00	120,00

DE ONDE QUER QUE VOCÊ RESIDA, PODERÁ PEDIR O SEU BILHETE AO

LOTERIA DE MINAS		
EXTRAÇÕES EM NOVEMBRO DE 1946		
Dia	Prêmio maior	Preço
1	300.000,00	40,00
8	400.000,00	60,00
16	300.000,00	40,00
22	500.000,00	70,00
29	300.000,00	40,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

NÃO MANDE DINHEIRO EM REGISTRADO SIMPLES

ROCHA

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 — End. Tel. CAMPEÃO — B. Horizonte

mo, a atitude pacata. Nunca o desconcertara a frieza, o desprezo mesmo com que a mulher o tratava, desde o início, como se ele fosse apenas traste de uso, inanimado. Desta ou daquela forma, não podia viver sem ela; aquela mulher era-lhe indispensável à vida; perdê-la, seria uma amputação. "Paixão braba", como dizia Manecão.

Um dia, pela manhã, o negro aproximou-se de mansinho de Gimbo, deitou-lhe os olhos ramelosos, debruados de vermelho e murmurou:

— E' hoje. Pode negaciá...

— Tá bão! respondeu o outro, impassível.

Viu Luizinho, sair de espingarda ao ombro logo depois do almoço. Deixou-o distanciar-se e seguiu com pés felinos sem rumor, feroz à caça da presa desprevenida. Levava cavadeira e pá.

O dia correu. Ao crepúsculo, como de hábito, entrou em casa. Fingiu não perceber o sobressalto da mulher. Pelo tempo que o outro tinha saído, poderiam ter-se cruzado no caminho... Não; o outro saíra pelo trilho; o marido chegara pelo caminho comum.

Gimbo juntou com sossêgo e apetite. Pouca prosa. Aliás aqueles dois pouca conversa tinham. Mas Candinha não podia esconder a inquietação; um receio inexplicável, pressentimento mau que a atormentava...

A' noite, depois de deitados, ouviram rumor. Chamados à porta, onde batiam com força: Gimbo! Gimbo!

Ergueram-se, alarmados. Manecão e uma turma de camaradas aflitos indagaram:

— Tamo caçano só dotô Luizinho. Safu cedo e intê agora não vortou. Já batemo êsses matô tudo. Será que ele não teve por aqui?

— Faiz um tempão que ele não parece! respondeu o casal.

Gimbo incorporou-se solícito ao grupo. A batida continuou pelos capoeirões e campos, e barrocas, desesperada e infrutífera. Afinal, o cão que farejava à frente, começou a latir longe, a ulvar num chamado angustioso. Os homens correram para o lugar dos ladridos.

Então viram, à claridade da madrugada, o vulto do doutor Luizinho espichado de costas, com o rosto e as mãos roxos, quase negros, entumecidos. Dos olhos abertos, num arregalo de pavor, saía sangue, que escorria também das orelhas e da boca aberta, torcida pelo desespero, num último grito de socorro, talvez. Arrepio de horror sacudiu os homens que se entreolharam mudos, quase alucinados.

Gimbo gritou, com surpresa dolorosa, com entonação de dó:

— Ora veja, sô Manecão! As duas bicha que eu tava guardano pra levá hoje pro patrão! Quem haveria de dizê!

Ele mostrava o buraco que havia cavado e em cujo fundo duas serpentes enoveladas, gordas, enormes, erguiam as cabeças horríveis, de olhos coruscantes, as caudas a agitarem os guizos com fúria.

O moço saíra da casa ao entardecer, fazendo o caminho distraidamente, carregando o sabor daquela aventura deliciosa, sem riscos nem trabalhos. Inesperadamente, faltaram-lhe os pés; caiu no "mundêu", sentiu logo agudas picadas no rosto, na mão, nas pernas e percebeu com horror os corpos frios e viscosos das víboras, que se contorciam furiosas. O grito, o uivo de desespero que dera, perdeu-se na solidão silenciosa. Conseguira, num esforço supremo, levantar-se para fora do buraco, agarrando-se com as mãos doloridas às bordas esborcinantes. Deu alguns passos, alucinado, para a

Neste mês vai sofrer outra vez?

ESTA pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males, sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O **Regulador Xavier** — o n.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e, com ela, a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O **Regulador Xavier** é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O **Regulador Xavier** lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

frente, em demanda da casa. Mas sentiu-se irremediavelmente perdido, sem remissão e deixou-se cair desalentado, vencido, sobre a macega, estertorando, convulsionado pelo veneno violento que lhe circulava aceleradamente no sangue.

*

Jimbo, cheio de compaixão, como os outros, acompanhou o cadáver à Fazenda, Candinha esperava-o em casa com ânsia de louca, os olhos mais dilatados doloridos pela insônia.

— E... E... — começou ela, sem poder falar, com as lágrimas a lhe escorrerem em bagas pelas faces pálidas.

Ele respondeu com calma, indiferente:

— Cufou! Cobra mordeu...

Ela teve a intuição rápida da verdade e exclamou, num grito histérico:

— Foi tu! Coisa ruim! Foi tu!

Avançou para ele, com fúria; pareceu ver-lhe bem no fundo daqueles olhinhos azuis, como setas assassinas, duas línguas de serpente. Pôs-se a socá-lo com ódio, no corpo, a arrancar-lhe o rosto.

Ele deu-lhe um empurrão forte e ela caiu ao canto, encostada à parede; ficou acocorada a chorar, a soluçar alto.

— Foi eu! Foi, peste! Vancê não sabe que mussurana come as ôtra cobra? E ôie, fique quieta. Bico no tóco. Sinão... Quarquê dia lhe boto debaixo do travissero um rôlo de urutu macota...

*

"Santa Mônica" cobriu-se de novo de luto e desolação, cumprindo o seu fadário...

FIM

CIRURGIA PLÁSTICA

(Lábio Lepurino Duplo)



Pelo Dr. Donato Valle
VARGINHA — SUL DE MINAS

SOCIAIS



Senhoritas da elite social de Goiás, em excursão a um dos aprazíveis recantos do Morro das Lages. Em segundo plano, uma visão panorâmica da legendaria cidade goiana.

*

O PRIMEIRO CONGRESSO PAULISTA DE ESCRITORES

Realizou-se na cidade de Limeira, no Estado de São Paulo, de 22 a 26 de setembro último, o Primeiro Congresso de Escritores Paulistas.

As conclusões a que chegaram os ilustres intelectuais bandeirantes bem expressam a nobre finalidade do congresso, que é a de defender os direitos autorais do escritor brasileiro, principalmente do interior do país, e pleitear junto dos poderes constituídos medidas que se fazem necessárias para o pleno gozo da liberdade intelectual, a garantia de seus direitos profissionais e a criação de escolas para adultos analfabetos.

A realização do Congresso de Limeira constitui um acontecimento significativo, revelando o espírito altamente democrático de seus promotores, cujo idealismo merece o respeito e admiração de todos os brasileiros que desejam a real felicidade do Brasil.

*

SOCIAIS



Da esquerda para a direita, vêem-se: Carlos Fabiano e Carlos Afonso, filhinhos do casal d. Maria José Guerra-sr. Carlos Diniz Braga, residente nesta Capital; Anastácio, filhinho da viúva sra. Liesse Pereira, residente em Pedro Leopoldo, neste Estado; Helvécio José, filhinho do casal d. Hilda de Sousa Correia-sr. Abrão Correia, residente em Bagagem-Irai, neste Estado; Alma Elizabet, filhinha do casal d. Maricas Neto-sr. José Neto, residente em Lagoa da Prata, neste Estado; Nivaldo e Maurílio, filhinhos do casal d. Sebastiana Souza e Silva-sr. Laudelino Silva, residente em São Paulo.

MENTIRAS PERIGOSAS

CONCLUSÃO

Páscoa, a julgar pelo regozijo que se pintou na cara do noivo. Os elogios multiplicaram-se.

E o certo, minhas queridas leitoras, é que Amelinha nem pensou, durante todo o dia, em pôr os pés na cozinha, nem sabe se a maionese se prepara com azeite ou caldo e os ovos nevados com clara batida. Desde meio dia, hora em que se levantou, somente se ocupou do seu arranjo pessoal e até ignorava o que ia ser servido ao jantar. Mas a mãe, piedosa mãe, quis que a sua filha aparecesse ante os olhos de seu noivo e de sua futura sogra e cunhadas, revestida de qualidades extraordinárias. A maionese e os ovos nevados, bem como todo o resto do "menú", foram preparados pelo cozinheira...

Não sei o que ocorrerá quando Amelinha se casar. A julgar pela posição de seu noivo poderá ter cozinheira. Caso contrário, não vale a pena comentar as angústias e dores de cabeça que lhe custará sustentar na prática a piedosa mentira de sua mãe. O mais provável é que, depois de muitas e penosas experiências, se veja o casal forçado a "tomar pensão" ou frequentar diariamente o restaurante.

— Ouve, querida — dirá então o marido — ainda te lembrás daquela estupenda maionese que fizeste para o dia de teus anos? E aqueles ovos nevados?

E Amelinha, dissimulando, terá que atribuir sua atual falta de aptidão ao enfraquecimento de sua memória, pois não terá coragem de confessar que eram cousas de sua mãe para valorizá-la.

Não sabem as mães vaidosas o mal que fazem a suas filhas com esses inocentes embustes que, se momentaneamente deslumbram, não podem por muito tempo enganar a ninguém.

*

EXCENTRICIDADE AMERICANA

MUITAS cidades dos Estados

Unidos possuem nomes de capitais europeias. Assim, lá existem dezoito "Paris", dezessete "Berlín" (sem nazismo), doze "Moscou", onze "Viena", duas "Bruxelas" e seis "Pequim".

Outras localidades há que, em territórios estadunidenses, receberam alcunhas ou denominações excêntricas, tais como "Eureka" em numero de vinte e duas; dezoito "Arcadia", onze "Eldorado" e duas "Utopia".

DE ONDE VOCE ESTIVER PEÇA-NOS O QUE QUIZER



O fato de morar longe do Rio, não é motivo para que não esteja sempre em dia com a sua época. Os serviços da ORGANISAÇÃO MERCUR, farão chegar às suas mãos, pelo reembolso postal, todo e qualquer artigo de que necessite, assim como também as ultimas novidades aparecidas no Rio. Escreva-nos solicitando detalhes ou faça, desde já, o seu pedido, preenchendo o coupon abaixo:

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....
Deseja.....

ORGANISAÇÃO MERCUR

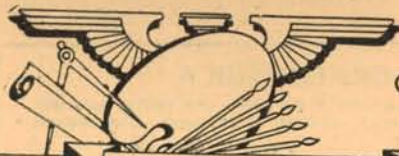
A SERVIÇO DE SUA ECONOMIA E COMODIDADE

AVENIDA MEM D'S SA, 234, 1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO

OM-3

Excelstor

Se o seu fornecedor procurar desprestigiar um produto conhecido, para impor-lhe similar de marca ignorada, recuse terminantemente as sugestões que ele fizer, pois elas não consultam o interesse do consumidor, mas tão somente o próprio espírito de lucro do comerciante.



DESENHOS
COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1.º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

Grafologia



Direção de FÉBO

SOB a competente e criteriosa direção de Febo, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. Os interessados deverão anexar às consultas o cupom que publicamos, devidamente preenchido, e um envelope sobrescritado e selado para a resposta, que será sempre anunciada nesta seção. As consultas deverão ser feitas em papel sem pauta, num mínimo de vinte linhas à tinta e sempre autografadas. Estas linhas podem ser de redação própria ou simples cópia.

A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FÉBO — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

Consultas respondidas durante o mês de outubro

Renato Wernot Duarte, Capital; Lúcia Seixas Bevilaqua, Curitiba; André Aubard, Itajubá; Tula Barbosa, Teófilo Otoni; Cipriano do Carmo, São Paulo; Geni C. M. Rehdy, São Paulo; Sarah Carraak, Varginha; Alzira Lucas de Oliveira, São Paulo; Judith Bastos Abrantes, Bom Jesus do Itabapoama; Neide Maria Vomerauzil, Casa Branca; Carmen da Silva, Santos; Candido Mazzei, São Paulo; Ilda Mascimiano Alves, Ituiutaba; José P. Garcez, Santos; Zoraide Almeida Moraes, Pirajuhé; Grace Alvarenga Malfitano, Lavras; Lúlu de Souza, Marquês de Valença; José Ferreira da Rocha, Capital; Ilza Dias, Capital; Rita Ferreira de Moura, Jataí; Maria Santos, Caravelas; Celina de Sá, Campanha; Maria Augusta da Cunha, Muzambinho; Vitória Helom, Arizona; Aduzinda Vaz Siqueira, Caravelas; Esther e Zenaide Licínio, Capital; Maria do Socorro de Souza, Manaus; Diva do Valle, Araxá; Pedro Coelho, Recife; Sebastiana Affonso Dias, Sacramento; Maria Brochado Rodrigues, Casa Branca; Nane Conceição Silva, Capital; Lauro Andrade Correia, Capital; Maria Ignez Pinto, S. Sebastião do Paraíso; Francisco de Assis Lemos, Capital; Santinha, Muriaé; e Zélia Bruzzi Pinto Coelho, da Capital.

AVISO AOS CONSULENTES

Voltamos a avisar os nossos estimados leitores que as consultas para esta seção deverão vir acompanhadas de envelope sobrescritado e selado, para a resposta. Temos, em nossa redação, numerosas consultas retidas em virtude da falta dessa exigência, consultas estas que serão inutilizadas, caso não sejam completadas até o dia 30 do corrente mês de novembro.

Também não serão atendidas as consultas que não sejam acompanhadas do cupom que vem sempre nesta seção, e das vinte linhas escritas a mão. Estas linhas podem ser de redação própria ou simples cópia de qualquer trecho literário, mas sempre feitas em papel sem pauta.

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico. Segue, também, o envelope sobrescritado e selado, para a resposta.

NOME
RESIDENCIA
CIDADE
ESTADO

RECORDAR E VIVER...

CONCLUSÃO

Viana, Manarezzi, Henrique Lima, Viana e Albano.

A estréia deu-se a 18, com as peças "Ir buscar lá e sair tosquado" e "A senhora está deitada".

Mas a grande novidade que apresentava a Companhia era o "Cinematografo Lumière", o segundo que se exibiu na nova Capital, e com cujas projeções rudimentares se deliciou o público a partir de 1.º de outubro de 1898.

A companhia em aprêço deu o seu último espetáculo a 16 desse mês. E não temos notícia de outros espetáculos no "Variedades", até 12 de dezembro de 1899, justamente dia em que a Capital completava dois anos de existência, quando aí fez a sua entrada a Companhia Afonso de Oliveira, dando em primeira representação o drama "Ódio de raça" e, em seguida, "Morgadinha de Val Flor", "Quincas Teixeira", "Capitão Dreyfus" e "Princesa de Ouro". Esta última peça era interessante revista de costumes ouropretanos, e que agradou bastante.

Do elenco da companhia faziam parte Hercília Bretas, Raul Maia, Abelardo e Flora de Oliveira. Todos os espetáculos dessa temporada tiveram o concurso da "Lira Mineira", recentemente reorganizada.

O último espetáculo que houve no "Variedades" foi a 5 de fevereiro de 1900, quando o prestidigitador Roberto Beckert, depois de algumas exhibições em casas particulares, ali trabalhou alguns dias, com resultado pouco apreciável.

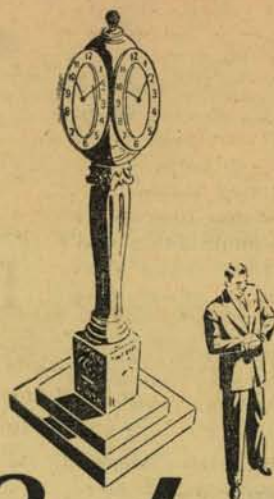
Desapareceu o "Variedades" quando surgiu o "Teatro Soucasaux", de que trataremos em outras crônicas.

(4) — A Capital denominava-se oficialmente "Minas", mas toda gente, em sua correspondência particular, escrevia habitualmente "Belo Horizonte", acrescentando, por muito favor a palavra "Minas" entre parêntesis.

(5) — Foi projetado, chegou a ter a planta desenhada e o terreno escolhido, mas não foi avançado a iniciativa.

Pontualidade - Condição de bom êxito!

Em igualdade de condições vencem, nos seus empreendimentos, os homens que cultivam a pontualidade. ESKA, relógio suíço antimagnético, dá personalidade aos que o possuem por seus modelos elegantes e distintos. Com sua precisão tradicional, é o relógio das pessoas pontuais. Prime pela pontualidade nos seus encontros, usando um ESKA.



Eska

RELÓGIO SUÍÇO ANTIMAGNÉTICO



PANAM - Casa de Amigos

★ BELEZA, SONHO ETERNO DA MULHER ★

* CONCLUSÃO *

to eficazes no que concerne ao refinamento e tonificação da pele.

Os adstringentes podem ser empregados numa variedade de maneiras: como loções, que se passam simplesmente, ou como enxaguan-tes, ou como máscaras ou ainda como cremes. Um preparado adstringente, por vèzes, combina as propriedades de alvejamento com refinamento e amaciamento da pele. Alguns preparados para clarear e ao mesmo tempo adstringentes, como o suco de limão, tendem a secar a pele, de sorte que, por vèzes, é necessário adicionar-lhes um agente lubrificante que tenda a compensar esse inconveniente. Quando, no entanto, nada nesse gênero foi adicionado, o preparado pode ter como auxiliar um creme para uso em separado.

Lucille Ball, por meio do emprêgo de considerável quantidade de creme lubrificante, conserva macios os seus cotovelos. Ela não somente aplica massagens, mas também sugere que os cotovelos sejam postos, durante alguns minutos diariamente, em recipientes com creme, o que evita que eles

sequem e se tornem ásperos.

As criaturas especialmente interessadas em endurecer carnes flácidas podem escolher um óleo para músculos que contenha um adstringente. Esse óleo é passado no rosto após ter sido este submetido à rigorosa limpeza e massagem. Quando se trata de papo e queixo duplo, que necessitam de ser corrigidos, é recomendada uma bandage adstringente: um pacho de algodão absorvente, suficientemente grande para cobrir a parte inferior do queixo e a superior do pescoço até as orelhas, deve ser bem umedecido, por meio de uma loção adstringente e, em seguida, firmemente amarrado com algumas voltas de gaze. A gaze deve ser cortada ao meio no sentido longitudinal, de modo que possa ser atada na parte mais elevada e na posterior da cabeça. Quando usarem a bandage para o queixo, deitem-se com um pequeno travesseiro sob o pescoço, travesseiro esse que deve ser colocado de tal modo que possam inclinar-se um pouco para trás e levantar o queixo. Descansem durante vinte ou trinta minutos.

Como é natural, o tratamento ocasional, por meio de pachos ou máscaras, não será tão benéfico a uma pele áspera como um cuidado diário. Muitas jovens cujos poros são excessivamente abertos deixam de aplicar um adstringente cada vez que lavam o rosto. Nesse caso, o mais simples adstringente é a água fria e corrente. Um só jacto de água fria não é bastante. Ela deve ser jogada ou borrifada durante quatro ou cinco minutos de cada vez. Este método estimula a circulação e fecha os poros. A secagem da pele deve ser completa.

Se se maquilharem após as lavagens com água fria, não se esqueçam de fazer primeiramente uma base com pó adequado. Estas observações são igualmente aplicáveis à pele áspera nas costas e nos ombros, o que revela a necessidade de estimular a circulação, assim como a limpeza. Quando a pele é muito oleosa e áspera, será beneficiada por meio de uma fricção de álcool. Água de Colônia ou uma loção especial para depois do banho.



DURANTE muitos anos, especialmente na vigência do extinto Estado Novo, muito se tem falado em seguir um dos

imperativos da verdadeira política de integração de todos os brasileiros no progresso nacional: rumo ao Oeste! Muito d'scurso bonito tem sido pronunciado e muitos cartazes vistosos foram afixados nas paredes de nossas grandes cidades.

Naça de prático, entretanto, ou quase nada, tentou-se com o fim de realizar esse velho anseio nacional.

Agora, todavia, temos a impressão de que essa sábia política será, finalmente, realizada, com firmeza e sinceridade, a julgar pelos atos do Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Sem a mudança da capital da República para a região central do Brasil — marco inicial do grande trabalho de integração do Oeste no patrimônio cultural e econômico da Nação — nenhum resultado positivo se deve esperar da mencionada política. Para que o Oeste possa efetivamente sentir os influxos da civilização, é mister aproximá-lo o mais possível do coração e do cérebro de nacionalidade, representados pelo governo central do País.

Compenetrado dessa verdade, por certo, foi que o eminente general Eurico Dutra, dotado de uma firme vontade de servir aos legítimos interesses da Pátria, procurou atender rapidamente ao dispositivo constitucional, nomeando a comissão que escolherá o local da nova capital brasileira. E a próxima visita de S. Excia. à cidade de Goiânia, a qual se empresta um significado estreitamente ligado a essa escolha de local, constitui, sem dúvida, outra expressiva demonstração do desvelo presidencial para com a solução do magno problema.

Seja como for, o que não padece dúvidas é que no governo do general Eurico Dutra teremos afinal, plantado, com firmeza patriótica, o marco inicial da grande jornada cívica que será concretizada com a política de rumo ao Oeste!

Tapete Mágico

BILAC

POUCA gente sabe a origem do sobrenome *Bilac* do grande poeta do "Caçador de Esmeraldas". Conta Elói Pontes, a respeito, o seguinte episódio. Quando era criança, Olavo tinha um padrinho português, o qual, toda vez que o encontrava, lhe dizia, fazendo festinhas: — Oh, *seu bilaco*...

Ouvindo aquilo sempre, o menino, assim avistava o padrinho, começava também a exclamar: *Seu bilaque, seu bilaque*. E quando se entendeu por gente, o poeta entendeu de passar a assinar, em homenagem ao padrinho, Olavo Bilac. Como se vê, o sobrenome nasceu da conversa de dois amigos que então falavam mal a língua portuguesa.

HUMANOS...

OS criminosos nazistas que foram enforcados, com exceção de um só, parece que não tiveram coragem de, na hora extrema, fazer a saudação nazista.

Um só é que exclamou: *Heil Hitler*. A força correspondeu nazisticamente a sua saudação. O mais orgulhoso de todos os condenados foi Goering, que desejou ser fuzilado. Os juizes não consentiram. Então, ele tomou cia-

nureto de potássio, enganando os guardas. Preferiu o veneno à corda, como se o aparelho da morte pudesse disfarçar a sua terrível finalidade. Mas a verdade é que pouca gente, no mundo, tem autoridade para criticá-lo.

A vaidade e o orgulho do homem, não só passam de geração a geração, como ainda o acompanham depois da morte. Neste ponto não se pode negar que os nazistas sejam humanos.

...AUMENTA MAIS...

AGORA, com a indicação do dr. Venceslau Braz para governador constitucional de Minas, como *tertius*, os líderes mineiros estão dizendo, cada um por sua vez: — Fui eu quem lembrou o nome dele primeiro. Todos tecem os maiores louvores ao solitário de Itajubá. Embora o modesto homem de Minas mereça tais elogios, a verdade é que nada aumenta mais as virtudes de um homem do que ser ele candidato possivelmente vitorioso a um alto cargo. Logo os políticos começam a girar em torno dele como mariposas ao redor da luz.

E começa a lisonja sem medida. Era assim na República velha, ficou pior na República nova. Isto faz lembrar o que se deu com João Pinheiro. Eleito Presidente de Minas, Lauro Muller lhe chamou a atenção para os

perigos da bajulação. E assim lhe disse:

— Toma tento com os aulicos, Pinheiro. Não te deixes levar por eles.

Passado tempo, os dois se encontraram aqui na Capital, onde João Pinheiro estava sendo louvado e exaltado de modo excessivo. Lauro perguntou-lhe:

— Como vão os louvamineiros? Tens sido muito incensado?

— Ah meu velho, respondeu-lhe Pinheiro, que gente intolerável! Que coisa indigna, a lisonja! E, em voz baixa, risonho, acrescentou:

— Mas deixe estar, *seu* Lauro, que é bom como o diabo...

OS DOIS ARTIGOS

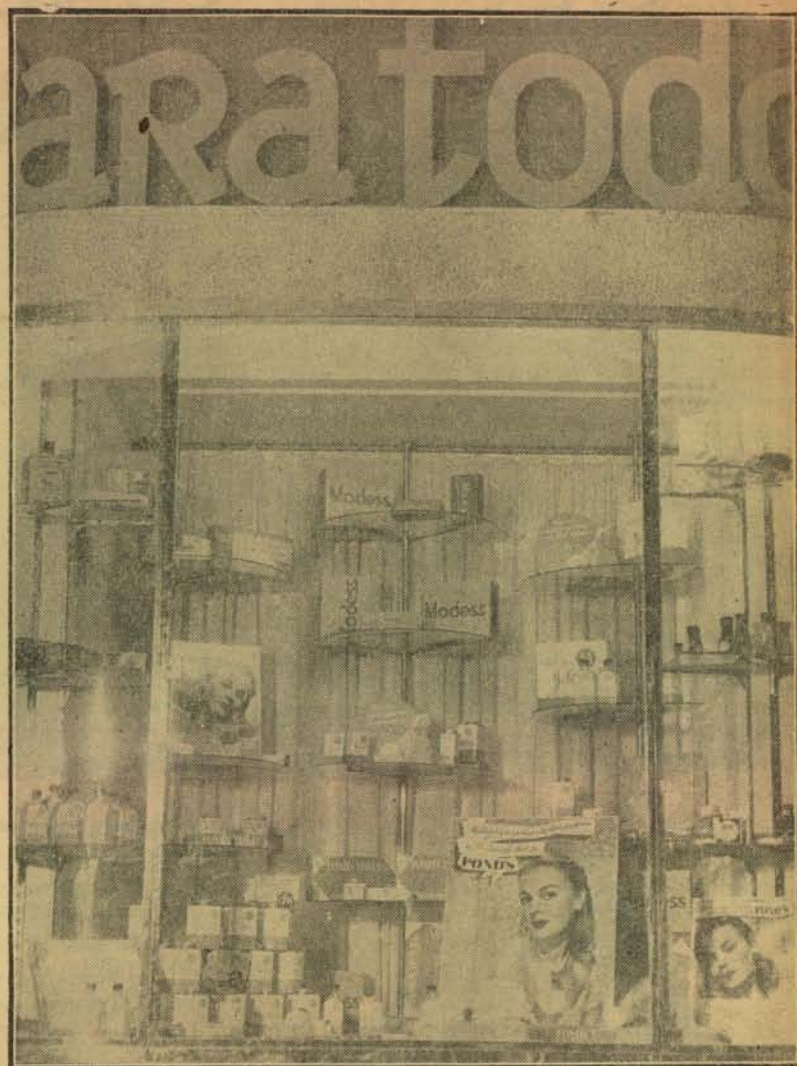
Os articulistas dos jornais e revistas estão tecendo comentários a respeito da nova Constituição, uns elogiando-a, outros criticando-a. A propósito, vale lembrar o que se passou entre um jornalista da *A Manhã* e o velho Capistrano de Abreu, em outro tempo, quando também se tratava de dar nova Constituição ao Brasil. Inquerido, Capistrano de Abreu respondeu assim:

— Olhe, meu filho. Se eu fôsse deputado, proporia ao país uma Constituição simples, só com dois artigos. Bastaria isto:

Art. 1.º — Todo brasileiro é obrigado a criar vergonha.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Comércio dinâmico



Quem percorre a Avenida Afonso Pena e demais ruas do nosso perímetro comercial, nota a sensível evolução que se processa nos métodos comerciais da cidade. Modernas e luxuosas vitrines, nas quais se apresentam artisticamente exposições dos mais acreditados produtos nacionais e estrangeiros, dão ao observador uma visão de um comércio dinâmico e moderno, cada vez mais integrado nos avançados métodos de vender. O clichê que estampamos acima, focalizando uma vitrine da conceituada Casa Paratodos, com uma bela exposição dos acreditados produtos Johnson & Johnson (Modess, Medes, Oleo e Talc Johnson, Cremes Ponds, Fraldas Johnson, etc.), dão bem uma idéia do aperfeiçoamento contínuo do nosso comércio, na complexa arte da propaganda.

O AMOR EM PROVÉRBIOS

Por um amor que não convém, a gente perde tudo que tem.
Quem ama o feio, bonito lhe parece.
O amor e o ciúme são irmãos gêmeos.
O amor da mulher pode ser avaliado pela roupa do marido.
O amor, o fogo e a tosse não se podem encobrir.
Pancada de amor não dói.
Quando a fome entra pela porta, o amor sai pela janela.
O amor embriaga tanto como o vinho.

Ponto de Cruz



O LAR merece das boas donas de casa o maior carinho. Ornamentá-lo, no equilíbrio que a sobriedade impõe, constitui a preocupação da mulher, que sempre deseja proporcionar ao esposo e aos seus, o prazer de se sentirem bem ante a beleza de uma decoração, a graça de um enfeite ou a disposição cômoda dos móveis.

O gosto da mulher brasileira pelo bordado como motivo ornamental vem de épocas remotas. Herdou das vovós a delicadeza com que escolhe suas toalhas para as mesas quase sempre coloridas por uma distinta nota floral. E esse bom gosto evoluiu, naturalmente, adquirindo requintes artísticos que bem refletem a finura espiritual da mulher moderna.

Apraz-nos, pois, iniciar, neste número, esta seção que, por certo, merecerá da mulher brasileira carinhosa atenção.

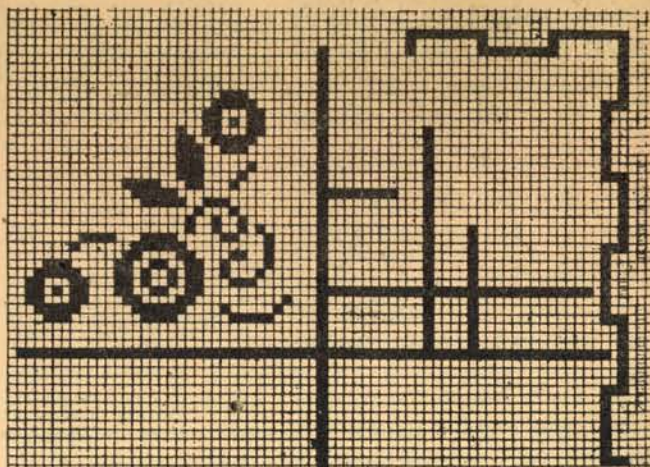
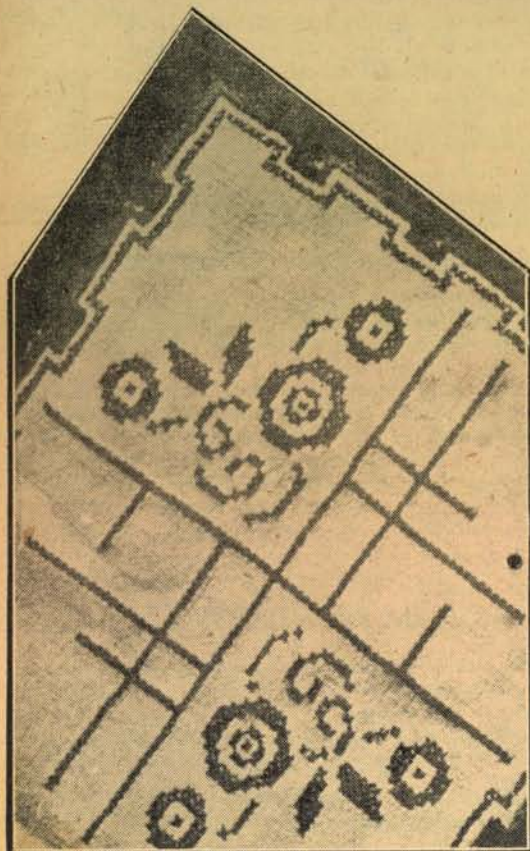
*

Com pequenos retalhos de linho se podem obter lindas toalhas que darão às bandejas, sobre as mesas, uma nota muito graciosa.

O modelo que apresentamos é muito fácil de ser realizado, trabalhado totalmente em ponto de cruz com linhas da cor que mais agradar.

O motivo se aplica em um dos extremos da toalha. Arremata-se com um feston que se completa com uma linha em ponto de cruz.

O bordado pode ser feito sobre uma talagarça ou transportado para a fazenda com carbono. Para facilitar as nossas leitoras, damos também o motivo em pontos contados.



UM PRESENTE DE FESTAS

COM ACENTUADA NOTA DE
DISTINÇÃO E ORIGINALIDADE



NOS tempos difíceis que correm, com a procura superando a oferta em todas as manifestações da produção, a coisa que menos vale é o próprio dinheiro. Que poderia você adquirir hoje, por exemplo, com a importância de Cr\$ 40,00? Nada, ou quase nada...

Entretanto, com essa pequena quantia, você poderá resolver o problema do seu presente de festas, oferecendo uma assinatura anual de ALTEROSA — a revista preferida da família brasileira. E essa lembrança, reveladora do seu bom gosto e distinção, proporcionará, durante todo o ano, horas de encantamento e prazer que farão o seu nome evocado com sincera gratidão.

Nenhum outro presente poderá, ainda, ser adquirido com maior facilidade. Basta recortar o cupom abaixo e remetê-lo na forma indicada. A assinatura será anotada para início com a grande edição especial de ALTEROSA, comemorativa do Natal, e imediatamente comunicada à pessoa obsequiada, em artístico cartão de Boas Festas cujo *fac-simile* ilustra este anúncio e no qual o seu nome será inscrito como ofertante do magnífico presente!



Alterosa

Preencha o cupom abaixo e remeta-o, com a importância de Cr\$ 40,00, em cheque bancário, vale postal ou carta com valor declarado, à SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

NOME DO ASSINANTE
RUA E N.º
CIDADE ESTADO
OFERTANTE



EXALTAÇÃO À "PÉROLA DO ATLÂNTICO"

A. N. Pereira da Silva

ALGUMAS horas de amável convivência com o povo capixaba e eis-me fascinado pela sua gente e pela sua terra. Por essa Vitória adolescente — cidade natureza — com suas palmeiras que agitam leques sob a transparência do céu; com as suas praias brancas e franjadas de espumas como rendas de prata; com o seu mar que maravilha e os seus parques que encantam; com as suas avenidas louras de sol e as suas mulheres helênicas pela beleza das formas e as fulgurações esplêndidas do espírito.

Leva-se daqui uma sugestão perdurável de progresso, visível nos edifícios que sobem, nas praças que se derramam em poemas de verduras e flores; na cultura das gerações novas e na experiência das antigas; nas letras com as páginas luminosas de seus prosadores e a suavidade lírica dos poetas; a educação física que se difunde colocando o Espírito Santo entre os Estados que mais se desenvolveram sob este aspecto esplendidamente significativo da vida dos povos modernos.

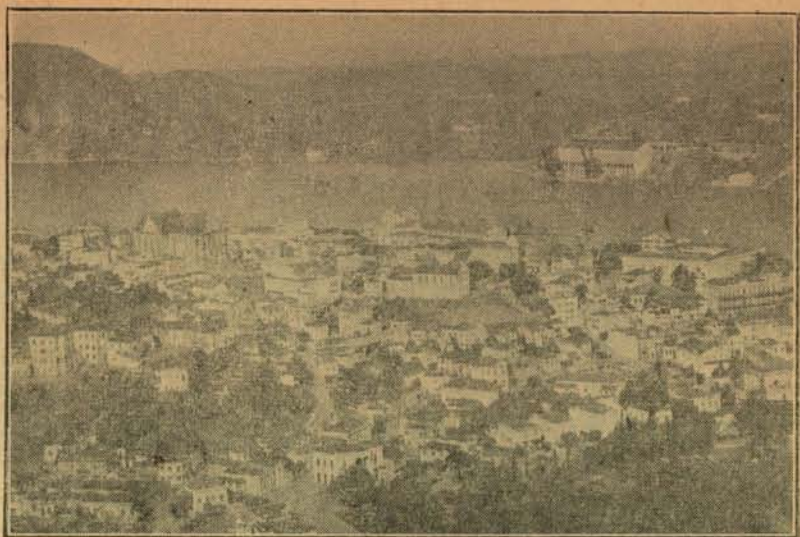
Em suma, tudo aqui é ritmo permanente de evolução; febre vital que transborda nas oficinas de trabalho; potencial de cultura enriquecendo espíritos; a civilização sorrindo triunfadora nesse recanto ameno onde se sente o Brasil moderno, opulento, soberbo, invencível e forte.

O rádio, em Vitória, oferece-nos um panorama consolador e lindo. São as vozes espontâneas, os locutores experientes, a mocidade vibrante e idealista que o compõem, na sua admirável perspectiva de conjunto. Para que citar nomes? Para que, se todos eles formam a família radiofônica vitorienne, esplêndida, fulgurante e nobre?

Tudo isso seria bastante, para fascinar o visitante, principalmente os belorizontinos que se acostumaram a beber na lírica sublime de Nilo Aparecida Pinto, o amor por esta filha — "Sifilde nua das marés do Atlântico" — como ele a chama em decassílabos que o povo repete de cor. Nilo Aparecida Pinto, aclamado uma das figuras máximas da poesia lírica do Brasil, sonhou, em Vitória, os seus primeiros versos, endereçados às suas noites feiticieras e à graça deslumbradora de suas mulheres.

E Vitória é, pois, uma das mais expressivas afirmações da civilização brasileira.

Vitória! Formosa "Pérola do Atlântico! No meu abraço de visitante fascinado, abraço o teu povo, beijando-te o coração.



Aspecto parcial da bela cidade de Vitória

VERSOS À VITÓRIA

Ai quantas vezes, na jornada inglória,
Em que hoje arrasto o coração romântico,
Sinto saudades do teu céu, Vitória,
— Sifilde nua das marés do Atlântico!

E' que a ternura dessas tardes cêrulas
Vem trazer-me os reflexos do teu sol,
Vitória das manhãs de madrepérolas,
Dos incêndios vermelhos do arrebol!

Quem me dera a magia feiticiera
Das horas idas nos rincões do Sul,
Quando eu era, "Cidade da Palmeira",
O namorado do teu céu azul!...

E o remanso das noites indolentes,
Se o véu do luar, magnífico, desfaldas!...
E o teu mar que é, na auréola dos poetas,
Um dragão escamado de esmeraldas...

E o Convento onde, em horas de procelas,
Do alto da Penha, no seu lindo altar,
Nossa Senhora é quem conduz as velas
Dos navegantes que te vão buscar...

E as tuas filhas, lânguidas e esguias,
— Crianças que esfolharam, sem segredos,
A coroa de rosas dos meus dias,
Na pelúcia morena dos seus dedos...

Sim!... e os estudos? Com que ardor eu lembro
A minha adolescência delirante,
A alegria das férias de dezembro
E as loucuras do tempo de estudante...

Ah! por tudo isso, a minha vida inteira,
A bendizer-te, atormentado e exul,
Eu quero ser, "Cidade da Palmeira",
O namorado do teu céu azul!

E, a recordar os teus painéis antigos,
Eu ardo em ânsias de apertar as mãos
Desses teus filhos que são meus amigos,
Dos teus poetas que são meus irmãos!

Nilo Aparecida Pinto

A TELEVISÃO

A Televisão está na ordem do dia. Acredita-se que em breve os rádio-ouvintes disporão de um aparelho receptor de televisão. No capítulo "A vista conquista o espaço" de "O Romance da Física", George Russel Harrison descreve o funcionamento desses aparelhos: "Os receptores de televisão extraem do éter, por meio de uma única antena, ondas portadoras, tanto de som como de visão. No receptor, os sinais são separados e amplificados: os que transportam a visão dirigem-se para o cinescópio, e os que conduzem o som vão para um receptor de ondas curtas e alto-falante comuns. Em alguns receptores, o anteparo do cinescópio fica situado na frente do móvel, com disposição semelhante à de um receptor comum de rádio. Em outros, o anteparo de projeção fica instalado verticalmente no alto do móvel; quando se abre a tampa, mantendo-a em posição inclinada, vê-se refletido num espelho o anteparo de projeção do cinescópio. Esta disposição protege o anteparo da luz direta do ambiente em que se processa a recepção, resultando, portanto, imagens mais nítidas.



A UTILIDADE DO LIMÃO

ESSE fruto é originário da Índia setentrional e cultivava-se nos países temperados e quentes. O limoeiro tornou-se conhecido na Europa no século VII. Foram os árabes que o introduziram na África e na Espanha.

O suco do limão é muito precioso. Vejam quantos benefícios ele prodigaliza: É antídoto em casos de envenenamento por substâncias alcalinas (potassa, amoníaco), serve para conter as hemorragias nasais, e, diluído em água, combate as anginas catarrais. As limonadas açucaradas são preconizadas no tratamento dos desarranjos intestinais, tão frequentes no verão e nos casos de insolação. Para matar a sede, nada melhor que juntar à água umas gotas de suco de limão. A limonada açucarada quente é recomendada contra os resfriados, devendo-se tomá-la no leite. Clara de ovo batida misturada com suco de limão, debela qualquer rouquidão. Umas gotas de suco de limão numa xícara com café acalmam as enxaquecas. Na terapêutica moderna, acentuam-se as indicações do suco de limão como meio de combate aos cálculos renais, da bexiga e do fígado, assim como às dermatoses e enfermidades da pele em geral. Na Alemanha, faz anos, deram-se a conhecer as vantagens do limão no tratamento da gota e do reumatismo. O ácido cítrico é o maior inimigo do ácido úrico, e quem abusa da carne deve beber água com suco de limão às refeições. Além do reumatismo, o ácido cítrico é eficaz no tratamento das crostas e manchas e até da furunculose. O suco do limão opera maravilhas nas inflamações da mucosa. Quando se inicia uma coriza, é útil aspirar-se suco de limão. Também se recomenda o suco de limão no combate à oftalmia purulenta.

Cultivemos o limão.



*Presentes de
gosto
para
preço.*

A Casa MERCI...

do Rio de Janeiro, tem a subida honra de participar aos seus amigos e fregueses a inauguração da Filial nesta Capital, à Av. Afonso Pena, 951, Edifício Sul America, onde espera merecer de todos uma visita amável à instalação luxuosa e original que Belo Horizonte, pelo seu progresso e grandeza, reclamava de há muito.

*Presentes de
gosto
para
preço.*





NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE NOVEMBRO DE 1946

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Seguíer; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca e Roquete, os dois; Japlassú; Breviário e Provérbios de Lomenza.

Prazo: 60 dias. Prêmio: Uma obra literária da atualidade.

CHARADAS N.º 1 A 6

JESUS ENTRE LÍRIOS

(Diante da gravura da "Ave Maria")

Ao chefe desta seção, Sr. Polidoro

- 1 — Jesus-p'los lírios passa
Com doce serenidade:
Dos lírios trás a graça — 1
Na sua simplicidade.

E quem lírios abraça,
Com tanta tranquilidade,
Já sente n'alma a desgraça
Que sofre a humanidade.

Não vacila — colhe a flôr, — 3.
No coração trás a dôr
Do sofrimento de um mundo...

Com a alma em suplício,
Caminha p'ra o sacrifício, (1).
Já vendo a cruz — lá no fundo...
(1) Desinteresse pessoal até o sacrifício.

MOEMA — BOTUROBI

ESPINHOS DO AMOR

(Ao Sr. Zigomar, exímio confrade de nosso "Mundo".)

- 2 — Jesus — a extrema bondade — 1.
No Gólgota foi morrer;
Seu amor à humanidade
Tal tormento o fez sofrer!

A mãe — na maternidade
Dêz que vê o filho nascer,
Não tem mais tranquilidade
— O amor não a deixa ter! — 2.

Tão olente — tão viçosa,
Entre espinhos, nasce a rosa...
São os espinhos do amor,
Que trazem, na própria flor,
A beleza junto à dor!

MOEMA — BOTUROBI

- 3 — Não devemos agir em detrimento nem do nosso inimigo, mas de modo a afastar os transviados do ângulo das suas falsas idéias. 2-1.

JASBAR — B. B. — CAPITAL

- 4 — Certa vez eu fiquei assustado,
Subindo nesta "arvore", cansado. 2 — 2.

RAUL SILVA — PARÁ DE MINAS

Ao Zigomar, sol do charadismo mineiro, agradecendo a gentil oferta de "Falerio" e "Manchoco")

- 5 — Em suas últimas cartas referia-se somente a uma nova espécie de enxada. 2 — 1.

ALTAMIR DA COSTA BARROS — MACEIO

- 6 — A carne sempre figurou no rol diário de alimentos do mineiro 2 —

ALTAMIR DA COSTA BARROS — MACEIO

LOGOGRIFO N.º 7

(Ao alto espírito de Jásbar)

Não, não gosto de bravata, — 3-9-6-7-9.

Reles não sou — sou qu'tinho, — 1-5-1-8-9.

Como um "peixe" em seu ninho, — 4-2-6-4-5.
Dormindo ao som da cascata.

Mas, tenho um "cacto" da mata — 7-8-3-8-9.

Que merece meu carinho,
Sem barulho e de mansinho,
Já em linda flôr se desata.

Vivo assim na solidão,
Onde em paz o coração
Se sente em doce retiro.

Se algo, aqui, me oprime o seio,
Deixo a alma em devaneio
— Tudo em busca de um suspiro!...

MOEMA — BOTUROBI

CASAS N.º 8 E 9

- 8 — Mulher que enleva, encanta
E tem grande fascinação,
Transforma qualquer coração
Numa alma bela e santa. — 3.

RADGE — CAPITAL

- 9 — Porque choras, bom camarada?
O que sentes no teu peito?
Dores que roem tua vida?
— São dores que não têm geito! — 2

ANTÔNIO GIFFONI FILHO — CAMPINAS

ANGULAR SILÁBICA N.º 10

(Ao Jam.)

Meu bondoso amigo João,
P'ra você, do Rio, eu trouxe,
Uma bala de tostão,
Feita de batata-doce.

JAMIL — B. S. — CAPITAL

RETIFICAÇÃO — O conceito da charada n.º 10 é — de modo mitológico.

SIMBÓLICO N.º 11



(Ao bloco da Saudade, com admiração)

RADGE CAPITAL

PUBLICAÇÕES

Tratando-se de publicação especializada e, como há muito não tínhamos informações sobre o movimento enigmista em Portugal, não podemos deixar de tecer ligeiro comentário sobre a revista "Esfinge", a que aludimos em outro local.

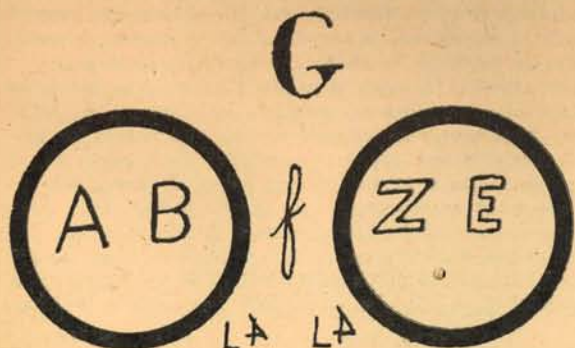
A parte gráfica é excelente, nada deixando a desejar. Bela capa, com desenhos alusivos à arte. Notamos, porém, que os inigmistas portugueses preferem as modalidades charadísticas que não mais se usam no Brasil. Referimo-nos às aferesadas, apocadadas, protéticas, paragógicas, metagramas etc., que nestas plagas tiveram vida efêmera. Embora a revista os aceite sob a denominação de figurados e pitorescos, não vimos nos números que temos em mãos, um só dos enigmas simbólicos, que tanto enfeitam e tornam mais interessantes as nossas seções charadísticas.

Será por falta de imaginação do confrades portugueses? — Não, porque todos os trabalhos, em prosa ou em verso, são apresentados, literariamente, de maneira impecável. Questão de gosto, apenas.

Formulamos aqui sinceros votos para que, nesta segunda fase, tenha a "Esfinge" vida longa e consiga o que Alvarinto preconiza no número de julho: A aliança dos adeptos da arte para a criação de um organismo destinado a fortalecer, aperfeiçoar e orientar o enigmatismo português.

A redação de "Esfinge" fica à rua Monte dos Judeus, n.º 10, na cidade do Porto — Portugal.

SIMBÓLICO N.º 12



RADGE-CAPITAL



O mau hálito afasta qualquer admirador de uma mulher, por mais bonita que ela seja! Por isso mesmo, toda mulher deve usar diariamente um preparado realmente eficiente no combate às gengivites, estomatites e todos os males da mucosa bucal que produzem o mau hálito: — o grande inimigo da felicidade feminina! Combatendo as aftas, gengivites e estomatites em geral, BUCOSAN dá uma sensação de bem estar e assegura um hálito agradável e perfumado.

✱

VIDRO Cr\$ 10,00
pelo reembolso.



BUCOSAN
MANTEM A BÔCA Sã

LAB. INHAMEOL • RUA JANUARIA, 258 • BELO HORIZONTE

Antisardina



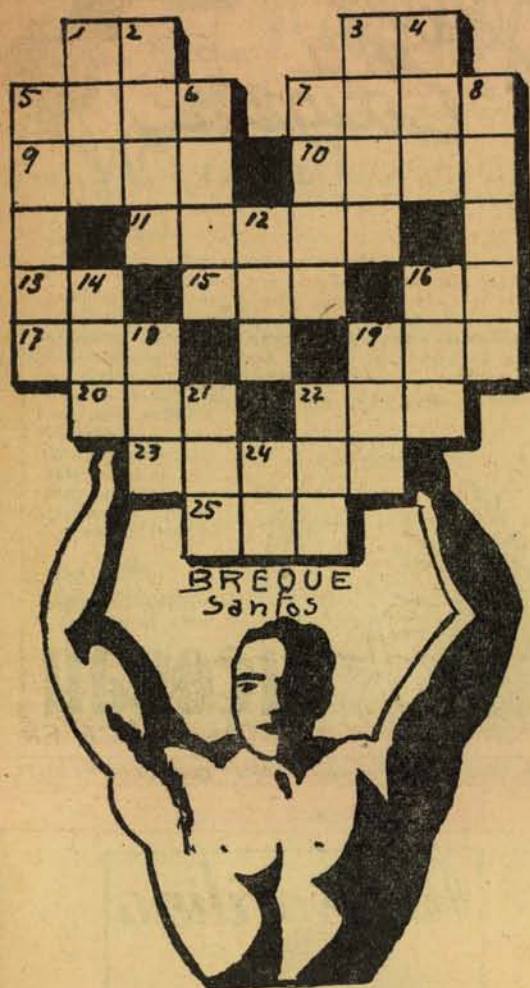
Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cutis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS

PALAVRAS CRUZADAS



CHAVES

Horizontais: — 1 — derradeira; 3 — cofre dos japoneses; 5 — savana do Perú; 7 — carta de jogar; 9 — pátios; 10 — prestígio; 11 — humilhar; 13 — "tempo"; 15 — deusa da medicina; 16 — planta; 17 — ocasião; 19 — descanso; 20 — "upa!"; 22 — planta; 23 — contrário; 25 — declaração.

Verticais: — 1 — espécie de ameixa; 2 — água; 3 — aprazer; 4 — sim; 5 — variedade de couve; 6 — junto; 7 — principado e cidade da Índia; 8 — recreio; 12 — vêde; 14 — geito; 16 — pois; 18 ainda; 19 — "origem"; 21 — criada; 22 — continuação; 24 — "como".

BREQUE — SANTOS

PUBLICAÇÕES

Recebemos o n.º 3, correspondente a agosto último, da revista "Mocidade", que se publica na capital do Estado de Alagoas. A sua seção charadística, interessante como todas as outras da revista, é dirigida pelo nosso muito conhecido e estimado confrade Altamiro da Costa Barros. Esse número traz entre outros interessante artigo assinado pelo Revmo. Pe. Orlando Machado, secretário de S. Excia. o sr. Arcebispo d. Antonio dos Santos Cabral.

Recebemos, igualmente, os números de maio a ju-

lho da revista "Esfinge", dedicada exclusivamente às charadas que se publica na cidade do Porto. Portugal. A remessa devemos à gentileza de nosso confrade Chô-Chô, que dirige a seção "Jogos e Passatempos", do "O Malho".

TORNEIO DE AGOSTO

Premios: De charadas — Premios, pela ordem: "Junius", "Jamil", "Jeca", e "Jota". Concorrem: Jeca (0 a 10); Jamil (11 a 21); Sólha (22 a 32); Jásbar (33 a 43); Zigomar (44 a 54); Raul Silva (55 a 65); Jodeme (66 a 76); V. Vasco (77 a 87) e Estrêlia d'Alva (88 a 93). O 1.º prêmio caberá ao concorrente cujos números forem iguais ao 1.º prêmio da federal de 16 do corrente mês.

Proceder-se-á da mesma maneira com os 2.º, 3.º e 4.º prêmios em relação aos 2, 3, e 4 da federal.

Simbólicos: — Premios: "Junius", "Bloco da Saudade" e "Miranda Castro", pela ordem.

Concorrem — Jeca (31 a 40); Jamil (1 a 70); Sólha (71 a 80); Jásbar (41 a 50); Zigomar (1 a 10); Vico (51 a 60); Raul Silva (81 a 90); V. Vasco (11 a 20); Jodeme (91 a 100); Estrêlia d'Alva (21 a 30).

Desempate no mesmo dia e pela forma já indicada. **Palavras Cruzadas:** Prêmios, pela ordem: "Alterosa", "Brasil" e "Ribeiro da Franca". Concorrentes: Jeca (88 a 95); Jamil (52 a 63); Vico (76 a 87); Sólha (64 a 75); Raul Silva (0 a 11); V. Vasco (40 a 51); Estrêlia d'Alva (12 a 26) e Jodeme (27 a 39).

Desempate no mesmo dia e pela maneira já estabelecida. Os números que sobraram da divisão foram adjudicados a Estrêlia d'Alva, única concorrente do sexo feminino.

Por nosso intermédio, Junius envia o seu sincero agradecimento a todos os confrades que concorreram ao torneio.

Quanto a nós, cumprimos o dever de, mais uma vez, apresentar os nossos cordiais agradecimentos ao brilhante confrade e excelente amigo Junius, o qual além da notável colaboração, ofereceu todos os dez prêmios distribuídos nesse torneio.

A lista, completa de soluções da Tertulia Bandeirante chegou às nossas mãos depois de exgotado o prazo. Por isto o nome de seus componentes não figuram no sorteio.

*

O CHARADISMO

"Penso que o charadismo moderno, isto é, aquêle que se possa ajustar aos objetivos ideais da evolução natural do século, para que expresse, com realidade, o que, verdadeiramente, deva ser — o recreio mental instrutivo, capaz de atrair e manter o entusiasmo cultural, o gosto intelectual e o prazer espiritual, que sempre o caracterizaram em tôdas as suas fases evolutivas, segundo os tempos, é indispensável munir-se de um conjunto de requisitos primordiais à sua técnica e cultura, sob pena de se ver relegado a plano inferior como acontece com as produções antiquadas, dos nossos avós, cujos problemas, de então, verdadeiros quebra-cabeças, intrincados e confusos para os nossos dias, deram causa a que os leigos ainda hoje, nos qualifiquem de maníacos, malucos e quejandos pejorativos injustos,

(Tte. Oscar Costa. A.S.A., de 1941).

Fogão Elétrico GARDINI

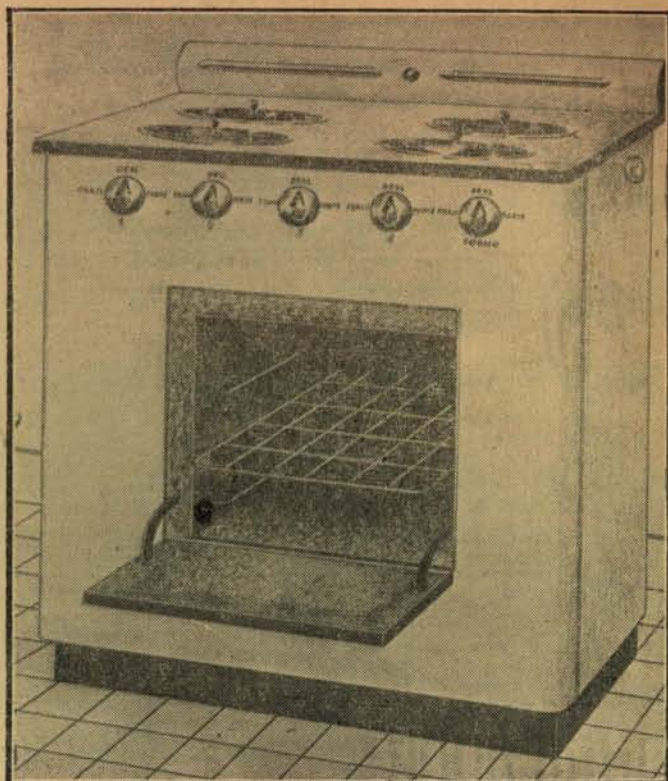
*Único que possui
chapa especial
★ para bife ★*

EFICIÊNCIA
CONFORTO
DURABILIDADE



Exijam **GARDINI**

Av. Amazonas 661 - Fone 2-4148



Modelo Super-luxo do fogão elétrico GARDINI

Uma nova aplicação para os lenços de pescoço

* CONCLUSÃO *

e graça. Desmerecia, assim, as cabeças cobertas com turbantes.

— Sou de opinião que, usando-se um vestido talhado à última moda com um lenço à cabeça, o efeito será desastroso.

Acho que ele tem razão; mas, que fazer daqueles lenços guardados?

Diante de minha decepção, Thaurup enterneceu-se e prometeu:

— Idealizarei um chapéu que poderá ser feito por você mesma, e no qual poderá usar seus lenços.

E assim fez. A confecção do chapéu requereu apenas 75 centímetros de feltro de um metro de largura e um lenço quadrado.

Se o lenço for estampado, Thaurup sugere que se corte a parte mais escura, escolhendo-se um feltro que combine com ele.

Eis como você deve fazer: corte dois pedaços de papel com o molde das figuras que aí vão, e coloque-os sobre o feltro. A tira comprida deve medir 70 centímetros e meio de comprimento, 25 centímetros e meio nas partes mais largas, isto é,

nos extremos, e 15 centímetros na parte mais fina, ou seja bem no meio. A tira circular, que forma a parte da aba, deve ter 9 centímetros e alargar-se gradualmente, até atingir 10 centímetros e meio nas partes mais largas, nas extremidades.

Prenda os moldes firmemente sobre o feltro e corte-o. Precisarão de duas tiras circulares para obter uma aba firme e dura.

Pegue depois a tira comprida, que forma a copa, meça 10 centímetros e meio de um dos lados e corra um leve pregueado em todo o seu comprimento. Junte as duas pontas mais estreitas e salientes cosendo-as tão unidas quanto possível.

Marque firmemente ao longo da fita pregueada e prenda o feltro dentro da dobra. Junte depois as pontas dessa dobra e prenda-as com alfinete. Experimente a copa com a parte da frente perto da cabeça e verifique se está firme (mas não muito dura).

Junte as tiras circulares, pespontando-as ao longo da orla externa,

com linha de seda colorida, que combine com um dos tons de seu lenço ou, se preferir, com pesponto invisível. Para conseguir firmeza um arame finíssimo pode ser colocado entre as duas tiras.

Pegue o centro interno da aba e junte-o à extremidade pregueada de sua copa. Depois pregue as duas pontas da orla da aba aos cantos pregueados de cada lado da copa. Por último pegue as extremidades da aba, bem no centro, e prenda-as à copa, bem no alto e no centro.

E então experimente seu novo chapéu, que, garanto, será realmente gracioso.

Vem agora o arremate. Dobre seu lenço triangularmente, e enrole-o. Ponha-o ao longo da aba, enfiando-o nas aberturas de cada lado, feitas pela dobra da aba, deixando as pontas caírem atrás, sobre os ombros. Assim perderá a aparência de Cinderela, seus lenços ganham uma nova vida e sua cabeça a assinatura de um famoso chapeleiro.

Minha Mãe

Causa da minha dor, és também meu conforto;
do grande sacrifício à perene alegria,
és sempre Mãe!... De ti, todo o Bem se irradia:
acendes o ideal da vida quase morto;

proclamas o ideal da Fé — celeste porto!
Ressôam ainda em mim, em secreta harmonia,
as canções que cantaste, enquanto eu dormia!...
Quero, às vezes, ser mau... Quedo-me, entanto, absorto:

Se ao mundo vim por ti, certo foi para o Bem!
Tudo pode negar-me a Vida... Em vindo a Morte,
desdenharei a Vida, achando bela a sorte

de ver, no derradeiro instante, o olhar de alguém
que amo! Quero, ao morrer, num sentimento terno,
apertar esta mão que me embalou no berço!...

Geraldo Costa Alves

NOVAS EDIÇÕES

CONCLUSÃO

A ETERNA VITIMA — Henryk Sienkiewicz — Editora Vecchi.

UM admirável romance em que o glorioso autor de "Quo Vadis?" nos apresenta uma bela história de amor que cala fundo em nosso coração. Primorosa tradução feita pelos srs. Hélio de S. Moreira e José Dauster.

CUBANGO — Ito de Sousa — Livraria Cultura Brasileira Ltda.

O AUTOR é uma das mais destacadas figuras do nosso magistério e se apresenta, nesse romance, com o pseudônimo de Ito de Sousa. Estilo claro e moderno, o romancista se detém, com êxito, no estudo do homem e da terra, focalizando tipos e costumes numa linguagem acessível e agradável. É um belo romance. Capa de Amílcar de Castro Filho. Vinhetas de Rocha.

O HOMEM NOTURNO — Contos — Oity Silva — Belo Horizonte.

EM edição do próprio autor, acaba de aparecer esse interessante volume de contos destinado a alcançar franco sucesso entre os apreciadores da boa literatura. Figura de relevo na moderna geração de escritores mineiros, já conhecido do nosso público através de sua brilhante colaboração nesta revista, Oity Silva enfeixou nesse livro 14 dos seus melhores trabalhos, onde, sem favor, se conhece uma das mais vigorosas afirmativas que surgem em nosso mundo intelectual, na difícil arte de contar.

HORTICULTURA — João S. Decker — Edições Melhoramentos.

A PEQUENA horta constitui, ainda, uma necessidade. Só ela poderá garantir ao lar a segurança de verduras frescas, higiênicas e sadias. Entretanto, uma horta não pode ser organizada sem a obediência a determinados preceitos, sem os quais, muitas vezes, o homem dispensa esforços e é levado a despesas inúteis. No intuito de proporcionar aos interessados no cultivo de hortaliças, seja para o seu próprio consumo, seja como fonte de renda, as Edições Melhoramentos acabam de editar esse interessante trabalho de caráter popular, cuja utilidade é enorme e oportuna.

FLORICULTURA — João S. Decker — Edições Melhoramentos.

DESDE a alta antiguidade, preocupam-se os homens com a cultura das flores, procurando criar novas espécies cada vez mais belas e variadas. Por isso mesmo tornando-se agradável afazer, a floricultura exige conhecimentos especializados que os leitores encontram neste livro de J. S. Decker, publicado na série "Criação e Lavoura", de Edições Melhoramentos, de São Paulo. Util às donas de casa que desejam formar seu jardim e ainda de maior utilidade aos que fazem desta cultura uma fonte de renda.

INDICADOR da Cidade

DR. CYRO CANAAN
Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS SIFILIS

Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diariamente, 12,30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 18 horas — Ed. Theodoro Ap. 74 — 7.º Andar — Avenida Afonso Pena, 398

BELO HORIZONTE

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA
(CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Protese. Raios X.

RUA TAMOÍOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI

CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone. 2-0160
Residência: Rua Bernardo Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

ESCOLHA O LIVRO E PEÇA-O PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL À
LIVRARIA CULTURA BRASILEIRA LTDA.

QUE O LIVRO LHE SERÁ ENTREGUE SEM DEMORA E SEM INCÔMODO
AVENIDA AMAZONAS, 294 — CAIXA POSTAL 348 — BELO HORIZONTE — FONE 2-6197

TEATROS MICROSCÓPICOS

EXISTIAM, há tempos, em Londres, diversos teatros microscópicos, se assim os podemos denominar, como o *Little Theatre*, que comporta trezentos espectadores, o *Court-Teatre*, com a capacidade de quatrocentos e o *King-way Theatre* que ficava lotado com quinhentos.

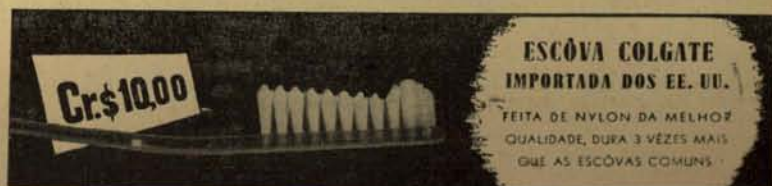
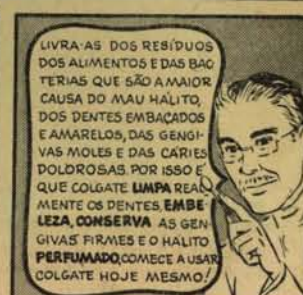
Antes da primeira guerra mundial, inaugurou-se mais um teatro pequeníssimo, com quatrocentos lugares apenas e a que chamaram de *Ambassadors*. O primeiro espetáculo reuniu a fina flor da sociedade, pois entre os espectadores distinguiam-se as mais conspícuas personalidades londrinas dos meios políticos, sociais, artísticos e financeiros.

Constróem-se, em Londres, atualmente, outros dois teatros minúsculos, com a capacidade de duzentos espectadores cada um. Teatros com quinhentas poltronas são considerados, sem certos círculos londrinos, como demasiado grandes. Naturalmente, que nesses teatros microscópicos, o preço do bilhete é elevado e os espetáculos não comportam muito luxo, mas, em compensação, caracterizam-se por um cunho altamente artístico. Mantêm, sobretudo, a seleção das produções dramáticas, o que na Inglaterra se considera alto *standard*, tanto quanto ao gênero literário como interpretativo. E essa experiência está sendo realizada com a máxima atenção, pois sintetiza a violenta reação artística a que Londres assiste atualmente contra a formidável invasão do *music-hall* e dos espetáculos de variedade.

*

PUBLICAÇÕES

Recebemos, com prazer, o segundo volume da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais relativo ao corrente ano. Sob a responsabilidade redacional dos drs. Salomão de Vasconcelos, Copérnico Pinto Coelho, José Osvaldo de Araujo, João Dornas Filho e Múcio de Abreu e Lima, esta publicação constitui um dos mais sérios empreendimentos em prol de nossa cultura, refletindo, através de suas páginas brilhantes, a mentalidade sadia que orienta a douta instituição nas suas nobres diretrizes. No número que recebemos, com trezentas páginas, sucedem-se as magníficas colaborações das figuras mais eminentes em nossas letras, com fotografias de elevada significação histórica.



*

A ARISTOCRACIA DAS MÃOS

O DETALHE que mais define uma mulher, reside provavelmente nas mãos. Estas, por si só, contam toda a história de sua vida, sem que haja necessidade de recorrer à já desacreditada consulta às cartomantes.

As mãos da mulher, cantadas pelos mais célebres poetas, pintadas pelos mais conhecidos artistas e reproduzidas pelos escultores mais famosos, constituem algo de muito precioso e digno dos maiores cuidados.

● É certo que mãos bem cuidadas só podem ser apresentadas pelas damas a coberto de preocupações de ordem econômica. Não obstante, muitos são os casos de operárias, empregadas e amas que sabem conservar suas mãos como se fossem verdadeiras princesas de sangue e de fortuna.

remover o branco de chumbo, com soda, pôs-se a pintar nela o "Emmausganger", ("Os Discípulos de Emmaus") — quadro esse que estava destinado, na opinião dele, a deixar os críticos de arte, "connaisseurs" e "experts" de nariz no chão... Era a brincadeira secreta de que iria fazer uso. Era a sua terrível vingança...

Van Meegeren trabalhou febrilmente em seu "studio" de Nice, no mais absoluto sigilo. A entrada era proibida até à sua própria esposa! Somente uma única pessoa transpunha o limiar do seu "laboratório da vingança": — um desconhecido italiano, que servia de "modelo" na vizinhança. Esse homem ajudou van Meegeren a delinear de modo correto e perfeito as dobras dos paramentos sagrados. No mais, deixou-se van Meegeren guiar-se exclusivamente pela sua imaginação. Trabalhou intervaladamente no painel, durante uns 6 ou 7 meses, concluindo-o, conforme declarou, na primavera de 1937. Terminada a obra, van Meegeren colocou-a num cavaletto especial, submetendo-a então ao processo de endurecimento. Retirou-a depois e envernizou-a.

A "craquelure", ou fendilhamento das tintas e do verniz, coisa tão vital para a identificação dos velhos quadros, não o satisfazia, porém... Que fez ele? Dobrou a tela em torno de um cilindro a fim de abrir as fendas um pouco mais, espalhando sobre elas negro da China. Lavou depois a tela com água e removeu o verniz com terebentina. Aplicando verniz novamente, verificou que o colorido ia escurecendo ao mesmo tempo que "envelhecia"...

O verniz se fendia mais um pouco. A "craquelure" do quadro satisfazia-o agora...

O FAMOSO "EMMAUSGANGER"

Faltava somente uma coisa: — a assinatura de Vermeer e do "próprio punho" do excelso pintor, o que vem a ser o toque final para convencer os "experts"... Os estudos que dantes fizera van Meegeren sobre a assinatura de Vermeer não tinham sido em vão, pois quando a aplicou, ele fez com plena satisfação, aquecendo-a separadamente.

O "Emmausganger" estava completo... Nada lhe faltava!

Mas, a prova real ainda estava para vir, quando tivesse de negociar o quadro. Um amigo íntimo que o visitava com frequência em Roquebrune, pareceu-lhe o desejado mediador.

Van Meegeren resolvera conservar-se em segundo plano, e inventou uma história para justificar a "descoberta" do quadro de Vermeer.

Entre os seus amigos, havia uma dama, Fran Mavroeke, a qual, juntamente com a filha, herdara do marido uma rica coleção de mais de 160 velhos quadros. O sr. Mavroeke, que residia num castelo, no norte da Itália, morrera de cancro. A coleção foi dividida entre mãe e filha, metade para cada uma. Fran Mavroeke, segundo declarou van Meegeren, ficara apaixonada por este e nele depositava tão cega confiança que lhe entregou a coleção de quadros, entre os quais fizeram a descoberta do desconhecido "Emmausganger", de Vermeer. Ficou então combinado que o quadro seria vendido a um particular por 200.000 "guilders".

Fran Mavroeke, contudo, talvez industrializada, dirigiu-se ao dr. Bredius, grande crítico de arte holandês, pedindo-lhe o seu parecer.

BREDIUS, EM ÊXTASIS...

Bredius, que, a princípio, se mostrava cético, acabou por ficar extasiado com o "Emmausganger".

— "E' o mais magnífico dos quadros de Vermeer que meus olhos jamais viram!"

Pouco depois, assinava Bredius um certificado de autenticidade nas costas das duas reproduções fotográficas do quadro. Este foi depositado na caixa forte de um banco de Paris, e com o certificado de autenticidade o seu preço elevou-se logo para 500.000 "guilders". Falhou, porém, uma tentativa para vendê-lo à casa Duveen, de Paris.

Mas, a história sensacional da descoberta da "obra-prima" espalhou-se, e os amantes da arte nos Países Baixos estavam ansiosos por vê-la voltar à Mãe Pátria. Depois de passar por várias mãos, o "Emmausganger" foi adquirido pelo governo holandês pela belíssima soma de 1.250.000 "guilders".

O êxito de van Meegeren ultrapassou todas as suas expectativas: — o "Emmausganger" era posto nas nuvens em todo o mundo artístico internacional, reproduzido a cores em caros e grossos volumes, analisado, fotografado, estudado. Foi alvo de conferências e muitos discursos foram perpetrados a seu respeito... E um poeta neerlandês chegou ao cúmulo de burlar um poema dedicado ao já famoso painel!

Em 1939, declara van Meegeren, decidiu-se ele a "experimentar sua mestria" numa outra obra-prima: desta vez era Pieter de Hooch... Achou isso necessário porque havia dito que a imaginária coleção consistia de trabalhos de vários mestres antigos.

"P. d. H. 1658"

Para dar um exemplo, escolheu van Meegeren uma reprodução colorida de um "Interior" de Pieter de Hooch, cujo original está em poder do rei da Inglaterra. Para modelo de uma mulher que está de pé no quadro falsificado, utilizou-se de uma cópia colorida de outro "Interior" do mesmo de Hooch, hoje na "National Gallery", de Londres.

Van Meegeren comprou, em Paris, dois velhos quadros na Rue Napoleon, e pintou o "Interior" num deles. Submeteu depois a tela ao mesmo processo do "Emmausganger", e assinou-o: "P. d. H. 1658." Era o ano em que Pieter de Hooch estava no auge de sua glória. Ao que se diz, o quadro foi vendido por 200.000 "guilders".

"VERMEERS" EM PROFUSÃO

Dai em diante, quadros sobre quadros apareceram no mercado, mas todos eram "Vermeers"... Há indícios de que van Meegeren experimentara pintar "Terborchs" mas as provas disso são incompletas.

Um fato é certo: — a autenticidade dos misteriosamente descobertos "Vermeers" jamais foi posta em dúvida pelos "connaisseurs" e negociantes de quadros.

A "Cabeça de Cristo", um estudo preliminar de obra muito maior, a "Última Ceia", foi vendida por 400.000 "guilders". A "Última Ceia" foi tão disputada que chegou a alcançar 1.600.000 "guilders"... A "Benção de Isaac"... 1.275.000 "guilders" e a "Lavagem dos Pés" foi adquirida pelo "Rijksmuseum" pela quantia de 1.250.000 "guilders". A "Adultera" foi para a Alemanha, destinada a um tal Miedl, agente de Hermann Goering, que por ela pagou a bagatela de 1.650.000 "guilders". O "Amante das Artes", marechal Goering, deu parte em dinheiro e parte em quadros de sua coleção "pessoal", com "grande sacrifício" para ele...

VAN MEEGEREN, PRESO E... DESAFIADO

Isto não podia continuar. Se os peritos de arte não alimentavam suspeitas — ou se não expunham suas dúvidas, por medo de sua re-

putação em perigo — havia leigos sagazes que começavam a ver “dente de coelho” em tudo o que se passava.

A máquina de guerra alemã entrou em colapso. A libertação chegou, e a “Resistência” começou a investigar. O “Serviço Secreto” na Alemanha ficou interessado no assunto. Como parte do saneamento, ou melhor, da purga, da moeda holandesa, as notas de 1.000 “guilders” tinham que ser resgatadas, e van Meegeren, as possuía em tão grande número que o fato levantou suspeitas... Foi preso e com surpreendente franqueza, fez sua confissão, completa e acabada.

Mas as dúvidas não se desvaneceram. Poderia esse homem pequenino — tão desprestigiado no conceito dos que “sabiam” — ter realmente executado obras que, no consenso de todo mundo, eram filhas do Gênio? Van Meegeren foi desafiado a pintar outro “Vermeer”, desta vez, porém, devidamente fiscalizado. Com alegria aceitou o desafio.

“Cristo e os Doutores”, um quadro colossal, foi obra que acabou em tempo mínimo em seu “studio” de Amsterdam. Novas provas foram dadas quando a “Corte Internacional de Investigação Criminal”, de Haya, se interessou pelo caso. Um investigador visitando a antiga “vila” de Meegeren em Nice, ali descobria o jarro de porcelana, taças de vinho, etc. etc. que figuram em todos os “Vermeers” e até no “Pieter de Hooch”.

A JUSTIÇA EM CAMISA DE ONZE VARAS

No “caso” van Meegeren, as autoridades se encontram face a face com dificuldades sem precedentes. A acusação de mistificação ou trapaça não poderá ser feita contra van Meegeren porque os seus “Vermeers” são criações novas e não cópias. Os “experts” os “connaissseurs”, o peritos de toda classe, não podem comparecer como testemunhas, visto que nesse terrível “affaire” artístico deram devastadoras provas de incompetência.

E a própria confissão de van Meegeren não pode por si só constituir prova. Diz-se que a sua reivindicação de autoria pode ser falsa, talvez ditada pela vaidade...

Quando o processo entrar em julgamento é que se poderá ver de que maneira os tribunais holandeses irão “descalçar esta bota”, perdão, como poderão eles resolver o mais intrincado caso, jamais registrado na Justiça de sua majestade a Rainha Guilhermina.

Tiradentes em Ouro Preto

HÁ na velha cidade de Ouro Preto um pequeno terreno baldio — cimentado e quadrangular — entre dois sobrados vetustos de fachada inexpressiva e beirais salientes. Os visitantes da antiga capital das minas passam com respeito diante do gradil vulgar que o separa da rua. Essa pobre proteção — uma grade comum, de jardim, sobre a qual, nas chácaras de morro acima, as grandes roseiras descambam a fronde e as rosas — dá-lhes uma impressão de jazigo, alguma coisa como um cemitério minúsculo recortado no centro urbano, e que lá ficasse esquecido, à maneira de um pedaço morto de chão sem erva nem sombra. Isto às vezes acontece nas cidades de crescimento rápido: absorvem a modesta necrópole vilarêja, eliminando, enchendo de casas o primitivo recinto sagrado, e deixam a descoberto apenas um túmulo, um cruzeiro, os escassos palmos de terra onde toda construção fôra proibida, e que constitui para as gerações novas, um mistério e uma advertência... Porque, em Ouro Preto, aquele retalho inútil de terra-de-ninguém à beira da calçada, ao pé dos solares de traço arcaico, defendido por uns varões de ferro, e sem vestígio de vida na área estreita?



Qualquer dos moradores, a quem se dirigisse a pergunta, responderia depressa — e com um evidente orgulho na informação:

— Era a casa de Tiradentes. O governo da colônia mandou arrazá-la e salgar a terra; assim se conserva, sem dono, lembrando a pena que o mártir cumpriu...

Realmente, ali morava o visionário.

A ordem da justiça de D. Maria I — piedosa e triste rainha que cedo enlouqueceu, vítima dos pavores que se lhe desencadearam na alma débil — foi executada sem subterfúgios. Quisera que não crescesse árvore, que não vivesse planta no solo esterilizado pelas cinzas dum lar de Inconfidente. E, de fato, nunca mais verdejou ali sequer a relva maninha e tenaz que irrompe das ruínas. A maldição legal teve uma semelhança bíblica de castigo perene, pois varou os tempos, e não se descontinhou, num perdão aparente... Continua fechado, sem flor nem verdura, silencioso como um recanto de campo-santo, o sítio humilde que recorda o temerário. Apenas esta desolação mudou de sentido: significava outrora o sacrifício; era um recorte de Calvário. Transformou-se em seguida num ponto de partida, na “anunciação” cívica, na divina choupana alumada pela estrela dos Reis Magos, na Bethlém da independência e da liberdade brasileira.

Pensamos neste contraste sem ênfase, comovidamente, divagando — na majestosa cidade que dorme entre o baldio de Tiradentes e a sua estátua. Porque o profeta não está longe dali. Arremessa-se para as alturas no topo duma enorme coluna: continua de corda ao pescoço num monumento soberbo e doloroso.

A estátua é, virtualmente, o centro de Ouro Preto, o centro geométrico e espiritual, à cuja volta, como em anfiteatro, o casario de telhados portugueses se desenvolve irregular, tóscico e lúgubre. Tem um ar arrogante de desafio — o réu de alva e barão, que eleva com soberberia e angústia a bela cabeça para o céu; principalmente se parece com Jesus — o magoado e brando Jesus que os fariseus levaram de pulsos atados à presença de Pilatos — graças aos cabelos levemente encaçolados, ao perfil agudo, à barba açoitada pela tempestade sobrenatural, à longa veste que em pregas de toga romana lhe cai sobre os pés nus, como se pisasse os degraus do pretório, onde se embuçavam a águia imperial, a atroz imparcialidade do proconsul e a intolerância da sinagoga, e não o sócio artístico de sua coluna talhada para a apoteóse!

Os homens simples, que vêm do sertão, confundem facilmente com Cristo esse Tiradentes de bronze, imenso e atormentado, com o nó do carrasco à garganta. E quase têm razão.

Alterosa

Para a família do Brasil

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Secretário da redação:

JORGE AZEVEDO

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Caixa Postal, 279 — Endereço Tele-
gráfico "ALTEROSA" — Belo Hori-
zonte — Estado de Minas Gerais

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho

Rua da Matriz, 168 - Apartamento 11

Fone 26-1881

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Diretor: Werther Farinello

Rua São Bento, 226 — 3.º andar

Fone 2-1512

ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números) . . Cr\$ 20,00

1 ano (12 números) . . Cr\$ 40,00

2 anos (24 números) . . Cr\$ 70,00

Estes preços são mantidos para to-
dos os países do continente america-
no. Para a Europa e outros conti-
nentes, há um acréscimo de 80% na
tarifa de assinaturas.

VENDA AVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum Cr\$ 3,00

Números especiais Cr\$ 5,00

Número atrasado, mais . . Cr\$ 1,00

(Os números especiais circulam em
agosto e dezembro, comemorando res-
pectivamente o aniversário da revista
e o Natal).

SECRETÁRIO FUNDADOR — Teódulo
Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart,
Alphonsus de Guimarães Filho, Ade-
mar Tavares, Alvarus de Oliveira,
Austen Amaro, Anita Carvalho, Anto-
nietta Torres Assumpção, Bahia de
Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio
de Souza, Djalma Andrade, Dionísio
Garcia, Edson Pinheiro, Francis-
co Armond, Guilherme Figueiredo,
Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira,
José Lari, Joubert Guerra, sra. Leand-
ro Dupré, Luiz Otávio, Lourdes G.
Silva, Lúcia Machado de Almeida,
Maria Emília de Castro Goulart,
Murilo Araújo, Moacir Andrade,
Murilo Rubião, Neyde Joppert,
Nóbrega de Siqueira, Olga Obry,
Oscar Mendes, Pedro Ribeiro da Fran-
ca e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins
da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotografia Minas Ge-
rais Ltda. e Gravador Araújo.

DESENHOS — Fábio Borges, Faria Ju-
nior, Érico de Paula, Rodolfo e Rocha.

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brei-
ner Ltda.

A redação não devolve, em hipótese
alguma, originais ou fotografias, ain-
da que não sejam aproveitados. E
não mantém correspondência com au-
tores de trabalhos que não tenham
sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos as-
sinados, não são de responsabilidade
da direção da revista.



Castro Filho Postalu

MARIA DALVA QUEIROZ — Cam-
pos — Gratos por aquele trecho de
sua amável cartinha: "... mas a
que mais me encanta é a ALTEROSA,
pois tudo de bom ali se encontra."
Mande-nos outra fotografia, com as
características exigidas para um
bom clichê.

ANA DE LOURDES REIS — Três
Pontas — Gratos pelas suas refe-
rências à nossa seção "Grafologia".
Transmitimos seu recado a Febo.
Nada tem que agradecer.

MARIA APARECIDA ALVES — Li-
ma Duarte — Gratos pelas suas re-
ferências: "... Sou a fan n.º 1 da
grandiosa revista ALTEROSA, a pri-
meira do Brasil, não só pelos exce-
lentes contos como também pelas bo-
nitas poesias que traz."

ZELIA COSTA — Ponte Nova —
Somente os nossos anunciantes po-
derão atendê-la. Esta revista limi-
ta-se, como é óbvio, a publicar os
anúncios que lhe são confiados. Por
que não escreve diretamente aos
anunciantes mencionados em sua
carta?

ABEL LARA — Capital — Explo-
rando melhores temas e atentando
mais nas regras da métrica, o amigo
poderá ter maior êxito com as poe-
sias.

MURILO JOSE. CALDEIRA — Con-
gonhas do Campo — Infelizmente, não
foi possível aproveitar o seu traba-
lho, embora a espontaneidade o ca-
racterize. Persevere.

GONZAGA DA FONSECA — Sua
colaboração será publicada. Mande-
nos outros trabalhos, escolhendo,
porém, assuntos menos individuais.

ORESTES MOREIRA BARBOSA —
Sêro — Há falhas de métrica no
seu soneto "Saudades".

ALZIRA LUCAS DE OLIVEIRA —
São Paulo — Embora bem escrito, o
seu trabalho "Voltando" não pode
ser aproveitado pela falta de inter-
esse geral do tema desenvolvido.

EDVALDO MONTEIRO FLOREN-
CIO — Capital — Muito longo o seu
poema. Não temos espaço para tanto.

GONÇALVES DA COSTA — Taru-
mirim — O seu "Artista" está na
fila para sair. Mande-nos outros.

ALCIDES FERREIRA — Rio —
Para esta revista, seu soneto está
demasiado forte. Preferimos poesia
mais otimista.

A. B. LOPES RIBEIRO — Paraí-
sópolis — Já iniciamos a publicação

de suas trovas, o que prova que es-
tão agradando.

LUIZ FERNANDO V. PINHEIRO
— Capital — Falta harmonia e mé-
trica no poema que nos mandou.

TERCILIA REGO — O soneto
"Desprêzo" não mereceu aprovação.
Faltam-lhe métrica, harmonia e... até
sentido.

PAULO CAMPOLINA — O tema de
seu conto é demasiado fúnebre. O
amor e a vida nos oferece tantos te-
mas felizes... Vamos tentar?

FABIANO VERGUEIRO — Brazó-
polis — Há falhas no seu conto. O
desenvolvimento necessita mais leve-
za e os diálogos precisam de um re-
ajustamento.

ODETE CISNEIROS G. MERCA-
DANTE — Carangola — Seu conto
foi aprovado e sairá brevemente.
Com a facilidade que tem para con-
tar, acreditamos no seu sucesso, des-
de que saiba evitar os lugares co-
muns das imagens já batidas e pro-
cure dar às suas histórias mais mo-
vimentação de personagens e ambien-
tes. Uma sugestão: por que não sim-
plifica seu nome? Odete Cisneiros,
por exemplo.

J. LUIZ GAGLIARDI — Monte
Aprezível — Seu conto "Amor" foi
aprovado, embora lhe falte enredo.
Não abandone nunca a deliciosa na-
turalidade com que escreve, mas
procure tecer tramas através das suas
histórias. Mande mais.

ZACARIAS VIEIRA — Amarilis —
Seu conto não logrou êxito. Procu-
re na vida real assuntos mais atra-
entes e conte-os com naturalidade.

MILTON F. COSTA — Poços de
Caldas — Infelizmente, não foi pos-
sível aproveitar o seu soneto.

ALBERTO BRANCO — Campos —
"Amor filial" será publicado, pro-
vavelmente em janeiro.

MÁRIO NEWTON FILHO — Rio —
Seu conto "A história que os meus
olhos contam..." será publicado,
sem embargo das pequenas falhas
que contém. Se aos 18 anos você é
capaz de produzir um trabalho como
este, não vacilamos em augurar-lhe
uma bela carreira literária.

ILZA MONTENEGRO — Guaratin-
guetá — "História Real" está na fila
para sair.

MARIA CORRÊA — Rio Preto —
"Último recurso" agradou e sairá
brevemente.

Em casa estamos de acordo !

este creme dental antissético ...

limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antissético. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso
não há como
Kolynos



K103PH



ZENITH ... O Nome Mais Famoso da Indústria Radiônica Ontem ... Hoje ... Amanhã

O elogio público de 97 nações é a melhor evidência da superioridade indiscutível do Rádio ZENITH.

Hoje, num mundo ansioso por notícias dos distantes acontecimentos que se desenrolam pelos cinco continentes do globo, com repercussões profundas na vida de cada um de nós, desde as planícies frígidas da Rússia, das históricas aldeias da bela Itália, das ilhas madreporicas do Pacífico — o povo depende, mais e mais, do rádio como fonte infalível de informações.

Desde Pearl Harbor até o final da última conflagração, a Zenith tem dedicado todas as suas facilidades à fabricação de materiais radiônicos para uso das forças armadas das Nações Unidas... porém, ainda há um número sem conta de possuidores de aparelhos ZENITH espalhados por todo o mundo, que não cessaram de apreciar a sua tonalidade superlativa e sua execução fiel sem igual. Os aparelhos de rádio ZENITH são feitos para duro serviço... para durarem em todas as condições climatológicas.



Os muitos amigos e admiradores do ZENITH podem ter a certeza de que os inúmeros melhoramentos alcançados pelos engenheiros da Zenith durante o período bélico, foram incorporados agora nos primeiros aparelhos recém-chegados.



ZENITH OS MAIORES FABRICANTES DE PRODUTOS RADIÔNICOS DO MUNDO

DISTRIBUIDORES

Casa Tassara S.A.

AV. AF. PENA, 1162 - FONE 2-6058 - B. HORIZONTE